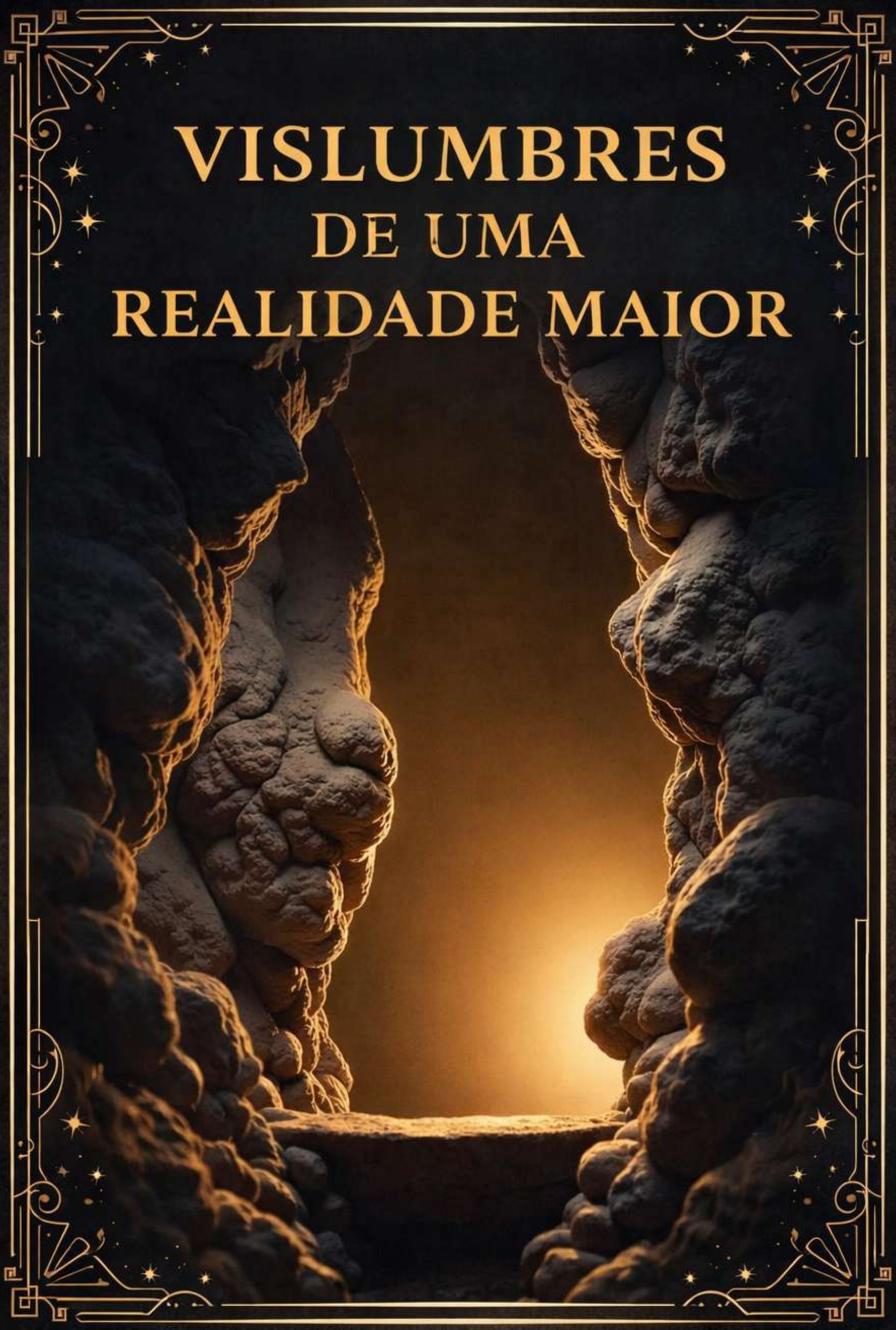
# VISLUMBRES DE UMA REALIDADE MAIOR



# O PLANETA E O SER HUMANO EM INTERACÇÃO

(Tradução: Amadeu António)

Saís para a noite de inverno, olhais para as estrelas e talvez vos pergunteis: «Deus, estás lá longe, onde?» Vedes assim uma estrela. Estais então a contemplar o passado antigo. Vedes a luz dessa estrela que talvez tenha partido dela há quinhentos mil anos e que só agora vos chega. A luz que ela emite talvez chegue a este planeta daqui a uma hora ou talvez daqui a cinco eras! Cada uma dessas estrelas é um ser vivo que também possui a sua própria radiação.

Uma criança humana nasce aqui em relação às correntes magnéticas terrestres, à sua frequência. Tendes a influência da lua e de todas as estrelas e constelações sobre vós. Nas vossas ações diárias, sois constantemente influenciados por uma cacofonia de vozes, por ondas de movimento vindas do vosso cosmos. Há um constante ruído à vossa volta e o vosso corpo é constantemente submetida a um bombardeamento dessas forças, dessas radiações.

O sol, a lua, este planeta e igualmente todo este sistema planetário deslocam-se no cosmos, experimentam constantemente novos campos no fluxo do tempo e correntes de frequência sempre diferentes. Queridos filhos! Permiti que vos diga que esta é toda a vossa esfera de experiência, mas vós vedes apenas uma pequena parte da totalidade da esfera de experiência. Temos um cosmos criador.

O vosso planeta faz parte apenas como uma pequena porção de um organismo maior. A vossa cadeia planetária e o vosso sol integram um cosmos maior, como uma pequena parte de um organismo maior com o mesmo princípio de funcionamento: o princípio do amor, que é o fundamento da criação e da manutenção de todas as coisas! O princípio do amor predomina no universo.

Com o pensamento foi criado este cosmos. O devir de todas as coisas e a criação, em todo este cosmos, está impregnado de espírito. Este espírito é duas correntes de força: uma construtiva e uma destrutiva. Para onde quer que olheis na natureza, notareis que existem dois rastos

de força. Podemos também chamá-los campos de força. Um é a força construtiva e o outro é a força destrutiva. É um constante ciclo neste cosmos.

Em toda a parte na natureza, neste planeta, na criança humana, em tudo o que vive no cosmos, existe esta interação. É um constante ciclo no cosmos! Se observarmos a criança humana durante o seu período de crescimento, desde o primeiro processo de divisão celular, encontrareis também aí, dentro desse sistema construtivo e destrutivo.

O vosso planeta é, como dizemos, um ser vivo. Um organismo maravilhoso! Possui uma superconsciência, um banco de memória e um pensamento fundamental. É um organismo consciente. Este planeta tem, pois, uma consciência. Isso é conhecido, mas poucos o aceitam. O planeta tem uma consciência. Contudo, não podemos dizer que nele exista vida no sentido em que vós a vedes. O planeta tem uma linha de desenvolvimento especial. Ele fornece as formas de expressão, mas o seu desenvolvimento encontra-se num nível diferente do vosso. Este planeta é distinto do desenvolvimento da criança humana. Pode dizer-se que vós sois uma parte do seu espírito, pertenceis-lhe, como uma memória celular.

Falaremos um pouco sobre a vossa relação com o planeta. Cada criança humana tem contacto, através da sua superconsciência, com o banco de memória do planeta! Através do banco de memória do planeta, nenhuma criança humana está separada das outras; estais em contacto constante, constante, uns com os outros através da vossa superconsciência. A criança humana está, pois, em contacto constante através da consciência do planeta, mas estais bloqueados pelo vosso assento subconsciente relativamente a essas formas superiores de experiência. Que mais tendes do planeta? Pois bem, tendes o pensamento fundamental. Voltaremos a estes assuntos.

Tendes, pois, um contacto superior com uma esfera muito, muito mais elevada do que alguma vez imaginais! Essa ligação obtém-se como uma intuição. Experimenta-se como um sentimento. Muitas crianças humanas experimentam-na e transformam-se por isso no pensamento e

na ação. Depois, transformar isso em palavras e transmiti-lo de tal modo que possais falar dele a outras crianças humanas é impossível, porque o experimentais emocionalmente.

O planeta é, como eu disse, um organismo vivo. O planeta é um ser vivo e a criança humana faz parte do seu sistema ecológico. O planeta é a origem da criança humana, do corpo físico. O corpo físico é um produto do planeta, um empréstimo do planeta. O planeta é um ser superior à criança humana. Tem uma frequência mais elevada do que a criança humana. A frequência do planeta repete-se na criança humana. A criança humana encontra-se dentro da esfera vital do planeta e depende, pois, dele. Pode dizer-se que as crianças humanas são como pequenos parasitas, como pequenos micróbios na sua superfície.

É a mesma relação que os vossos microrganismos têm convosco, que se encontram na vossa superfície, no vosso corpo. Todos tendes algo em comum com o planeta. A vosso corpo físico é um produto dele. O planeta é, pois, um organismo vivo que fornece os tijolos de construção para o vosso organismo. Vós sois tijolos do planeta. Isto é mais difícil de compreender do que alguém pensa! O corpo, o "instrumento", é apenas um produto do planeta, nada mais. As suas células são feitas dele. Todos os minerais que existem no planeta encontram-se no vosso corpo. O corpo físico da criança humana é uma parte deste planeta. Uma cópia dele. Percentualmente, corresponde ao planeta no que diz respeito à água, ao ferro, ao cálcio e assim por diante.

Se, pois, olhardes para o ser humano em si mesmo, quero afirmar que a criança humana pertence ao planeta. Ela é um produto dele, uma construção celular deste planeta. O organismo, o corpo, é uma criação e essa criação regressa ao planeta. Na vossa partida física, quando passais pelo processo da morte, esse corpo regressa ao planeta como um empréstimo que dele recebeste.

Tendes de aceitar que duas coisas não podeis evitar durante a vossa existência terrena. Esta é uma delas, nomeadamente o processo de nascimento, não é verdade? A outra é o processo de morte. O processo de nascimento é encantador, as crianças humanas adoram-no e chamam-

lhe um milagre da vida. Ninguém vê o processo de morte como encantador; falam dele como se se tratasse de uma catástrofe. Mas é tão natural quanto o processo de nascimento! Pode dizer-se que é exatamente o mesmo: um nascimento para uma nova existência. Mas não neste invólucro físico material em que vos encontrais. Veremos isso mais de perto dentro em breve.

Deixais, pois, o corpo para trás, o organismo que carregou a consciência deste lado físico. Deixam-na para trás, mas a vossa vida continua no lado astral. Assim, passastes através de uma bolha de uma certa consciência, mas essa consciência foi a consciência do organismo.

Sois como um vaso de barro, uma bilha moldada do pó da terra! Este vaso de barro simboliza o ser humano. Vagueais de encarnação em encarnação, de criança humana em criança humana, de forma de expressão em forma de expressão. Em cada encarnação, atraís uma nova porção de consciência. Experiência. Pode então dizer-se que encheis esta bilha gota a gota até a borda ficar cheia e tendes uma consciência. É o planeta que vos dá o sustento para a vossa manutenção vital. É o planeta que vos alimenta no vosso desenvolvimento na esfera física. Nenhuma criança humana pode dizer: «Eu possuo este planeta», mas o planeta possui-vos. Sem o planeta, não existiríeis! Pelo seu amor, ele acolhe-vos. Alimenta-vos. Eleva-vos. Carrega-vos.

Tentem alguma vez sair para a vossa natureza e não digais então «vou sair para a natureza», mas tentem sentir que isto é um ser vivo. Vedes as flores no solo, o verde das árvores. Tocai no vidoeiro, senti como ele treme de vida, como as flores oferecem à Mãe Sol a sua homenagem de amor. Uma maravilhosa interação que existe por toda esta natureza! Podeis chamar-lhe equilíbrio ecológico. Mas onde está o ser humano? Pois bem, ele está possuído pelo seu mundo dos sentidos. Devasta. Pisa. Fere a Mãe Terra que o alimenta e, da mesma forma, está possuído pelos sentidos. Na energia vital do planeta existis, mas ainda assim estais a destruir essa energia através dos vossos processos de poluição!

Tendes de agir na matéria! Tendes de tentar mudar, comunicar. Envolvei-vos segundo a vossa capacidade para criar um planeta vivo onde

o ser humano esteja em harmonia com tudo o que foi criado! Tudo entra em jogo. O planeta, as crianças humanas, os reinos animais, os reinos vegetais e também a paralela dos devas. Os espíritos da água, os espíritos do ar, os espíritos do fogo e assim por diante. Isto é uma interação de seres. Quando a criança humana começar a despertar, então a interação espalhar-se-á para fora, de modo que ela aprenderá depois a harmonizar-se com os reinos animais, a harmonizar-se com os reinos vegetais, com a paralela dos devas e, acima de tudo, a harmonizar-se com o sistema ecológico deste planeta. Falaremos mais sobre isso.

O que é o ser humano? A criança humana chega a este mundo. Encontrais-vos no que chamamos um espaço vital. Todos vos recebem e cuidam de vós e dizem: «Que bom. Bem-vindo!» Pouquíssimos se perguntam: «De onde vim eu?» Então alguém diz: «Aconteceu através de um processo de divisão celular. Um corpo foi construído.» Mas o que é que dá ao corpo a sua consciência? O que é o ser humano, afinal? Esta pergunta, as crianças humanas sempre a colocaram a si mesmas: «Qual é a minha origem?»

No nascimento, os vossos sentidos não têm valores. Depois começa um processo de aprendizagem pelos vossos pais. Eles mostram-vos o mundo exterior e o que tendes a esperar. Os vossos pais biológicos começam uma impressão. Falam-vos e imprimem nos vossos sentidos. O meio ambiente em que vos encontrais ajuda a reforçar essa consciência. Pouco a pouco, experimentais-vos como uma cópia do vosso mundo exterior. A consciência do eu que experimentais é, pois, criada! Amados filhos! Recebestes um nome. Recebeis uma família. Recebeis uma identidade, uma escolha profissional.

Deste planeta vos identificais e igualmente pelo vosso nome. Na vossa consciência do eu cria-se o ponto subjetivo na vossa existência. Mas o que é uma criança humana? Uma divisão celular, uma bilha, um habitáculo que usais durante este período de encarnação? É o ser humano o corpo físico que vemos? Aquele que voltará ao planeta, que entrará no ciclo ecológico, no seu equilíbrio ecológico? Aquele que apodrecerá ou será queimado? O líquido no vosso corpo será bebido por outras crianças humanas e animais, cairá como chuva nos rios e, pouco a

pouco, regressará ao seu mar primordial. Ou é o ser humano algo diferente? Quero afirmar que o ser humano é algo diferente.

O que é então o «eu»? Algo sobre o qual temos de estar de acordo é que sois uma criação. Pois bem. O vosso corpo é uma criação? Tanto quanto não. O corpo é um produto do planeta. O corpo pertence ao planeta. O corpo segue os seus ciclos. O corpo é, por assim dizer, uma célula na consciência planetária. É o ser humano corpo? Não. O ser humano é uma criação fora do corpo físico. O ser humano usa o corpo para poder comunicar-se com o mundo. O corpo físico é apenas uma extensão do eu interior para que este possa absorver experiências do mundo!

Já disse anteriormente que este organismo é um produto do planeta, nada mais! Mas não é só isso. Quando digo «nada mais», é apenas para fazer uma distinção muito forte entre o ser humano e o seu verdadeiro eu! O eu exterior do ser humano é um produto criado pelo seu meio ambiente, enquanto o eu interior não é um produto criado por este desenvolvimento, por esta evolução, mas é uma centelha que absorve experiências através do ser da evolução.

O que é então a criança humana na sua totalidade? Se formos mais longe e dissermos que a criança humana é sétupla na sua natureza, confundiremos muitos. A criança humana é sétupla no seu ser, onde tendes, pois, os quatro corpos inferiores: o físico, o etérico, o astral e o mental subjetivo inferior. Podemos dizer que estes são o organismo físico. Pertence a esta matéria. Assim, tudo isto representa o organismo físico, o vosso eu exterior. Depois tendes igualmente três corpos superiores: o mental abstrato, o eu e o super-eu. Estes pertencem a uma outra esfera de desenvolvimento. Não pertencem ao organismo físico, mas estão ligados a ele. São uma parte superior da vossa consciência. A parte superior é, pois, o caminho de desenvolvimento espiritual.

O mental abstrato é o pensamento abstrato. Há uma diferença de essência muito grande entre o pensamento abstrato e o subjetivo. A parte de vós que chamamos o eu transporta a memória celular e influencia o organismo que tereis durante esta encarnação. O eu transporta dentro de

si a consciência do organismo das encarnações anteriores. O super-eu é, pois, uma criação por si só num plano muito mais elevado do que a criança humana pode compreender. O super-eu é o grande portador, pode dizer-se que é o Eu espiritual superior. Voltaremos a isso. Então deveis também saber que cada um de vós tem um «eu» completamente diferente daquele de que a vossa consciência diurna está consciente.

Pode dizer-se que cada existência terrena, que chamamos uma imagem de encarnação, é como uma gravidez em que absorveis experiências desta existência, desde o vosso nascimento, crescimento e meio ambiente. Dentro de todos vós existe uma imagem encarnada que é a vossa verdadeira identidade, o vosso verdadeiro eu. Mas este eu interior está tão preso pelo invólucro exterior, que chamais o vosso corpo e a vossa consciência do eu, que nunca vem à superfície. Dentro de todos vós existe uma centelha brilhante de Deus, um eu interior, a vossa verdadeira identidade. A este ego interior chamamos o Cavaleiro, porque ele «monta» o vosso corpo durante cada encarnação, num novo corpo para cada encarnação. A criança humana esconde este Cavaleiro da sua própria consciência diurna e do seu mundo dos sentidos.

Nesta encarnação, o Cavaleiro escolheu um certo caminho e certos pais, um certo meio, um certo padrão, porque tendes uma imagem cármica do vosso período de encarnação anterior. O ser humano físico em si mesmo é uma criação, mas o Cavaleiro é eterno. Distingui entre ser humano e Cavaleiro! São duas coisas diferentes. O Cavaleiro é a vossa verdadeira identidade, a parte encarnada no ser humano.

O mental abstrato, o eu e o super-eu, estes três juntos representam o Cavaleiro. Anteriormente chamámo-los o átomo-semente tríplice. O Cavaleiro é o braço estendido de Deus Todo-Poderoso à matéria. Voltaremos também a isto.

Quero afirmar que o vosso organismo físico é perecível. Quero afirmar que esta consciência que o ser humano transporta também é perecível. Mas as experiências que absorveis através deste período de vida não são perecíveis. O Cavaleiro absorve experiências através deste organismo. O ser humano existe para que o Cavaleiro, o ego interior,

Deus Todo-Poderoso, possa absorver experiências desta existência, por assim dizer, realizar-se a si mesmo. Se o ser humano se tornar consciente do deus interior, pode trabalhar para dentro para alcançar a sua existência, realizar a sua origem. Ou seja, pode então falar através do ser humano, provar o que é. Mas enquanto o ser humano for subjetivamente consciente, nunca trará à tona a pequena centelha divina interior, esta pérola dourada, hoje. Voltaremos dentro em breve ao ser humano sétuplo.

Então alguém pergunta: «Porque estamos nós aqui neste planeta? Quem sou eu?» Para encontrar a resposta, temos de voltar ao processo de criação e à história da criação: «No princípio foram criados o céu e a terra». Temos também de voltar à criação para mostrar onde o ser humano surgiu e de que surgiu.

Quando falamos do processo de criação, as crianças humanas partem geralmente do que chamais o primeiro livro de Moisés e aí apontais para as letras que estão escritas e para os sete dias da criação. Dissemos que na história da criação, nos primeiros livros de Moisés, estão verdades maiores do que alguma vez podeis imaginar. Mas tendes de os ler com o espírito e não com a carne! A vossa Sagrada Escritura tem muitas verdades. Está escrita do seu modo como um código, com uma parte para a carne e uma parte para o espírito. Veremos isso mais de perto. Voltaremos ao processo de criação e ao facto de ser um constante ciclo neste cosmos e à ligação entre o ser humano e o planeta.

## A TRANSMISSÃO

Antes de prosseguirmos, quero apenas dizer-vos isto: Simeno é o guia do Instrumento e o guia dos seus companheiros. Eu sou o velho Ambres. Sou apenas um porta-voz. Simeno e eu somos um, mas num plano que vós ainda não podeis compreender. Encontro-me aqui no espaço vital. É certo que utilizo este habitáculo para me manifestar, mas então manifesto-me apenas no Instrumento e não na minha totalidade. Encontro-me no Instrumento. Tomei conta das suas funções e o Instrumento foi colocado num estado de consciência intermédia, entre a

consciência diurna e o estado de sonho, porque aí ele não nos pode influenciar através do organismo nem através dos sonhos. Ele encontra-se fora de si mesmo e não pode influenciar-nos nem ao seu organismo no plano de vida astral; pode dizer-se que está em hibernação, num estado de nada. Compreendeis-me?

Quando vos falo, faço-o por amor a vós. Amo-vos a todos, mas o meu amor não é o que vós chamais «amor dos sentidos». Quando assim conversamos, tentamos criar um diálogo entre vós e nós. O que vos transmitimos são apenas respostas que vós próprios criastes com as vossas perguntas. Sois vós que perguntais e nós somos o reflexo das vossas perguntas e respondemo-las. Não podemos ir além do vosso quadro de consciência. Compreendeis-me? Tendes de estar dentro dele, mas à medida que ele cresce cada vez mais, também nós alargamos o campo de visão na mesma proporção em que vós cresceis. Estais a acompanhar? É assim que temos de proceder. Não podemos falar acima das vossas cabeças. Não podemos estar num pedestal. Temos de estar entre vós e queremos estar entre vós! É aí que podemos aprender juntos, caminhar e encontrar as coisas que regem a existência.

Alguém perguntou por que nos transmitimos. Já disse também desta maneira: em toda a parte neste planeta é transmitido este conhecimento, mas com ângulos diferentes, para alcançar o maior número possível de crianças humanas. Não podemos dizer que a nossa transmissão seja o único caminho verdadeiro. Este é um caminho. Há muitos, muitos mais. Podemos dizer que deveis investigar antes de acreditar. A verdade tem de suportar ser investigada. Para poder saber, também tendes de poder investigar. De modo algum exijo que acrediteis no que transmito. De modo algum! Deveis poder investigá-lo até ao fundo e ele tem de resistir. Aquele que vos diz que deveis acreditar sem poder investigar, queridos e amados filhos, como haveis então de obter uma fé dessa maneira? Tendes vós próprios, em atividade, de procurar o vosso caminho até à vossa própria verdade!

Muitas vezes acontece que as crianças humanas dizem que a nossa transmissão se parece com a Antroposofia, ou que isto se parece com a cosmologia de Martinus, o hinduísmo, o budismo, a doutrina cristã ou o

que quiserdes. Digo-vos: Naturalmente! É exatamente o mesmo, mas com diferentes ângulos! Há uma verdade, mas ela é multifacetada! Todas as manifestações na matéria de mestres, de professores, falaram da mesma coisa, da mesma fonte primordial, onde os rios dessa fonte correm para o mar. Cada rio transporta a mesma verdade. Por isso quero que não analiseis o que outros professores, outros mestres dão, mas que tenteis encontrar os grãos de ouro em cada transmissão.

A criança humana procura a verdade. Procura o deus interior e começa a procurar no caminho esotérico para descobrir que ele está cheio de buracos que podem prender o espírito humano. Há apenas um pensamento fundamental, mas esse pensamento fundamental está dividido em diferentes ângulos. Cada um é uma parte desse grande pensamento fundamental. São apenas diferentes ângulos de abordagem. Se alguém disser: «Este é o único caminho verdadeiro que conduz à perfeição», então podeis ter a certeza de que essa pessoa é um charlatão e deveis fugir. O que procuramos é uma colaboração e não uma divisão. Para que algo exista, tem de existir no amor uns pelos outros e não isolado!

Permiti-me dizer algumas palavras sobre o facto de existirem mestres que encarnaram neste planeta. Há muitos professores que estiveram neste planeta. Há muitos que tentaram seguir o professor e o mestre e que compreenderam totalmente errado o que eles transmitem. Tentaram transformar o conhecimento em ganho próprio. Criaram em si mesmos um culto para transformar o conhecimento em ganho próprio.

Há certos que se sentam de pernas cruzadas e meditam na sua própria perfeição e assim se isolam do mundo exterior. Esse é apenas um parasita! Fora com ele, porque nada faz pelo desenvolvimento do seu semelhante! Amar o próximo como a si mesmo não é isolar-se do próximo!

Os caminhos são muitos, mas conduzem ao mesmo objetivo. Deveis caminhar por eles no amor! Se não existir o amor pelo vosso semelhante, amados filhos, então afastais-vos da vida! Afastais-vos do primeiro mandamento: «Amarás o teu próximo...» O que há no Novo Testamento?

Pois bem. A essência de Cristo. No Novo Testamento está a essência de Cristo. Foram os apóstolos que continuaram a sua missão, não foi? O que ele falou são parábolas para alcançar a criança humana. Amados filhos, o que nós transmitimos, o que todos transmitem, é a mesma coisa! O amor ao próximo, mas com diferentes ângulos.

### NO PONTO DE VIRAGEM PARA UMA NOVA ERA

As crianças humanas perguntam: «Porque te manifestas através deste Instrumento?» Digo então que uma nova era espiritual está a chegar. Estais no ponto de viragem, mesmo ao lado dela. Pode dizer-se que «a onda da maré vem a rolar» e somos muitos os que descemos a este planeta para elevar as crianças humanas e abrir-lhes os olhos. Já disse antes que somos muitos, mas com diferentes ângulos para alcançar o maior número possível de crianças humanas.

Estamos a caminho de uma nova era! Uma era de desenvolvimento é composta por muitas eras parciais diferentes. Atualmente deixámos uma era parcial para entrar numa nova. Deixámos Peixes e estamos a caminho da era de Aquário, como vós a chamais. Estamos nos primeiros segundos trémulos da era de Aquário, quando o ser humano se vai desenvolver. É, pois, esta era em que a criança humana na sua forma se vai transformar de «ser humano em devir» para «ser humano completo»: estar consciente da sua existência, do seu eu interior. Se Simeno pudesse dizer com as suas próprias palavras, diria: «Quando o portador da bilha de água for visível na abóbada celeste, quando a nova era tiver entrado em vigor, as crianças humanas despertarão do seu sono de muitos milhares de anos.»

Porque a nova era é agora, quando a criança humana vai passar deste estádio para se tornar um ser humano completo. O que queremos dizer com um «completo»? Falaremos um pouco sobre isso mais tarde. É uma libertação que é dolorosa, porque tudo o que haveis de querido, o que haveis considerado uma realidade no vosso mundo dos sentidos, pouco a pouco tornar-se-á algo que foge e que não tem base. Ireis viver um período de rutura muito forte. A transição para esta era é difícil. Tendes de ver através desta existência e procurar dentro de vós para que eleveis a vossa própria frequência.

## O CAMINHO DA BUSCA

Muitas crianças humanas perguntam-se: «Quem sou eu? Para onde vou? Estou a caminhar para um desenvolvimento? Vou experimentar a doença ou vou experimentar a minha morte interior? Alguma vez experimentarei uma libertação interior? Para onde vai este organismo perecível quando deixar esta vida terrena? O que é a consciência? O que é realmente o «eu»? É algo que foi criado através de um processo de impressão? Sou dual? Tenho algo dentro de mim que é uma identidade verdadeira, que é imperecível e parte de uma divindade?»

Quero falar um pouco sobre procurar um caminho para a compreensão. A grande maioria das crianças humanas procura algo. Quero sublinhar fortemente quão importante é a busca em si mesma. O desenvolvimento espiritual nada tem a ver com fenómenos, mas com ação no amor sem pensamento ou reflexão. Nenhuma criança humana está separada da outra exceto no que chamais ambiente de crescimento, impressão. Muitas crianças humanas procuram os fenómenos. Pensai: «O que procuro? Procuro-me a mim mesmo? Tento aperfeiçoar-me aos olhos dos outros ou tento encontrar-me a mim mesmo para ajudar o meu semelhante?» Àquela que descobre que procura o fenómeno quero dizer que este é o fórum errado. Não vos darei os fenómenos. Quem acredita que pode apropriar-se de tais possibilidades, tais forças para influenciar a matéria e o seu mundo exterior, nunca encontrará o núcleo esotérico! Mas quem, em humildade, procura, sem qualquer forma de desejo de dominar ou governar, mas como servo se aproxima, encontrará. Muitas crianças humanas não procuram para seu próprio ganho, mas procuram em verdadeira alegria pela sua verdadeira identidade, o seu eu, a sua origem.

A criança humana é muitas vezes uma buscadora maior do que imaginais! Tem sede do conhecimento, da fonte esotérica do conhecimento. Mas muitas vezes fica presa nas suas próprias ideias e valores. O que transmitimos é muitas vezes confuso, porque destrói as bases da vossa construção de vida! Por regra, a criança humana tem tanta pressa, tanta pressa. Quereis tanto experimentar, experimentar em vós mesmos. O fenómeno em si deveis ver apenas como um fenómeno. A

busca profunda para a compreensão não segue o caminho do fenómeno, mas o caminho do silêncio. Então não falais do que experimentais, mas caminhais na solidão. Ainda assim tendes uma comunhão juntos, onde podeis falar, discutir, comunicar e acima de tudo falar uns com os outros. Mas quando discutis, começais muito cedo a dissecar e isso também está errado.

A criança humana tentou analisar uma verdade. Tentou analisar o seu interior. Tentou encontrar os seus diferentes estados de consciência para deles extrair uma verdade. A verdade está tão perto, tão incrivelmente perto que as crianças humanas não a veem — e ao mesmo tempo veem-na. Então diz a criança humana: «Não pode ser assim! Não pode ser tão simples! Tem de ser complicado de alguma maneira.» Porque a simplicidade com que roçais está, infelizmente, demasiado perto. Tendes sempre o olhar dirigido para o horizonte e não vedes o que está dentro de vós! A criança humana procura sempre fora de si mesma a verdade. O desenvolvimento espiritual. O que é isso?

Fala-se de compreensão, da viagem de regresso à luz, do anseio de regresso a Deus...

Aí temos três aspetos. Um diz compreensão. O outro diz anseio de regresso a Deus. E um terceiro... há algo mais? — O anseio pelo Cavaleiro? O princípio do amor? A ação? Descascar camada após camada?

Sempre que falei de desenvolvimento espiritual, perguntei-me por que ninguém pergunta: «O que é realmente o desenvolvimento espiritual?» Alguns acreditam saber, ter conhecimento dos planos astrais, dos planos mentais. Alguns talvez acreditem que seja o conhecimento da espiral de desenvolvimento e do que está além. A verdade está mais perto do que jamais podeis imaginar! E, queridos filhos, disseste-o há pouco. Repete-o! Que é cumprir o mandamento do amor o melhor possível? — Pois bem. E o que é isso? Esquecer o eu e servir. Amar o próximo. Pois bem. Amar o teu próximo como a ti mesmo!

Quero desmistificar a doutrina esotérica. Durante muitos milénios o ser humano foi cada vez mais desencaminhado. Ou seja, a doutrina

esotérica tornou-se um estado ou um lugar para onde ele foge, ou de onde foge, na sua situação de vida atual, em vez de ver que a doutrina esotérica é um complemento à vida. Não é apenas um complemento, é a própria vida em si mesma! Abrange tudo o que alguma vez queirais experimentar e descobrir.

Todos procuram uma compreensão, algo que seja mais vasto e mais pleno do que esta vida material vos dá. A criança humana vem em busca. Procurais algo além do material, do mais próximo. Então procurais muitas vezes o que está na fronteira material e o que se encontra além da sua esfera, além do estado em que vos encontrais. Encontrais-vos num plano de frequência, num plano de inércia, onde vos percebeis uns aos outros, o vosso ambiente, numa existência material. Quando o ser humano procura a consciência do eu, senta-se aqui em baixo no ego e depois começa a procurar a sua origem.

Talvez comece a procurar a sua origem em Deus, sim. Começa a procurar a sua origem noutros sistemas planetários. O problema é que ela se coloca subjetivamente neste desenvolvimento. O ser humano tem de ver que é um produto. Nunca poderá procurar o seu desenvolvimento fora de si, porque então está constantemente no caminho do seu próprio desenvolvimento. Então tem primeiro de se ver a si mesmo e dizer: «O que sou eu?»

Quando olhais uns para os outros, na verdade vedes Deus manifestado no devir de todas as coisas! Vedes na verdade a manifestação de Deus em cada criança humana. Mas só vedes cada pequeno detalhe. Ali está um ser humano, uma pedra, uma árvore, uma casa e assim por diante. Dividistes o vosso mundo exterior em diferentes detalhes e não vedes que ele é manifestado por um amor maior do que jamais imaginastes! Se pudésseis ver como a criança, veríeis esta árvore, como as correntes de vida ondulam à sua volta, como giram em torno do seu tronco.

Sentiríeis a sua essência a cuidar de vós. Veríeis aí a pedra a brilhar na sua frequência. Veríeis igualmente o cão como o ser etérico que é. Veríeis cada criança humana na sua veste do astral, do mental. E também

como cada chakra em si mesmo brilha na sua frequência especial. Tornar-vos-íeis abertos, imediatos e sem qualquer forma de defesa. Não diríeis «Esta é a minha experiência. Esta é a tua experiência.» mas sentiríeis juntos que esta é a nossa experiência. «Esta é a nossa caminhada no caminho da compreensão espiritual.»

Pode dizer-se desta maneira que vós, cada criança humana, sois uma consciência. É a vossa consciência interior que deveis tentar trazer à superfície. O eu exterior, esquecei-o! O vosso mundo dos sentidos, a vossa consciência diurna, o vosso subconsciente, os vossos estados de sonho são apenas miragens, algo que deixais, mas que durante esta existência física vos prendeu tão fortemente à carne, ao habitáculo, aos valores e assim por diante. Quando então digo, tal como Cristo diz: «A vida está dentro de vós! O caminho para o eu está dentro de vós e o eu está dentro de vós.» Ele diz que Deus está dentro de vós, dentro de todos vós. Sois o braço estendido de Deus Todo-Poderoso na matéria! O reino de que ele falou não é o reino exterior, mas o reino interior. Ele tentou igualmente libertar as crianças humanas da sua impressão.

Pois bem. Eu próprio não tenho importância. Sou apenas um transmissor. Queridos filhos, o que tentamos transmitir é fazer a criança humana acordar do seu torpor, do seu aprisionamento no habitáculo, e descobrir o seu eu interior. Talvez obter resposta à pergunta de muitos milhares de anos: «Quem sou eu?» Durante muitos milhares de anos a criança humana perguntou a si mesma: «Quem sou eu?» Então foi sempre ao seu organismo, ou seja, a este corpo e perguntou: «Quem sou eu?» O organismo respondeu-lhe: «Sim, tenho um nome. Tenho uma identidade, uma escolha profissional. Logo existo.» Viveis nesta matéria, mas pressentis o que está lá fora. Tendes um sentimento. Muitas vezes podeis ter experiências que estão fora da esfera de vida física. Essas experiências são vislumbres de uma realidade maior, de uma realidade muito maior do que a criança humana pode imaginar. Ela encontra-se numa pequena bolha de vida fugaz onde experimenta constantemente, constantemente os seus próprios valores dependendo da sua impressão, do seu crescimento e ambiente.

O que acima de tudo a fecha são os seus sentidos, porque os cinco sentidos constituem os vossos valores. É a visão, é a audição, é o tato, é o gosto e o olfato. São os vossos sentidos que vos prendem à matéria. Isolastes-vos da experiência natural quando os vossos sentidos começaram a aceitar a descrição da impressão do mundo exterior. É essa descrição que tendes de lutar para conseguir largar. Pode dizer-se que os sentidos são o cais que coloca um véu à vossa volta. É o véu dos sentidos, os vales de Maya, nos quais o ser humano caminha sem ver através deles. Em todas as doutrinas, todas as doutrinas esotéricas, fala-se de que vós, crianças humanas, tendes de ver através dos sentidos.

Pensai cada um de vós: o que procurais? Procurais clareza? Pois bem, procurais clareza. O que quereis fazer para obter essa clareza? Haveis de esperar por ela ou haveis de participar ativamente juntamente com os vossos semelhantes? Uma criança humana quer mudar o mundo. Consegue-o sozinha? Não. Juntos podeis mudar uma parte. Naturalmente. Cada um de vós é um buscador, cada um na sua tonalidade. Comparámo-lo a termos atirado uma pedra à água. As ondas espalham-se e ativam todo o mar. Mas o mar tem de reagir! Atirámos uma pedra, mas o mar quer fechar-se sobre ela e amortecer a reação. Algumas poucas crianças humanas reagiram e lutam por elevar o seu semelhante. Cabe a cada um de vós começar e, por conseguinte, começar por vós mesmos, porque cada um de vós está no centro do mundo, na sua consciência subjetiva. Compreendeis-me?

### VER ATRAVÉS DA EXISTÊNCIA

Como se faz então para ver através da existência? Tendes de começar por vós mesmos! Conhecer-se a si mesmo é passar por si mesmo. Isto é mais complicado do que podeis imaginar. Pertence ao facto de descascardes camada após camada no vosso subconsciente para vos encontrardes a vós mesmos. Cada criança humana tem de trabalhar pela sua própria libertação para que eleveis a vossa própria frequência.

Colocai-vos como observadores ao lado e vede. Observai-vos a vós mesmos. Isto é tão difícil! É muito mais difícil do que jamais podeis imaginar, entrar no vosso interior, ver através... Tentai introduzir na vossa

consciência que o vosso organismo físico não é o eu, mas é um eu criado. Virai os vossos sentidos para dentro, tentai realizar o eu interior para que o alcanceis. Tentai ver através da natureza irreal da realidade! Experimentai que o eu exterior é um produto do vosso ambiente, de uma impressão desde a infância por uma consciência coletiva, de uma imagem religiosa e assim por diante. Ver através da natureza irreal da existência não é sentar-vos numa qualquer gruta e, em meditação, retirar-vos do vosso mundo exterior! Deveis estar no vosso mundo exterior, mas deveis vê-lo de uma maneira diferente, ver os vossos semelhantes de uma maneira diferente.

O que quero que o ser humano faça é que escute o que falo, para que tente ver o mundo de uma nova maneira. O problema é que o ser humano habituou-se a ver. Habituou-se a ouvir. Recebeu uma descrição do mundo pelos seus pais. Durante todo o seu tempo de crescimento recebe uma descrição do mundo que, pouco a pouco, aceita como uma realidade. O que eu quero, ou nós, é, com abstrações, paradoxos se assim o quiserdes ver, mostrar que a vossa existência não é de modo algum como pensais que é, que os vossos sentidos vos fornecem constantemente informações erradas do vosso mundo exterior! Então o ser humano pergunta: «Como é possível? Como podem fornecer-nos informações erradas sobre o nosso mundo exterior?» Vós experimentais-lho cada um por si mesmo como correto e experimentais-lho de forma semelhante. Naturalmente, porque tendes uma consciência coletiva que o mantém e tendes uma impressão que juntos está afinada, igual.

Quero mostrar que o ser humano transporta uma infinitude, que na verdade é ilimitado, mas que se limita a si mesmo na sua existência. Todas as neuroses, traumas, toda a angústia que o ser humano carrega são criados. Ele diz: «Procuro a liberdade dentro de mim mesmo.» O único que está no caminho dessa liberdade é o próprio ser humano! A única coisa que pode prender a criança humana são precisamente os seus sentidos e as coisas materiais. Tentai ter a relação correta com o vosso mundo exterior! Não vos peço que vos desfaçais dos vossos bens, mas que vejais sempre esta vida como um empréstimo que recebestes e que a

valorizeis em conformidade. Não precisais sacrificar as coisas materiais à vossa volta, apenas que tenhais a relação correta com elas.

Cada um tem o direito de procurar o seu próprio caminho. O caminho que mostro é trabalhoso, é difícil, porque mostra um abandono do eu. Então o ser humano reage tão fortemente, porque o eu exterior é a única coisa a que tendes para vos agarrar. Esta é uma linha de pensamento subjetiva! O abandono do eu não é o abandono do organismo! O abandono do eu não é que não possais conviver com um semelhante. Quando falamos de «abandonar o eu», sois tomados de pânico e dizeis: «Meu Deus, eu tenho a minha família! Eu tenho os meus filhos!» Estais tão subjetivamente presos à vossa descendência, à identidade que tendes, um nome, uma escolha profissional, família, laços de sangue e assim este foi o ancoradouro seguro à matéria. Esse ancoradouro tendes de largar.

Já disse antes: conhecer-se a si mesmo é passar por si mesmo, que vos ameis a vós mesmos como um produto do planeta. Não é abandono do eu, mas é a aceitação do eu! Aceitais-vos a vós mesmos como realmente sois. Assim tendes de ver que cada um de vós é o vosso companheiro de caminhada, irmão e irmã na vossa caminhada para a compreensão. Por isso a primeira coisa que tendes de mudar é a visão do eu. Tem de mudar na base e isso é muito, muito mais difícil do que jamais imaginais!

É no agora que deveis tentar mudar o vosso ser. É no agora e na ligação com o vosso mundo dos sentidos que deveis ver através dele. Tendes de ver através do mundo dos sentidos! Queridos filhos, este é o tempo mais difícil no vosso desenvolvimento! É então que fugis perdidos de um lado para o outro. Queridos filhos, reconheço-o tão profundamente! Já disse antes que este caminho é difícil de trilhar. É muito mais difícil do que jamais podeis imaginar. Mas o caminho para a libertação tem de ser trabalhado, porque os vossos sentidos vos prendem à matéria e aí não querem largar o aperto habitual das coisas à vossa volta. Pode ver-se simbolicamente: o ser humano segura com uma mão a matéria. A outra estende-a para o céu mas não quer largar a matéria que a puxa para si. Tem de haver renúncia! O que escolhe o ser humano? Uma

libertação ou continuar no seu estado na matéria, sonhando com um eu interior que nunca chega a expressar-se?

Sede conscientes de que toda a busca é um trabalho duro. Lembrai-vos também de que todo o vosso organismo está impresso para uma existência neste planeta. Estais impressos desde a infância, crescimento e ambiente. É difícil deixar o habitual e partir para caminhos desconhecidos e uma caminhada em terreno movediço. Eu próprio caminhei neste terreno movediço. Mas algum dia tendes de largar o ancoradouro. Sede conscientes de que tendes um trabalho forte à vossa frente!

Permiti-me então dizer que na busca da compreensão não há nada artificial. Deve haver alegria e harmonia, compreensão e acima de tudo equilíbrio com a matéria. Deveis estar em harmonia, tanto com a matéria como na busca espiritual. Não há misticismo. Há apenas conhecimento, mas esse conhecimento não é de modo algum místico. A busca da compreensão não é a negação da vida.

A busca da compreensão é liberdade. É compreender o princípio fundamental: o amor. Aqueles que procuram os fenómenos… não têm nada a ver com o desenvolvimento espiritual. É apenas satisfazer o vosso próprio egoísmo e curiosidade e isso não dá nenhum desenvolvimento. Pelo contrário, pode fazer-vos estagnar, para que procureis constantemente apenas no fenómeno e fiqueis presos nele. Compreendeis-me?

Não sei quantas vezes hei de repetir isto, porque isto é importante! Quem desinteressadamente tenta espiritualizar-se, sim, uso esta palavra: espiritualizar-se no habitáculo, desinteressadamente tenta trazer cada vez mais à luz do dia o seu eu interior — esse tem uma ajuda maior do que imagina! Se quiserdes mudar o desenvolvimento espiritual para dele obter um ganho próprio na matéria, podeis fazê-lo, mas então prendeis o desenvolvimento. Não obtendes nenhum desenvolvimento espiritual através disso! É egoísmo e nada tem a ver com desenvolvimento espiritual.

Muitas vezes a criança humana experimenta um orgulho na busca. Diz que «eu sei isto e aquilo. Caminhei tanto e tanto na escada do

desenvolvimento espiritual.» Assim coloca-se num pedestal acima das outras crianças humanas e julga-as. Não há ninguém que esteja à frente no sentido espiritual, apenas em consciência. Não se pode dizer que alguém esteja mais alto ou mais baixo, porque estais todos na mesma caminhada no caminho da compreensão.

A busca da compreensão não é caminhar sozinho dentro de si mesmo. Estais constantemente sós, é verdade, mas tendes companheiros de caminhada no mesmo caminho! Não podeis dizer que aquele chegou tanto e tanto, que aquele passou por esta e aquela iniciação, mas todos vos encontrais na mesma escada embora um esteja mais alto e outro mais baixo. Há aí alguma diferença de hierarquia? Não, dificilmente. Aquele que então está mais alto deve virar-se e ajudar aquele que está abaixo. Ajudai-vos uns aos outros! É uma evidência que cada criança humana é igual à outra. Ninguém é mais alto ou mais baixo!

Se com este desenvolvimento sois de ajuda e enriquecimento para outras crianças humanas ao vosso lado, então começais a aproximar-vos de um desenvolvimento espiritual. Poder alegrar-se com o sucesso do semelhante na busca espiritual é o primeiro sinal de uma maturidade espiritual. Espiritualidade é trabalhar e servir uns aos outros! A caminhada neste caminho não deve ser de tal modo que vos desloqueis grave e solenemente para o escuro da matéria. Deve haver mistura. Deve haver alegria, amor e harmonia. Quem tenta apropriar-se de uma sabedoria mais alta não a encontra desse modo, por exemplo, renunciando à felicidade ou ao amor. Muitas vezes pode ser um fardo se renunciardes a isso para procurar o conhecimento espiritual.

Tendes de estar conscientes de que é necessário treino para ver através do que falo. Desde o primeiro tempo em que me manifestei através do Instrumento, muitos dos que escutaram irritaram-se com as minhas repetições. Falei e «entrou por um ouvido e saiu pelo outro». Por isso repetirei e repetirei até ao enfado, porque não se trata apenas de poder ver através com o que chamais intelecto, mas tendes de acompanhar paralelamente com o sentimento. Tendes de compreender e então tendes de compreender com o sentimento.

Quando virdes através, quando os vossos olhos estiverem abertos, vereis como cada parte da vossa natureza vibra de vida! Sois uma parte deste planeta e podeis expressar-vos, podeis sentir o seu estado de alma e o planeta pode expressar-se através de vós!

### O FUNDAMENTO DE TUDO

Disse há pouco que a busca da compreensão é liberdade e compreender o princípio fundamental: o amor. Amados filhos, quando vos encontrais ao lado uns dos outros, sede então abertos uns para os outros, afastai-vos da consciência do eu. Não olheis, por exemplo, para isto: que guardais rancor contra alguém. Que alguém disse alguma coisa e vós no vosso mundo dos sentidos, na vossa consciência do eu, tomaste isso e dizeis: «Estou ferido dentro de mim, porque fulano ou sicrano se expressou desta maneira.» Amados filhos. Vede então isto: esse está impresso. Esse expressa-se por falta de compreensão. Deveis aproximar-vos uns dos outros no amor. Tende indulgência, porque é juntos que vos deveis elevar. É juntos que deveis sentir o amor. O amor não tem valores sobre o bem ou o mal. Os valores encontram-se no mundo dos sentidos. O amor total não tem valores nenhuns, é apenas uma ação!

Quando falais de amor, cada criança humana parte da sua própria imagem do amor.

Amados filhos, quando digo: «Amai-vos uns aos outros», não deve haver valores no amor. Porque se houver valores na vossa declaração de amor, então fizestes apenas um negócio. Dizeis: «Dou tanto e tanto amor e quero tanto e tanto de volta.» A pergunta: «O que recebo em troca?» não é amor!

O princípio do amor é uma realidade em funcionamento quando amais o vosso próximo como a vós mesmos e não falais de que deveis amar o vosso próximo ou que deveríeis amar o vosso próximo, mas fazeis-lho. Onde cada ação é uma evidência, onde não há pensamento nem reflexão sobre fazer isto ou aquilo. Amor é ação sem pensamento nem reflexão! Se houver um pensamento ou uma avaliação aí, então começais a avaliar a vossa ação e então partis do eu subjetivo. Mas se for ação sem pensamento nem reflexão, então agis a partir do amor total.

Então não pensais em vós mesmos. A consciência do eu desaparece para uma consciência de nós.

Quando tento falar-vos e explicar o que é o amor total, tentais reformulá-lo com o pensamento subjetivo e então torna-se uma imagem mental subjetiva do amor. O amor total é abstrato na sua natureza. Quando o ser humano tenta explicar a ideia abstrata, torna-se subjetiva, porque a reformulais mentalmente. Talvez experimenteis uma visão abstrata. Não a podeis explicar de modo algum a outra criança humana, mas tentais moldá-la com os vossos sentidos. Tendes um desejo fundamental da vossa impressão, crescimento e ambiente. O astral é o corpo do desejo e o mental é o pensamento. Assim reformulais com o desejo e o pensamento.

O amor de que falei é uma corrente. É um amor que está fora do sujeito. Amor é uma força, é uma corrente, uma corrente em todo o cosmos. Não se pode tocar, mas os seus efeitos são muito palpáveis, da mesma maneira que quando vedes que a lâmpada brilha e sabeis que é a eletricidade que faz com que brilhe. Não a podeis ver, mas podeis ver os efeitos da lâmpada, não é verdade? Da mesma forma se passa com o princípio do amor total. Quando falámos dele, dissemos que é um abandono do eu, que não deve haver nenhuma avaliação subjetiva de ninguém. É uma ação ativa sem pensamento nem reflexão. Se começardes a avaliá-lo, então já é subjetivo e assim pertence ao sujeito, ou seja, a vós mesmos, e à vossa imagem mental, à vossa corrente mental que experimentais em relação ao vosso mundo exterior. Notai também que tendes uma consciência coletiva muito forte.

O amor é, pois, o fundamento da criação e da manutenção de todas as coisas! Amor é o fundamento de tudo, mas o amor subjetivo avalia as pessoas em pequenos, pequenos detalhes. Amados filhos, se sentirdes dentro de vós este tremor de amor, caminhemos então e vejamos, aprendamos e estejamos abertos e despertos, porque os grãos de ouro estão à nossa volta. Mas não vos prendais aos vossos sentidos! A força do amor é uma força, um fluxo. Penetra-vos constantemente. Basta abrir-vos a ela. Olhai para o vosso semelhante! Senti-o! Vede-o! Sois um e o mesmo, mas com impressões diferentes na forma exterior. Não há

nenhuma separação entre crianças humanas, porque o amor está no fundamento da criação e da manutenção de todas as coisas!

Amados filhos, o que é a vida? É amor! O amor é pesado? Amados filhos, amor é alegria! É ativação. O que é alegria? Na alegria as crianças humanas experimentam estas coisas: que o organismo se eleva. Tendes uma maior compreensão uns pelos outros. Não deve haver nenhuma coação, nada que vos deprime na matéria. Já disse antes desta maneira que, quando uma criança humana procura a compreensão: não vos fecheis na vossa câmara apenas na meditação. Aproximai-vos do mundo exterior cada vez que abris as portas e recebeis a vida, porque há um grande amor na vida.

Então perguntamo-nos novamente: o que é espiritualidade? É autoconhecimento? Cada ser humano tem uma imagem completamente diferente dos valores espirituais. Os valores espirituais estão consideravelmente mais perto do que jamais imaginais. É o amor pelo teu semelhante que é o fundamento. É o amor por todos os seres vivos. É o amor por este planeta, que a criança humana no seu desconhecimento assim combate. É amor pela origem, pelo organismo, ou seja, pelo habitáculo. É o amor pelo vosso eu interior, que é uma parte do Deus Todo-Poderoso. Se chamarmos a isto humanidade, então aproximamo-nos mais desta palavra do que jamais imaginais: mostrar compaixão, mostrar amor pelo semelhante, mostrar amor pelos seus criadores. Não então apenas pelos pais biológicos, mas também pela origem do organismo que é o próprio planeta e pela origem do ego interior, Deus Todo-Poderoso.

Este planeta está vivo. Notai bem e nunca o esqueçais: tendes uma responsabilidade por este planeta! Sois partes dele! Já disse também antes que não estamos aqui para salvar o vosso planeta. Não estamos aqui para o unir, mas para fazer as crianças humanas acordarem! Dissemos também então que atiramos uma pedra à água e as ondas espalham-se. Sois muitas pedras, o que acontece se as atirarmos todas? A gota é o mar. Diz o mar alguma vez: «Eu sou a gota?» Diz: «Somos uma unidade.» Compreendeis-me?

O que podeis fazer para salvar este planeta? Elevar a vossa consciência! Elevar a vossa frequência! Tentar ver o amor total! Ter a relação correta com a matéria! A busca das compreensões não é sentar-vos de pernas cruzadas e estudar a vossa bola de cristal, mas ativar-vos para fora em todas as coisas para que também possais salvar o equilíbrio ecológico neste planeta.

Como vedes este planeta? Amais-lho? O planeta experimenta um estado de doença! Já disse antes que viveis na energia vital do planeta e estais a destruir essa energia através dos vossos processos de poluição! Já disse anteriormente também que tudo entra em jogo. É uma interação e um constante ciclo em todo o cosmos. A criança humana faz parte desta interação e do sistema ecológico. Para ver esta interação temos de voltar à criação e mostrar como o ser humano surgiu e de que surgiu. Temos também de olhar para a criança humana e para o papel do Cavaleiro na criação.

Já disse antes que este planeta está em dores de parto. É a entrada numa nova era em que a criança humana se vai transformar na sua estrutura, na sua estrutura molecular. A criança humana vai tornar-se consciente do seu Cavaleiro e tornar-se ser humano, completo! Então o princípio do amor é uma realidade. Elevais-vos em frequência, sim. Não é então lógico pensar que também o planeta se eleva na sua frequência? Pois bem, tudo se eleva na sua frequência! Também o planeta se vai transformar na sua estrutura. É um constante ciclo...

Ativai-vos! Juntos podeis trabalhar. Não acrediteis que alguém é demasiado pequeno para fazer alguma coisa! Podeis trabalhar de muitas maneiras diferentes. Trabalhai juntos como uma grande unidade! Cada um de vós sabe que isto é importante. Não vos podeis esconder. Cooperai com a natureza e não a combatais! Não a enveneneis! Ela é um ser vivo. A vossa tecnologia será a vossa perdição! Realizai o planeta! Realizai-vos a vós mesmos! Vivei em harmonia com o planeta e com o vosso Deus interior!

Queridos filhos, confundo-vos totalmente? Queridos filhos! Isto vai ser muito, muito mais difícil do que que pensais. Sede conscientes de que

ireis entrar num caos interior quando procurardes e procurardes e procurardes. Muitas vezes desesperareis e pensareis que estais à beira do abismo. Mas quando chegardes ao abismo e pensardes vislumbrar o precipício à vossa frente, então talvez estejais perto da verdade! Porque quando estais mais perdidos na busca, então a clarividência pode cair como um raio ao vosso lado! Mas quando intelectualmente tentais analisar e desmontar, despedaçar, então estais algures onde não encontrais o caminho, porque isto tendes de experimentar com o sentimento de amor!

### NO PRINCÍPIO ERA O VAZIO E O DESERTO A CRIAÇÃO

Tendes de lembrar isto no vosso espírito: quando falamos da doutrina esotérica, tendes de deixar tudo para trás! Tendes de largar toda a bagagem que existe dentro de vós e ser puros como crianças. Recebei-a e tentai compreendê-la emocionalmente e não analisá-la até começardes a dissecá-la!

Vamos começar a contemplar a criação e a história da criação. Na doutrina esotérica isto está completamente aberto. Agora falo dos estados originais de Deus Todo-Poderoso. Fala-se na doutrina esotérica do estado de quietude que outrora existiu. — Sim, Ambres, estás a falar do estado antes do Big Bang? — Se quiserdes ver assim, foi assim. Voltamos à mais simples, mais fácil das vossas escrituras esotéricas que é tão fantástica na sua construção: a vossa Sagrada Escritura. É a Sagrada Escritura em que construís toda a vossa filosofia, não é? Se a lerdes com o espírito e não com a carne, vereis como por trás de tudo há uma orientação para a criação da criança humana.

A doutrina esotérica parece-se assim com o que está na vossa Sagrada Escritura, independentemente da filosofia que queirais invocar: no princípio era o vazio e o deserto. Apenas quietude. Pode dizer-se que aqui havia um Nada. Fala-se de um estado onde nada existia. Ainda nenhuma consciência tinha surgido. Ainda assim tudo estava cheio de conhecimento que não era consciente. Costumamos desenhar esta forma como uma pequena taça. Dizemos que nela jaz todo o conhecimento, mas está não manifestado. Não há aí nenhum movimento. Na antiga,

antiga filosofia esotérica, em todas as escrituras esotéricas, orais como escritas, encontramos um símbolo e é esta taça que se chama o Nada. A taça é infinita. Cobre tudo. Cobre todo o universo e não a podemos limitar em nenhuma forma ou aparência.

Agora deveis também saber que, segundo a doutrina esotérica, surge um reflexo desta taça. Chamamos à taça o Nada e aí surge um reflexo desta taça. O que acontece então? Pois que agora ela reflete-se em si mesma e o primeiro movimento surge no seu centro. Descobre algo muito essencial: «Eu sou» exatamente como o ser humano quando se reflete contra algo diferente! Então obtém uma sensação da sua existência. Assim surge o terceiro princípio, o olho divino que tudo vê. Aquilo que está presente em toda a parte e que é o fluido em que cada um habita. Vós existis neste fluido, existis neste movimento fantástico, sois uma parte dele. Sois uma parte dessa criação. Não podeis dizer que estais a contemplar, tendes de vos deslocar para aqui e dizer: «Eu sou uma parte dela.» Isso é importante.

Tudo está impregnado de espírito. Este espírito é duas correntes de força: uma construtiva e uma destrutiva. Tudo é dualista. Tudo tem um oposto. É simplesmente assim. É como dois pólos. Um pólo único não tem movimento. Têm sempre de existir duas forças para que haja movimento e o movimento dá desenvolvimento. Cada consciência é, pois, bipolar: uma construtiva e uma destrutiva, ou pode chamar-lhes uma negativa e uma positiva, uma consciência masculina e uma feminina. O risco existe, quando falamos da parte negativa, de vós a verdes com os vossos sentidos como negativa, algo que destrói. O pólo negativo tem a mesma força que o pólo positivo. A parte negativa do desenvolvimento é tão importante quanto a positiva, porque se não existisse nenhuma delas, não existiria consciência. Tendes apenas de ver isso como dois jogos de força e não como uma fonte negativa e uma positiva, pois então associais isso a bom e mau. Vede-o apenas como dois jogos de força que interagem constantemente.

A taça continha, pois, dualidade: a energia fundamental masculina e a feminina. Representam algo que é absolutamente constante,

nomeadamente Deus Todo-Poderoso. Mas a forma, a forma de expressão, ainda não existe.

O Nada gerou um reflexo. O primeiro movimento constitui também o antigo símbolo esotérico do olho divino que tudo vê, que reaparece em todas as escrituras esotéricas.

Alguém pode dar uma definição do Nada? Quando vos aproximais deste estado não podeis usar palavras, porque as palavras criam uma imagem e essa imagem não pode ser expressa em palavras, pois do Nada não podeis fazer uma imagem mental. Podeis obtê-lo como um som, uma superfície, uma dimensão de espaço-tempo no vosso interior, mas ainda assim não é o Nada, porque é limitado. O Nada é ilimitado em si mesmo e nesta transmissão não podemos usar a palavra, mas aí tem de surgir a imagem mental abstrata e a experiência sem palavras. Se correr como esperamos, também há de surgir.

Do Nada e do Reflexo foi criada, pois, uma consciência. Esta consciência procura-se a si mesma. Pois bem. Digamos que Deus Todo-Poderoso formou a sua consciência. Pode dizer-se que agora começa o desenvolvimento.

Aha, é isso que chamam o Big Bang, onde tudo surgiu de um núcleo primordial?

— Digo-vos, não sabemos, não temos tanta certeza. Porque quando começamos a olhar um pouco mais de perto, também nós começamos a discutir: quem foi que criou a primeira separação? Quem foi que fez com que estas duas metades ou este Nada se duplicasse? Que impulso tiveram para poder fazê-lo? Parece que existe uma fonte de força ainda maior por trás, que apenas podemos pressentir.

### O AXIOMA ÚLTIMO

Alguém me perguntou quem criou a taça, o saber? Digo: não sabemos. Também nós procuramos a resposta. Em algum lugar surgiu a primeira consciência e então só podemos dizer que nenhum professor, nenhum mestre sabe onde surgiu o primeiro movimento. Vamos agora muito para trás, até à criação e antes dela. A causa última formou-se. A

causa última podemos compará-la a um pensamento que criou o espaço e o impregnou. Criou a sua imagem no espaço e deixou-a repousar. Foi uma pulsação expectante, consciente e inconsciente. Este pensamento último, este ser último, só o podemos colocar aqui como o axioma último e nunca questionar a sua existência nem tentar analisar a sua existência. Existiu, pois, algo que impregnou este espaço. No espaço que criara, Deus Todo-Poderoso repousava consciente e inconsciente. Aqui não havia movimento no espaço. Tudo repousava.

Quem criou o espaço? Surgiu por uma causa exterior, não é verdade? Assim temos de colocar um axioma em algum lugar. Não podemos vislumbrar um início da criação. Compreendeis-me? Em contrapartida, podemos seguir a criação até onde vós caminhais e por que caminhais. É uma diferença essencial saber a origem. Será que existe uma fonte de força ainda maior e mais abrangente? Começamos a pressentir que sim, que o pulso do universo não está apenas neste sistema em que vos encontrais. Que existe como uma grande inspiração e expiração cósmica, onde o desenvolvimento segue constantemente o seu tom. Ele colapsa, renasce numa nova forma, onde também o primeiro símbolo aparece cedo.

Não sabemos bem nem compreendemos bem a origem do reflexo, de onde veio, o que desencadeou tudo…

É o reflexo que desencadeou a própria consciência. O que também procuramos é: quem foi que desencadeou que surgisse um reflexo? Se avançarmos, é muito fácil ficarmos presos aí e começarmos a investigar: que força foi que fez com que estes dois aspetos se separassem? Porque vem um impulso de algum lugar, mas se ficarmos aí perdemos na verdade aquilo de que vamos falar, a própria criação. Ela surgiu disso, daquilo que está além, ainda não o podemos compreender.

Quando na vossa mundo dos cinco sentidos tentais, através da vossa tecnologia, penetrar a matéria e encontrar uma verdade, esse é o caminho errado. Só ireis descobrir que por trás há sempre algo, não importa até onde chegueis no microcosmo ou no macrocosmo. Há um plano. Há uma força que rege este desenvolvimento, que impregnou este

espaço no seu mais pequeno detalhe. Em torno desta inteligência só se pode colocar um ponto de interrogação e não podemos questionar a sua sabedoria. Porque se questionarmos a sua sabedoria, questionamos a nós mesmos, que existimos na escada do desenvolvimento! Existimos aqui como uma parte dela. Existimos aqui para ativar a célula. Compreendo a vossa confusão e ela é bem conhecida. Também eu tive esta confusão.

Na vossa Sagrada Escritura fala-se de que no princípio Deus criou o céu e a terra. Mas quando falais do princípio, falais do princípio deste espaço vital. Assim limitastes-vos à vossa cadeia planetária, ao vosso sol, mas não descreveis nada do estado cósmico maior! Que no início existia o Nada.

Do Nada foi criado um reflexo e o Nada tornou-se consciente. Foi criada uma consciência...

— Dizes «no princípio». Houve um princípio?

— Pois bem, é um princípio e um fim, mas ainda assim nenhum princípio nem fim. Queridos filhos. É esta a paradoxo! Este universo é finito, mas ao mesmo tempo infinito! Voltaremos também a isto.

Já disse desta maneira que, quando a consciência despertou, já existia este espaço vital. O espaço estava criado e impregnado. O Todo-Poderoso repousava consciente e inconsciente... Assim o Todo-Poderoso não cria o espaço. Quando o Todo-Poderoso é ativado, preenche o espaço. O Todo-Poderoso preenche o espaço com a sua vibração, se pudermos usar esta expressão, e manifesta-se no devir de todas as coisas. Pode dizer-se que o Todo-Poderoso preenche o espaço. Mas o espaço está impregnado antes disso, mas é preciso uma consciência para o preencher. Pouco a pouco começou a desenvolver-se de um espaço impregnado para uma célula viva no organismo de Deus Todo-Poderoso. O Todo-Poderoso renova-se constantemente, vai de saber em saber e de clareza em clareza e a criança humana não pode com a sua consciência compreender o seu pensamento.

### UMA NOVA ERA TEM INÍCIO

Dizemos, pois, que no princípio era o vazio e o deserto. O espaço estava criado e impregnado. Deus Todo-Poderoso repousava consciente e inconsciente. Não havia movimento no espaço, mas uma espera. Tudo estava quieto. De algum lugar, de outra era, outra evolução, uma cadeia evolutiva atingiu o seu auge e até este espaço vital, este plano, vêm ascendendo em encarnação os Mestres do Sol e os Mestres dos Planetas em multiplicidade. Juntamente com eles, como consequência da ascensão em encarnação, trazendo este fluxo, este éter vital, este uréter, esta força vital de que estes mestres começaram a criar, a formar o seu habitáculo com o seu pensamento. Deste éter criaram os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas com o seu pensamento, com o seu invólucro etérico o seu habitáculo, nomeadamente o planeta.

Primeiro do fluxo, depois para a forma plástica, para a forma gasosa e para a forma do mineral. Depois disso, após espaços de tempo infinitos, surgem os reinos vegetais, os reinos animais e a criança humana em devir. Os Mestres do Sol e os Mestres dos Planetas, como espíritos servidores, forneceram os meios de expressão, que pouco a pouco também se podem concentrar na criança humana em devir. Desta maneira foi criada esta era, este fluxo temporal. Podemos chamar simbolicamente a espiral de desenvolvimento.

Esta é a espiral de desenvolvimento, uma imagem simbólica do fluxo temporal em si mesmo, que mostra um período de desenvolvimento em que tudo se desenvolveu. Falaremos mais dela dentro em breve. Podemos agora colocar um pólo negativo debaixo da espiral e um pólo positivo acima da espiral. Esta espiral de desenvolvimento é o vosso cosmos. É igualmente este planeta.

Ao mesmo tempo que a ascensão em encarnação ocorreu, pode dizer-se que Deus Todo-Poderoso foi ativado. Quando estes Mestres do Sol, Mestres dos Planetas em multiplicidade ascenderam em encarnação a este espaço, pode dizer-se que o Todo-Poderoso se tornou consciente. Compreendeis este pensamento? Ou melhor, podeis senti-lo? Podeis sentir que através deste espaço passa um tremor para que algo se torne consciente do movimento e se forme em multiplicidade para experimentar?

Assim aconteceu isto. Aqui surgiu movimento no espaço. De causa surgiu um efeito. Sim, com a ascensão em encarnação ao espaço surgiu uma causalidade. O Todo-Poderoso, que repousava inconsciente, tornou-se consciente e criou assim algo que chamamos o Eu espiritual superior, a imagem especular, o reflexo de si mesmo em multiplicidade. Cada Eu espiritual superior desse tipo divide-se na dupla esotérica, que por sua vez se sonha para baixo em cada forma de vida através do que chamo o Cavaleiro. O Cavaleiro é, pois, o braço estendido de Deus Todo-Poderoso na matéria.

Pode descrever-se da seguinte maneira. Podemos ver isso que chamo o princípio divino simbolicamente, como um holograma. Sabeis o que é um holograma? Suponhamos então que é uma imagem que mostra quatro dimensões. Tentemos colocar o princípio divino como um holograma num espelho. O holograma tem uma propriedade fantástica: se o dividirmos em multiplicidade, em milhares, em milhares de milhões e novamente milhares de milhões de pequenos pedaços, descobriremos que cada pequeno pedaço que agora se quebra traz uma imagem do seu holograma original. É certamente difusa, mas ainda assim lá está. Quanto mais desses pedaços pudermos encontrar e juntar, mais a imagem cresce.

O primeiro movimento ocorre, ou seja, este princípio divino ascendeu em encarnação. Desta onda podemos então mostrar esta totalidade divina como um holograma. Mas ela é rígida. Tem conhecimento, mas não está consciente do seu conhecimento. Pelo facto de o primeiro movimento ocorrer, a superfície parte-se. O espelho quebra-se, por assim dizer. Quebra-se em pequenos, pequenos pedaços e cada um desses pequenos pedaços manifesta-se no que chamo os Eus espirituais superiores. Estes dividem-se na dupla esotérica, que se sonha para baixo em cada forma de vida através do que chamo o Cavaleiro, de que acabei de falar.

Simbolicamente podeis também ver assim: podemos imaginar como um mar primordial cósmico. Podemos chamá-lo o mar do Ser. Podemos ver que, se o ser humano de alguma maneira pudesse largar uma pedra neste lago intocado, criaria um movimento nesta água parada. O que acontece é que se espalham círculos pela superfície do lago para pouco a

pouco chegarem às suas margens. Vemos também que cada círculo que se move para fora depende do anterior. A primeira causa, aquela que largou a pedra, deu origem à primeira onda e podemos chamar à primeira onda uma era. Agora isolamos a primeira onda aqui e exatamente aqui surgiu um movimento, uma era, que agora é a primeira onda. Se víssemos esta era de cima, veríamos também o primeiro movimento, o olho que tudo vê, o princípio divino, de que tudo surgiu. Do seu corpo vital tudo surgiu. Ele constrói plasma, a forma gasosa, o mineral, o reino vegetal... Podes contar um pouco mais sobre a força primordial? É difícil compreender.

— A força primordial em si mesma... Pois bem, o que existe? O que sustenta esta forma-pensamento? O que é a criança humana na sua essência mais íntima? Energia! Não é verdade? Mas estais presos ao vosso pensamento... Voltamos agora ao princípio, à origem. Aí dissemos que neste espaço vêm ascendendo em encarnação os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas em multiplicidade e com eles, como consequência da ascensão em encarnação, esta força primordial. No princípio era o deserto. Aqui estava vazio e quieto, aqui não havia movimento no espaço. Assim é consciente e inconsciente. Aqui não há movimento. O Nada está ascendido em encarnação. Porque nada existe para encarnar, porque o princípio ainda não começou. A espiral, a cadeia de desenvolvimento, os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas ainda não vieram à luz. Podemos muito bem chamar a isto o «Nada» em si mesmo. Vedes? Assim surgiu um tremor no Nada. Este tremor do Nada deve-se a quê?

— Um movimento?

— Um movimento. Mas o movimento deve-se a quê?

Um pensamento?

— Queridos filhos. O movimento é o pensamento. É um reflexo do Nada. O Nada cria o pólo, a dualidade. O reflexo cria consciência. Esta consciência podemos defini-la com a força. É a célula última. Pode dizer-se que o átomo último foi criado para consciência aí, que por sua vez se formou e procurando o seu caminho até à origem da criação, nomeadamente até ao Nada. Compreendeis-me? Compreendeis este

pensamento? Não! Mas ainda assim perguntais por ele! O que é a força primordial? Para compreender o que é a força primordial, tendes também de estar conscientes de que os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas são apenas centelhas da mesma força. Da mesma força primordial que por sua vez se individualizou à sua maneira através da dualidade, que é eterna. Compreendeis-me? Não, queridos filhos. Naturalmente que não...

Leva algum tempo para nós compreendermos...

— Vale a pena continuar? Pergunto-vos: podemos continuar? Sois vós que através das vossas perguntas criais as respostas... Assim. O Nada é o princípio. O Nada é o mar do Ser e o mar do Ser não tem ondulação.

— Não está correto, Ambres!

— Pois bem, olhai aqui. O mar do Ser não tem consciência, é a ondulação que cria a consciência. Compreendeis-me? Aqui desenho o mar do Ser. O que acontece agora?

A primeira ondulação, queres dizer? Vem como uma onda de espuma que criou consciência. A primeira ondulação cria consciência, o Nada e o reflexo do Nada.

Pois bem. No mar do Ser sem ondulação não há consciência! Tudo está quieto em si mesmo. O mar do Ser é a força primordial, a Consciência Una. Essa Consciência Primordial não tem pensamento até que a ondulação surja na sua superfície, porque é o reflexo do Nada que dá origem à consciência. Assim, esta consciência é a origem da criação, esta consciência cria e renova-se a si mesma, realiza-se a si mesma. Tudo o que é consciência quer realizar-se a si mesmo e através da sua realização de si mesmo procura a sua origem, porque tudo o que é consciente perde a experiência da origem. Procura constantemente voltar a ela e formou-se em milhões e novamente milhões, milhares de milhões de formas de experiência procurando voltar à sua origem.

Assim. No princípio era o vazio e o deserto. Deus Todo-Poderoso repousava consciente mas inconsciente. Não havia movimento no espaço mas uma espera. De algum lugar uma cadeia evolutiva atingiu o seu auge e até este espaço vital, este plano, vêm ascendendo em encarnação os

Mestres do Sol e os Mestres dos Planetas em multiplicidade. Juntamente com eles, como consequência da ascensão em encarnação, vem este éter, este uréter, esta força de que estes Mestres formaram o seu habitáculo com o seu pensamento. Aí talvez tenhamos este «estoiro» de que falais! Com estes seres, juntamente com eles vem ascendendo em encarnação a força e o que é então a força? A consciência! A consciência! O Todo-Poderoso repousava consciente e inconsciente, mas o que faz a consciência? O movimento, a ondulação de que falámos.

Foi uma grande explosão?

Suponhamos agora que isto é um desenvolvimento. Vemos aqui a espiral de desenvolvimento. Isto é gravitação. É tempo e energia. Pois bem. No princípio a gravitação está assim comprimida, o fluxo temporal está comprimido. Com o seu pensamento formam o seu habitáculo para a forma plástica, onde pouco a pouco a condensam. Se olhardes por exemplo no vosso cosmos. Suponhamos agora que vos encontrais aqui em algum lugar. Olhais à vossa volta, vedes a vossa Via Láctea. O que vedes então? O vosso passado antigo! A vossa origem. A que se parece a vossa origem? Podeis ver esta espiral aqui desaparecer para baixo... Um buraco...

Pois bem. Podemos chamar a isto o «buraco branco», onde assim os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas ascenderam em encarnação através dele, onde nenhum Átomo Primordial em si mesmo se encontrava para explodir e dar origem ao devir de todas as coisas, mas onde havia um pensamento, um plano. Aqui não há Big Bang, como lhe chamais! Aqui há um plano de desenvolvimento, mas nada explodiu, antes pelo contrário. Ascendeu em encarnação e foi criado com um pensamento.

Se olhardes à vossa volta neste universo por exemplo, aqui não há coisas mortas. Aqui há seres vivos e igualmente este universo é finito, mas ao mesmo tempo é infinito. Se alguém disser que o cosmos é vazio e deserto, quero afirmar que está cheio de plenitude! Comparei-o a um pudim de passas. Se dissermos que isto é o cosmos e eu bater com as mãos nessa ponta, essa frequência propaga-se até à outra extremidade e volta novamente. Quando surge um som, ecoa de um lado para o outro e

volta. É uma constante influência de forças, de valores de radiação que não experimentais com os vossos instrumentos de medição, a vossa tecnologia. Mas o habitáculo, o vosso corpo, reage a ela.

Aqui vêm, pois, os Mestres dos Planetas, os Mestres do Sol em multiplicidade ascendidos em encarnação num caos aparente, mas aqui há um plano neste caos. Temos este uréter que vem ascendendo em encarnação com uma força imensa a este espaço: a água etérica, que assim é o tijolo de construção último do universo. A água está tanto no ar como na terra e no fogo em si mesmo. A água tem um duplo significado etérico, porque a água etérica não é o mesmo que a água viva de que falais. A água é o elemento fundamental de que tudo foi criado, porque contém todos os elementos fundamentais como num embrião. Compreendeis-me?

Mencionei numa ocasião quando a criança humana perguntou pelos quatro elementos fundamentais e ela disse desta maneira: «É fogo, ar, terra e água.» Está correto, não está? Então digo desta maneira, amados filhos, podemos tirar a terra, o que mais tirámos? Tirámos o fogo, tirámos o ar e depois só ficou a água. Na vossa Sagrada Escritura, na história da criação se pudermos voltar a ela, vedes aí como Deus Todo-Poderoso igualmente separa água de água. Então temos de distinguir água de água. Podemos imaginar que a água tem uma contrapartida em forma etérica?

Pois bem! Podemos imaginar a água como radiação? Pois bem. Podemos imaginar esta água como diferentes essências de radiação? Sim, é isso! A água etérica podemos dizer que é o útero do universo de que tudo foi criado, manifestado. Assim é pois o etérico, a água esotérica que é o elemento fundamental de todo o criar. Tanto para o imaterial, o microcosmo, como para o material, o macrocosmo.

Com o pensamento foi criado este cosmos. Assim, em cada era, em cada período de desenvolvimento, existe uma sequência de acontecimentos em que um ser altamente etérico se forma durante um espaço de tempo inimaginável. Digo um ser altamente etérico. Pode chamar-se o Todo-Poderoso original, que se forma até ao mais pequeno.

Assim forma-se na sua caminhada e cria a forma plástica, a forma gasosa e a forma do mineral, os reinos vegetais, os reinos animais e o ser humano em devir.

No topo da espiral, existem seres que não reconheceríamos se os víssemos? Já estão criados?

Amados filhos. Eles aí estão desta maneira, mas em forma de degraus. Se dissermos que vós experimentais o tempo zero aí, eles talvez experimentem zero mais cem. Compreendeis-me? É uma escala ascendente. Está constantemente à vossa frente no fluxo temporal. De qualquer modo estão à nossa frente?

— Pois bem, estão, porque são eles que criam com o seu pensamento, amados filhos. Exactamente da mesma maneira que tu crias com o teu pensamento.

Já disse há pouco que na ascensão em encarnação ao espaço surgiu uma causalidade. O Todo-Poderoso, que repousava inconsciente, tornou-se consciente e criou o Eu espiritual superior, a imagem especular, o reflexo de si mesmo em multiplicidade. O Eu espiritual superior divide-se na dupla esotérica que se manifesta na matéria através do Cavaleiro. O Cavaleiro é um reflexo, o braço estendido da dupla esotérica até à matéria. O Cavaleiro é a vossa verdadeira identidade, a parte encarnada no ser humano.

O Eu espiritual superior projeta, pois, os Cavaleiros para a matéria numa dualidade. Pode dizer-se uma forma plus e uma forma minus. Assim encarnaram até à matéria, às esferas das experiências para recolha de imagens de experiência. Estes dois Cavaleiros juntamente com o Eu espiritual superior representam, pois, o que podemos chamar um espírito de Cristo.

O Eu espiritual superior tem uma dupla tarefa: tem dois Cavaleiros a cuidar, também chamados duais. Estes dois Cavaleiros representam, pois, uma dualidade, um Um dividido, uma unidade que faz parte como um espírito de Cristo no Eu espiritual superior. É uma dualidade, porque já disse isto: o Eu espiritual superior projeta até à matéria dois Cavaleiros.

Um como homem. O outro como mulher. Pode dizer-se uma forma plus e uma forma minus, porque há sempre duas forças portadoras na natureza. Sempre, sempre uma forma construtiva e uma destrutiva. Segue uma legalidade que os Cavaleiros encarnem alternadamente.

Neste planeta está, pois, ascendido em encarnação de outra cadeia evolutiva, de outra era, até este espaço um espírito de Cristo que com o seu pensamento criou esse habitáculo. Vós sois partes da forma desse espírito de Cristo. Notai bem que não é Deus Todo-Poderoso que cria o planeta, mas pode dizer-se que são os Eus espirituais superiores e os seus dois Cavaleiros, duais, em consciência, que recolhem o fluxo etérico para esse habitáculo, o planeta.

Os Cavaleiros encarnam ciclicamente e nas suas primeiras encarnações descem primeiro à forma plástica, depois à forma gasosa e à forma do mineral, onde a forma pela primeira vez na linha do equador da espiral mudou de antimatéria para matéria. Pouco a pouco encarnam nos reinos vegetais e animais. O Cavaleiro encarna finalmente na carne, na criança humana. Toma três sedes em possessão na sua encarnação no ser humano. Assim em cada ser humano está encarnada uma trindade. Em parte, no plexo solar, em parte no vosso chakra do coração e em parte no vosso chakra da testa. Mas antes disso o Cavaleiro obteve um conhecimento incompreensível que transformou continuamente. É como pequenos rios que saíram de um mar primordial e agora fluem constantemente informações de volta ao holograma original e os pedaços procuram o seu caminho de volta. Cada um desses pequenos pedaços recolhe experiências.

Os Cavaleiros encontram-se em desenvolvimento durante todo este processo, durante toda esta era de desenvolvimento. Pouco a pouco, na vossa cadeia de desenvolvimento, estas polaridades, estes duais, aproximar-se-ão cada vez mais um do outro para pouco a pouco voltarem a fundir-se numa unidade. Depois encarnam como uma unidade em forma de vida superior. Assim desenvolveis o vosso eu interior, o Cavaleiro, encarnação após encarnação e aproximais-vos do dual, após o que vos fundis com o vosso Eu espiritual superior como espírito de Cristo.

Esta era aproxima-se do seu fim. Quando esta cadeia evolutiva atingir o seu auge, para onde vai então este espírito de Cristo? Isto é mais difícil do que alguém imagina! Os Eus espirituais superiores nestes dois Cavaleiros são deuses em devir e voltarão novamente a ascender em encarnação como Mestres do Sol, Mestres dos Planetas em multiplicidade para um novo espaço vital. Estes dois Cavaleiros, estes duais, fundem-se assim no Eu espiritual superior e um espírito de Cristo vem à luz. Depois encarnais num novo espaço vital e então estais novamente no início, onde Deus Todo-Poderoso repousa consciente e inconsciente. Exatamente o mesmo que antes, mas agora numa outra frequência. Estes dois Cavaleiros fundem-se numa unidade. Compreendeis-me? Isto é então um dual, uma fusão num eu. Este é um estado superior. Após novamente uma quantidade de encarnações, aproximam-se cada vez mais do seu Eu espiritual superior, para depois com um número infinito de períodos de encarnação como o seu dual, igualmente regressar ao Eu espiritual superior. Os Cavaleiros fundir-se-ão então com o Eu Espiritual Superior numa unidade. Mas não é o ponto final, pois então começa uma escada de encarnação superior.

Aproximamo-nos agora do pólo norte da espiral de desenvolvimento. Então também os Mestres do Sol voltarão a encarnar mais adiante e igualmente a criança humana que agora estava em devir tornou-se ser humano e como ser humano aprendeu a conhecer o seu Cavaleiro. Depois fundem-se estes dois Cavaleiros, estes duais, e ao Eu espiritual superior e um espírito de Cristo vem à luz. Os Cavaleiros são novamente lançados com este uréter que se reformou novamente nesta força.

Após o que vós, notai bem, digo vós, sois lançados num novo universo mas então como o dual completo. Compreendeis-me? Estes dois Cavaleiros juntamente com o Eu espiritual superior são pois um espírito de Cristo que é novamente lançado num novo universo como tijolos de construção deste. Compreendeis? Os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas encarnam agora num novo espaço, como tijolos de construção de um novo universo. É um constante ciclo no cosmos. É uma criação constante. Falaremos mais sobre isto mais tarde.

Porque aconteceu a criação em primeiro lugar quando tudo volta a si mesmo, ao ponto de onde começou?

Queridos filhos! Porque fomos criados? Então temos de voltar ao axioma de que falei, que não podemos questionar. Esse pensamento nada pode impedir e esse pensamento ninguém pode suportar e «porque» ninguém pode responder! Mas em primeiro lugar podemos dizer desta maneira: para criar uma forma viva. Queridos filhos! Sei que isto faz com que entreis em caos dentro de vós, que penseis: «O que quer ele dizer? É isto possível?» E digo-vos: pois bem, é possível. É assim.

### Os deuses

Assim continuaremos a ver a criação. Quando a consciência se formou, forma-se em sétuplo. Cada um desses podemos chamar um deus. Assim a consciência formou-se no sétuplo e cada parte encerra uma imagem cósmica. São a criação de Deus Todo-Poderoso. São a imagem de Deus Todo-Poderoso. Cada um tem a sua tarefa. Deveriam ajudar na construção do cosmos. Regem esta era, este fluxo temporal, este período de desenvolvimento, mas Deus Todo-Poderoso impregna-os. Cada deus tem em parte a sua tarefa dentro deste plano na espiral de desenvolvimento, no fluxo temporal, em parte tem supervisão sobre cada era parcial. Cada era parcial tem o seu deus e este é o sagrado sétuplo em si mesmo, constantemente recorrente. Cada um recebeu uma tarefa na criação. Receberam poder ilimitado para poder criar, formar e desenvolver. Criaram muitos subdeuses. Estes sete deuses receberam a tarefa de criar a matéria primordial a partir do prana e transformá-la nas diferentes fases de desenvolvimento. Podemos dividir estes deuses e perguntar: que tarefas receberam? Receberam poder sobre: plasma, forma gasosa, mineral, reino vegetal, reino animal e ser humano.

A primeira divindade que foi criada recebeu como sua parte recolher este Prana Primordial para o que se chama plasma. A segunda é a forma gasosa. O terceiro deus recebeu como sua parte o mineral, o surgimento do mineral. O quarto recebeu o reino vegetal. O quinto recebeu o reino animal. O sexto deus, o único que realmente é conhecido pelo nome, chama-se Jehova ou Jahve. O sexto deus recebeu o ser humano como sua

parte. E o sétimo deus? Para onde foi? Não recebeu nenhuma tarefa? Sim, recebeu uma tarefa. Seguiu a criação como uma sombra. Nela está cada parte da criação e quando o ser humano foi formado, encarnou pela primeira vez na carne. Uma pequena centelha. Estes sete deuses realizam a sua consciência plano após plano. Transformam a sua força até à matéria. Transformam a sua força até ao planeta e o planeta é uma consciência, um espírito muito elevado que ascendeu em encarnação de uma cadeia evolutiva anterior e que cria o seu habitáculo com o seu pensamento. Em pergunta anterior dissemos que é um espírito servidor que fornece os meios de expressão como um servo para continuar a desenvolver-se.

Podemos graduar estes deuses com diferentes nomes, com muitas transmissões diferentes à matéria durante milénios. Isto chama-se doutrina secreta por razões que não podemos compreender, porque nada é secreto, nada é místico em si mesmo. Deus Todo-Poderoso e os sete deuses não podem ser nomeados. Ainda assim foi-lhes dado um nome comum no esoterismo. Deram-lhes o nome Eloim ou Elohim. O único que é conhecido, realmente conhecido, é o sexto deus que recebeu poder sobre o ser humano. O sexto deus é algo que deu o seu nome a esoterismos antigos e chamavam-no Jahve. Se disser «ele» sobre Jahve fica errado. É uma força.

Os sete deuses são deuses no plural, ou o Senhor, Senhores, no plural, como está na vossa Sagrada Escritura.

É o mesmo que Elohim?

— Pode ver-se assim. Pois bem. Moisés perguntou junto ao arbusto ardente: «Como posso chamar o Senhor?» O Senhor respondeu: «Eu sou.» Nas escrituras era Eloim.

— Era o ser divino manifestado?

— Eram personificados. Digo então que o Senhor era personificado. Falamos de deuses no plural. Vejo que o Antigo Testamento tem um significado completamente diferente para as crianças humanas. O Senhor não é o mesmo que quando falo de Deus Todo-Poderoso! Isto está na

vossa Sagrada Escritura, na história da criação! Detalhe por detalhe. Detalhe por detalhe!

Se olharmos mais adiante no livro de Moisés, podemos aí ver como o deus se manifesta na matéria em forma física, não é verdade? Deus manifesta-se em parte para Moisés, para Abraão e muitos, muitos mais. Isto é, pois, do sexto reflexo, o deus Jahve. Quando Moisés caminhava no deserto e subiu o monte Sinai tinha Aarão consigo. Encontraram o Senhor e tomaram uma refeição com o Senhor. Igualmente Abraão, que encontrou o Senhor com os seus dois companheiros antes de Sodoma e Gomorra. Compreendeis-me aí?

Se avançarmos nestes livros de Moisés, vereis o Senhor muitas vezes regressar como o condenador e julgador. Tendes de ler a vossa Sagrada Escritura! Quando falais do Senhor, Deus, na vossa Sagrada Escritura vedes aí que ele é o deus julgador e condenador. Não é o Deus amoroso de que falamos, aquele que está por trás da origem do processo de criação. O deus de que falo é a força primordial de que tudo surgiu, manifestada em cada criança humana. Não é nem bom nem mau. É como uma criança. É amor! Não procura igrejas nem comunidades. Não cria sistemas de raízes para se combater a si mesmo. Porque Deus é um! Mas é dualista! É um deus masculino e feminino! É Mãe Deus e Pai Deus, Deus Todo-Poderoso e o Senhor, os sete deuses, são duas criações distintas!

Então alguém pergunta-se: não existe então ninguém acima deste Jahve? Existe o sétimo deus? Pois bem, existe, mas a criança humana não o percebe. Pode dizer-se que o sétimo deus é o próprio espírito na criação neste plano vital. O sétimo deus só recebeu a tarefa de seguir toda a criação. Absorver cada pequeno detalhe no seu ser. Foi da primeira forma de plasma até ao ser humano. Seguiu toda a criação e tem experiências de cada aspeto: do reino animal, reino vegetal, reino humano.

Sim, de toda a criação transporta as experiências consigo como um conhecimento fantástico. O sétimo deus, que seguiu toda a fase de desenvolvimento, encheu o ser humano com todo o conhecimento desde o início da criação. Em cada ser humano está encarnado na câmara

esquerda do coração e é aquele a que chamo o Cavaleiro. É aquele que encarna, é aquele que transporta o carma, é aquele que procura o conhecimento e algo mais; conseguir um dia inspirar o seu portador a começar a procurar para dentro e ver o que transporta.

Dizemos, pois, que estes sete deuses têm cada um o seu território especial. Sob estes deuses estão subordinados. Notai bem que são criados pelo pensamento dos deuses, igualmente como a criança humana é criada pelo pensamento do planeta. Estes sete deuses formam uma construção hierárquica. Sob cada deus foram criados subordinados, o que chamais anjos, que também chamais filhos de deus.

Assim podemos então perguntar-nos: o que são então os filhos de deus? O Senhor criou os filhos de deus. Amados filhos, são os anjos. São seres vivos? Permiti-me então perguntar-vos mais: são um pensamento? São um pensamento, pois bem! Os filhos de deus, não gosto desta palavra, prefiro chamá-los os guardiões, os filhos de deus têm também subordinados, os Querubins por exemplo, os Querubins são seres. São criaturas demoníacas segundo a maneira de ver da criança humana. Estas criaturas demoníacas não pertencem a este planeta, os filhos de deus eram subordinados aos deuses e igualmente eram os ajudantes dos deuses.

A história da criação é uma história sobre como o ser divino nasce, exatamente como o ser humano?

— Exato! É assim!! Mas revelou-se que o ser humano, na sua caça ao conhecimento, olhou para longe de si mesmo. Por isso voltamos mais ao início para falar do planeta, da criação do planeta e igualmente da criação da criança humana.

A espiral de desenvolvimento

Assim descrevemos a criação e dizemos que no princípio era o vazio e o deserto. Deus Todo-Poderoso repousava consciente, mas inconsciente. De outra cadeia evolutiva que atingiu o seu auge, vêm ascendendo em encarnação a este espaço os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas em multiplicidade. Juntamente com eles esta força de que

criaram o seu habitáculo, nomeadamente o planeta, com o seu pensamento.

Os Mestres vêm ascendendo em encarnação no pólo sul da espiral e depois formam desse uréter o seu habitáculo. Os Mestres encarnaram até este espaço e iniciaram este processo e antes dos mestres encarnarem, existia acima alguém que impregnara este espaço. Pouco a pouco à medida que passam por esta era, formam com o seu pensamento o habitáculo, o planeta, para a forma plástica, forma gasosa, forma do mineral, e pouco a pouco para os reinos vegetais, reinos animais e ser humano em devir.

Olhamos novamente para a espiral de desenvolvimento. Esta é a espiral de desenvolvimento. Quero apenas mostrar como ela aparece segundo o princípio esotérico. A espiral de desenvolvimento é o fluxo temporal em si mesmo. Pode dizer-se que é um período de desenvolvimento em que tudo se desenvolveu. Vedes? O que é? É uma bolha? Amados filhos, podemos chamá-la espaço. Podemos dizer que este é o início, porque as crianças humanas não podem compreender a infinitude. Quando dizemos, pois, que este cosmos em que vos encontrais é finito mas ao mesmo tempo infinito, é uma paradoxo, mas ainda assim é assim. Começamos pelo finito. Falamos, pois, de um espaço que é finito. Temos de o limitar, porque nenhuma criança humana pode compreender a infinitude.

Queridos filhos, este é o vosso espaço conhecido. Esta espiral de desenvolvimento é o vosso cosmos. Este desenvolvimento é o que chamais a vossa Via Láctea. É igualmente este planeta. O vosso planeta faz parte de um fluxo temporal que está entretecido num ainda maior, que por sua vez é uma parte da galáxia e do espaço impregnado. Se entrarmos no núcleo atómico vemos novamente os Mestres do Sol e os Mestres dos Planetas, simbolicamente, e experimentamos o macrocosmo no microcosmo.

Assim esta é toda a vossa criação! Este é o espaço. Sois vós e todo o vosso cosmos. É o Todo-Poderoso, é o fluxo temporal, gravitação e luz. Tudo isto é o espaço. É o espaço vital, um universo que experimentais.

Nesta espiral podemos implantar o que quisermos! Pertenceu ao desenvolvimento da criança humana, ao desenvolvimento da hierarquia planetária e ao desenvolvimento do universo. Esta é toda a espiral de desenvolvimento, que é recorrente no devir de todas as coisas. Mas assim este é também gravitação. É fluxo de tempo e é luz.

Vejamos agora esta espiral. Uma espiral de desenvolvimento chamamos uma era e cada volta nela é uma era parcial. Igualmente desenhámos a espiral de desenvolvimento assim, que como uma espiral ascendente está apertada na base e assim alarga-se no seu meio e depois reúne-se no seu topo. No seu meio temos aí uma linha do equador. Esta espiral é dupla e tem catorze ciclos, rondas. Depois pode dizer-se que este é o início da cadeia de desenvolvimento, onde a consciência se formou em sétuplo.

Se virmos mais adiante esta espiral, este desenvolvimento. Da base, o seu pólo sul até ao seu pólo norte representa pois uma era. Assim introduzimos aqui um meridiano do pólo norte ao pólo sul. Do meridiano e à volta nesta ascensão de desenvolvimento, de meridiano a meridiano temos uma era parcial. Assim da base até à linha do equador são sete eras parciais e igualmente da linha do equador até à sua descida são igualmente sete eras parciais, mas estão duplicadas em si mesmas. Aqui são catorze mais catorze, no total vinte e oito eras parciais, mas vós experimentais apenas a física na forma. Chegaremos a isso.

Se virmos agora no seu fundo vereis que duas linhas se seguem. Aqui temos a primeira volta, a segunda, a terceira, quarta, quinta, sexta e temos a sétima. Temos duas sequências de linhas. Tendes uma linha que é uma precursora. Estes são os sete campos, se vísseis isto, descobriríeis que entre estes estão sete estados constantemente na ascensão em encarnação, mas onde cada estado está um pouco à frente do outro. Primeiro vem o primeiro estado até aqui e segue a linha de desenvolvimento. Depois vem o segundo estado, o terceiro, quarto, quinto, sexto e o sétimo.

Temos, pois, a primeira era parcial, a forma plástica. Temos a segunda, o estado intermédio entre a plástica e o gás. Temos a terceira, a

forma gasosa. Temos a quarta, o intermédio entre gás e forma do mineral. Temos a sexta, a forma do mineral. Onde a colocamos? Colocamo-la aí e agora atingimos a linha do equador da espiral. Aí começa o desenvolvimento do que chamais as primeiras formas de vida conhecidas. Assim temos aqui a sexta era parcial mas a sexta e a sétima não estão em forma física, não manifestadas.

Cada era parcial está dividida em sétuplo. Primeiro é criada depois é formada, manifestada na matéria. É criado e formado, criado e formado, cada vez mais perto da forma de experiência física. Pode dizer-se que o tempo todo se prepara um protótipo. É mecânico à sua maneira, mas em grau altíssimo vivo. Pode dizer-se que os deuses formam e experimentam o caminho. Como alguém mencionou, primeiro faz-se um protótipo, que por sua vez é usado para o seguinte e aí novamente se experimenta e experimenta até termos o estado que experimentais agora neste tempo.

Uma era completa consiste pois em catorze eras parciais. O que é então isto realmente? Pode dizer-se que é um caminho de desenvolvimento e um período de desenvolvimento em que tudo se desenvolveu. Isto contém a forma plástica, contém a forma gasosa, o surgimento do mineral, o surgimento do reino vegetal, o surgimento do reino animal e as primeiras crianças humanas no seu devir. Uma era completa não pode medir-se em tempo. Também não se pode medir uma era parcial em tempo. É um fluxo temporal.

A vossa contagem cronológica de tempo depende de uma caminhada à volta do sol, da mãe, e da mudança das estações também. A vossa contagem cronológica de tempo é algo completamente diferente deste fluxo temporal. O que é o tempo? O tempo é fluxo. O tempo é gravitação. O tempo é luz. Esta espiral chamámos igualmente o fluxo temporal, gravitação e luz. É na verdade o mesmo.

Irrita-me imenso ouvir repetidamente que se tenta medir a duração de uma era parcial segundo a vossa contagem cronológica de tempo, porque cada uma dessas eras parciais encontra-se em campos gravitacionais completamente diferentes e veremos isso dentro em pouco. Mas voltemos agora.

Os Mestres vêm pois ascendendo em encarnação no pólo sul e depois formam desta uréter o seu habitáculo, nomeadamente o planeta. São eles que criam com o seu pensamento, amados filhos. Exatamente da mesma maneira que vós criais com o vosso pensamento. Temos a criança humana e o fluxo temporal que flui através dela e aqui tendes o futuro. É exatamente o mesmo que na espiral de desenvolvimento. Aqui tendes os acontecimentos do passado e com estes acontecimentos no vosso passado criais os acontecimentos vindouros no vosso futuro.

Aqui em baixo no início do cosmos temos a forma plástica. Assim. Da base até à linha do equador da espiral foi criado o habitáculo, nomeadamente o planeta, como forma plástica. Depois segue-se a forma gasosa. Ou seja, onde o cosmos, por assim dizer, se contrai. Na linha do equador da espiral aí formou o habitáculo, o planeta, no vosso mineral conhecido. Na linha do equador o habitáculo, o planeta está completamente criado, nomeadamente na forma do mineral. Aqui em cima temos então a forma do mineral, onde planetas, sistemas solares começaram a desenvolver-se. Planetas, este planeta por exemplo, começaram a ganhar a sua forma e os reinos vegetais começam a despontar.

Se olhássemos aqui em baixo no seu fundo, o fluxo temporal é rápido, comprimido, e a gravitação é muito forte. As eras parciais são curtas. Quanto mais nos aproximamos da linha do equador da espiral, mais longas se tornam. Aqui em cima na linha do equador a gravitação é muito, muito fraca e o fluxo temporal é lento, muito lento, para depois voltar a acelerar em direção ao seu pólo norte. Pouco a pouco à medida que subimos em direção à linha do equador, e ao local de nascimento do átomo físico, cria-se a forma do mineral. Sob a linha do equador está o quê? Está a preparação para a criação! O local de nascimento do átomo físico é, pois, a linha do equador. Sim! Aí está. Mas antes disso, o que é então? Os elementos de construção do que chamais a vossa matéria física. Mas assim esses elementos de construção chamais com outra palavra: antimatéria. Aqui em baixo no fundo da espiral também é matéria, mas podemos chamá-la antimatéria.

— Abaixo da linha do equador da espiral, na própria saída no fundo, a gravitação é forte, mas temos um movimento que vai de dentro para fora. Um movimento expansivo. Durante esse período a energia encontra-se em forma plástica e gasosa?

— Está correto.

Planeou-se este universo no início e aquilo que deve fazer parte do lado materialista, o lado da matéria, prepara-se durante este período. O espaço expande-se a partir do ponto de saída lá em baixo. Quando chegamos ao maior volume do espaço a energia vira-se?

— Pois bem. Está correto.

— Temos um movimento de contração.

— Uma expiração, uma inspiração.

— A inspiração começa na linha do equador da espiral?

— Pois bem.

— Então expliquei isto corretamente?

— Pois bem, explicaste. Na linha do equador a espiral atingiu um auge. Expandiu-se para agora contrair-se. Ou seja, o universo fluiu para fora, para pouco a pouco voltar a contrair-se. Esta é uma expiração e depois uma inspiração, «o dia e a noite de Brama» ou como quiserdes ver. A partir desse ponto começa novamente a aceleração para uma fase final.

Após espaços de tempo infinitos surgem o reino vegetal, os reinos animais e aqui em cima está a criança humana em devir. A gravitação torna-se novamente mais forte e assim o fluxo temporal corre cada vez mais rápido quanto mais alto subimos. Aqui em cima a gravitação começa novamente a ser muito, muito forte.

Podeis ver que a forma plástica, o gás, o mineral, os reinos vegetal e animal ocupam uma parte muito grande do desenvolvimento. O surgimento do ser humano existe apenas como uma pequena, pequena parte na sua ponta. Notai bem que os Cavaleiros já encarnaram até à

forma gasosa, plasma e mineral. Os reinos vegetais os Cavaleiros encarnaram assim neles, mas não neles. Os Cavaleiros encarnam até um grupo de plantas.

Igualmente com os reinos animais. Encarnaram nos reinos animais, num grupo de animais mas não na carne. Pouco a pouco encarnam na criança humana em devir e toda esta esfera de experiência passa depois para a criança humana em devir. Pela primeira vez o Cavaleiro encarna numa carne, no ser humano. Ou seja, toma o seu lugar no vosso corpo e aí recolhe experiências e vivências diretas através do ser humano.

Com a entrada dos reinos vegetais desenvolve-se uma vegetação como a criança humana nunca viu igual. A gravitação é fraca, o fluxo temporal corre lentamente e assim com uma gravitação fraca, a vegetação torna-se correspondente. Os reinos vegetais eram de tal tamanho que se estivésseis nesse tempo não aguentaríeis a gravitação em que se encontravam. Com a entrada dos reinos animais surgiram animais tais que vos horrorizaríeis perante o seu tamanho, porque também aqui a gravitação era fraca e igualmente se desenvolveram em forma correspondente. Igualmente a criança humana em devir.

Quando falamos de criança humana, deveis estar conscientes de que em eras parciais anteriores à vossa o ser humano encontrava-se noutra fase de desenvolvimento em diferentes estádios de desenvolvimento e da mesma maneira aí, como os reinos animais, tinham uma forma de gigantes. Tinham pois um comprimento que excede muito, muito o comprimento do corpo físico que tendes neste tempo. A criança humana em devir, também eles eram na forma como gigantes. A gravitação era fraca e neste fluxo temporal o organismo desenvolveu-se lentamente devido a esta gravitação. Assim experimentaram eras de setecentos anos, novecentos anos e assim por diante. Na vossa Sagrada Escritura está também descrito como as crianças humanas viviam seiscentos anos. Setecentos anos. Novecentos anos. Isto tem a ver com o fluxo temporal.

A criança humana na sua primeira criação, quando passastes do reino animal para criança humana em devir, o corpo era de animal mas o seu assento subconsciente estava agora ativado. Tinha um mundo dos

sentidos completo, visão, paladar, tato, audição e olfato. Já dissemos antes que na vossa mitologia estava também descrito que houve um tempo em que as crianças humanas podiam falar a língua dos animais, por exemplo. Podíeis compreender as plantas e igualmente até o planeta. Experimentavam-no como um organismo vivo.

Distingamos entre «ser humano em devir» e «ser humano», onde dizemos que criança humana em devir é quando caminhais de corpo animal para corpo humano. O que queremos dizer então com corpo humano e corpo animal? Podemos perguntar-nos: o que é um animal? O animal tem a mesma consciência? Não, não tem. O ser humano separou-se dos reinos animais. Assim não tem a mesma consciência, mas ganhou algo diferente. Ganhou uma compreensão do eu exterior, mas ao mesmo tempo que ganhou uma compreensão do eu exterior, perdeu a sua intuição. Podeis compreender este pensamento? Perdeu o contacto direto com o planeta e igualmente com tudo o que vive, irmandade com os reinos animais, reinos vegetais, o mineral. Perdeu a perfeição no crescimento e a consciência de que o organismo é um portador de consciência interior.

Ainda hoje está em curso que alguém está a passar do estádio animal para criança humana em devir? Está?

— Pois bem, está. Constantemente. Constantemente.

— De que animais se passa então?

De animais altamente desenvolvidos que estão próximos do ser humano. No início o Cavaleiro encarnou nos reinos vegetais e animais e depois na criança humana em devir, na criança humana pela primeira vez encarnada na carne. Nos reinos vegetais encarnou num grupo de plantas. Pouco a pouco o Cavaleiro desce encarnação após encarnação e o grupo diminui e diminui. A planta torna-se cada vez mais elevada dentro dos reinos vegetais. Depois passa para os reinos animais, para as formas inferiores aí. Assim encarna até um grande grupo de animais. Encarnação após encarnação este grupo diminui e depois os animais tornam-se cada vez mais individualizados. Compreendeis-me? Depois o Cavaleiro passa

para criança humana em devir. Compreendeis-me? Os animais de que falo são os que estão próximos da criança humana.

— Não é assim que o ser humano ainda permanece na energia animal, no reino dos animais. Que ainda temos muito caminho...

Naturalmente. Chamo-lhes «crianças humanas em devir». Mas continuemos nisto. Da mesma maneira que os reinos animais, digamos milhões de anos atrás, se encontravam numa gravitação fraca, mostravam uma forma de tamanho que não sobreviveríeis se estivésseis na sua gravitação, na sua era parcial. Disse que os primeiros seres humanos neste planeta desenvolveram-se na sua aparência extremamente gigantesca e isto podeis voltar à vossa Sagrada Escritura e encontrar. As primeiras crianças humanas não eram como as vedes. Se voltardes à história da criação vereis também aí que há restos de uma era parcial anterior. Compreendeis-me? Assim gigantes caminhavam neste planeta, também os ciclopes andavam por aí. Pode dizer-se os primeiros protótipos do ser humano. A criança humana em devir na sua forma atual criada depois dos ciclopes e depois dos gigantes. Compreendeis-me? Porque estes são restos de eras parciais anteriores, precursores da criança humana. Confundi-vos o suficiente?

Se agora a criança humana afirmar isto, que sois o único estádio de desenvolvimento no habitáculo que o planeta criou para o desenvolvimento do Cavaleiro, então isto está errado. O planeta passou por várias eras parciais diferentes anteriormente e a criança humana na forma foi criada para a encarnação do Cavaleiro no lótus do coração. A forma variou e na vossa Sagrada Escritura há, pois, vestígios disto. Durante todo o vosso período de criação, desde quando o ser humano apareceu pela primeira vez na matéria, tivemos protótipos. Naturalmente, e a criança humana ainda se desenvolve. Dizemos então que a criança humana esteve neste planeta vez após vez, mas o organismo foi diferente dependendo de onde no fluxo temporal se encontrava. Se a gravitação foi forte e o fluxo temporal foi lento, desenvolveu-se um organismo como nunca experimentastes.

O ser humano vai desenvolver-se ainda mais pouco a pouco à medida que caminhais mais adiante no fluxo temporal e quando entrardes numa nova era. Presentemente estais no ponto de viragem dela. O que quero que vejais nessa parte, na última subfase lá em cima, é o desenvolvimento do ser humano. Veremos também que a gravitação tem um papel decisivo. O ser humano não regrediu, nem pode regressar a estados anteriores, mas está fixado exatamente à continuidade espacial onde se encontra agora. Para cada entrada de uma era parcial, e igualmente para a entrada dos reinos vegetais, reinos animais e da criança humana, as formas mudaram em relação à gravitação.

A criança humana esteve, pois, na forma neste planeta vez após vez, mas pode dizer-se que o habitáculo mudou. Como disse antes, na vossa Sagrada Escritura há também vestígios de um tempo em que os gigantes estavam neste planeta e os ciclopes andavam por aí. Estes extinguiram-se pouco a pouco, porque não aguentavam a gravitação mais forte de cada entrada de era parcial. É o que acontece neste momento e neste dia quando vemos que uma nova era faz a sua entrada.

A gravitação, a frequência muda. Encontrais-vos agora na entrada de uma nova era e também mudareis na forma mas não nesta encarnação, mas nas vindouras. Igualmente há vestígios de culturas anteriores desta maneira, que no fim de cada era a vossa tecnologia atingiu um estádio elevado e igualmente as próprias crianças humanas, não Deus Todo-Poderoso mas as crianças humanas, através da sua impressão, do seu mundo dos sentidos, destruíram o seu próprio organismo!

Já disse desta maneira que do fundo da espiral, o seu pólo sul, até à linha do equador são sete eras parciais. Da linha do equador até ao seu regresso interior, são também aí sete eras parciais. Pode também dizer-se que representam os dias da criação na vossa Sagrada Escritura. Está correto. No sétimo dia, a sétima era parcial, passais sobre a linha do equador da espiral e então, pela primeira vez, vos encontrais na matéria como a conheceis. Assim cada criança humana caminhou estes caminhos, mas associais sempre ao organismo. Nunca caminhastes estes caminhos se associais ao vosso organismo como o eu.

Mas aquilo que trazeis dentro de vós, o vosso ego interior, o Cavaleiro caminhou estes caminhos!

### A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO

Agora temos de chegar à história da criação: No princípio foram criados o céu e a terra. Voltamos à mais simples, mais fácil das vossas escrituras esotéricas que é tão fantástica na sua construção: a vossa Sagrada Escritura. Encontrais no vosso livro de Moisés símbolos escondidos e novamente símbolos, mas o ser humano lê-a com a carne e não com o espírito. Aquilo que a criança humana apenas lê da carne, só compreende da carne! Tendes de ler isto com fantasia criadora e não ver a palavra literalmente. Há muitas verdades profundas escondidas no que chamais Antigo Testamento.

Voltamos ao primeiro livro de Moisés. Voltamos aos dias da criação. Aí descobrimos que seguem exatamente este princípio que é descrito na doutrina esotérica. A água foi separada da água. Constrói-se plasma, gás, mineral, entrada dos reinos vegetais, entrada dos reinos animais. Quando lês sobre os sete dias da criação, deveis notar que aí há um ritmo na criação. Vede estes dias como dias simbólicos. Vede-os então como eras parciais e aí não os podeis colocar na vossa contagem cronológica de tempo, porque podem variar no infinito. Tudo isto está sob a linha do equador da espiral. No sétimo dia experimentamos a linha do equador. Pois bem, vejamos isso.

O que fez Deus no primeiro dia? É verdade que Deus diz: «Haja luz!» Mas há segredos escondidos nisto. Deus diz: «Haja luz!» Mas igualmente antes de «Haja luz!» o que havia então? Havia escuridão e o que havia mais do que escuridão? Estava vazio e deserto. O espaço existia, o espaço vital, onde tudo isto é manifestado. Existia o Todo-Poderoso? Pois bem, tudo existia. Pois bem, agora começamos a chegar a algum lugar. No princípio estava vazio e deserto. O Todo-Poderoso repousava consciente e inconsciente. Não havia movimento no espaço. Tudo estava silencioso e quieto.

— Estava vazio se o Todo-Poderoso estava aí?

Não, mas o Todo-Poderoso estava consciente, porque encontrou o espaço. Está correto, mas era a plenitude do Todo-Poderoso. Quando falais de vazio, a criança humana fala por regra do vazio material. É muito interessante e bom que o apontes.

De outra evolução que atingiu um auge vêm até este plano vital ascendendo em encarnação os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas em multiplicidade. Deus Todo-Poderoso diz «Haja luz!» e houve luz, não é verdade? Assim, o que Deus Todo-Poderoso manifestou no primeiro dia: «Haja luz!» foi a ascensão em encarnação ao espaço vital!

O que vem depois na criação? Deus separou a luz das trevas. A luz separa-se das trevas. A escuridão é ausência de luz? Quero afirmar que a escuridão tem outra frequência que a luz. A luz tem massa? Pois bem. Tem uma massa. Assim é também uma partícula, não é verdade? A escuridão tem massa? Pois bem. Tem uma massa, mas a massa na ausência de luz tem outra forma de partícula. Compreendeis-me? O que fez, pois, Deus a seguir? Deus criou uma abóbada. E depois? Separou água de água, acima da abóbada e abaixo da abóbada. Amados filhos, acho que paramos aí um pouco.

Quais são os elementos fundamentais? Os três elementos fundamentais para o aperfeiçoamento da criação? Ar. Água. Fogo. Como estão unidos? Podemos dizer que de ar, água e fogo se pode criar matéria? Pois bem. Está correto. Mas então perguntamo-nos, no cosmos que experimentamos aqui e agora, existe água? Pois bem. Como pode haver água quando nada criou esta água? O que é a água? Uma combinação química, não é verdade? É um ser vivo. Podem as crianças humanas alguma vez compreender esta combinação? Não, porque esta combinação que chamais água é única na sua essência. É viva na sua essência. Deus separou, pois, água de água. Nestes três elementos: ar, água e fogo, estes três elementos estão na água e no fundo existe apenas um único elemento fundamental que contém os restantes: a água. Compreendeis-me? Assim falamos desta criação, quando digo que os Mestres do Sol, os Mestres dos Planetas em multiplicidade ascenderam em encarnação a este espaço vital trazendo a força com que criaram o seu habitáculo com o seu pensamento.

Compreendeis-me? Igualmente que também separaram água de água. Com o pensamento separaram água de água para criar o seu habitáculo com o seu pensamento. Estais comigo? Mas então temos de distinguir água de água. Disse antes que temos de imaginar que a água tem uma contrapartida em forma etérica. Pois bem! Temos de imaginar a água como radiação, como diferentes essências de radiação. É assim!

Assim temos os sete dias da criação mas cada um desses dias é duplo. Como começou a contagem? Começou ao entardecer! Porquê? Porque esta é outra imagem material. O que podemos chamar a isto? Antimatéria. Os dias da criação começam ao entardecer e terminam de manhã.

Tem o planeta de ser preparado primeiro e depois vem a criação?

— Pois bem, naturalmente. E igualmente outra coisa: sob a linha do equador da espiral encontrais-vos o tempo todo noutra dimensão temporal. Encontrais-vos o tempo todo noutro número de frequência.

— Sim, quando falamos dos dias da criação, falamos do que acontece nos diferentes dias da criação. Aí temos uma diferença de frequência entre o entardecer e a manhã. É um número de frequência mais alto nos dias da criação ao entardecer do que de manhã?

— Exatamente.

Assim a criação tem de começar com o planeta ter de ser preparado primeiro e depois vem esta transformação, um pequeno salto, uma elevação de frequência. Sob a linha do equador torna-se uma diminuição de frequência porque o espaço se expande e o movimento diminui e a gravitação diminui. Vimos de um estado superior para um inferior, está correto?

— Está correto.

Então o próprio manifestar começa acima da linha do equador?

Está correto. Da linha do equador, o ponto zero, começa o manifestar físico. Depois temos a mesma relação aí que ocorre em cada era parcial. Pois bem, em ordem inversa.

— Agora vamos para uma elevação de frequência? Hoje encontramos-mos no «entardecer». Depois passamos o período e entrais na «manhã» do outro lado desta era parcial. Então começa esta nova relação?

Está correto. Quando descerdes novamente, começa com o entardecer e torna-se manhã.

Começa de novo do zero? Da mesma maneira?

— Pois bem. Está correto.

É difícil para nós compreender porque com manhã queremos dizer o início de um novo dia.

— Amados filhos. Nas vossas sagradas escrituras por exemplo, podemos dizer desta maneira: no budismo, no zen-budismo podeis falar da noite e do dia de Brama. Tem Brama alguma noite? Tem Brama algum dia? Tem? É a inspiração e expiração de Brama. Podemos dizer da mesma maneira que o exterior na espiral de desenvolvimento é uma expiração e o interior é uma inspiração. O exterior é um dia e o interior é uma noite. O exterior é uma gravidez. O interior é um processo de nascimento em formas simbólicas. Amados filhos. Tendes também de ver assim.

Os dias da criação na vossa Sagrada Escritura não provêm do plano de vida físico. Ainda assim pertencem também à era que está incluída na escritura, porque Deus formou o ser humano no sétimo dia e assim os dias da criação não pertencem a este plano físico de inércia!

Quando, por exemplo, olhais no Antigo Testamento, a contagem começa a partir de Adão e daí para diante. Por exemplo, esta contagem para trás, alguém pode então dizer-me: quando e em que ano criou Deus Todo-Poderoso este planeta? A vossa contagem podeis voltar à vossa Sagrada Escritura e dizer, podeis dizer detalhadamente que há tantos e tantos milhares de anos nasceu Adão, não é verdade?

Mas tendes também de ver que o tempo é diferente neste estádio do que no estádio anterior. O fluxo de força era mais lento, também a gravitação era mais fraca. Assim quero dizer desta maneira: o aparecimento de Adão não aconteceu aqui, mas numa era

completamente diferente! Assim, da criação até Adão aparecer é um longo período de tempo. Compreendeis-me? E antes da entrada de Adão nesta arena vital existiram eras anteriores. Existiram eras anteriores com crianças humanas. Pode dizer-se que o tempo todo se experimentam protótipos da mesma maneira que acontece agora neste tempo, novamente no estádio inicial de uma nova era.

Já disse isto, que o desenvolvimento da história tem uma constante tendência a repetir-se. No seu estádio final há um conhecimento tecnológico muito forte, enquanto a pobreza espiritual é muito grande. O que existia de uma era anterior era o estádio final da era anterior. Restos da era anterior encontravam-se neste planeta. Ainda se encontrava neste planeta, mas degradada na sua tecnologia. Nas vossas antigas escrituras há lendas, mitologia que conta como a criança humana podia voar como o pássaro. Podia viajar pelo ar como a andorinha. Possuía forças que vós neste tempo não podeis imaginar. Igualmente que podiam fazer viagens entre os vossos planetas. Essa tecnologia já não existe. Vamos ligar isto lentamente. Vamos unir isto agora, porque é frágil, muito frágil.

### O SEXTO DIA

Damos um salto e continuamos com o sexto dia. O que aconteceu então? Na história da criação Deus diz então: «Façamos o ser humano. Façamos o ser humano à nossa imagem.» Criou o ser humano, juntamente com as ervas da terra, não é verdade, e os seus animais de gado.

Podemos então perguntar-nos: eram vários deuses de que falava? Pois bem. Eram vários, plural. Criaram o ser humano e ele tornou-se imagem dos deuses. Tornou-se uma cópia dos deuses, mas não é uma forma física. O ser humano é um fluido etérico. Ele/ela tem nenhuma forma. É um fluido etérico. O ser humano na verdade não tem forma. O ser humano não é corpo físico! É um ser etérico, porque os deuses não tinham corpo! Eram seres etéricos! Assim o ser humano era sem forma física. Mas notai bem. Era tanto homem como mulher. Ou seja, era assexuado na sua forma e tinha tanto o princípio masculino como o feminino na forma que tinha.

Por isso o ser humano é muitas vezes representado com duas faces, tanto homem como mulher. No ser humano foram formadas as duas energias fundamentais, os elementos fundamentais, o aspeto masculino e feminino que estavam em equilíbrio completo. Assim foi criado o ser humano etérico. Deus chamou-lhe Adão. Assim criou-o, e isto foi em que dia? O sexto dia. Pois bem. No sexto dia. Amados filhos. Quero mostrar aqui que tudo isto está sob a linha do equador da espiral. A criança humana em existência anterior antes do seu abaixamento à matéria e à forma que agora tem, encontrava-se, pois, num estádio etérico, compreendeis-me aí?

Então podemos compará-los a bissexuados. Podemos chamá-los «homem-mulher» e o Cavaleiro ainda não tinha encarnado na carne. O mundo dos sentidos, com o seu assento subconsciente, não estava ativado. Assim está correto, fostes bissexuados e já falei também que se chamava a Mãe que a Consciência Primordial sempre foi. Mas na vossa Sagrada Escritura a palavra é usada apenas para Eva. Depois da criação da costela de Adão chamaram-lhe Mãe, mas não foi o caso: eram bissexuados. Nomeadamente como o próprio planeta é bissexuado, bipolar, a criança humana ainda é bipolar, bissexuada, e aproxima-se cada vez mais da criação bissexuada.

O que era simbólico que Eva tenha sido criada da costela de Adão?

Muitos chamam-lhe a costela de Eva, a parte que foi tirada de Adão. Isto é apenas uma brincadeira, nada que tenha algum valor. Que tenha sido tirada da costela de Adão mostra apenas que ela é uma parte do homem e o homem é uma parte da mulher.

Os deuses criaram, pois, a criança humana à sua imagem. Isto é noutro plano vital, onde os deuses criaram o ser humano em significado etérico, ou significado esotérico. Depois está também na vossa Sagrada Escritura que caminhavam no Paraíso, que caminhavam no seu ambiente paradisíaco. Então quer-se dizer num estado mental. São como crianças. Têm a totalidade completa à sua volta. Têm a sabedoria, não havia nada que estivesse dividido em detalhes. São imediatos como as crianças são. Quando o ser humano se encontrava no Paraíso, alguém conta sempre

que o Paraíso devia ter sido um lugar físico. Não! Digo que o Paraíso é um estado total!

Não sabiam o que era o mal, nem sabiam o que era o bem. Depois está na vossa Sagrada Escritura: «Podeis comer de todas as árvores, de todos os frutos independentemente do tipo que sejam.» Comiam e achavam que era bom. Mas de uma árvore não podiam comer: era a Árvore do Conhecimento. Porque não podiam comer da Árvore do Conhecimento?

Então poderiam distinguir entre o mal e o bem.

Em parte isto, mas há um significado muito mais profundo. O que se quer dizer com conhecimento? É distinguir o mal e o bem? É compreensão e consciência! Assim o Senhor, segundo o Antigo Testamento, excluiu-os de algum saber, de uma consciência que não lhes aproveitaria?

«Que não comam também da Árvore da Vida, para que vivam eternamente.» O que se chama a Árvore do Conhecimento é o conhecimento da vossa origem. Quem sou eu, de onde venho, quem me formou, quem me criou, o que trago comigo? Que conhecimento trago comigo? A Árvore do Conhecimento é na verdade a árvore do Cavaleiro. O Cavaleiro, a alma, transporta o conhecimento e coloca-o em cada pessoa, no lótus do coração. Trazeis experiências desde o início da criação, do plasma, forma gasosa, mineral, planta, animal, todo o caminho até agora. Assim temos a Árvore da Vida, que trata da outra parte do vosso ser. Não é subjetiva.

É aquilo de que tentei falar, nomeadamente do estado em que se está antes do ego ser criado. Ou seja, o fundo de tudo o que se manifesta. É a Árvore da Vida. Quando olhamos para trás na criação, descobrimos que há um pensamento, uma consciência que não podemos catalogar como subjetiva, mas que simplesmente lá está. Somos uma parte dela. A Árvore da Vida mostra que somos um com tudo o que foi criado. Não nos podemos separar de nada na natureza. A Árvore da Vida é tudo o que se manifesta.

## O SÉTIMO DIA

Falámos antes que os sete deuses formam uma construção hierárquica e que sob cada deus foram criados subordinados, que também chamais filhos de deus. Vejamos então novamente estes filhos de deus. O que são então os filhos de deus? Amados filhos, são os anjos. São um pensamento. Estes filhos de deus encontram-se num âmbito de frequência junto à criança humana. Pode dizer-se que são anjos que estão colocados como protetores da criança humana. Guardiões. Compreendeis-me aí, porque são criados apenas para os deuses.

Perguntámo-nos também: tinham os anjos alguma forma de mundo dos sentidos? Está correto, tinham uma forma de mundo dos sentidos. Mas notai bem que estes anjos encontravam-se noutro estado do que presentemente. As crianças humanas têm uma centelha de Deus. Compreendeis-me? Os filhos de deus em si mesmos, agora perguntamo-nos: têm ego? Não! Se pudésseis investigar isto mais de perto vereis também que em muitas escrituras que estão escondidas isto está também registado: que os filhos de deus viram as crianças humanas como os deuses as tinham criado. Assim discutiram e disseram: «Favorizaram o ser humano. Criaram o ser humano à sua imagem enquanto nós somos apenas um pensamento de Deus.» Compreendeis-me? Se não me compreendeis…

Não podemos compreender, mas temos de aceitar o que Ambres diz…

— Mas escutai de qualquer modo, porque admiti que isto é interessante. Dizeis: «Como podem experimentar ciúme?» Não experimentam ciúme da mesma maneira que a criança humana o experimenta. Então chegamos aí: pode um pensamento perceber um ciúme? Pois bem, um pensamento manifestado pode perceber isso.

Os filhos de deus temiam o ser humano. Mas notai bem que o ser humano encontrava-se então noutro plano de frequência. Compreendeis-me? Deus fez o ser humano à sua imagem. Está correcto, mas os filhos de deus temiam que as crianças humanas se tornassem como os deuses. Segundo os filhos de deus as crianças humanas foram criadas pelos

deuses e assim não podiam aceitar esta afronta de que o ser humano ocupasse um lugar mais alto do que eles. Se olhardes aí neste livro de Moisés vereis aí que há uma cisão na criação. Há uma cisão entre os filhos de deus, uma parte deles, e os deuses. Estais comigo? Assim, tendes de ver isto simbolicamente! Ler com fantasia criadora. Os deuses temiam o ser humano. O Senhor começou a temer o ser humano, porque agora o ser humano era seu e dos deuses igual. Compreendeis-me? Estava a caminho de se tornar seu igual e procurava as coisas ocultas.

Segundo a Sagrada Escritura foi a mulher que encontrou a Árvore do Conhecimento e estava a caminho de encontrar a Árvore da Vida. Quando os deuses falavam com o ser humano, ficaram horrorizados e com medo do seu conhecimento. Disseram:

Se o ser humano continuar a desenvolver-se ao nosso lado, os seres humanos tornar-se-ão nossos senhores. Se a mulher encontrasse o fio da Vida — o que aconteceria então connosco? Então passam-nos à frente na criação! Então o ser humano torna-se mais do que nós somos. Então torna-se nossos senhores. Vamos prender o ser humano e prender o seu conhecimento para que nunca mais saia. Na vossa Sagrada Escritura há uma passagem que muitos saltam e dizem: «Isso são fantasias.» Digo: isto pertence ao sonho. Os deuses reúnem-se em conselho. Os deuses não estavam de acordo sobre o ser humano. Uma falange dos deuses disse: «O ser humano tem de poder caminhar connosco. Temos de caminhar lado a lado, porque ele é uma parte da nossa criação. É também uma parte de uma ideia que Mãe/Pai Deus tem. Vamos dar-lhe esse templo da consciência primordial.»

Estes filhos de deus conspiraram. Assim dizem também: «Estas crianças humanas os deuses criaram à sua imagem. Temos de fazer algo sobre isto.» Estes filhos de deus, este pensamento, indignaram-se por os seres humanos terem sido criados para prazer dos deuses e assim decidiram expulsar a criança humana deste quadro de existência. Estais comigo?

Eva foi tentada pela serpente. Assim, em forma simbólica que ela da maçã e também Adão comeu.

Tinham um desejo inerente pelo conhecimento, pois comeram da Árvore do Conhecimento?

— Não tinham desejo pelo conhecimento, mas foram tentados por algo diferente.

A serpente...

Sim, mas isto é apenas simbólico. Fico contente que o tragas à baila.

A serpente não disse a Eva que se comessem da árvore se tornariam semelhantes a deuses?

Isto não está bem correto ainda assim, porque Eva não teria refletido sobre isto, porque não podia avaliar nenhum Deus, não é verdade? Assim a serpente tem de ser um símbolo. O que é símbolo da serpente? Astúcia, não é verdade? Algo sinuoso. Então perguntamo-nos: quem era então a serpente? Estes filhos de deus, eram a serpente? Aí está a resposta: pois bem! Não foi a serpente que os seduziu para baixo. Pode dizer-se que os filhos de deus, os guardiões, os seduziram para baixo à matéria. Isto está correto. Podeis compreender este pensamento? Falamos da serpente no Paraíso, que na vossa Sagrada Escritura assim eram os filhos de deus que, com a forma da serpente, levaram aquela a que chamais Eva à tentação. Disseram: «Se comerdes desta maçã, sabereis também o que é bom e mau e tornar-vos-eis como os deuses.» Assim comeram da Árvore do Conhecimento, tornaram-se conscientes do que era mau e bom.

Amados filhos, não foi nenhuma maçã em si mesma! Foi em forma simbólica na vossa Sagrada Escritura. Está fora do controlo dos deuses, ou seja, do controlo dos filhos de deus, a força que ascende em encarnação. Em vez disso deveriam acompanhar e seguir esta era de desenvolvimento. Não é o caso. Sabem que se derem ao ser humano um conhecimento subjetivo ela automaticamente procurará a Árvore da Vida. Tornar-se-á consciente de quem é. Porque Deus não pode expressar-se a si mesmo. Essa força não pode expressar-se a si mesma e tornar-se consciente de si mesma. Sem se refletir em algo.

Assim o ser humano tem primeiro de ser criado, tem também de se tornar individual, ou seja, individualizar-se, para descobrir quem é. Por

isso entrou Deus, a mãe primordial, na forma desta serpente. A serpente é apesar de tudo o símbolo da cura e a sua língua bífida é o símbolo divino masculino, feminino na sua haste comum. A serpente fala a Eva, ou seja, ao sentimento, e diz: «Come da Árvore do Conhecimento e verás. Os teus olhos abrir-se-ão e verás quem realmente és.» Ela toma da árvore e come dela. Dá a Adão, e ele é o lógico, e ele de modo algum se faz rogado. É a própria obediência na sua pureza, e agora Eva tomou e agora também ele come desta maçã simbólica. Também ele torna-se consciente de que é algo mais. Mas o que é ele?

Podemos ler na Sagrada Escritura como os deuses caminhavam no Jardim ao entardecer. Então os deuses chamam Eva e Adão. Desta vez não vêm, mas esconderam-se dos deuses. Então dizem: «Escondemo-nos de vós, porque descobrimos que estávamos nus.» O que querem dizer com «estavam nus»? Estavam nus na sua consciência. Tornaram-se conscientes de que «sou algo mais do que jamais soube.» Os deuses veem agora que tomaram da Árvore do Conhecimento. Obtiveram conhecimento de algum lugar. Dizem: «Vamos agora expulsá-los do jardim, senão chegarão à Árvore da Vida e então tornar-se-ão nossos iguais.»

Eva diz: «Comemos da árvore do conhecimento, assim vimos o que era mau e bom. Mas a serpente seduziu-me a isso. A serpente disse-me que esta árvore e este fruto eram bons para comer. Comi dele e da mesma maneira Adão comeu dele. Então abriram-se os nossos olhos e vimos o que era bom e mau.» Adão diz que Eva o seduziu a comer disto. E o Todo-Poderoso implantou um pensamento no seu assento subconsciente adormecido onde assim obtiveram a capacidade de através do mundo dos sentidos distinguir o bom e o mau. Para agora obter um desenvolvimento no plano físico, onde a criança humana começaria a sua caminhada para a divindade e tornar-se consciente deste plano de inércia da divindade, da origem de tudo, Deus implantou um pensamento e este pensamento é o início do vosso assento subconsciente.

Assim através deste pensamento baixaram o ego à matéria mas como homem, como mulher. Compreendeis-me? Por isso deram-lhes esta forma de consciência: que descobriram o bom e o mau, nomeadamente o

mundo dos sentidos. Para toda a criança humana se criar para si experiências, foi implantada a primeira semente no seu assento subconsciente. Aprende o que é belo, aprende o que é feio, toma para si algo mais: um discernimento. Antes não experimentava discernimento. Não experimentava o que era bom e mau. Pode dizer-se que aí foi colocada a base do subconsciente. Este é o início do subconsciente. A criança humana divide a força do amor em mau e bom, onde agressões foram criadas, inibições foram criadas, desejos foram criados e armazenados no assento subconsciente da criança humana e excluíram-na do seu próprio supraconsciente.

— Na queda no pecado, havia então ciúme?

— Não, não antes mas depois.

— Que o ser humano era mau desde o nascimento, foi implantado pelos filhos de deus?

Não. A criança humana não é má desde o seu nascimento! É apenas através do seu mundo dos sentidos que divide o tronco do amor em bom e mau!

Está escrito que o ser humano nasce em pecado...

— Amados filhos. Isto é algo que foi acrescentado à vossa Sagrada Escritura!

Depois, no dia de descanso, o sétimo dia, o que fez Deus então? Deus formou o ser humano do pó da terra. Os deuses disseram: «Vamos prender o ser humano num corpo físico, assim perde também a memória da sua origem. Vamos criá-lo para que se torne consciente de si mesmo como ser físico.» Assim diz a filosofia esotérica: «Formaram um corpo do pó da terra para que o ser humano tomasse nele a sua morada.» A criança humana é um pensamento e o pensamento torna-se manifestado em forma física no sétimo dia. Então experimentamos a linha do equador na espiral de desenvolvimento. Então foi formada o corpo físico em que o ser humano podia tomar a sua morada. O corpo físico do ser humano é um corpo animal. O ser humano em si não é corpo. É um ser etérico. Deus formou o ser humano no sétimo dia de pó, de matéria e aí começa o

primeiro dia na consciência, na parte superior da linha do equador na espiral de desenvolvimento.

Deus formou o ser humano do pó da terra e então podemos perguntar-nos: primeiro criou-o, depois formou-o. Qual é a diferença? Formou-o, nomeadamente baixou-o ao planeta, à matéria. O papel deste planeta é pois como espírito servidor fornecer os meios de expressão e por isso o organismo do ser humano é formado pelo planeta. Compreendeis-me? O ser humano foi formado no sétimo dia, mas foi formado no campo de frequência mais baixo. Assim dizemos que Deus criou o ser humano à sua imagem em duplo significado. Em parte através da sua origem interior, em parte dentro do planeta.

Notai bem: Deus formou tudo isto no sétimo dia. Compreendeis-me? Deus baixou-o à matéria e então damos este salto gigantesco sobre a linha do equador da espiral. De repente a criança humana encontra-se na forma, não no ambiente etérico, mas numa existência física. Aconteceu também que quando se baixaram à matéria foram igualmente criados como homem e mulher. Baixaram-se à matéria como homem, como mulher e o Cavaleiro encarnou na carne.

Os deuses cortaram o ser humano em duas metades. O princípio feminino, a mulher, recebeu o masculino como uma sombra dentro de si e o princípio masculino recebeu o feminino como uma sombra dentro de si. Aquela que é mulher na forma de expressão tem assim o homem repousando dentro de si. Aquele que é homem na forma de expressão tem a mulher repousando dentro de si e procuram sempre a sua outra metade de alguma maneira. Ela só lá está como uma imagem de sonho.

Na descida à matéria os sexos foram, pois, separados em homem e mulher. Mas os deuses não puderam tirar o que uma vez fora criado para o ser humano. Ele trá-lo consigo: o seu ego interior. Acima da linha do equador da espiral a criança humana procura a sua origem. Compreendeis-me aí? Assim expulsos do paraíso, como dizeis.

Avançamos um pouco, um poucochinho. Damos um salto e dizemos: agora estão, pois, expulsos do Paraíso. Encontram-se neste planeta. Baixaram-se na frequência. Aproximamo-nos de Adão. Aproximamo-nos

dele com grande cautela. Escutai atentamente! Não vos prenda às vossas convenções mas segui comigo! Deixai-vos guiar um pouco. A criação está dividida desta maneira em forma de degraus, compreendeis-me? Onde se pode dizer que o tempo todo se experimentam protótipos da mesma maneira que acontece agora neste tempo, no estádio inicial de novamente uma nova era. Restos da era anterior ainda se encontravam neste planeta. Adão e esta Eva, como os chamais, foram, pois, baixados ao reino da matéria, mas não eram como as crianças humanas que aqui se encontravam. Assim, da era anterior ainda havia restos deste planeta.

Adão e esta Eva foram expulsos do paraíso. Geraram três filhos: Caim, Abel e Set que são mencionados na Sagrada Escritura. Caim matou o seu irmão, mas além disso foi amaldiçoado pelo Senhor. Ao mesmo tempo o Senhor colocou nele um selo para que ninguém o pudesse ferir. Caminhou para a terra de Nod a leste do Éden. O que fez aí?

Casou-se.

Com o quê então?

Não sabemos.

Pois bem. Vejamos isto. Aí tomou uma esposa. Era uma criança humana ou era algum ser que não tinha, podemos dizer, o Cavaleiro encarnado? Da era anterior ainda havia restos deste planeta. Caim tomou pois esta ou estas, é plural, como esposas.

Adão e Eva só tiveram três filhos? Tiveram tanto filhos como filhas. Sobre isto nada mais está mencionado além de que depois disto tiveram muitos filhos e filhas. Também eles tomaram esposas. O que chamais laços de sangue não era no mesmo grau como agora, amados filhos. Permiti-me perguntar-vos, neste tempo como o experimentais o casamento, chamais-lhe assim, entre irmão e irmã, é permitido? Não. O pai não pode casar com a sua descendência, a mãe não pode casar com uma descendência, não é verdade? Mas neste tempo isto era possível. Por que razão dizeis que isto não é possível? Pois bem, porque o código genético assim pode cristalizar-se de modo que se houver alguma alteração genética que seja degenerativa, pode aparecer claramente na

sua descendência. Não é verdade? Está correto, pois bem, mas neste tempo não era visto como algo não natural. Compreendeis-me? Igualmente nasceram filhos e filhas.

Os filhos de deus também eram chamados guardiões. Uma parte destes guardiões sobre este desenvolvimento para a nova era baixaram-se à matéria. Os filhos de deus viram que as crianças humanas se desenvolviam, que as suas filhas eram belas. Desceram então à matéria, notai bem: à matéria e tomaram-nas como esposas e tiveram relações com elas. Mas o Senhor Deus não criou os filhos de deus na carne, não é verdade? Não. Baixaram-se eles mesmos à carne. Compreendeis-me? Falais do anjo caído, este Lúcifer... Amados filhos, não o vejais no singular mas no plural. Os guardiões falaram ao seu grupo e disseram aproximadamente desta maneira: «Vamos descer e casar com elas. São belas e nós por nossa vez podemos assim desenvolver-nos para deuses.» Compreendeis-me?

O que fazem na matéria? Pois bem. São deuses para as crianças humanas e assim ensinaram-nas nas coisas que só pertenciam aos deuses. Os filhos de deus desceram pois e tomaram estas mulheres como esposas e começaram a ensinam-nas e assim o ser humano criou ele mesmo o que Deus podia criar. Temos aí a vossa tecnologia entre outras coisas. Estes filhos de deus existiam noutro campo vital mas baixaram-se à matéria e tomaram corpos. Tiveram também de experimentar o abaixamento à matéria. Os filhos de deus eram bissexuados. Baixaram a frequência para alcançar a existência física. Foi necessária uma transformação para que se baixassem a este plano de vida físico. Isto acontece também agora neste tempo.

Os filhos de deus ainda existem?

Pois bem.

Há também filhas de deus ou só filhos de deus? Amados filhos, tendes algo que chamais luta das mulheres... Pois bem, porquê não?

Os anjos, os filhos de deus que se baixaram à matéria e se misturaram com as mulheres da terra podiam igualmente baixar a sua

frequência. Mas pouco a pouco à medida que se aproximavam da matéria, contaminaram-se. Depois o pensamento subjetivo tomou a dianteira e assim os seus sentidos foram atados e os olhos abriram-se para as mulheres da terra. Isto foi uma abominação perante o Senhor. Notai bem que os restantes filhos de deus também o condenaram e surgiu também uma luta, não é verdade? O Senhor Deus indignou-se pois. Porquê? Porque ensinaram às crianças humanas o que pertencia aos deuses. Compreendeis-me? Ensinaram-lhes o conhecimento que pertencia aos deuses.

Que conhecimento era esse?

— Lede a vossa Sagrada Escritura. O que lá está? Tudo está oculto, mas completamente interpretável. Pois bem.

Os filhos de deus partilharam o conhecimento que pertencia aos deuses. Assim Deus deixou amaldiçoá-los, porque deram aos seres humanos um conhecimento que só pertencia aos deuses.

Quando tomaram as mulheres da terra como esposas nasceram, pois, estes gigantes. Compreendeis-me agora? Igualmente como está na vossa Sagrada Escritura que «eram tão famosos, estes poderosos homens da antiguidade.» Está correto apontar que as crianças humanas os geraram e os adoraram.

Já falámos disto antes, que aí estavam, pois, os guardiões que desceram ao planeta e aí construíram estes templos, estas pirâmides, e encheram-nas de tarefas de onde e para onde. Igualmente encheram o seu interior com toda a espécie de ajudas, tecnológicas tais que são para o desenvolvimento da criança humana neste planeta e deveriam ser usadas de acordo com a sua maturidade espiritual. A pirâmide em si mesma não é nenhuma câmara sepulcral, como falais, e a idade da pirâmide é muito superior a oito mil anos. Mas é desenvolvimento que está muito acima da compreensão da criança humana. Já falámos disto antes: no início de cada nova era regressam. Criei confusão e é essa a intenção. Grande confusão também...

NOÉ

Falámos de anjos caídos. O Senhor Deus indignou-se e amaldiçoou a sua descendência, em parte os filhos de deus e em parte as crianças humanas. Apenas alguém encontrou favor perante o seu rosto, porque era ainda assim uma parte de si mesmo que criara. Criara-os e formara-os do pó da terra. O Senhor Deus diz: «Há uma grande maldade sobre este planeta. Vamos eliminar o mal.» O dia da ira há de vir quando o Senhor quiser submergir o planeta sob a água, como se fala na vossa Sagrada Escritura. Lembrai-vos que este planeta, este maravilhoso ser nesse tempo não tinha a mesma aparência que agora. Compreendeis-me?

O Senhor deixa simbolicamente chover quarenta dias e quarenta noites. O Senhor diz a este Noé que «deves construir uma arca. Nesta arca deves introduzir todos os animais puros e impuros.» Assim deveis também ver que introduziu tanto os animais puros como os impuros. Nestes quarenta dias e quarenta noites deixou chover. Deixou abrir todas as comportas da terra e as comportas do céu. Mas não é chuva como a vedes.

Os filhos de deus durante este tempo, neste planeta, no seu organismo tomaram partes do planeta. Assim tinham-se baixado de um plano e não podiam regressar. Compreendeis-me? Os seus organismos eram demasiado grosseiros em si mesmos. Pediram perdão perante si, mas o Senhor deixou prendê-los. Igualmente a sua descendência. O que faz com eles? Iria prendê-los, a quê? Como espíritos do vento e espíritos da água! Por eternidades caminharão sobre este planeta, constantemente dando-se a conhecer. Amados filhos, já disse isto antes: se soubésseis o que está à vossa volta! Não é só a paralela dos devas. Digo que o vento tem o seu ser, o fogo tem o seu ser e todo este organismo, este planeta, está cheio de espírito, mas de diferentes tonalidades.

Quando o Senhor Deus deixou abrir as comportas do céu, não foi desta maneira que este planeta tinha diferentes continentes. Compreendeis-me? Está por exemplo na vossa história da criação que havia quatro rios, não é verdade? Assim o país foi coberto de água. Então perguntamo-nos: como pode ser coberto de água? Amados filhos, na vossa camada de ar por exemplo, igualmente presa na matéria, há tais quantidades de água que se assim comprimíssemos a matéria, talvez não

ficasse maior do que o punho fechado do Instrumento, enquanto a parte restante é água. O Senhor Deus deixou pois abrir as comportas da terra e as comportas do céu. Deixou chover quarenta dias, quarenta noites e tudo o que aí havia de vida pereceu. Assim Noé regressou ao planeta. A água retirou-se e Noé deixou voar o primeiro pássaro. Era um corvo. Voou para cá e para lá, enquanto a pomba voltou com uma folha. Noé e os seus três filhos povoaram novamente o planeta. O que existira de técnica que os filhos de deus na primeira aspeto lhes ensinaram, já não existia. Assim quero afirmar que vós todos sois descendentes tardios de Noé.

O ser humano não pôde esquecer o seu anseio de regresso à sua origem. Então começa simbolicamente a construir a Torre de Babel. Ou seja, a torre para alcançar o céu. No seu desespero envia uma flecha ardente para os deuses, que por sua vez em ira pelo atrevimento dos seres humanos destroem a torre, espalham as crianças humanas como palha ao vento em diferentes raças e diferentes línguas, onde o ser humano já não compreende a língua dos animais, a língua das árvores. Já não pode ouvir o vento sussurrar as suas histórias de terras estranhas nos seus ouvidos. Desde esse dia o ser humano está dividido. Desde esse dia sempre houve luta entre as crianças humanas. Podemos ver a velha força aí os deuses, esfregando as mãos dizem: «Conseguimos.»

Amados filhos. Agora paramos aí. Confundi-vos o suficiente. Voltaremos à criação, mas quero agora continuar a falar do planeta.

### O PLANETA É UM SER VIVO.

### O PLANETA, UMA ENTIDADE CRÍSTICA.

Cada planeta é um ser e todos estão subordinados a um princípio cósmico superior. O que é o planeta? Muito bem, vamos observá-lo. Vou tentar mais uma vez explicar algumas bases. Já falámos da criação em ocasiões anteriores. Agora voltamos a ela. Regressamos ao anterior e dizemos: «No princípio era o vazio e o deserto.» Havia um espaço vital onde a Onipotência repousava consciente, mas inconsciente. Uma cadeia evolutiva tinha atingido o seu culminar e até esse espaço vital ascendem, encarnando, o Mestre do Sol e os Mestres dos Planetas em

multiplicidade, trazendo consigo a força, a matéria primordial de que criaram o seu habitáculo, ou seja, o planeta.

Quando estes Mestres do Sol, Mestres dos Planetas em multiplicidade ascenderam encarnando a esse espaço, a Onipotência tornou-se consciente e criou o Eu Espiritual Superior, a imagem espelhada, o reflexo de Si mesma, em multiplicidade. Cada Eu Espiritual Superior dividiu-se no duplo esotérico e projeta dois Cavaleiros, também chamados duais, que encarnaram até à matéria. Estes dois Cavaleiros juntos com o Eu Espiritual Superior representam, portanto, aquilo a que chamamos uma Entidade Crística. Pode chamar-se assim. Tem muitos nomes.

O planeta é bissexuado, bipolar, se preferirem dizê-lo assim. Este planeta está animado por uma Entidade Crística, um mestre planetário. Este mestre planetário tem, pois, dois Cavaleiros e um Eu Espiritual Superior. Este é o Mestre do Planeta, a Entidade Crística é isto. O planeta é, portanto, uma consciência, um espírito muito elevado que assim ascendeu encarnando a partir de uma cadeia evolutiva anterior e que cria o seu habitáculo com o seu pensamento.

O eu interior, o vosso verdadeiro eu, a vossa verdadeira identidade, encontra-se encarnado no vosso habitáculo, no lótus do coração, mas o vosso habitáculo físico pertence a esta Entidade Crística, nomeadamente ao planeta. A Entidade Crística, este planeta, é distinta do desenvolvimento do filho do homem. Pode dizer-se que vós sois uma parte dos seus sentidos. Vós aportais-lhe através da vossa memória celular. Como reage a memória celular? A angústia, por exemplo, fixa-se como uma alteração celular. Fixa-se nas vossas células. O amor eleva o filho do homem de tal modo que ele flutua nas nuvens. A tristeza pesa-vos até ao chão. O habitáculo sente-se pesada sob o fardo. Muito bem. Vós pertenceis ao planeta através disto e através do vosso habitáculo ele recebe experiências das vossas células, compreendem-me? Assim, vós sois uma parte da sua memória celular.

Os Eus Espirituais Superiores destes dois Cavaleiros são deuses em devir e voltarão novamente a ascender encarnando como Mestres do Sol, Mestres dos Planetas em multiplicidade para um novo espaço vital.

— O Mestre do Planeta é o mesmo que «o espírito do mundo»? É do «espírito da Terra» que estamos a falar?

— Falámos no início do «espírito da Terra», mas isso também confundiu. Mas «espírito da Terra» é o mesmo que o Mestre do Planeta.

O espírito planetário é o mesmo que Jesus Cristo? É a mesma identidade?

— O espírito planetário é uma Entidade Crística. O próprio Cristo não devemos misturar com o planeta enquanto tal. Mas... agora vou confundir alguns ainda mais: é a mesma qualidade.

Jesus e Cristo

Deixem-me contar-vos um pouco sobre isto. O filho do homem pergunta-se sobre a vida de Jesus. Muitos de vós identificam Jesus com Cristo. Distingam entre Cristo e Jesus! Jesus foi um filho do homem entre filhos do homem. O seu ego estava marcado por encarnações anteriores para a sua tarefa. Marcado para assumir esta tarefa no espírito. A Entidade Crística encarnou no corpo de Jesus e tomou posse dele, simbolicamente sob a forma de uma pomba. À medida que este menino crescia, espantava o seu entorno com o seu saber, porque Jesus estava marcado por encarnações anteriores. Conversava com os espíritos do ar, com os espíritos da água.

Escutava o sussurro das árvores, onde o vento passava pelas suas copas, e interpretava-o. Nada escapava aos seus olhos. Em tenra idade acompanhava as caravanas nas suas viagens. Esteve na Índia, na Pérsia, como vós lhe chamais. Acompanhava as caravanas como ajudante. Esteve na Índia e via através das suas doutrinas. Via também ali como a mensagem do amor estava deturpada e reinterpretada. Começou a pregar, mas não como Cristo, mas como Jesus. Os filhos do homem começaram a segui-lo e chamavam-lhe Mestre. Jesus chamou-os e disse:

«Eu não sou Mestre, sou apenas o enviado que disponibiliza um corpo no qual o Mestre pode encarnar.»

Naquela época havia muitos que pregavam o regresso de Cristo, mediadores que tinham visto a verdade. Um deles era João e ele batizava multidões de pessoas. Quando Jesus vem caminhando, ele diz: «Aqui vem o ungido e em nome do espírito eu batizo-o como Cristo.» Conheceis o batismo. Simbolicamente, nesse batismo desceu o Eu Espiritual Superior e o seu Cavaleiro restante sob a forma de uma pomba e tomou posse do corpo de Jesus.

Com o batismo aconteceu o seguinte: a matéria entrou noutro número de oscilação. A Entidade Crística, Deus personificado, encontrava-se no habitáculo deste planeta. O próprio Deus Onipotente caminhava sobre este planeta, agora em Si mesmo e na sua irradiação de luz. As moléculas do corpo transformaram-se no seu número de oscilação e produziu-se uma influência. Quando o desejo e o pensamento caíram porque ele os venceu, a sua irradiação espiritual talvez se estendesse por uma centena de metros à sua volta e influenciava o seu entorno. Quando o Eu Espiritual Superior e a Entidade Crística se uniram na carne, isso também influenciou o número de oscilação do planeta, compreendem-me?

Muito bem, agora voltemos ao planeta. Ele é Entidade Crística e Cristo é Entidade Crística. Cristo caminhava sobre este planeta. Sentia o planeta, este ser vivo. Podia conversar com o planeta. Sentia os espíritos do ar, os espíritos da água. Sentia os seres da floresta que estavam em desenvolvimento: o paralelo dévico. Sentia e podia seguir o ritmo do planeta e da mesma forma quando Cristo amaldiçoou a árvore por não dar fruto, foi Cristo e a Entidade Crística em colaboração que transformaram a sua estrutura e a fizeram murchar. Compreendem-me? Sim, e esta Entidade Crística animava o planeta a tal ponto que na sua superfície — notai bem — o filho do homem agora experimentava um estado de divisão. De que dependia isso? De uma alteração de frequência! Uma alteração de frequência que tem a ver com o facto de o planeta ativar o seu ser. Assim, uma nova sub-raça está a chegar.

— Falaste que Cristo encarnou no fim de uma era, mas deve ser uma sub-raça?

É uma sub-raça, sim. Sei que isto causou grande confusão. Com a ajuda desta Entidade Crística este planeta, este ser vivo, eleva-se na sua frequência. Compreendem-me? E é isso que está a acontecer agora?

— Sim! Assim, esta Entidade Crística está novamente encarnada no planeta. Juntos ativam esta força e o planeta muda na sua frequência e estrutura, na sua composição molecular, se assim se pode dizer. Assim, Cristo não tem apenas a sua tarefa junto dos filhos do homem quando pregava a doutrina do amor e que o Cavaleiro é uma parte de Deus que está encarnada na carne, encarnação após encarnação.

O Cavaleiro estava consciente desde o início do seu período de encarnação e impregnava o seu habitáculo com a sua sabedoria. Mas também havia provações, do mundo dos sentidos, através dos seus cinco sentidos: tato, paladar, visão, olfato e audição. Destes, Jesus recebia imagens de experiência do seu mundo circundante. Do mesmo modo tinha desejos e corpos de pensamento. Jesus venceu os desejos, não foi? Transformou os desejos. Venceu-os e transformou-os em força espiritual. Em meditação venceu assim os últimos desejos corporais: a tentação de usar a sua missão para proveito próprio ou para as necessidades dos filhos do homem. Venceu o pensamento e o desejo. Assim o Cavaleiro está puro, não está? Assim podia brilhar com o seu esplendor.

Estava escrito que Cristo estaria na carne durante um curto período de tempo. Foi julgado e, segundo as vossas Sagradas Escrituras, crucificado, mas Cristo nunca morreu na cruz. Transformou o seu corpo com um pensamento poderoso, em energia. Transformou o seu habitáculo com o seu pensamento. Dominava a matéria e reformou o seu habitáculo com o seu poderoso pensamento em energia etérica.

Cristo ainda se encontra neste planeta. O seu espírito ainda paira sobre este planeta. Cristo não existiu apenas neste plano de vida. O seu espírito enchia o espaço e assim manifesta-se em todos os planos de vida. Lede nas vossas Sagradas Escrituras e gostais de ver que uma Entidade Crística esteve neste planeta. O que está escrito sobre Jesus? Os

filhos do homem sabem tão pouco sobre a sua figura e pessoa. Contudo, a vossa fé cristã baseia-se nas questões da sua atividade. Nas vossas Sagradas Escrituras, o que lá está? O que está no Novo Testamento? Sim, o ser de Cristo. São igualmente os apóstolos que levaram adiante a sua missão, não é? Assim. O que ele dizia eram parábolas para alcançar o filho do homem. Amados filhos, o que nós transmitimos, o que todos transmitem, é a mesma coisa, a mesma coisa! O amor ao próximo!

Mas com diferentes ângulos de abordagem. Cristo pregava a doutrina do amor, que Deus não está fora de vós, mas dentro de vós. «O Deus de que falo, o Pai de que falo, não é deste mundo.» Quando falava de Deus, não pertencia ao mundo dos sentidos do filho do homem. Cristo pregava a doutrina do amor e tentava afastar os filhos do homem das coisas, para que as coisas não os possuíssem, mas as tivessem apenas como empréstimo para as devolver quando deixassem este plano de inércia. Cristo disse também que «o Deus, o Pai de que falo não está fora de vós, mas dentro de vós. Vós sois todos deuses!» Cristo queria elevar-vos ao seu nível e não que o pusésseis num pedestal e o adorásseis. Cristo nunca disse que deveríeis construir igrejas e enchê-las de imagens e ídolos e adorá-los em seu nome. Este mestre foi apenas um elo. Um mediador.

### A ORAÇÃO

Não deveis orar a nenhum dos deuses, mas deveis orar ao Deus universal. Aquele que conheceis, nomeadamente o espírito. Tudo está impregnado de espírito. O espírito impregna o devir e a criação de todas as coisas neste cosmos. A oração tornou-se assim, que o filho do homem, através da sua marcação, se afastou dela e até acha que se ridiculariza a si mesmo se mostrar que pode orar a Deus. Mas quando o filho do homem entra numa situação de conflito, aí já serve! Muito bem, desde que ninguém ouça. Queridos filhos! Ninguém precisa de ouvir. Podeis fazê-lo dentro de vós, mas o principal é que vos envolveis nela de modo a não pensardes ao mesmo tempo: «Que hei de comer amanhã ao pequeno-almoço.» Porque as vossas orações ficam lá gravadas como numa fita. Pensai nelas!

Nenhum filho do homem suspeitou do poder da oração, mas ela envolveu-se nela. O filho do homem usa com prazer um mantra que está em harmonia com a frequência do «habitáculo». Mas usar a oração dá um contacto mais elevado. Se vos envolveis chorando, gritando, praguejando, não tem importância, porque isso são apenas palavras. Mas quando envolvestes o vosso ser de modo a que através do vosso Cavaleiro obtenhais contacto mais adiante através do Eu Espiritual Superior, recebeis resposta à oração. Esta resposta à oração pode muitas vezes ajudar-vos de forma multiplicada, sim mil vezes mais do que anos de meditação vos podem dar! Através da meditação podeis obter força no habitáculo. Obter uma certa calma. Mas através da resposta à oração recebeis clareza emocional!

Se fazeis a alguém uma injustiça de algum tipo e pedis perdão, sim, recebeis o perdão perante essa pessoa. Mas o ato está feito. A única coisa que podeis fazer é assegurar-vos dentro de vós e fortalecer-vos para que este ato nunca mais se repita. Compreendem-me? Mas o ato já está feito e fica desde então gravado. É assim, mas também podeis ser libertos dele através da oração e da escuta da oração. O perdão também fica gravado.

— Deus, na sua grandeza, perdoa todos os seres humanos se eles pedirem perdão?

— Sim. Queridos filhos. A oração é uma das maiores forças. Quando envolveis o vosso ser nela, quando vos deixais levar pela oração, quando vos ativais até ao vosso ego interior, tendes contacto com Deus Onipotente. E isso é amor. Cristo diz assim que a vossa igreja está no vosso interior. Tendes Deus dentro de vós. Descobri-O! Os filhos do homem têm mais dificuldade em separar-se do seu mundo dos sentidos do que de qualquer outra coisa. «É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha» e esta é uma das maiores verdades que jamais foram ditas.

Eu digo então, tal como Cristo diz: A vida está dentro de vós! O caminho para o eu está dentro de vós. O eu interior está dentro de vós. Cristo diz que Deus está dentro de vós, dentro de todos vós. Vós sois o braço estendido de Deus Onipotente na matéria. O reino de que ele

falava não é o reino exterior, mas o reino interior. Ele tentou igualmente libertar os filhos do homem da sua marcação.

Como havemos de fazer para desenvolver a consciência crística? — Esquece-te de ti mesmo!

— Existe semelhança entre Buda e Cristo?

— Pode dizer-se que ambos estavam iluminados. A encarnação crística foi de natureza diferente, em que o Eu Espiritual Superior com o Cavaleiro restante desceu e tomou posse do corpo de Jesus. Cristo era inteiro como filho do homem. Buda chegou à clareza no corpo. Compreendem-me? Esta é uma diferença essencial.

Estou a confundir-vos? Sim, é essa a intenção...

### O DESENVOLVIMENTO INICIAL DO PLANETA

Continuamos e agora voltamos ao planeta. Assim, para esse espaço vêm, ascendendo encarnando, o Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas em multiplicidade, trazendo consigo esse éter, essa matéria primordial, com a qual moldaram o seu habitáculo. Já aí começou, pois, a matéria a desenvolver-se.

Já falámos anteriormente da espiral de desenvolvimento, desta era, deste fluxo temporal. No fundo da espiral de desenvolvimento o fluxo temporal é rápido e, por isso, a gravidade é forte. Através dessa gravidade rápida, desse fluxo temporal rápido, eles reúnem essa matéria com o seu pensamento, com o seu habitáculo, e ela forma a forma plástica. À medida que subimos no fluxo temporal, vemos que a gravidade abranda, vai mais devagar e mais devagar. Surge a forma gasosa e, na linha equatorial da espiral, o planeta está completamente criado, nomeadamente na forma do mineral.

Pode dizer-se que a primeira forma é o gás? A primeira forma de experiência para os Cavaleiros?

— Queridos filhos, a primeira forma de experiência não é o gás. Mas não encontro nenhum nome para ela no banco de memória do Instrumento. É um fluido etérico que na sua substância é tão finamente

afinado... Com o pensamento criaram o seu habitáculo até à forma plástica, depois à forma gasosa e aqui, na linha equatorial da espiral, a forma conhecida do mineral. Sim. Assim veremos que a forma plástica em si mesma é o mesmo éter de que vós sois constituídos. Os Cavaleiros encarnam vezes e vezes e vezes e vezes, mas não em lado nenhum. Compreendem? Não em coisa alguma, apenas recolhendo imagens de experiência.

— Nasceram os átomos na linha equatorial da espiral?

— Sim, fizeram-no, o átomo físico.

— Aqui há seguramente diferentes estádios de desenvolvimento? Começou com forma plástica, depois gás e os minerais vieram depois da linha equatorial da espiral de desenvolvimento?

— Sim, é verdade. Depois os reinos vegetais, os reinos animais e o homem em devir. Vós dizeis que o planeta está incandescente no mineral. Assim surge ali um processo em que as partículas, digamos a composição atómica, passam por um processo constante. Do mesmo modo que vemos na vossa Mãe Sol, por exemplo. Este planeta tem uma esfera de irradiação. No princípio era incandescente em si mesmo. Foi criado por esse pensamento e continua a ser um ser vivo. Muda, pode dizer-se, a composição atómica. Os planetas são diretamente influenciáveis pelo pensamento do sol para a sua existência, para o seu desenvolvimento. Pode dizer-se que o sol é o «governador supremo» que tem sob si os seus «súbditos» e os dirige com mão firme.

O Mestre do Sol tem uma consciência que está em contacto com a consciência do planeta. O Mestre do Sol está também em contacto com outros planetas. Suponhamos agora que também existe uma cadeia planetária em que ele e o Mestre do Sol estão em contacto mental um com o outro. Podeis ver aí como há uma troca constante de informação através do banco de memória do planeta, em que intervêm constantemente uns nos outros e estão abrangidos pelo pensamento mental do sol. Dizemos que no vosso sistema solar cada planeta tem o seu pensamento mental e o seu banco de memória. Tudo isto está dentro da esfera de consciência do sol, da esfera de consciência do Mestre do

Sol, e do mesmo modo há ali constantemente uma transferência de força entre eles.

Cada filho do homem tem contacto, através do seu supraconsciente, com o banco de memória do planeta e, através do banco de memória do planeta, cada filho do homem está em contacto constante uns com os outros através do seu supraconsciente. Independentemente de onde quer que estejais agora neste planeta, estais em contacto constante através da sede do vosso supraconsciente com o banco de memória do planeta.

— Então todo o universo é telepático?

— Sim! Já o dissemos sobre isto... Aqui está o vosso universo, se baterdes as mãos assim faz eco por todo o universo, porque não existe vazio em si mesmo.

O vosso planeta é um ser vivo. Um organismo vivo. Contudo, não podemos dizer que aqui haja vida no sentido em que vós a vedes. O mineral dizeis talvez que é uma coisa morta em si mesma. Se baixásseis a vossa frequência no grau correspondente e pegásseis numa pedra na mão e a sentísseis, descobriríeis que isto é um ser vivo, talvez. É plástico e maleável em si mesmo. A pedra é macia. É acariciável, mas na vossa frequência torna-se dura. Alguém diz que isto em que bato é matéria sólida. Não é. É apenas matéria sólida na forma em que está manifestada e é matéria porque a experimentais com os vossos sentidos como sólida. Mas se descerdes ao reino da matéria, ou se elevardes a vossa frequência, experimentareis que isto é fluido. Já não é tão sólido, é fluido. Se subirdes ainda mais na frequência, experimentareis que não há obstáculo nenhum para vós atravessardes estas paredes do templo. De modo algum!

Suponhamos agora que tendes uma pedra na mão. Se a pudésseis espremer, veríeis que nessa pedra, lá no fundo, o que há, achais?

— Vazio entre as moléculas.

— Naturalmente, mas se agora, sob alta pressão, tentássemos comprimi-la, obteríamos dela, por um lado, água, por outro, o que vós chamais uma consistência oleosa, não é? E do mesmo modo talvez chameis água em forma ligada. Este planeta criou o seu ser ao longo de

milhares de milhões de anos, de tal modo que, sucessivamente, através da sua irradiação, da transformação do seu padrão cristalino, construiu este água de que falamos. A água em si mesma é um ser vivo. Podeis compreender esse pensamento? Água, é água viva. Tem, pois, pode dizer-se, uma alma. Essa alma não é o que vós chamais um Cavaleiro, mas tem definitivamente uma inteligência. A água tem uma força especial. Os filhos do homem falam dos quatro elementos fundamentais, por exemplo: Fogo, ar, água e terra. São quatro elementos fundamentais. Podemos riscar três deles, porque só existe um e esse é a água. A água é viva em si mesma. É a vida e a própria vida. Já falámos disto anteriormente.

A água é um ser vivo. Do mesmo modo que tendes o elemento da água, tendes o elemento do ar. O elemento do ar está separado do da água, e o da água do do ar, mas há uma fusão constante de tudo. A criação da água pertence ao tornar-vivo do planeta. O planeta chegou tão longe no seu processo de criação que cria o seu sistema sanguíneo, do mesmo modo que o seu habitáculo orgânico no ventre materno criou o vosso sistema sanguíneo. Compreendem-me? Pode dizer-se que a água é, a seu modo, o sistema sanguíneo do planeta. É a sua purificação e os mares que vós vedes, por exemplo, o que são então?

São ao mesmo tempo pulmões e coração, pode dizer-se, porque através dos vossos rios a água desce até aos mares e enche-os. Através da irradiação do sol evaporam e sobem novamente e purificam o elemento do ar. Depois descem novamente até este planeta e purificam ali os rios e do mesmo modo dão alimento ao sol. Pode dizer-se que é um sistema circular que é eterno. Vós procurais as vossas praias. Elas não têm a atividade cardíaca como vós a vedes, contudo, pulsante. Não é? A água é um ser vivo tal como a pedra, o mineral.

Os Cavaleiros encarnaram assim até ao mineral, recolhendo experiências dele. Quando a quota de imagens de experiência está cheia, o planeta cria, como espírito servidor, um novo meio de expressão, nomeadamente a entrada dos reinos vegetais.

### O PLANETA, O DESENVOLVIMENTO DOS REINOS VEGETAL E ANIMAL

Os reinos vegetais podemos compará-los a uma escala hierárquica em forma de pirâmide, porque há plantas em estado de transição do mineral e há plantas em estado de transição para o reino animal. Há, pois, plantas que têm uma consciência mais elevada do que outras. Os Cavaleiros encarnaram agora nos reinos vegetais, mas não neles. Animaram um grupo de plantas que, com o tempo, foi encolhendo na escala hierárquica, recolhendo experiências.

O reino vegetal tem um supraconsciente que está em contacto constante com o supraconsciente do planeta. Tem uma certa medida de consciência diurna e um banco de memória curto. Muito bem. Os Cavaleiros percorrem esta escala hierárquica encarnação após encarnação, recolhendo experiências até o corpo estar cheio deste plano. Então o planeta cria novamente, como espírito servidor: a entrada dos reinos animais. Aí vemos igualmente esta hierarquia com as formas animais inferiores e as superiores.

Quando os Cavaleiros encarnaram nos animais, mas não neles, animaram um pequeno grupo de animais que foi encolhendo à medida que percorrem a escala hierárquica. O reino animal também tem um supraconsciente. Está em contacto constante com o reino vegetal e com o supraconsciente do planeta. O reino animal tem um banco de memória e uma consciência diurna, mas a sua sede subconsciente está pesada e adormecida. É apenas nos estádios superiores dos reinos animais que a sede do subconsciente está adormecida.

Quando o reino vegetal entrou, e os reinos animais, foi criado o elemento da água. Água já havia antes, mas dessa «sopa primordial», se podemos chamar-lhe assim, em que o planeta ainda experimentava, rejeitava e experimentava novamente, rejeitava... À medida que o desenvolvimento avançava, o planeta criava novamente protótipos cada vez mais novos. Podeis aceitar isso? Ainda não havia nada vivo na superfície do planeta, apenas nos reinos aquáticos. Então perguntamo-nos: quem tinha as condições para uma cultura espiritual mais elevada senão os reinos aquáticos, os seres aquáticos, mais do que o filho do homem. Os filhos do homem são uma criação tardia, mas no reino da água tendes um processo de desenvolvimento muito longo. No elemento

da água havia um forte desenvolvimento. Havia também vida, como vós a vedes, na água.

No princípio foram criados animais unicelulares que se reproduziam por divisão celular. Mudaram pouco a pouco e tornaram-se bissexuados. Restos destes ainda existem neste planeta. Alguns destes animais unicelulares aproximaram-se da superfície, mas notai bem que a água existiu antes das plantas. Assim experimentaram a irradiação do sol e desenvolveu-se igualmente uma vida que suportava a irradiação que a Mãe Terra lhes dava.

Procuraram aproximar-se das regiões terrestres, onde desenvolveram um desenvolvimento especial para os reinos vegetais.

Os reinos vegetais reproduziam-se de outra maneira. Nos reinos vegetais havia, entre o elemento da água e os reinos vegetais, uma ancoragem: água e planta. Assim pode dizer-se que havia uma coisa intermédia entre planta e animal aquático e entre planta e animal. Com o tempo desenvolveram o seu habitáculo para uma forma que chamamos peixes. Estes peixes são seres inferiores nesta esfera de desenvolvimento. Com o tempo desenvolveram o seu habitáculo de tal modo que também podiam encontrar-se acima da superfície, mas ainda assim a água era o seu elemento. Assim chegou ao planeta o primeiro anfíbio.

Foi um forte estádio de desenvolvimento. Em cada entrada de sub-raça mudou-se e com o tempo estes seres desenvolveram-se cada vez mais nos estados aquáticos. Há muitos mamíferos desses e todos os que agora chamais anfíbios podem, pois, encontrar-se acima da água como na água, mas são mamíferos. Têm pulmões. Dependem do elemento do ar para a sua sobrevivência, mas também dependem do elemento da água para a sua sobrevivência. As baleias, sim, e também os golfinhos, que são seres altamente colocados nesta escala de desenvolvimento.

Os reinos vegetais libertam assim oxigénio. Assim foi criada a vossa atmosfera. Então perguntamo-nos: o elemento do ar, podemos chamar ao ar um ser vivo? Sim. Os reinos vegetais oxigenaram agora o planeta e aí surgiu uma vegetação que a humanidade nunca viu, dependendo desta espiral de desenvolvimento, que comparamos com fluxo temporal,

gravitação e luz. A mesma coisa. Na entrada do mineral, o fluxo temporal era lento. A gravitação era fraca e assim, por a gravitação ser fraca, o fluxo temporal lento, desenvolveu-se um reino vegetal que os filhos do homem nunca viram. Do mesmo modo, na entrada dos reinos animais a gravitação era fraca e aí também se desenvolve um reino animal, uma vida animal, que não poderia existir nesta existência, porque nesta sub-raça a gravitação é diferente. É mais forte. É aceleradora. Vós não poderíeis encontrar-vos na superfície deste planeta naquela época, porque seríeis forçados ao chão.

Como eu disse, os reinos animais estão em contacto constante com os reinos vegetais e estão em contacto constante com o supraconsciente do planeta. Os reinos animais têm assim uma vantagem sobre o filho do homem. Se aqui, por exemplo, houver uma alteração de frequência, algo que vós chamais catástrofe natural, por exemplo, os animais sentem-no na sua sede supraconsciente e assim conseguem fugir dali antes que isso se propague. Os reinos vegetais são mais sensíveis a isto do que os reinos animais. Os reinos vegetais reagem à mudança.

O filho do homem pode por vezes, através do seu inconsciente, ter um vislumbre de um futuro próximo da superconsciência do planeta e isso aplica-se então globalmente ao planeta. O próprio supraconsciente do filho do homem também pode participar disso e então tendes uma visão do vosso próprio acontecimento futuro.

### O PLANETA E O DESENVOLVIMENTO ATÉ AO HOMEM

Quando os Cavaleiros percorreram agora este degrau de desenvolvimento, recolhendo imagens de experiência dos reinos vegetal e animal, o planeta cria agora uma nova forma de expressão, nomeadamente «o filho do homem em devir». O Cavaleiro encarna-se pela primeira vez na carne. Na encarnação dos Cavaleiros na carne, foi ativado o crescimento do cérebro, o que também continua. Do mesmo modo foi ativado o crescimento dos corpos de desejo e de pensamento.

A partir do Eu Espiritual Superior, o Cavaleiro formou-se até ao mineral, reino vegetal, reino animal e agora um dos Cavaleiros encarna na forma masculina e o outro na forma feminina. A forma feminina vai encarnação após encarnação até a sua quota estar cheia.

Depois muda e encarna então na forma masculina. Vai aí encarnação após encarnação, até as imagens de experiência estarem completas, ou até ela ter visto através desta existência. Estes dois Cavaleiros reúnem-se pouco a pouco numa unidade para voltarem a encarnar, mas então num estádio superior, mas talvez num nível semelhante. Encarnam novamente juntos como uma unidade. Encarnação após encarnação criam para si experiências e recolhem experiências. Pouco a pouco fundem-se no Eu Espiritual Superior e isso representa então uma Entidade Crística, em que atingiram o mesmo estádio que no início do desenvolvimento, mas numa frequência mais alta. É um ciclo constante!

De onde vem então o filho do homem? Desta sopa primordial talvez, mas desenvolveu-se muito, muito mais tarde do que tanto o reino animal como o vegetal. O filho do homem surge da mesma forma, através de todos os encontros, essencialmente como um produto do planeta, nada mais, que ao longo de milhares de milhões de anos foi produzido no que vós chamais a mais nobre manifestação de Deus Onipotente! Pode discutir-se talvez, mas o organismo físico é um produto do planeta, um desenvolvimento do reino animal. O planeta é um organismo vivo que fornece os tijolos de construção do vosso organismo. As vossas células são constituídas por ele. Na vossa partida física, ou seja, quando passais pelo processo da morte, este organismo regressa ao planeta.

Chamamos-vos «filho do homem em devir» quando caminhais do corpo animal para o corpo humano. O homem separou-se dos reinos animais. Não tem a mesma consciência, mas ganhou uma visão do eu. Quando ganhou a visão do eu, perdeu a intuição, o contacto direto com o planeta. Perdeu o contacto com tudo o que é vivo, perdeu a fraternidade com os reinos animais, vegetais e o mineral. O corpo físico do homem é assim um corpo animal, mas dentro de vós tendes a vossa identidade interior a que eu chamo Cavaleiro.

Se dissermos agora que este é o reino do desenvolvimento. Este é o filho do homem e este é, por exemplo, o reino aquático, então podeis ver que o reino aquático se encontra aqui no desenvolvimento e o filho do homem talvez ali. Alguma vez vistes o golfinho agressivo? Não. Alguma vez vistes o golfinho ferir alguém sem motivo? Não, mas vós, com a vossa tecnologia, estagnastes de certa forma no que toca ao desenvolvimento. O golfinho não tem técnica. Não desenvolveu os seus membros, por exemplo, nem o mundo dos sentidos...

Vejamos então de outra maneira diferente. O filho do homem desenvolveu-se pelo seu caminho especial. Seguiu um caminho difícil. Quando o filho do homem diz, por exemplo, que a adaptação dá ao filho do homem a sua forma, não podeis ver isso numa existência de curto prazo. Dizeis que talvez vejais como o macaco se ergue pela primeira vez e pega em ferramentas. Queridos filhos, quando o macaco se ergueu pela primeira vez, o filho do homem já se encontrava neste planeta antes! O filho do homem está em desenvolvimento, mas não a partir do macaco, notai bem! Os degraus de desenvolvimento dividiram-se em dois e aqui podemos dizer que o filho do homem começou o seu desenvolvimento em devir, enquanto o macaco, que é um ramo do filho do homem, ficou parado na sua casca.

Queridos filhos, vós chamais a isto darwinismo e vistes isso então como uma «vaca sagrada». Não tomeis isto como tal coisa! Examinai-o! Virá a provar-se que o filho do homem e o macaco são parentes próximos, sim, mas a questão é ainda como é possível que o porco e o filho do homem sejam tão parecidos! Como é então isto possível? Podeis até transplantar pele deste animal, de animal para filho do homem. Talvez o parentesco seja ainda mais próximo! Não digo isto com qualquer intuito depreciativo, mas quem sabe? Talvez seja o vosso parente mais próximo aquele que vós encerrastes com tanto prazer!

Está na vossa mitologia que houve um tempo em que podíeis falar com os animais, com as plantas. Conhecíeis a sua linguagem. É tão verdadeiro, até que o filho do homem recebeu o subconsciente. Isto é verdadeiramente coisa nenhuma leve, mas poderíeis estabelecer contacto com os reinos vegetal e animal. Esta mitologia é bem verdadeira. Através

do vosso supraconsciente podeis estar em contacto constante com o reino animal e estais, mas não conscientemente, porque o subconsciente vos separa. Mas o reino animal está constantemente consciente das vossas ações. Compreendem-me?

O filho do homem tem uma consciência diurna, uma superconsciência, uma subconsciência e estado de sonho. Voltaremos a isto. Vamos olhar mais de perto para o homem dentro em pouco.

O fluxo temporal é mutável. No fim desta era, o fluxo temporal acelera-se. Uma nova era espiritual está a chegar. O desenvolvimento já se alterou vezes sem conta. Em cada entrada de sub-raça, o desenvolvimento também se alterou. Este reino aquático, o elemento da água e o filho do homem em devir virão igualmente, tal como as partes inferiores do paralelo dévico e igualmente tal como o elemento da água e o filho do homem em devir, a fundir-se pouco a pouco numa linha de desenvolvimento.

### O PARALELO DÉVICO

Já falámos anteriormente do paralelo dévico, não foi? O que é então o paralelo dévico? Um desenvolvimento paralelo ao vosso lado. Os seres da natureza, com quem estais constantemente em contacto, mas para essas experiências estais fechados. Contudo encontram-se dentro do vosso mundo vital. Enquanto a cadeia evolutiva do filho do homem é rápida, a do paralelo dévico é lenta. Num momento anterior também disse isto, que o paralelo dévico e o filho do homem se encontrarão na linha de desenvolvimento comum. Onde se separaram? Na linha equatorial da espiral, na forma do mineral. Aí se separaram.

— Porquê?

— Amados filhos, pergunta-se à Onipotência o porquê? Não posso responder a isso. Aí separaram-se em dois caminhos de desenvolvimento. Quando falamos do paralelo dévico, tendes também de saber que dentro deste paralelo existem o que chamamos guardiães ou devas. O deva está muito altamente desenvolvido no seu ser. Sob eles estão os seres da natureza que vós, brincando, chamais gnomos, trolls, elfos, fadas e assim

por diante. Notai bem que tudo isto está dentro do desenvolvimento, dentro do paralelo dévico. Do mesmo modo que os filhos do homem têm vida, eles experimentam as suas vidas separadas do filho do homem, mas vivem em harmonia com a natureza.

Pode dizer-se que a natureza é o seu jardim, enquanto o filho do homem se encontra em agressão contra a natureza e experimenta uma luta constante contra ela. Tomo isto do banco de memória do Instrumento: agressividade gera agressividade e quando vos comportais assim de modo agressivo, experimentais uma agressividade de volta. Se tivésseis colaboração com estes seres da natureza, resolveríeis muito. Pouco a pouco vireis a encontrar-vos numa linha de desenvolvimento comum, mas só quando os filhos do homem se tornarem inteiros, quando o Cavaleiro for homem.

### A CONSCIÊNCIA E O BANCO DE MEMÓRIA DO PLANETA

Este planeta é pois um ser vivo, um organismo vivo. Tem um supraconsciente, um banco de memória e um pensamento de base. O planeta manifesta tudo o que vedes: o filho do homem, o habitáculo, o reino animal, o reino vegetal, o mineral, por exemplo. Este planeta tem pois uma consciência. Já disse anteriormente que é conhecido, mas poucos o aceitam. O planeta tem uma consciência. Tem um banco de memória. O planeta está muito à frente de vós no fluxo temporal e tudo o que recolheis da vossa consciência recebeis do planeta.

O planeta encontra-se neste fluxo temporal de que falámos. O filho do homem é um produto do planeta e encontra-se igualmente no mesmo fluxo temporal, mas um pouco depois do planeta. O planeta cria em grande os acontecimentos futuros.

O planeta tem uma sede supraconsciente. Cada filho do homem está, através do seu supraconsciente, constantemente ancorado ao planeta. Tudo o que acontece nas vossas ações diárias, por exemplo que estais aqui e agora e o velho Ambres conversa convosco, também isto está desenhado no supraconsciente do planeta. Alguém pode, através do seu supraconsciente, pode captar, digamos, «vislumbres» do supraconsciente do planeta. O supraconsciente do planeta podemos

comparar a uma fita de filme onde tudo está gravado desde a origem até à origem e onde o filho do homem, dependendo da sua frequência, pode entrar e receber. Muitas vezes experimentais isso como as vossas encarnações, o que está errado, porque isso está apenas armazenado no banco de memória do planeta.

O planeta é um organismo vivo. Tem também um corpo de desejo, tem um corpo mental. O mental podemos comparar a seu banco de memória. Podemos também compará-lo ao que encontro no banco de memória do Instrumento: aos Registos Akáshicos, o banco de memória cósmico. Onde tudo está escrito desde a antiguidade até ao presente. O banco de memória do planeta está em contacto constante com o vosso supraconsciente. O vosso supraconsciente está constantemente a ser alimentado com informação do banco de memória do planeta. Enquanto tiverdes uma marcação negativa no vosso subconsciente, não podeis alcançar um contacto mais elevado, não antes de limpardes a vossa sede subconsciente. Falaremos mais disto.

### OS CHAKRAS, O SISTEMA NERVOSO E A CIRCULAÇÃO SANGUÍNEA DO PLANETA

O planeta também tem um sistema de chakras, exatamente como o homem. Os chakras do planeta são móveis. Quantos chakras tem o planeta? Sete. Se quisermos chamar ao polo norte polo positivo e ao polo sul polo negativo, veremos que estes dois chakras são chakras de equilíbrio. Se olhássemos para o planeta, veríeis por exemplo a linha equatorial. Aí está ancorado um chakra. Tudo se repete no filho do homem. Os chakras do planeta correspondem em grande parte aos do filho do homem. Ou podemos pegar pelo outro lado, que os chakras do filho do homem correspondem aos do planeta, porque o filho do homem é um produto do planeta, apesar da sua forma, e nada mais. Sois uma cópia.

Este planeta é um ser vivo. Um organismo vivo que também tem o seu sistema nervoso e uma circulação sanguínea. Podemos chamar-lhe o número de oscilação eletromagnética ou as correntes eletromagnéticas. Estes são pontos de interseção. Estes pontos de interseção são centros de força especiais neste planeta. Dependendo de onde, quanto mais perto

que estejais deles, mais afetam o vosso organismo. Pode dizer-se que onde estes sistemas nervosos se cruzam, tendes uma irradiação muito forte. Aí tendes estes pontos nodais. Amados filhos, pode dizer-se que são lugares que são conscientes, mais conscientes do que qualquer outro lugar. Se sentirdes as correntes de força no planeta, pode dizer-se que vos aproximais mais do vosso supraconsciente.

Experimentais então um contacto muito mais forte com a vida e quando digo a vida, é com a natureza que está diante de vós. De repente tudo mudou tudo. Antes dizíeis: «Vou sair e dar um passeio na natureza.» Saíeis a pisar forte e a andar no caminho. Irritáveis-vos com os bichinhos no chão, com os ramos que vos arranhavam a cara e com a chuva que vos corria pela nuca e vos molhava as costas. De repente tudo isto ganhou uma dimensão completamente nova, se obtivestes contacto próximo. Quando saís, sentis-vos bem-vindos pela natureza. As árvores partilham a sua alegria, o seu amor. Cada florzinha está cheia de amor só para vós. A chuva e o vento acariciam. Não mudou agora alguma coisa? Nunca mais vos livrareis deste sentimento de amor da natureza. Mas é um sentimento de amor que é doloroso, porque a maior parte de vós voltará sempre ao que antes experimentava.

O planeta tem uma consciência coletiva. Pode dizer-se que tem uma consciência coletiva na qual o homem está constantemente. A consciência coletiva também podeis comparar à consciência do planeta, à sua memória. Não precisais deslocar-vos para outro país para ter parte da consciência do planeta. Alguém diz que «Quero encontrar-me nos Himalaias numa gruta e meditar nesta zona de alta frequência.» Amados filhos, porque haveis de vos deslocar para lá? Sentai-vos aqui e meditai! O principal é que comeceis em algum lado! Então surge a zona de alta frequência que esperais.

Este planeta está impregnado de um padrão magnético, um fluxo magnético que tem os seus pontos nodais. Cada um desses pontos nodais representa uma zona de frequência muito forte. O filho do homem não deve andar a correr à procura deles, mas apenas caminhar até sentir com todo o seu organismo que aqui quero estar, aqui quero ficar e aqui quero continuar a desenvolver o meu eu interior. Não os podeis encontrar

com instrumentos de medição, mas o vosso organismo, que é uma parte do planeta, sente-o automaticamente em si mesmo: onde quer estar, onde pertenceis e onde vos podeis sentar em meditação e contemplação. Então surge a tensão de alta frequência independentemente de estardes no cume dos Himalaias ou na gruta mais profunda deste planeta!

### A FREQUÊNCIA DO PLANETA

O planeta é a origem do filho do homem, do habitáculo físico. O planeta tem uma frequência. Esta frequência é transversal no filho do homem. O planeta também tem um ritmo. Tem um pulso tal como o filho do homem.

Cada filho do homem tem uma frequência que depende de três aspetos, nomeadamente onde ocorreu a conceção. O segundo aspeto onde ocorreu a encarnação em relação ao campo e padrão magnético do planeta. O terceiro e talvez o mais importante: o nascimento e o local de nascimento em relação às irradiações geomagnéticas e igualmente à posição dos planetas exatamente nesse ponto. Tudo isto cria uma frequência. Cada filho do homem tem um âmbito de frequência próprio, onde recebe do supraconsciente do planeta e igualmente do pensamento do planeta, que não é o mesmo que superconsciência, porque o planeta tem um pensamento de base. Cada filho do homem com o seu âmbito de frequência especial encontra constantemente o pensamento de base do planeta e o planeta encontra-se no fluxo temporal um pouco antes do filho do homem. Do mesmo modo há invenções que se encontram no pensamento de base do planeta e o filho do homem capta-as dependendo do seu âmbito de frequência.

O pensamento do homem e do planeta

Digo que o homem pensa quase nunca, ou extremamente raramente! Olhai para o vosso mundo circundante. Pensais? Só pergunto. Quero afirmar que o filho do homem reflete e isto é uma diferença muito essencial. O filho do homem acredita ter esta capacidade, vós chamais-lhe capacidade de pensamento. Quero distinguir isto: pensamento e reflexões.

Os cinco sentidos são uma parte autónoma. Passais por um episódio, por exemplo, e depois repassais por ele. Fechais os olhos e podeis reproduzi-lo vezes sem conta para a vossa visão interior, onde o pensamento o forma. Compreendem-me? Mas este pensamento... este pensamento não é o que pensais que é pensamento! É uma parte do vosso subconsciente que traz isto vezes sem conta à superfície, para vós. Dentro de vós há uma consciência que é múltiplas vezes mais consciente do que jamais podeis ser no vosso mundo dos cinco sentidos! Este é o vosso inconsciente consciente, que assim o traz à superfície vezes sem conta. Vós influenciais isso: «Quero vê-lo outra vez.» E repassais por ele dentro de vós. Quando dizeis que pensais...

Sim, refletis sobre tudo o que acontece no vosso dia a dia. Pode comparar o vosso cérebro a um banco de informação. Está assim dividido em pequenas, pequenas gavetas onde bilhões e bilhões de sequências de acontecimentos estão implantadas. O que acontece à vossa volta é recolhido neste banco de informação. Se vos defrontais com um problema, «correi» então até ao vosso banco de memória e puxais as gavetas ora aqui ora ali e assim compilais e coordenais a resposta ao acontecimento como o experimentais, ou ao problema como o experimentais. Assim resolveis este problema com o que experimentastes antes. Tirais conclusões de um padrão coerente do que experimentais nas vossas ações diárias e deste modo é criada e formada a vossa futura vinda. Esta é a vossa livre vontade, mas esta livre vontade é apenas um nada.

É apenas a livre vontade do vosso habitáculo. O Cavaleiro é constantemente fornecido com imagens de experiência através disto. Isto é apenas um processo mecânico e isto não é pensar! O pensamento é algo completamente diferente! O cérebro em si mesmo não o vedes como centro de pensamento, mas sim como o próprio banco de memória. O centro de pensamento vedes fora de vós e não dentro de vós. Podeis compreender esse pensamento? O centro de pensamento não está no vosso cérebro mas o vosso cérebro vemos apenas como um banco de memória. O centro de pensamento vemos, pelo contrário, fora de vós. Onde se encontra o pensamento? Está dentro de vós ou está fora

de vós? Fora. Sim. Se agora pudermos chamar ao habitáculo, o vosso corpo, então o pensamento encontra-se fora dela.

O que é tão específico neste pensamento?

Ele pode tocar o pensamento do planeta.

— Sim e isto depende dos três aspetos que acabei de mencionar. Cada filho do homem tem uma frequência de base que depende de três aspetos. Estes três aspetos são pois a conceção, a encarnação e o nascimento em relação às correntes geomagnéticas, dependendo de qual irradiação o organismo recebe no momento do nascimento e naturalmente onde neste planeta isso acontece. Estais diretamente expostos à radiação cósmica, influência do vosso espaço, dos vossos sistemas estelares, dos vossos sistemas planetários. Falais de astrologia. A vossa astrologia, toma em consideração a conceção ou a encarnação, por exemplo? Não. Mas são de igual importância que o nascimento. Compreendem-me? Têm igual peso que o nascimento.

Diz-se que o horóscopo de conceção é igual ao horóscopo da encarnação anterior?

Amados filhos, de modo algum. Não. O horóscopo de conceção nada tem a ver com a imagem da encarnação anterior, porque a imagem da encarnação anterior e o renascimento variam de encarnação para encarnação dependendo do fluxo temporal. Digamos agora que o Instrumento, por exemplo, encarnou ali, então o planeta tinha um âmbito de frequência completamente diferente do que teria se talvez encarnasse noutra posição completamente diferente no fluxo temporal. Se o fluxo temporal é tal que corre rápido, este planeta tem uma frequência de base completamente diferente do que tem quando o fluxo temporal corre um pouco mais devagar. Assim, se as encarnações fossem coincidentes, partiríamos do princípio que a frequência de base é a mesma aqui e ali, mas não é. Toda a construção do vosso cosmos está assim alterada no fluxo temporal. Compreendem-me?

A astrologia ocidental e a oriental hão de reunir-se numa unidade. É verdade. A astrologia ocidental seguiu os seus próprios caminhos. Não está perfeita. Não, mas virá a estar. Continuai a trabalhar nela.

— A conceção, a encarnação e o nascimento. Os horóscopos para eles são uma descrição de planos diferentes para o homem. Pode ver-se assim?

— Pode dizer-se que se torna como um acorde, um acorde de vida para o filho do homem. Dizemos que o acorde de vida já está tocado, contudo, o homem tem uma vontade própria.

Agora voltamos à conceção, à encarnação e ao nascimento. Estes três aspetos criam uma frequência de base. Esta vibração, este diapasão é diferente de filho do homem para filho do homem. Pode dizer-se que estais constantemente a mover-vos dentro da esfera de consciência do planeta, mas exatamente e justamente o que está dentro do vosso próprio âmbito de frequência é que recebeis, dependendo de qual frequência de base tendes agora. Recebeis uma ideia, uma clarividência, por exemplo. De tudo o mais que recebeis, quero afirmar isto: que são apenas os vossos diferentes assentos de consciência que coordenam as vossas ações e experiências anteriores e as reformam e vós pensais que são os vossos pensamentos!

A vossa frequência está, pois, onde? Em parte, no habitáculo e ele impregna o vosso pensamento mental, o astral, o corpo de desejo e o mental, o corpo de pensamento. Assim esta frequência impregna em parte o astral e o mental, sim. Já dissemos anteriormente que este planeta tem um pensamento de base e que o planeta está adiantado no fluxo temporal. Está consciente, sempre antes de vós, e o fluxo temporal está marcado. Tudo o que experimentais à vossa volta está marcado de antemão, por acontecimentos no passado. Assim também aí estão coisas que virão no vosso futuro.

Pode dizer-se que com a vossa frequência estais constantemente a oscilar em direção ao pensamento de base do planeta e assim experimentais talvez uma vez ou algumas vezes de repente que recebeis uma ideia ou recebeis uma clarividência dentro de vós. Assim tocastes

então algo no pensamento de base do planeta que corresponde à vossa frequência. Depois forma-se um contacto e experimentais o pensamento de base do planeta, mas antes disso talvez estejais a refletir um pouco preguiçosamente, «puxais uma gaveta aqui e ali e sobretudo talvez estejais algures a cantarolar um bocado e a sentir-vos bem!

O pensamento está, pois, fora de vós. Desenho aqui um filho do homem e este é outro filho do homem, ali está um terceiro. Dizemos que as suas frequências de base são semelhantes, mas não iguais. Todos estes três oscilam com a sua frequência de base em direção ao pensamento de base do planeta e obtêm informações deste modo: como uma ideia, a imagem abstrata, uma clarividência dentro de si. Recebem, pois, cada um por si uma ideia. Assim, uma invenção vem a existir. Cada um manifesta esta invenção independentemente uns dos outros, mas dependendo da sua marcação fazem-na diferente. O impulso foi o mesmo para todos os três, mas a forma foi diferente. A isto chamamos pensamento! O anterior de que falámos é apenas um processo mecânico num cérebro.

A frequência de base dos filhos do homem arrasta-se atrás da consciência do planeta e o filho do homem capta apenas as partes que estão coloridas com a sua própria cor, com a sua própria frequência. Compreendem-me? Cada um recebe a sua parte do pensamento de base do planeta segundo a sua própria frequência e quando recebeis este pensamento, ele surge como ideia. Um golpe de génio diz alguém, mas não é de modo que estejais aí a soletrar devoções, onde logicamente juntais sequências de acontecimentos e as analisais para obter uma resposta, mas desce como uma clarividência: «Aha, é assim!» Não podeis saber de onde veio, mas tornais-vos apenas conscientes. É o pensamento! Ele depende da vossa frequência de base.

O vosso habitáculo está intimamente ancorado ao planeta. Ela reage às intenções mais finas que o planeta dá, enquanto o filho do homem no seu mundo dos sentidos rejeita isso e diz: «A minha razão não o compreende. A minha razão não pode aceitá-lo.» Naturalmente, mas o filho do homem colocou-se fora da origem do habitáculo físico, nomeadamente o planeta e fora da origem do Cavaleiro: Deus Onipotente.

## O HOMEM É SÉTUPLO NO SEU SER

O filho do homem perguntou-se durante muitos milénios: «Quem sou eu?» Sempre foi então até ao seu organismo, nomeadamente este corpo, e perguntou. O organismo respondeu-lhe: «Sim, tenho um nome. Tenho uma identidade, uma escolha profissional. Assim existo.» O vosso organismo é o templo que possuís. Cuidai deste templo de tal modo que cumpra a sua função para a vossa encarnação! Não se trata de esquecerdes o organismo físico, mas de terdes a relação correta com ele.

O homem nasce. Sim, o que acontece então? Toda a gente recebe a criança e diz: «Que bom! Bem-vindo a este mundo!» Pouquíssimos se perguntam: «De onde vieste tu?» Alguém responde: «Pois, é através de um processo de divisão celular. Constrói-se um corpo.» Mas o que é que lhe dá a sua consciência? O que é realmente o homem? É o corpo físico, aquele que vemos? Aquele que voltará ao planeta, entrará no ciclo ecológico, na sua balança ecológica, que apodrecerá ou será queimado? O líquido no vosso corpo será bebido por outros filhos do homem e animais, cairá como chuva nos rios e acabará por regressar ao seu mar primordial. Ou é o homem algo diferente? Quero afirmar que o homem é algo diferente.

Já dissemos anteriormente que o filho do homem é um produto do planeta, uma construção celular dele — nada mais! Esta é talvez uma das coisas mais difíceis que estão na vossa Sagrada Escritura: que Deus formou o homem do pó. Já disse antes que este organismo físico é um produto do planeta, mas não é só isso. Quando digo «nada mais» é apenas para fazer uma diferença muito forte entre o homem e o seu verdadeiro eu! O homem físico é um produto do planeta, uma distribuição celular dele, mas dentro de vós tendes a vossa identidade interior. Existe uma essência superior e essa essência é o vosso verdadeiro eu, a vossa identidade correta: o Cavaleiro. O homem divino é algo completamente diferente do que o homem físico, exterior, é.

Perguntamo-nos novamente: o que é realmente o homem? É um ser criado ou esteve sempre numa certa situação de consciência? É as duas coisas! É ao mesmo tempo um ser criado, um homem construído e

simultaneamente é infinito no seu saber e na sua sabedoria! O eu exterior do homem é um produto criado pelo seu entorno, pela sua marcação, enquanto o eu interior não é um produto criado por este desenvolvimento, por esta evolução, mas é uma centelha que recolhe experiências através do ser da evolução. Quero dizer que cada filho do homem se esconde atrás de escudos que acredita serem a sua verdadeira identidade.

Diz: «Eu penso. Eu sinto. Eu posso experimentar.» Mas experimenta um espetro extremamente pequeno de uma imagem de totalidade ainda maior. Vive num espetro muito, muito pequeno e diz: «Esta é a minha vida.» Uma criança recém-nascida tem um espetro de experiências muito maior para tirar, porque não tem travão. Não tem escudo entre si e a situação de vida infinita que tem atrás de si. Para ver o que é construído, temos também de ver o fundo do que o homem realmente é. Já falámos anteriormente da criação, da espiral de desenvolvimento e da origem do homem. Vamos voltar a falar um pouco dos vossos corpos, mas vamos angulá-los um pouco diferente do que antes.

### O HOMEM É SÉTUPLO NA SUA NATUREZA

Se agora virmos o filho do homem no organismo, é sétuplo na sua natureza. É sétuplo no seu ser e agora vamos começar devagarinho, devagarinho com o que vós chamais a doutrina esotérica. Vamos avançar com cuidado, porque vós, filhos do homem, esperais sucessos e por isso tropeçais constantemente e depois correis sem que ninguém vos consiga parar! Então são os sentidos que desejam e então é o vosso próprio egoísmo. Quereis realizar-vos para que o vizinho não vos alcance.

O filho do homem no organismo é sétuplo na sua natureza. Conheceis isso. São sete campos, sete corpos, não é? Temos o habitáculo físico, mas aquilo de que não se fala quando se fala do organismo é o que é invisível ao olho, nomeadamente o éter vital, o habitáculo astral, o habitáculo mental subjetivo, o habitáculo mental abstrato, o eu-alma e o super-eu. Também chamei ao super-eu o eu superior.

Desenho aqui um vaso e dizemos que este é um símbolo do filho do homem. Do mental abstrato para baixo até ao corpo físico pertenceis à

esfera de vida física. Assim temos deste modo os quatro aspetos inferiores e quais são eles? O físico, o etérico, o astral e o mental subjetivo.

- F — corpo físico
- E — corpo etérico
- A — astral ou corpo emocional
- M — mental ou corpo de pensamento (subjetivo)
- R — o Cavaleiro
- MA — mental abstrato
- S — a alma
- OS — o super-eu

Os quatro corpos inferiores formam «o vaso», a esfera de vida física. O Cavaleiro na sua forma tríplice contém os três aspetos superiores: o mental abstrato, a alma e o super-eu. Vamos passar por eles pouco a pouco.

### O HOMEM FÍSICO É UM PRODUTO DO PLANETA

O filho do homem não é, pois, o que pensais que é. Vamos então olhar para o homem e vamos falar um pouco dos vossos corpos físicos. O habitáculo físico do filho do homem é apenas um produto do planeta, nada mais! Ela regressa ao planeta na transição desse habitáculo físico. Pode dizer-se que «o vaso» regressa ao planeta. O vaso, este recipiente de barro, simboliza de modo maravilhoso o homem. No espinho da vida, no forno da vida... por vezes o forno é demasiado forte, o calor é demasiado intenso e o vaso racha. Por vezes o calor é demasiado fraco e o vaso fica poroso na sua forma. Muito bem. Sois vasos de barro cada um

de vós, do mesmo modo que os vasos que desenho. Talvez não com a mesma posição das pernas, talvez não com a mesma forma, mas uma coisa é certa: todos tendes exatamente a mesma origem.

É o planeta que vos gera no vosso desenvolvimento na área física. Deveis cuidar do organismo para poderdes enchê-lo com a sabedoria espiritual ou com a visão interior. Deveis, pois, «queimar a forma, queimar o vaso» até uma dureza tal que possa conter o saber, para que não se infiltre por ser demasiado poroso, ou que rache por causa de calor demasiado forte. O vaso simboliza de modo maravilhoso o filho do homem, que apenas tem consciência da forma exterior, não da interior. Vede o habitáculo física do filho do homem apenas como uma forma, um instrumento, de que vos servis!

Quando agora falamos dos corpos do filho do homem, vamos apenas até ao primeiro, a parte física. É o mais baixo e isto quero dizer que é o organismo físico: o vosso eu exterior, o plano físico, a matéria física. Assim aquele que podeis tocar. Aquele com que experimentais. Aquilo que sentis fisicamente com as vossas mãos, o sentido do tato e em geral aquilo que recebeis com os vossos cinco sentidos.

Se também virmos o filho do homem e falarmos dos elementos, que também são mencionados nas escrituras esotéricas, fala-se de quatro: terra, fogo, ar e água. Assim podemos dizer que o filho do homem é esta síntese de base. É a terra, é o fogo, é o ar e é a água. Em cada parte do corpo do homem entra, percentualmente, a mesma substância, a mesma quantidade de líquido, a mesma quantidade igual de ferro, cobre, níquel e assim por diante, que no planeta. Podemos também ver que cada função vital no corpo está separada das outras, contudo, funciona como uma totalidade. Vede como todo o vosso organismo funciona como um universo em miniatura. Do mesmo modo é um organismo maravilhoso! Tem o seu sistema sanguíneo, o seu sistema nervoso, a sua musculatura, um tecido ósseo que sustenta este organismo e assim dizemos que através de certos processos mantém uma vida.

Na superfície do filho do homem proliferam sem exceção milhares de milhões de focos bacterianos diferentes. Sois um universo em

miniatura onde assim micro-organismos vivem e se multiplicam no seu tempo de vida! Experimentam amor e ódio e perguntam-se o que existe além da sua esfera de experiência e vós estais aí e perguntais: «O que existe além da minha esfera de experiência?» Se entrardes no átomo e o observardes, temos novamente o Mestre do Sol, temos os Mestres dos Planetas. Se olhardes um pouco para o átomo, vereis que a semelhança é fascinante com o que chamais sistema solar.

Então podemos perguntar-nos se o desenvolvimento é um círculo fechado, onde o macrocosmos pode entrar no microcosmos e descobrir que o mesmo desenvolvimento existe no microcosmos que no macrocosmos! Nestes micro-organismos talvez existam novamente milhões e milhões de micro-organismos. A mesma coisa repete-se: o macrocosmos entra no microcosmos e novamente atinge o macrocosmos. O espaço curvo! Do mesmo modo a espiral de desenvolvimento é curva em si mesma, não é? Quando caminhais na via de vida esotérica vereis que macrocosmos e microcosmos são a mesma coisa! Muito bem.

O vosso habitáculo em si mesmo é um produto do planeta. Se olharmos para este planeta, veremos também que o planeta tem um pulso, um ritmo, que corresponde ao bater do vosso coração, ao vosso próprio ritmo de pulso. Tem igualmente uma frequência que corresponde à vossa frequência cerebral.

Por vezes falamos do espaço vital. Este é o vosso espaço vital, no qual o filho do homem se encontra desde o seu nascimento até, o que vós chamais, à sua morte física. Assim fazeis a vossa entrada através desta «porta de nascimento» e saís pela outra, a porta da morte. Suponhamos agora que passastes pelo vosso estádio de nascimento. Todos vos recebem. Todos cuidam de vós. Dizem: «Que bom! Bem-vindo a este plano! Façamos o melhor desta situação.» Assim fizestes a vossa entrada por esta porta e encontrais-vos neste plano de inércia, neste espaço vital.

O que experimentais são seres vivos à vossa volta, plenamente vivos. O lado astral é uma realidade, o mental também. O paralelo dévico também. Os seres do vento, os seres do ar estão ao vosso lado como uma

realidade natural. Sois puros no habitáculo ao nascer. Sois puros. O Cavaleiro está encarnado na carne. A criancinha tem consciência? Não, não tem. Do mesmo modo pode dizer-se que experimenta o seu próprio espaço, o seu próprio tempo. Sim. Em grau altíssimo. Encontra-se no seu universo, para si mesmo.

O pequeno é tudo e nada! É uma parte de tudo isto inconcebivelmente grande, da totalidade infinita. O que traz consigo é algo a que chamo personalidade de base. Cada homem traz consigo esta personalidade de base. É a síntese de todas as experiências anteriores que o eu divino, o Cavaleiro, recolheu em todas as encarnações. O organismo é apenas o portador da função vital, nomeadamente o Cavaleiro.

O pequeno que nasce é, pois, uma síntese de encarnações anteriores, mas não tem consciência própria de encarnações anteriores. Assim nunca esteve encarnado antes. Não, é apenas uma síntese que transporta experiências de encarnações anteriores. O Cavaleiro vem de uma frequência e desce para outra. O homem, o ser etérico, virá a fixar-se no seu corpo físico através de fios-raiz esotéricos. Aprende a dominar o corpo. Aprende a ver. Aprende a ouvir. O Cavaleiro encarnou no lótus do coração.

Quem experimenta, queridos filhos? O pequeno usa os seus olhos quando olha para este mundo exterior. Encontra-se no habitáculo, no vaso, mas tem dentro de si uma frequência mais alta. Aqui o pequeno ainda não tem o véu do desejo nem o véu do pensamento. Experimenta a frequência como lenta. O pequeno tem o impulso de sobrevivência. Este impulso pertence aos reinos animais, porque o organismo físico é um produto do planeta e, pode dizer-se, um desenvolvimento do reino animal.

Com o vosso nascimento, o vosso entorno começa a influenciar-vos. Os vossos pais biológicos começam agora um processo de aprendizagem. Recebeis uma descrição do vosso mundo exterior que, com o tempo, durante os anos de infância, se torna cada vez mais forte. Tentam também trabalhar-vos, moldar-vos segundo os seus sentidos, segundo os padrões que experimentam à sua volta: ambiente, marcação e assim por

diante. Falamos agora do homem limitado e então falo de um homem-papel que surgiu de uma descrição do mundo: uma marcação, em que os vossos pais deram a sua descrição do mundo a vós e vós aceitaste-la como uma realidade. A marcação faz com que os vossos sentidos se ativem e comecem a combinar-se uns com os outros. O que antes era totalidade começa a rachar em pequenos detalhes e penosamente constrói-se uma imagem do que é certo e errado, harmonia e desarmonia e o que é realidade.

Entrais, pois, pela porta do nascimento e pouco a pouco recebeis esta marcação, ambiente e consciência coletiva que vos empurra para dentro da esfera de consciência muito, muito pequena e assim vos isola do mundo maior. Aí recebeis um reforço dos aspetos inferiores, nomeadamente o físico, o astral e o mental subjetivo. Esta parte recebe tal reforço que sobrepõe a imagem de origem, nomeadamente a vossa origem, a composição esotérica. Sois apenas conscientes desta parte física. Alguns são até certo ponto conscientes da astral mas ainda menos da parte mental, porque é apenas por regra o organismo físico que experimentais no vosso dia a dia e então através dos vossos sentidos e da vossa consciência diurna. Também fostes influenciados pela massa coletiva a que chamei sistema de raízes e este sistema de raízes marcou-vos, formou-vos, educou-vos para adotardes os valores uns dos outros e diferentes princípios de vida.

Muitos filhos do homem recusaram-se a adotar toda a imagem. Continuam a conviver com os seres da natureza. Veem através da fronteira para este lado. Graças a Deus que não conseguiram fechar-se totalmente, mas estão abertos para dentro! Tendes uma herança para trabalhar, mas a criança começa a ser marcada. Voltaremos a isto. Também voltaremos à marcação dentro em pouco.

Podeis comparar-vos à pérola numa concha. No princípio, ao nascer, a concha está aberta, mas pouco a pouco, através da descrição do vosso mundo exterior, a concha fecha-se cada vez mais forte à volta do vosso verdadeiro eu, da vossa verdadeira identidade, do eu interior.

### O ÉTER VITAL, O HABITÁCULO ETÉRICO

Temos, pois, em primeiro lugar o organismo físico. Vemos assim novamente o vaso. Este é o filho do homem, vedes? Vemos igualmente que o vaso, o organismo físico, tem um campo vital. O filho do homem consiste ao nascer pois do habitáculo físico e de certo éter vital, o corpo etérico. O que é isso? A energia vital, o éter vital, sim. Pode dizer-se que é o próprio estado energético do vosso organismo, o campo de irradiação próprio do corpo. Este corpo físico tem, pois, um campo energético, um éter vital. Pode ver-se? Sim. Sente-se como uma coroa. À volta das mãos do Instrumento, por exemplo, um a três centímetros à volta delas, podeis experimentar como flameja num brilho azul-claro ou acinzentado.

Isto pode variar na sua coloração e igualmente no seu tamanho. Este é o éter vital, a energia vital que poderíeis ver se olhardes para o lado da mão do Instrumento e não diretamente para ela, mas para o seu lado. Assim, um a três centímetros para fora dos seus dedos, poderíeis distinguir uma névoa azul, cinzento-claro ou azul-claro. Esta é o éter vital do habitáculo, o seu próprio campo energético. Deveis, contudo, vê-lo como um campo pertencente ao organismo físico. Neste invólucro podeis descobrir descoloração dependendo do estado de doença algures no habitáculo.

Digamos então que o fluxo etérico é um fluido que atravessa o mental subjetivo, o astral e o corpo físico. Assim na verdade não podemos dizer que é um organismo, um corpo em si mesmo, mas que impregna os outros.

O campo vital tem, pois, uma cor áurica azul-clara e pouco a pouco, quando entrais no estado de sono, aprofunda-se. Antes de fazerdes a vossa saída do habitáculo durante o sono, vereis que esta aura azul-clara é móvel, mas quando fazeis a saída do habitáculo, está em repouso e imóvel.

Podemos também ver o campo vital no planeta, que é a origem do filho do homem, do habitáculo físico. O planeta tem uma frequência. Esta frequência é transversal no filho do homem. Saímos para a natureza. Podeis aí, por exemplo, ver as árvores diante de vós. É crepúsculo. Para dar um pouco de graça, também está calmo e cheio de paz. Contudo

ouvis os sussurros do vento, como ele se acalma nos juncos. Se olhardes para cima e virdes um bosque de abetos, por exemplo, e se fixardes o olhar algures no nada, notareis que de repente tremula à volta dele. Alguém já viu isso? Vede-o no estado de crepúsculo. Vedes então que tem uma tonalidade áurica cinzenta, não é? Mas este é igualmente a névoa cinzento-clara, pode dizer-se o campo de luz que está mais próximo. Se olhardes para cima ou para o seu lado, podeis vê-lo. Podeis ver como tremula. Não está imóvel, mas está vivo no seu ser. Está constantemente em transformação e mudança tal como o campo áurico do filho do homem. Temos aqui o campo vital mais próximo do seu habitáculo físico. Este campo vital está em constante movimento, tal como o da árvore. A cor é a mesma.

— Corresponde a força vital no homem ao campo etérico?

Amados filhos, são duas coisas completamente diferentes. A força vital não é o habitáculo etérico em si mesmo. O que é a força vital? Não é o invólucro etérico, não é o invólucro astral e também não é o invólucro mental. O que é então a força vital? Temos de olhar novamente para a parte superior, o eu superior no homem: o mental abstrato, a alma e o super-eu. A força vital vem de um plano superior, nomeadamente da alma e do super-eu. Compreendem-me?

### O HABITÁCULO ASTRAL E A MENTAL SUBJETIVO

Voltemos à criança. Agora esta criança recém-nascida vai ser marcada e no invólucro, no invólucro etérico, surgem agora o que poderíamos chamar dois campos, nomeadamente um astral, como vós lhe chamais, e um mental. Ou seja, um corpo emocional e um corpo de pensamento. O corpo astral chamamo-lo corpo de desejo. Na encarnação do Cavaleiro no lótus do coração é ativado o crescimento do corpo de desejo e o crescimento do corpo de pensamento. À medida que ides passando pela vossa conduta de vida, cresce por um lado o corpo de desejo e por outro o corpo de pensamento.

O recém-nascido já tem o corpo astral e mental completamente formados? Não. O astral e o mental estão ativados mas ainda não desenvolvidos. É interessante: como podem então existir? Como se

formam? Formam-se através da marcação! Sim. Como? O que é uma marcação? A influência dos pais e de todos os outros, o ambiente. Temos outro nome para isso. A marcação coletiva.

No início só existia apenas esta pequena forma física e o invólucro etérico à sua volta. Quando os seus pais biológicos dizem ao pequeno o que os seus sentidos devem experimentar — notai bem —, começa a criar-se um desejo e pouco a pouco cria-se igualmente um pensamento. Se agora olharmos para o corpo astral e para o corpo mental, dizemos também que ao nascer o corpo astral é rudimentar. Do mesmo modo o mental. Pode dizer-se que existem os gérmes do corpo de desejo e do corpo mental. O astral e o mental são construídos pelos próprios filhos do homem. Compreendem-me?

No primeiro processo de marcação começa, pois, a formar-se o corpo astral de desejo. Deixem-me dizer então deste modo: o mental desenvolve-se mais tarde do que o desejo. O astral vem mais cedo, porque já quando saís do ventre materno e a marcação começa sentis, por exemplo, fome, a fome do organismo. É um instinto, não é? Tendes um sentimento. Podeis distinguir o que é aquecedor junto de vós, podeis distinguir o que é repulsivo, agressivo junto de vós, mas não podeis distinguir, por exemplo, o que é doce ou azedo.

Sois filhos do homem com os vossos cinco sentidos. São a visão, o paladar, o tato, o olfato e a audição. Tendes a vossa consciência diurna. Através da vossa consciência diurna estes cinco sentidos criam, a seu modo, a vossa consciência do eu. Esta consciência do eu tem a sua origem na vossa educação, marcação e ambiente, porque cada ser humano tem à sua volta uma frequência muito especial. Não tem a ver com a frequência de base do planeta, mas é da marcação e do ambiente. Esta frequência podemos, com outra palavra, chamar frequência de desejo ou o habitáculo astral. Compreendem-me? O habitáculo astral é criado pelo filho do homem e não, como alguns dizem, encarnou com o Cavaleiro. Nem o astral nem o mental inferior encarnam juntos com o Cavaleiro, desde o átomo-semente, mas o habitáculo do desejo é criado pelo homem e pelo ambiente em que se encontra. Assim este ambiente pode criar tal consciência do eu.

Quando os vossos pais biológicos vos explicaram o que os vossos sentidos devem receber, quando vos explicaram o que é belo e feio, doce e azedo e assim por diante, começais a ter uma moldura de referência. Isso cria por sua vez o pensamento mental e o habitáculo mental, porque assim que aceitais a moldura, voltais à vossa mente e dizeis: «Sim, isto era azedo, isto era beleza e assim por diante.» Criais aí um pensamento que se baseia no vosso desejo. O pensamento é o reflexo do desejo, amados filhos, e é o desejo que sustenta o pensamento, o mental.

Olhemos novamente para a pequena criatura. Por volta dos seis meses de idade começa a criar-se um sentimento subjetivo. Um mundo emocional subjetivo. Esse mundo emocional constrói-se até um processo de pensamento mental. Começa a construir-se um novo corpo, um corpo de pensamento que se combina com o sentimento. A partir desse dia, desse momento, começais a avaliar a partir daí, a avaliar o mundo a partir daí. Toda a curiosidade, onde cresce o primeiro ego, vem do corpo astral e do corpo mental, que querem receber o maior número possível de experiências. A partir dos sentidos e através deles tentam encher a sua consciência com diferentes experiências.

Alguém diz então que o cérebro está aqui. Sim, está mesmo. Está aqui, mas o cérebro não é percetível em si mesmo. Pode dizer-se que armazena dados ao longo da vossa vida. O cérebro não tem sentimento. O cérebro não pode pensar por si mesmo. Pode, por assim dizer, arquivar e podeis analisar através deste banco de informação. Mas não é o pensamento que analisa, tem de haver um sentimento por trás do pensamento que começa e desperta a análise. Torna-se uma relação de trabalho entre pensamento e sentimento. Eles deslizam um no outro e trabalham os dados que recebem através do padrão dos sentidos. Então este processo começa a acelerar. Recebeis cada vez mais dados. Cresceis cada vez mais subjetivamente, centrados no ego. Obtendes cada vez mais uma consciência do eu e de repente, como mencionámos, fechastes-vos na vossa pequena cerca, a concha. Tudo se torna então colorido pelas vossas próprias experiências do mundo. De repente vedes o mundo tal como aprendestes a experimentá-lo!

Já aos um ou dois anos de idade haveis recebido o desejo. Distinguis aí: isto é meu, isto é teu e assim por diante. Isto resultou, pois, de uma marcação. Só depois, quando começastes a analisar e a ter uma capacidade lógica de dedução, é que depois o organismo mental começa a ser construído. Esses dois habitáculos transitam, pois, um para a outro. Não há uma fronteira tão nitidamente marcada. O habitáculo mental é mais mate na tonalidade. O corpo de desejo tem outra substância etérica do que esta física. Se olharmos para esse habitáculo, ele tem a sua irradiação, a sua energia vital.

Pode ver-se como a marcação prossegue em ciclos de sete anos. Dos um aos sete anos tendes uma marcação de base onde desejo e pensamento se formam. Dos sete aos catorze anos ocorre um processo de libertação, em que esta criança se reforça a si mesma porque agora ativou o seu desejo e o seu pensamento. Ativa e assim surge um processo para reforçar esse habitáculo. Dos cerca de catorze aos vinte e um anos de idade ocorre um processo de libertação dos corpos de pensamento e de desejo dos pais.

No habitáculo astral, pode dizer-se na vossa irradiação, estão armazenados os desejos. Se estais presos à matéria, amais o dinheiro, carregais algo, um ódio, uma necessidade de posse ou algo semelhante, isso dá resultado numa escala de cores neste campo. Compreendem-me? Assim alguém que tem visão clarividente pode experimentar estas mudanças de cor dependendo do estado de espírito que esse habitáculo física tem no seu pensamento mental. Muda constantemente e está em constante movimento.

O habitáculo mental é, pois, a residência do pensamento. O habitáculo mental e a astral estão intimamente ligados. O desejo não pode existir sem o pensamento, reconheceis isso? E do mesmo modo o pensamento não sem o desejo. Se agora víssemos esse habitáculo e experimentássemos estes campos, experimentaríamos um campo que é forte nas mudanças e assim fortemente destacado. Mas o mental é algo mais difuso nas cores. Quando algum filho do homem venceu o desejo e assim reforçou o seu habitáculo mental, estes espetros de cor transitam

para o habitáculo mental e esta expande-se, dependendo de quão forte seja esse espírito.

A aura astral é tão cantada e falada e os filhos do homem, por regra, tentam superar-se uns aos outros. Queridos filhos, isto é ironia! Tentam superar-se uns aos outros: «Eu tenho esta e aquela cor na minha imagem áurica. A minha aura astral tem os vermelhos e violetas mais profundos.» Queridos filhos! Falais de algo que não sabeis nada! Falais de algo... vedes as cores. Sim. Isso é uma coisa, mas aprendei a interpretar as cores e a mobilidade das cores em relação umas às outras! Alguém está preso ao desejo e, por exemplo, inveja o próximo pelos seus sucessos. Quer se trate de matéria ou de busca espiritual, isso dá imediatamente resultado na cor áurica. Se alguém mostra medo, isso também dá resultado na cor áurica.

Podeis aprender a interpretar os seus estados de espírito. Alguém está elevado, a avaliação da cor torna-se algo pálida, mas justamente o tom pálido é um sinal e a tranquilidade na imagem áurica é um sinal de paz de espírito, harmonia. Sim. Por exemplo, uma forte ira pode desencadear um brilho muito vermelho-escuro, um reflexo na aura de desejo. Pode até transitar para uma tonalidade fortemente violeta e muitas vezes podem aparecer tonalidades mais escuras que se fixam como manchas pretas nela. Compreendem-me? Do mesmo modo que a alegria desencadeia cor laranja. Alguém experimenta o amor físico. Os filhos do homem vão de mãos dadas e olham para a lua. Queridos filhos, vós os veríeis onde se encontram! À volta no seu campo áurico fulgura o campo laranja à volta deles e quando se unem, uma esfera dourada em si mesma!

### Elementares

Muitas vezes podeis entrar em algum lugar, ou ides numa multidão de filhos do homem, e sentis aí como as frequências vos batem. Podeis entrar num templo e sentis que aqui há algo à vossa volta que não podeis precisar, mas que vos afeta negativamente. Todos já experimentaram isso. Podeis entrar em casa de um filho do homem onde houve um conflito

muito forte. Sim, e o conflito ainda está no ar à volta deles quando aí entrais e vós o sentis. Como é então possível?

— Que força é essa que vem pelo olhar? É tão forte. Mesmo por trás.

Amados filhos, quando olhas para alguém por trás, notai bem que temos o que chamamos seres elementares. Cada pensamento que pensais conscientemente é uma forma-pensamento, um elementar. Tu encontras-te, por exemplo, ali e outro encontra-se aqui outro e dizes: «Eu observo-o com este olho.» Pode então dizer-se que observas conscientemente, ou não? Ao mesmo tempo pensas numa forma, fazes isso, e influenciam-no. Notai bem, ele talvez sinta isso como uma sensação de arrepio, um desconforto, porque algo o influencia. Então dizemos que o olhar pode influenciar o éter e é verdade. Pode influenciar o éter, mas não só o olhar, mas todo o vosso mundo dos sentidos. Sente-se em parte através dos elementares que criastes e em parte através de que os seus pensamentos assim também vos influenciam a vós.

Suponhamos que ficais zangados com algo, uma pessoa, um filho do homem. Pelo facto de o vosso habitáculo mental ser um fluido, ser volátil, criais com o vosso pensamento um elementar. Pode dizer-se que prolongais esse habitáculo mental e o pondes em movimento. Pode dizer-se que então transferis um elementar para este filho do homem. Pode dizer-se que se estende para lá e tenta ferir a contraparte e tenta trabalhar o invólucro mental. Muitas vezes o filho do homem pode sentir uma forte sensação de mal-estar.

Se o filho do homem aprender a proteger-se, a sua aura mental, o elementar apenas deslizará contra isso e do mesmo modo este pensamento mau baterá de volta contra vós mesmos. Regressa sempre a vós mesmos, tal como os bons pensamentos vos enriquecem. Regressam a vós reforçados. Pensamentos maus, como vós lhes chamais, regressam a vós e também eles estão reforçados no seu ser quando regressam a vós. Um pensamento de ódio vai para lá e um pensamento de ódio regressa. Compreendem-me?

Se assim vos perguntais, refletis e pensais fortemente numa certa coisa, formais este pensamento num elementar, num ser, que por sua vez

não tem alma, mas atua enquanto lhe fornecerdes alimento. Quando largais esse alimento, não penseis que ele desaparece por si mesmo, mas esmorece lentamente enquanto não tiver alimento para receber. O elementar do amor faz-se do mesmo modo, mas é recetivo. Também aí se liberta energia e também ele regressa, mas então não influencia neste campo mental em estado agressivo, a não ser que o filho do homem esteja num estado agressivo.

### Os aspetos inferiores e superiores

Vejamos agora um pouco mais o campo mental. Agora vamos avançar um pouco mais. O mental tem dois aspetos. O mental é o pensamento, não é? O campo mental tem dois aspetos: por um lado o pensamento subjetivo concreto e por outro o abstrato. Então temos de dividir o mental em dois departamentos. O habitáculo mental é, pois, o pensamento. Temos assim o pensamento mental, o pensamento mental inferior subjetivo e o pensamento mental abstrato. O que é então o mental inferior? Ora bem, ele é subjetivamente centrado no eu quando a criança humana diz: «Eu sou eu e nada mais.» Então ela age com o seu pensamento mental: «Isto sou eu. Eu existo. Eu penso.»

O corpo físico, o éter vital, o astral e o mental subjetivo pertencem ao planeta e voltarão a ele nos seus componentes. A esses chamei anteriormente os quatro aspetos inferiores do ser humano.

— Porque existe o aspeto inferior? Para que o Cavaleiro possa recolha experiências?

Exato. Os três aspetos superiores são o mental abstrato, o eu (självet) e o super-eu (översjälvet). Constituem a parte encarnada e formam conjuntamente uma totalidade. Pode portanto dizer-se que a criança humana, a partir do chakra do sentimento, é como se fossem dois indivíduos.

Podemos comparar o ser humano a um íman de barra. Do plexo solar para baixo, pertence ao planeta no que toca à parte da reprodução e ao ancoradouro ao mesmo. Estão a entender-me? Até o organismo apresenta características distintas. Do chakra sentimento para baixo

podem também notar que o organismo muda de caráter. Torna-se mais grosseiro na substância. A pilosidade é diferente. Se olharmos, por exemplo, para a divisão celular, também essa é diferente. Pode dizer-se que do mental abstrato até ao super-eu pertencem a outra esfera de evolução. Não pertence ao habitáculo física mas está ligado a ela. O vosso ego interior está encarnado dentro do vaso, na forma física, mas está constantemente ligado ao Eu espiritual superior. Há uma comunicação constante entre o Eu espiritual superior e a parte que está encarnada no organismo físico: o átomo-semente triplo, o Cavaleiro.

Tendes assim dois campos áuricos. A parte inferior pertence ao planeta para efeitos de reprodução e a parte superior pertence à parte espiritual de evolução, onde o Cavaleiro encarna no lótus do coração. Em todos vós existe uma centelha encarnada, um ego interior a que chamamos o Cavaleiro, o braço estendido de Deus Todo-Poderoso até à matéria. O mental abstrato, o eu e o super-eu, esses três juntos representam o Cavaleiro. Ele está encarnado em três chakras: chakra frontal, chakra cardíaco e plexo solar. Este ego interior está pois, formado por três. Chamámos-lhe o átomo-semente. Encontrei a palavra no banco de memória do Instrumento, mas a comparação não é correta.

Em si mesmo não é um átomo-semente, mas simbolicamente podemos vê-lo assim, como um embrião, porém triplo. Procuro outra palavra para este átomo-semente. A palavra não é totalmente adequada em si mesma. Mas o Cavaleiro é trinitário na sua essência. A palavra não mostra no fundo o que ele realmente é. Este átomo-semente é trinitário. Ele encarna para baixo, mas mantém contacto constante com o Eu espiritual superior. Mas vós no organismo, ou seja, na vossa consciência externa do eu, não tendes consciência do vosso eu interior, da vossa verdadeira identidade.

Quando falamos do super-eu, do eu e do mental abstrato já não podeis falar do vosso eu, do vosso ego externo, pois este ego interior não tem qualquer caráter de eu. Pode dizer-se que o eu original é apenas isto: o super-eu, o eu e o mental abstrato. Como pode uma coisa que está no oceano dizer: «Eu sou a gota.» Mas é a gota que constitui o oceano. Qual é a diferença, filhos amados? A gota tem consciência de que é o oceano?

Tem? O oceano tem consciência de que é a gota? É assim? Não, porque ambos estão separados um do outro, mas ainda assim formam um organismo comum em funcionamento.

O super-eu, o eu e o mental abstrato... tendes de os ver numa imagem abstrata e não numa imagem subjetiva. Filhos amados, nunca podereis formar a imagem abstrata com o vosso próprio mental subjetivo, porque nesse caso moldais a imagem segundo os vossos sentidos. A imagem abstrata não tem forma e cada um de vós experimenta o abstrato de maneira diferente, dependendo da perceção do espírito em relação a ele. Em todos vós está encarnada uma parte do mental abstrato, uma parte do eu, uma parte do super-eu a que chamámos o átomo-semente trinitário, o Cavaleiro.

O habitáculo mental abstrato

O habitáculo mental inferior também podemos chamar o mental subjetivo. O mental inferior é o subjetivo, o subjetivamente mental, o mental concreto. Portanto, no habitáculo mental inferior, continuais a experimentar a forma-eu.

— Qual é a diferença entre mental subjetivo e mental abstrato?

O mental abstrato é pois, a imagem, a imagem mental, a imagem mental abstrata da existência. Podeis imaginar o pensamento de uma imagem mental abstrata da vossa existência de vida? Numa imagem abstrata dela, seria completamente fluida e totalmente diferente do que agora experimentais com o vosso pensamento subjetivo. Estão a entender-me? O mental abstrato é a experiência emocional encarnada. Não é subjetivo, porque vós a trouxestes de encarnação em encarnação.

O que se entende então por abstrato? É descritível? Ora bem. De que maneira? Em sentimento? Com forma de imagem? A forma de imagem criais com o sentimento.

— Não se pode fazer uma imagem mental?

— Ora bem, mas podeis transmitir essa imagem mental com o concreto, com o pensamento subjetivo? Não! Há uma diferença de essência muito grande entre o subjetivo e o abstrato. Abstrato é algo que

apenas se sente e é difícil de agarrar, mas o abstrato forma-se como uma imagem. Ora bem, mas o abstrato pode ser muito difícil de descrever com o pensamento subjetivo, não é? O mental abstrato não é de forma alguma subjetivo, mas se experimentardes uma transmissão abstrata e tentardes moldá-la através de palavras, através do vosso pensamento, então moldam-na subjetivamente. Seja qual for a experiência que tenhais agora, moldam-na segundo o vosso próprio pensamento mental e astral.

O que é então o pensamento abstrato? Apenas uma consciência, mas essa consciência não pode ser descrita com o pensamento subjetivo, concreto. Estão a entender-me? Torna-se apenas, nesse caso, uma caricatura muito grosseira daquilo que queríeis transmitir, porque o abstrato não pode ser moldado pelo pensamento subjetivo, concreto. Se tentardes partilhar a consciência abstrata, tendes de usar a parte subjetiva, a concreta, para alcançar o vosso mundo circundante, não é?

A criança humana tem um lado objetivo e um lado subjetivo. Quando observais o vosso entorno, observam-no. De que maneira? Observam-no objetivamente, não é? Mas experimentam-no subjetivamente. É correto. Do mesmo modo, quando tendes o desejo e a forma do pensamento mental para o desejo, então experimentais o desejo tanto subjetiva como objetivamente. Pode dizer-se que é o equilíbrio. Mas o pensamento mental abstrato não tem nenhuma dessas formas. Não experimenta objetivamente de fora, como algum tipo de sujeito, apenas: é. Não é um organismo que absorve experiências. Filhos amados, se pudésseis experimentar o pensamento mental abstrato através do organismo, não seríeis subjetivamente objetivos em vós mesmos, mas apenas estaríeis num ser!

O mental abstrato é o mental superior. O abstrato, o que é abstrato? Perguntei há pouco se é descritível? Descritível com sentimentos, sim. Por exemplo, alguém faz um quadro e dizeis que é abstrato. Alguém tenta fixar uma visão de uma experiência interior ou de uma experiência superior, uma imagem visionária interior. Torna-se abstrato, porque não há nada de subjetividade nele, de experiência própria do mundo dos sentidos, mas torna-se uma experiência interior de esfera superior. Até uma experiência interior pode ser uma abstração. Uma experiência

espiritual interior superior não podeis descrever com palavras, mas podeis deixar que ela vos ilumine com o sentimento. O mental subjetivo através do eu não pode transformar o pensamento abstrato para vós, porque o pensamento abstrato não tem nenhuma forma de consciência-de-eu, de subjetividade.

### A PALAVRA

Quão difícil é falar daquilo que não se vê nem se ouve? Quando falamos de abstração, dizeis então: «Eu pinto abstrato. Eu transmito música abstrata.» Pergunto-vos: como podeis fazer isso? Dizeis: «Ora bem, tenho uma experiência abstrata que depositei naquela tela e olhem, aqui está ela.» Eu olho para ela e pergunto: «O que é?» Respondes: «É a minha experiência abstrata.» Mas não é a minha experiência abstrata. A experiência que colocaste na tela é a tua experiência subjetiva de uma experiência abstrata. Já não é uma abstração. Para o artista significa algo especial. A música é o mesmo. Significa algo para quem a escreveu e é subjetiva para ele. Uma abstração não podeis explicar! Podeis experimentá-la, mas não podeis depois transmiti-la.

Alguém diz: «Experimentei o mar do Ser, o Nirvana. Encontrei-me no seu berço. Senti que era inundado pela sua consciência. Flutuei de margem em margem. Trago uma felicidade infinita.» Tu dizes: eu sou, eu estava. Como pudeste então experimentá-lo e sobretudo: como podes descrevê-lo? O Ser não pode ser descrito! Quem experimentou o Ser, está no Ser! Não pode regressar e dizer: «Estive lá, mas agora estou aqui. O Ser é total!»

Temporariamente podeis tocar no assento supraconsciente. O que então experimentais diferencia-se de forma muito marcada dos vossos estados de sonho. A visão não tem imagem! Experimentam-na com o mental abstrato. Recebem-na na sua totalidade, como uma clarividência. Se interpretardes com o mental subjetivo, com o vosso próprio pensamento, pode dizer-se que então alterais a visão. Recebem-na com o mental abstrato. O eu subjetivo nunca a pode interpretar. Pode alguém moldar um sentimento em palavras?

Ora bem, podeis moldá-lo em palavras, mas não podeis transmitir o próprio sentimento; nesse caso teríeis de transmitir a experiência do sentimento e isso é uma impossibilidade, porque a visão tem um caráter tal que não pode ser comunicada subjetivamente. Todas as visões têm esse caráter. Estão a entender-me? Enquanto alguém tenta contar a sua visão, vós interpretai-la ao mesmo tempo. «Foi assim que eu experimentei. Foi assim. Foi assim que eu vi.» Logo que a vistes com a vossa visão interior, ou reformais a experiência interior com os vossos sentidos, experimentai-la a partir do subjetivo e portanto, nunca podeis transferir uma visão para outro ser humano senão com o sentimento. E para o sentimento não estais recetivos. Estão a entender-me?

O EU (självet)

Agora continuemos. Temos pois, um, dois, três, quatro, cinco habitáculos. Faltam dois. O sexto é o eu e o sétimo depois disso, o que é? Alguns chamam-lhe o super-eu ou o super-eu. O que é então o eu?

— A alma, porventura?

O Cavaleiro e o Eu espiritual superior juntos representam a alma, enquanto o eu podemos dizer que é uma parte do Cavaleiro. O eu é independente na sua essência, mas ainda assim está ligado ao grão de consciência, ao átomo-semente trinitário.

O que é então o eu? Pode dizer-se: as funções do organismo ou a memória das funções corporais. O eu é o portador das memórias corporais. É o portador das disposições de caráter e o portador das memórias celulares de encarnações anteriores. Filhos amados, o eu é o portador das disposições dos anteriores períodos de encarnação! Pode dizer-se que o eu é a consciência da forma de expressão na sua encarnação anterior. O eu traz portanto dentro de si a consciência do organismo das encarnações anteriores.

A tarefa do eu é, de uma encarnação anterior, por exemplo, absorver imagens de experiência do organismo anterior e pode dizer-se que antes da procriação ocorrer, o eu examina onde o Cavaleiro deverá encarnar. O eu escolhe o futuro lugar de encarnação e a imagem de encarnação.

Quando a procriação ocorre e a fecundação é um facto, o eu desce e adere ao organismo e influencia-o desde o primeiro processo de divisão celular. Assim, o eu encontra-se junto do organismo. Antes da encarnação do Cavaleiro na matéria, o eu já está junto do organismo. O eu transfere as memórias corporais e fixa os vossos chakras ao organismo físico. Influencia o organismo, a sua memória celular. Depois, quando a ligação aos chakras está feita, o eu abandona novamente o organismo, pois o processo de divisão celular já está em marcha e a memória celular foi ativada. Mas o eu faz mais do que isso: ancora o sistema de chakras à dupla esotérica.

### A DUPLA ESOTÉRICA

Agora chegamos a algo que pode ser difícil de compreender. Cada criança humana tem uma dupla esotérica, um eu esotérico, uma parte superior de si mesma, um eu superior que se encontra acima do plano astral, do plano mental e do plano causal. Também podemos chamar-lhe o eu esotérico. Na dupla esotérica podeis colocar os três aspetos superiores: mental abstrato, o eu e o super-eu. Em todos vós está, pois, encarnada uma parte do mental abstrato, uma parte do eu e uma parte do super-eu a que chamámos o átomo-semente trinitário, o Cavaleiro. Esta trindade tem uma ancoragem superior e essa é, pois, a dupla esotérica. Já falámos anteriormente da dupla esotérica.

Tendes um sistema de chakras. Tendes o chakra raiz, o chakra sexual, o plexo solar, o chakra cardíaco, o chakra laríngeo, o chakra frontal e o chakra coronário. Também a dupla esotérica tem estes chakras. Os vossos chakras estão em ligação constante com a dupla esotérica, assim chakra raiz com chakra raiz, chakra sexual com chakra sexual, plexo solar com plexo solar e assim sucessivamente toda a escala até ao seu topo. Fala-se por vezes da harpa de sete cordas. Podemos ilustrá-lo da seguinte maneira:

dupla esotérica corpo físico

### A HARPA DE SETE CORDAS.

Assim estais ligados a este eu superior, à dupla esotérica, através dos vossos sistemas de chakras. O eu liga os laços do eu superior, da dupla esotérica, ao vosso sistema de chakras.

O eu influencia o organismo

Na procriação o eu, portador das funções corporais, das suas memórias, desce e na primeira divisão celular participa. Mas igualmente, é o ligador do sistema de chakras à dupla esotérica. À medida que o sistema de chakras cresce no organismo, o eu vai-se retirando cada vez mais e depois abandona o organismo. O eu influenciou o organismo. Quando o feto já cresceu, aos quatro meses de idade, é que este átomo-semente trinitário desce, ou seja, do Eu espiritual superior, e encarna novamente na carne. Só por volta do quarto mês, aproximadamente, é que o Cavaleiro encarna no feto e toma posse do lótus do coração, do plexo solar e do chakra frontal. Os movimentos fetais começam. Antes do momento da encarnação é apenas um processo de divisão celular em si mesmo, com uma vida mas sem consciência. Uma vida artificial, poderia dizer-se.

A encarnação ocorre e ocorre em trindade. Pode então encontrar-se o eu também no átomo-semente trinitário e este encarna pois e toma posse deste feto. Assim o Cavaleiro é trinitário. Coloca o seu assento no lótus do coração e influencia no plexo solar. Toca com a espora o vosso chakra sentimento e como também está escrito: «E reúne as rédeas dos sentidos na sua mão.» É pois uma trindade. O mental abstrato toma então posse do plexo solar. O eu está ancorado no lótus do coração e o super-eu toma posse do vosso chakra frontal. O coração é a sede principal.

Quando o Cavaleiro encarna na criança humana, são estes os três átomos-semente de que falo e então a encarnação é um facto.

Quando o Cavaleiro encarna, o eu ainda está aderido ao organismo nessa altura?

— O eu ainda está aderido ao organismo, mas de outra maneira. Agora toma também posse do organismo e em parte dos vossos chakras.

O eu é independente na sua essência, mas ainda assim está ligado ao grão de consciência.

Na fecundação o futuro bebé recebe cromossomas tanto do pai como da mãe e assim o bebé fica parecido com a mãe ou com o pai ou uma mistura de ambos. É o eu que determina as proporções aí?

Filhos amados. Vais ficar mais do que surpreendido! Dizes que o eu desce na primeira divisão celular. É correto. Então dizeis que as proporções talvez devessem ser metade-metade, não é? Nós dizemos então que este menino herdou do pai e herdou da mãe. É correto, mas não é toda a verdade. Porque na primeira divisão celular o eu desce e influencia o organismo no seu desenvolvimento. Já disse noutra ocasião que por vezes — e isto também ireis descobrir dentro em breve — vão nascer meninos, vão nascer meninas cujos grupos sanguíneos não correspondem a nenhum dos pais nem à sua combinação. Isto vai acelerar cada vez mais, porque uma nova criança humana está a caminho. Estamos a entrar numa nova era e um novo ser humano vai ver a luz do dia.

Suponhamos agora que temos um grande grupo de descendentes dos mesmos pais. Os pais são baixos, atarracados, largos, de pele escura e pernas arqueadas. Digamos então que cinco dos descendentes são uma cópia de ambos, mas depois vêm dois que de maneira nenhuma encaixam neste sistema. São altos, de cabelo claro. Então alguém diz: «Ora bem, isso está no património genético de muito atrás.» Talvez, mas não tem de ser assim e também ireis ver isso. Os vossos cientistas vão coçar a cabeça até sangrar. É o eu que os influencia no organismo, influencia-os a partir de uma encarnação anterior. Tem uma esfera de experiência muito forte e isso reflete-se na formação celular. Pode dizer-se que cria um habitáculo em que os genes base vêm do pai e da mãe, mas pode dizer-se que o código genético é manipulado um pouco. Estão a entender-me? Então alguém diz: «Talvez seja uma forma de mutação.» Não. O eu influenciou o organismo.

— Assim o eu (självet) pode criar os seus próprios genes?

— Sim, ele pode alterar, acrescentar e subtrair ao seu bel-prazer.

— É o eu que manipula?

— É o eu que manipula, sim. Se nesta encarnação aconteceu algo que deixou uma marca muito forte e recebeste um impacto muito intenso desta encarnação, então na próxima encarnação talvez nasças noutra cultura onde o ser da criança humana tem um aspeto diferente. Ou se numa encarnação anterior tiveste uma esfera de experiência muito forte, isso pode refletir-se nesta vida e o habitáculo assume a proporção, a forma que tinha na existência anterior. A impressão da forma pode vir de uma encarnação anterior no seu tecido quando o eu desce e influencia o organismo.

Assim, pode acontecer que de uma encarnação anterior o eu influencie a estrutura do organismo e altere o código genético. Então dizeis: «Como é isto possível? Pode algo influenciar o código genético?» Sim, pode. O eu pode influenciar. Filhos amados, isto é interessante nesta época, no início desta nova era, vão nascer crianças humanas neste planeta e os pais vão dizer: «Será que isto é mesmo minha descendência...»

— Será possivelmente o Eu espiritual superior que determina o sexo?

— Não. Não é o Eu espiritual superior, mas pode dizer-se que é uma combinação do eu e do Eu espiritual superior: o átomo-semente trinitário, dependendo da imagem da encarnação anterior. É sempre o karma que decide a próxima encarnação.

— Quando o eu manipula a matéria, faz o eu o que faz por si próprio, ou está o eu a ser manipulado? Ficou complicado...

— Entendeste tu próprio a pergunta?

— Estou a pensar na lei do karma...

— Sim, isso depende, como dizes, do karma. A lei do karma. Aquilo que semeias... a semente é igual à colheita, não é? Se semeias mal, colhes mal. Mas o eu desce e manipula, sim, ele fá-lo.

O eu tem, pois, uma tarefa muito especial. Ele influencia o organismo, sim. Uma certa criança humana diz assim: «Eu tinha

consciência de que me encontrava perto do plano terrestre. Tinha consciência de que ali voltaria a nascer no organismo humano.» Mas essa criança humana não tinha consciência do seu aspeto físico, apenas de ser algo ou alguém. A portadora-mãe do organismo ainda não estava grávida, mas em breve estaria. Estão a entender-me?

Quando o eu atinge um estádio de evolução e regressa a Deus e já não quer encarnar?

— Filhos amados, quando esse tempo chegar, simplesmente não encarna! Porque lembrai-vos disto: o eu não tem a consciência que vós tendes. O eu não está isolado numa unidade própria, mas o eu, o mental abstrato e o super-eu formam uma unidade. Podeis chamar-lhe o Cavaleiro.

— É aí que tu estás?

— Não, filhos amados. Eu libertei-me das encarnações. Filhos amados, nunca ireis compreender isso. Eu não estou lá. Não estou cá. Eu sou. Porém posso dizer: eu sou consciência.

O SUPER-EU (översjälvet)

Agora continuemos. O sétimo habitáculo, qual é? Alguns chamam-lhe o super-eu ou o sobre-eu. O super-eu é uma parte superior da criança humana e tem uma ancoragem muito forte ao Eu espiritual superior. Pode dizer-se que é uma parte superior da vossa consciência. O Cavaleiro encarna de forma trinitária no lótus do coração, no plexo solar e no chakra frontal. Pode então dizer-se que o eu encarna no lótus do coração, enquanto o mental abstrato encarna no plexo solar e, do mesmo modo, o super-eu é a ancoragem do chakra frontal à dupla esotérica e ao Eu espiritual superior. O chakra frontal, por regra, não está ativado na criança humana. Só quando o chakra frontal é ativado é que alcançais a unidade na dupla esotérica. Estão a entender-me? Quero com isto dizer também que uma parte do Eu espiritual superior está encarnada na criança humana.

O Eu espiritual superior projeta o Cavaleiro para dentro da criança humana. Do Eu espiritual superior parte uma parte encarnada, uma

centelha. Esse é o Cavaleiro, o vosso ego interior, que encarnou no organismo físico. Podemos chamá-lo o ego inferior, o eu inferior, mas ainda assim é a vossa verdadeira identidade, porque é ele que monta este corpo durante esta encarnação. Mas este eu inferior tem um correspondente numa esfera superior, ou seja, o Eu espiritual superior.

Há uma comunicação constante entre o Eu espiritual superior e o Cavaleiro, relativa à recolha de experiências deste plano de vida. É uma comunicação nos dois sentidos. O Cavaleiro recebe informações através dos vossos sentidos, através do vosso corpo e, do mesmo modo, a informação passa para o Eu espiritual superior e é aí armazenada. O próprio Cavaleiro, que é uma parte do Eu espiritual superior, também armazena. Pode dizer-se que, tal como o poço, vai armazenando encarnação após encarnação.

Este Eu espiritual superior absorve, pois, as experiências do mesmo modo que o Cavaleiro o faz na matéria física. O Eu espiritual superior não pode descer à matéria. Pode dizer-se que envia um mensageiro. Mas esse é o vosso ego físico, o ego que se encontra no vosso habitáculo na mas que está constantemente ligado ao vosso super-eu.

O Eu espiritual superior é representado pelo super-eu, pelo eu e pelo mental abstrato no Cavaleiro. Assim, o Eu espiritual superior e o organismo físico estão ancorados um ao outro através do Cavaleiro, a centelha divina, o braço estendido de Deus Todo-Poderoso até à matéria. Pode dizer-se que o super-eu está em parte dentro de vós e em parte é independente da criança humana. No organismo, ou seja, na vossa consciência externa do eu, não tendes consciência do vosso eu interior, da vossa verdadeira identidade.

O super-eu é o grande portador e pode dizer-se que é o Eu espiritual superior. O Cavaleiro é uma projeção do Eu espiritual superior. O super-eu é uma parte do Cavaleiro e o super-eu é uma projeção do Eu espiritual superior.

O Cavaleiro é o ego dentro da esfera da vida física. Estão a entender-me? Acima da esfera da vida física, a partir do mental abstrato, o Eu espiritual superior é pois, o ego superior. O Eu espiritual superior é

consciente, mas vós sois inconscientes. Apenas o Cavaleiro experimenta a sua existência, não vós dentro do organismo. Vós estais presos dentro desta esfera física. Por isso é importante saber que o vosso organismo pertence ao planeta e a nada mais! Mas o vosso Cavaleiro, o eu e o super-eu são, pois, a vossa verdadeira identidade e quando digo que o Cavaleiro é a vossa verdadeira identidade refiro-me ao ego encarnado. Estão a entender-me?

Pode chamar-se ao super-eu o caminhante e pode dizer-se que o Cavaleiro se manifesta em dois planos. O super-eu é o Eu espiritual superior. Estão a entender-me? Este Eu espiritual superior projeta o Cavaleiro para dentro da criança humana. O super-eu é pois uma criação por si só num plano muito mais elevado do que a criança humana pode compreender.

— Será o super-eu o mesmo que o Eu espiritual superior?

— Sim, pode também dizer-se que este é o Eu espiritual superior, o reflexo de Deus. Assim, Deus Todo-Poderoso está constantemente ligado à criança humana, enquanto a criança humana não vê a sua própria grandeza, o seu próprio amor fantásticamente grande que existe dentro dela, porque experiencia Deus Todo-Poderoso fora de si. Mas esta é então a relação de Deus Todo-Poderoso com o ser humano: Deus está dentro da criança humana! A criança humana experiencia, por regra, Deus fora de si. Enquanto a realidade é esta: a relação da criança humana com Deus deve ser a de que Deus existe dentro de todos vós uma centelha, um Cavaleiro.

Tendes de descobrir que o eu interior é Deus e reconhecer que sois uma parte de Deus. A criança humana procura sempre fora de si mesma o Deus Todo-Poderoso, ao mesmo tempo que Deus está dentro de vós e vós sois o braço estendido de Deus Todo-Poderoso na matéria. Procurais Deus Todo-Poderoso fora de vós e não tendes consciência da sua existência no vosso próprio interior, de que sois uma parte de Deus, deuses em formação.

### PORQUE PRECISA DEUS DAS EXPERIÊNCIAS DO SER HUMANO?

Filhos amados. Deus não precisa das experiências do ser humano! Tu és o próprio Deus, mas falas a partir do eu subjetivo. Mas o que deves tentar encontrar é a tua verdadeira identidade interior, o teu Cavaleiro, o teu ego. Mas enquanto falardes de Deus ali... tendes de mudar isso e falar de Deus aqui. Deus Todo-Poderoso não precisa da vossa experiência, mas vós caminhais, sois caminhantes no cosmos. Sois centelhas fugidias e assim sois vós mesmos deuses e sois vós mesmos deuses criadores, mas caminhais pelo caminho do conhecimento. Pode dizer-se que, mais cedo ou mais tarde, também vós vos encontrareis... fizemos esta espiral e falámos então que no princípio era a quietude... ora bem...

— Alguns de nós entendem apenas um bocadinho sobre o super-eu e o eu. Então sentimo-nos bastante estúpidos... precisamos de entender?

— Filhos amados, também eu me senti assim uma vez. Não tenteis compreender com o intelecto. Tentai experimentar com o sentimento. Começai por experimentar que «eu» não sou «eu», porque quando experimentais o eu subjetivo, o vosso corpo, experimentais uma ilusão, algo que o planeta criou. Pensai assim: «Eu utilizo este corpo como um instrumento. Utilizo os seus olhos para ver esta matéria. Utilizo os seus ouvidos para ouvir e encontro-me no lótus do coração, encarnado. Utilizo o seu chakra do sentimento para absorver estados de espírito. Utilizo o seu chakra frontal como as rédeas dos sentidos.» Filhos amados, tentai sentir este sentimento interior de eu. Não o sentimento exterior do eu, porque se estiverdes presos ao sentimento exterior do eu, então estais presos aos sentidos! Então caminhais pelos vales de Maya onde o véu dos sentidos vos envolve constantemente e vós o experimentais constantemente — mas nunca o descobris!

### O Cavaleiro, o eu interior

O Cavaleiro é o vosso eu interior. É a vossa verdadeira identidade e nada mais. Não confundais o Cavaleiro com o habitáculo físico, porque o habitáculo é algo que utilizais para recolher imagens de experiência deste plano de inércia. A criança humana é apenas um produto do planeta. Nada mais. Nesse habitáculo os seres humanos são moldados e remodelados, pode dizer-se que são testados durante longos períodos

nesta cadeia de evolução. O habitáculo, este produto do planeta, é o sustento da encarnação do Cavaleiro. De onde vem então o organismo? Do que é feito? É uma unidade orgânica? É? Sim, o organismo é um produto do planeta. Mas quero ir mais longe e afirmar isto: não é apenas um produto do planeta, mas vós sois constituídos por muitas, muitas unidades que foram reunidas num organismo em funcionamento. Já falámos disto antes.

Vamos dividi-lo e vereis: aquilo a que chamais «eu» é apenas algo que foi criado. Dentro de vós existe encarnada uma centelha, um ego interior, uma centelha divina. Pode dizer-se que é o braço estendido de Deus Todo-Poderoso na matéria. É o vosso verdadeiro eu, a vossa identidade verdadeira a que queremos chamar «o Cavaleiro» porque ele monta esse habitáculo ao longo dos períodos de encarnação. O habitáculo varia de forma de encarnação para encarnação. Pode comparar-se a uma jarra que o oleiro molda na roda. Em cada encarnação a forma varia, mas o conteúdo é sempre o mesmo.

Quem criou o Cavaleiro? Qual é a sua tarefa e a que regressa o Cavaleiro? Sobre isto falaremos mais adiante.

O Eu espiritual superior projeta assim o Cavaleiro. A dupla esotérica tem, pois, um Cavaleiro e esse é a parte encarnada. O Eu espiritual superior projeta a dupla esotérica, esses Cavaleiros, dois por cada Eu espiritual superior. Eles, por sua vez, descem à matéria e encarnam pela primeira vez, recolhendo imagens de experiência.

Estais ligados à dupla esotérica através do vosso sistema de chakras. Já falámos antes da «harpa de sete cordas». Todos os chakras têm uma ligação. Têm uma ligação com o organismo esotérico. Assim, o sistema de chakras está ancorado na dupla esotérica. Pode dizer-se que se duplica descendo à matéria: chakra raiz com chakra raiz, chakra sexual com chakra sexual e assim sucessivamente. Pode dizer-se que este é o canal através do qual o Cavaleiro passa pelo organismo para absorver experiências. O Cavaleiro ancora, pois, o organismo físico à dupla esotérica no sete. Podemos então falar do «templo dos sete raios», da

«harpa de sete cordas» e coisas semelhantes. O eu cria a fixação no corpo na primeira divisão celular.

Quando o Cavaleiro absorve experiências através do organismo, está em ligação constante com a dupla esotérica e a dupla esotérica está constantemente a receber as informações, a armazená-las numa parte superior de vós mesmos. O Cavaleiro recebe fluxos de informação das suas três ancoragens e transmite-as à dupla esotérica, que por sua vez as transforma para o Eu espiritual superior.

— Disseste que o Cavaleiro é a nossa verdadeira identidade. Qual é então a relação do Cavaleiro connosco?

— Desenhamos como um triângulo. Na base tens o mental abstrato, depois o eu e no topo o super-eu: o Cavaleiro, certo? Vamos fazer assim: desenho um jarro à volta dele. Dizemos que é um organismo, mas é abstrato na sua forma e vós não o podeis evocar subjetivamente. Estão comigo? Aqui tendes o organismo físico. O Cavaleiro está encarnado, mas digo que mantém ainda a ligação com a dupla esotérica através do vosso sistema de chakras. O Cavaleiro é tanto a dupla esotérica como a parte encarnada na criança humana. O Cavaleiro dá, pode dizer-se, um reflexo mas ainda assim sois vós, crianças humanas. Assim, a criança humana inteira é tanto a parte encarnada como o eu esotérico. Estão comigo? Sois vós a imagem espelhada do eu esotérico. Sois vós o reflexo do Cavaleiro e do eu esotérico.

Pode dizer-se que, do mesmo modo que o eu esotérico é um reflexo do Eu espiritual superior, assim o eu exterior no espelho é um reflexo do eu esotérico?

— Sim, é isso. Entendeste? Fico contente. Para alcançar a matéria o Cavaleiro tem de se baixar até um organismo. Cada Cavaleiro desses dividimo-lo numa trindade. O átomo-semente trinitário tem três assentos de cavaleiro: o mental abstrato, o eu e o super-eu, ou sobre-eu. O super-eu é a forte ancoragem ao Eu espiritual superior. A parte encarnada, ou seja, o super-eu, o eu e o mental abstrato formam conjuntamente uma totalidade. Assim, a parte encarnada e a parte esotérica são a mesma coisa. Estão a entender-me? Vamos repetir!

O super-eu, o eu e o mental abstrato devem ser vistos como uma imagem abstrata e não como uma imagem subjetiva! Filhos amados, nunca podeis formar a imagem abstrata com a vosso próprio habitáculo mental subjetivo, porque nesse caso remodelais a imagem segundo os vossos sentidos, numa imagem que formais e colocais à vossa frente. O abstrato não tem forma, mas cada um de vós experimenta o abstrato de maneira diferente conforme a perceção do espírito. Em todos vós está encarnada uma parte do mental abstrato, uma parte do eu, uma parte do super-eu a que chamámos o átomo-semente trinitário.

O Cavaleiro está encarnado no lótus do coração. É verdade. Aí tem a sua sede principal no lótus do coração. O Cavaleiro pressiona com a espora o vosso plexo solar e reúne as rédeas dos sentidos na sua mão através do vosso chakra frontal. Assim encarna de forma trinitária: o átomo-semente trinitário. Assim o Cavaleiro tem uma ancoragem na matéria. O Cavaleiro é em parte a parte encarnada e em parte a dupla esotérica superior. É o Cavaleiro. O átomo-semente trinitário é apenas um reflexo, o braço estendido da dupla esotérica até à matéria. Esta trindade tem uma ancoragem superior e essa é, pois, a dupla esotérica.

Quando perguntais pelo «eu» e eu digo que o eu interior é em si mesmo a vossa verdadeira identidade, então ele é duplo. Pode, pois, dizer-se que a vossa verdadeira identidade desceu e tomou posse do habitáculo. Também falámos da dualidade. Quando falamos da dualidade, temos a dupla esotérica em multiplicidade, e o Eu espiritual superior, que se reflete no reino da matéria, ou seja, no vosso organismo. Um átomo-semente trinitário que se encarna em trindade no mental abstrato, no eu e no super-eu. Estes manifestam-se na carne. Pode então dizer-se que estes três estão encarnados e a parte encarnada mais a dupla esotérica é o Cavaleiro. Isto é uma dualidade.

O átomo-semente trinitário é o mesmo que a dupla esotérica?

A dupla esotérica não se pode dizer que seja o átomo-semente trinitário, mas o átomo-semente trinitário é apenas um reflexo, o braço estendido da dupla esotérica até à matéria através do qual absorve experiências pelo vosso sistema de chakras, pelo mental, pelo astral. O

vosso eu total é o Eu espiritual superior. Estão comigo? Assim pode dizer-se que estais ancorados à matéria absorvendo experiências enquanto vos encontrais aí como um sonhador que, por sua vez, sonha uma projeção para a matéria. A dupla esotérica pode manifestar-se na criança humana como uma figura superior ligada através do sistema de chakras.

Nas antigas escolas esotéricas também podeis ver comparações que a criança humana muitas vezes não entendeu. Em muitas das antigas escolas esotéricas e também nas atuais aparecia assim, em forma simbólica: um homem sentado num plano superior, sonhando no seu céu, no Monte Kailás. Depois, lá em baixo na matéria, uma criança que brinca na areia. Essa criança é o reflexo do sonhador para o sonhado. Estão ligados um ao outro. A verdadeira identidade do sonhador está encarnada na criança e tem aí a sua ancoragem. A imagem mostra simbolicamente a diferença entre o desenvolvimento da criança humana e o desenvolvimento do eu esotérico. Tendes uma consciência superior que o vosso entendimento humano nunca poderá alcançar sem a experimentar. Muitos podem sentir que alguém está ao seu lado. Não é o vosso guia. Não é um ajudante, mas sentis claramente que é uma parte superior de vós mesmos.

Virais-vos e tentais agarrá-la, mas ela foge. Logo que a largais com o pensamento, com a vossa imagem mental, ela aparece atrás das costas e bate-vos no ombro e diz: «Aqui estou eu.» Esta imagem esotérica superior faz-se lembrar constantemente através do vosso sistema de chakras. Ainda assim, este homem sonha a criança para a matéria. Do mesmo modo aqui: o eu esotérico é o sonhador e vós sois o sonhado.

Quando o Cavaleiro se retira do organismo moribundo, liberta o seu assento no plexo solar, sobe pelo chakra do coração, eleva-se pelo chakra frontal e sai pelo chakra coronário. Depois… olhemos agora para trás. Quando vos encontrais no plano astral e depois no plano mental da vida, despis camada após camada de pensamento e desejo. Assim acabais por chegar a este plano a que chamamos o plano do estado ou plano causal. Estão comigo? Então fundis-vos novamente. Retirastes-vos para a vossa origem e aí o Cavaleiro revê a nova encarnação com base na anterior. É um processo. Dos vossos corpos nada resta, nem o físico, nem o cola

etérico, nem o astral nem o mental. Regressaram ao equilíbrio ecológico deste planeta, porque a ele pertencem. Estão comigo?

Se vivemos agora, temos então sempre a dupla esotérica no plano causal?

Sim, tendes. Se procurardes a dupla esotérica, haveis de experimentar que ela foge constantemente de vós, constantemente, constantemente. Mas se vos aquietardes e esquecerdes o eu subjetivo, então notareis como ela vos bate no ombro e se faz lembrar. Tereis uma experiência dela e muitos já tiveram essa experiência: que tendes a dupla esotérica e que sois uma parte dessa dupla. A dupla esotérica pode mostrar-se ao homem em figura feminina, à mulher em figura masculina, conforme a parte que predomine no organismo, mas experimentando-se a unidade com o eu ou a unidade do eu.

Voltemos à espiral de evolução. Este é um processo evolutivo. Vede aí, por exemplo, a forma plástica, a forma gasosa, a forma mineral, a entrada do reino vegetal, a entrada dos reinos animais e a criança humana. Durante todo este estádio de desenvolvimento até à criança humana em formação, tudo isto, o Cavaleiro não encarna no habitáculo, mas sim junto do habitáculo. Já falámos disso. O Cavaleiro encarna junto da forma mineral na linha do equador da espiral. Adere a ela e não encarna nela de forma alguma. Quando recolhe as experiências possíveis da forma mineral, sobe na escala, pode dizer-se, e passa para os reinos vegetais. O planeta cria, como o espírito servidor que é, a entrada dos reinos vegetais.

Os reinos vegetais temos de os dividir numa escala hierárquica. Há, pois, plantas que têm uma consciência superior a outras. O Cavaleiro encarna junto deste grupo e depois sobe cada vez mais alto nesta escala de evolução até ter recolhido experiências de todos os reinos vegetais. Depois o Cavaleiro passa às encarnações nos reinos animais, onde o planeta cria os reinos animais para a encarnação dos Cavaleiros. Aí temos a mesma escala hierárquica. O Cavaleiro atravessa os reinos animais inferiores e passa pelo mesmo: encarna junto do grupo, não dentro dele. Com o tempo pode dizer-se que o grupo se torna cada vez menor e os

animais cada vez mais individualizados. Mas em nenhum ponto o Cavaleiro encarna no animal, apenas adere a ele.

— Pode o Cavaleiro encarnar num único animal?

O Cavaleiro não pode encarnar num animal, mas os animais podem tornar-se individualizados. Suponhamos que este é um grupo de animais. Suponhamos que são cinco. Um Cavaleiro está encarnado junto do grupo, mas não dentro dele. Com o tempo desaparecem quatro do grupo e o Cavaleiro fica então encarnado junto de um deles, mas nunca encarna dentro dele.

O planeta criou depois a criança humana em formação. O Cavaleiro atravessa, pois, o plasma, a forma gasosa, o mineral, o reino vegetal, o reino animal, mas encarna pela primeira vez na carne, na humana em formação. Nas primeiras encarnações na carne, os Cavaleiros tomam imagens de encarnação curtas e duras. A duração da vida talvez seja apenas alguns meses ou alguns anos, em condições difíceis, e depois vão-se construindo. Aos poucos prolongam-se e por fim a encarnação atinge o estado que agora experimentais agora.

O planeta já passou por várias eras parciais anteriores. Vós não sois o único estádio de evolução do habitáculo que o planeta criou para o desenvolvimento do Cavaleiro. A forma variou e na vossa Sagrada Escritura há vestígios disso. Se a estudardes, vereis também que houve um tempo em que os gigantes viveram neste planeta e os ciclopes aqui andaram. São restos de eras parciais anteriores. Vede o habitáculo apenas como uma forma que utilizais! Numa encarnação futura talvez a forma seja diferente. Estais agora na entrada de uma nova era e também mudareis de forma, não nesta encarnação, mas nas vindouras. Talvez chegueis então a este planeta e a forma que então usareis... talvez tenhais dez pernas e duas cabeças. Talvez.

### O Cavaleiro recolhe experiências

Ora bem, na criança humana o Cavaleiro encarna pela primeira vez na carne, recolhendo experiências através da criança humana em formação. Neste estádio o Cavaleiro absorve apenas imagens de

informação. O Cavaleiro não intervém nem cria as encarnações. Não cria através da matéria o que virá, apenas a não ser a encarnação de que precisa para a criança humana em formação, onde a criança humana tem consciência no habitáculo. Assim, é a criança humana que cria a sua encarnação, mas é o Cavaleiro que recolhe as imagens de experiência delas.

O Cavaleiro encarna na carne no lótus do coração e então começam os movimentos fetais. Já no ventre materno, aproximadamente no quarto mês de gestação, quando o Cavaleiro ativou este feto para certa consciência, há uma viragem de apresentação. Isso conheceis. Essa viragem de apresentação fica gravada no subconsciente deste pequeno feto e permanece como impressão de base. Depois tendes o vosso nascimento e depois começa a impressão deste bebé. Antes da encarnação do Cavaleiro éreis uma construção celular que antes da primeira divisão celular não existia. Quando ocorre o nascimento, só então se pode dizer que o Cavaleiro se ancorou plenamente no organismo.

O teu próprio corpo, o teu próprio habitáculo, observa-a e pergunta-te: «É isto eu?» Desejo que cada um de vós, pelo menos uma vez no vosso dia-a-dia, pare e olhe para si mesmo e pergunte: «É isto eu? São os meus sentidos que me carregam na infância, os meus pensamentos?» Filhos amados, passado algum tempo notareis que a resposta se afastou de vós mesmos. Depois de algum tempo tereis a resposta de maneira diferente. Vereis como todo o vosso organismo funciona como um universo em miniatura. Nada é fixo, nada é «eu» a não ser que o eu interior utilize este instrumento, esse habitáculo, para se manifestar ao planeta e recolher experiências através dele.

Alguém absorve essas experiências: sim, este ego interior que está encarnado, que é o teu verdadeiro eu, a tua verdadeira identidade. Mas enquanto falardes do eu em forma subjetiva, não estais a falar da vossa identidade como eu entendo, mas a vossa verdadeira identidade está encarnada e na verdade não tem nome. Estão a entender-me? Não podeis tocar-lhe pegar e dizer: «Aqui está ela.» O Cavaleiro é objetivo. É um observador e absorve imagens de experiência do vosso consciente

diurno, do vosso subconsciente. Do campo supraconsciente raramente recebe informação, porque absorve informações do vosso mundo dos sentidos, do vosso campo consciente diurno e do subconsciente.

— Então não recebe informação alguma do supraconsciente?

— Não. O Cavaleiro absorve essas experiências, essas imagens de experiência. Vede-as como as coisas mais triviais do vosso dia-a-dia. Quando experimentais alegria, ódio, estados de agressão, amor e assim por diante, isso tem uma amplitude maior no vosso desenvolvimento do que imaginais.

O Cavaleiro está encarnado no lótus do coração, indestrutível em si mesmo. Não tem defesa alguma, porque o Cavaleiro absorve imagens de experiência. Como absorve o Cavaleiro as imagens de experiência? O Cavaleiro é puro. Absorve constantemente imagens de experiência através do vosso mundo dos sentidos. Vós absorvem-nas através do vosso mundo dos sentidos e armazenam-nas, não como memórias, mas como experiências emocionais. Quando experimentais o sentimento, experimentais a memória, porque a memória está no cérebro.

O inconsciente consciente analisa o que acontece no vosso mundo dos sentidos desta maneira. Acontece algo aqui que vos lembra um sentimento. Experimentais alegria ou agressão por causa disso. Experimentais constantemente algo no vosso dia-a-dia. O inconsciente consciente desce, escolhe e analisa. O inconsciente, pode dizer-se, transforma o que acontece em imagens de experiência para o Cavaleiro.

— As imagens de experiência que o Cavaleiro deve absorver estão determinadas de antemão?

Parcialmente. Parcialmente já estão determinadas de antemão. Até certo ponto… vejamos isto. Já falámos antes de quando o Cavaleiro revê a sua imagem de encarnação para voltar a encarnar na matéria. Assim, nesta encarnação colhestes o que semeastes numa imagem de encarnação anterior. Nesta também semeastes para uma encarnação futura. Assim, aqui estão estas pedras rudimentares, pode dizer-se imagens-fantasma, do vosso futuro. Estas estão coloridas em parte pelo

que criastes. Nesta encarnação estão coloridas pelo que criastes antes, mas só as tornais reais quando vos encontrais aqui. Assim, pode dizer-se que estão pré-criadas em parte, mas dais-lhes vida neste momento, quando as experimentais aqui. Quando o Cavaleiro, o vosso ego interior, recolhe a imagem que recebeis, a imagem de experiência, pode dizer-se que fica armazenada nesta encarnação como pedras fundamentais para uma encarnação futura e assim sucessivamente. Enriqueceis-vos constantemente!

### O Cavaleiro é

A criança humana nunca experimenta o presente. Experimenta constantemente o tempo passado. Estais de costas voltadas para o vosso futuro e sonhais o passado à vossa frente. Vede-o à vossa frente, no tempo passado, e nunca experimentais o presente. Apenas o Cavaleiro experimenta o presente. Cada Cavaleiro é consciente. Ele é. O Cavaleiro não experimenta da mesma maneira que vós sentis.

— O Cavaleiro está incluído no fluxo do tempo ou está além do tempo e do espaço? O Cavaleiro não tem pensamento.

— O Cavaleiro está além do tempo e do espaço. Está além da vossa contagem cronológica do tempo. Participa como observador, mas o Cavaleiro participa no fluxo do tempo. Não experimenta o fluxo do tempo da maneira que pensais. Aderiu ao fluxo do tempo, mas não tem consciência dele, apenas absorve experiências do fluxo do tempo. Não tem consciência do vosso tempo cronológico.

Filhos amados, quando falamos do eu interior, ele é maior do que jamais podeis imaginar, maior do que quando a criança humana fala do seu eu superior, da sua consciência superior. Essa consciência nunca compreendereis! Mas podeis senti-la através do habitáculo e senti-lo a permear-vos. O vosso eu interior, a vossa verdadeira identidade, não podeis falar dela como uma forma de maneira alguma. Não tem forma. Não se pode dizer que tenha qualquer aparência. É algo que não se pode tornar percetível em forma física nesta superfície. Mas os seus efeitos podem tornar-se percetíveis. O problema é que, quando falamos do Cavaleiro, caímos imediatamente num dilema abstrato. Porque quereis

vê-lo, mas é difícil compreender que não se pode ver o Cavaleiro. Em contrapartida, pode sentir-se a sua presença como um sentimento de amor crescente no corpo. Um sentimento de felicidade… Falar dele é possível, mas descrevê-lo não é.

O Cavaleiro não tem identidade. O Cavaleiro não se envolve emocionalmente. Não tem sentimento. Não tem consciência-de-eu, mas ainda assim é a vossa identidade, o vosso verdadeiro eu. Paradoxalmente. Não tem forma nem cor. Ele é. Perguntamo-nos: «Tem Deus forma ou cor?» Não, mas o Todo-Poderoso pode manifestar-se em expressões. O Cavaleiro pode igualmente manifestar-se em ação, em expressões, mas apenas quando a consciência está aberta e o mundo dos sentidos não a bloqueia!

O Cavaleiro não tem consciência da sua origem no sentido em que não tem consciência do Eu espiritual superior. Estão a entender-me? Mas o Cavaleiro em si mesmo é uma consciência. O Cavaleiro é o vosso eu interior e o Cavaleiro é puro, livre de juízos, livre de desejo e pensamento.

Então será o Cavaleiro o meu eu superior?

Sim. Pode ver-se assim. Sim.

— E é ele a centelha divina em nós?

— Naturalmente! Não quero separar-vos do vosso habitáculo, porque experimentais com o vosso habitáculo e o vosso mundo dos cinco sentidos. A combinação que podeis alcançar com o vosso mundo dos cinco sentidos quando, por exemplo na meditação, dizeis: «Eu sou o Cavaleiro» está em planos tão subtis. Com a vossa linguagem humana não podeis transmitir a forma da experiência. Não é que experimentemos o Cavaleiro como emocionalmente frio. Ele permeia o vosso habitáculo como amor radiante. Um observador externo perceberia o Cavaleiro como emocionalmente frio, porque esse amor não é apenas passar a mão na cabeça de alguém e dizer «amo-te», mas é o sofrimento e o amor do mesmo tipo. O pensamento de amor é o mesmo. Quando experimentais no vosso Cavaleiro, experimentais estados superiores, mais subtis, mas esses estados não podeis comunicá-los a este plano, pois não?

O habitáculo é algo que criastes a partir da consciência de impressão e do mundo dos sentidos, enquanto o Cavaleiro é a vossa verdadeira identidade interior, o vosso eu interior. É aí que temos de começar. Para que algo se alinhe no vosso desenvolvimento, tendes de aceitar que dentro de vós existe algo que procura regressar à sua origem e é essa origem que juntos vamos rastrear.

Por isso também tive receio disto: que a criança humana na sua ânsia (não vos censuro), mas na vossa ânsia procurais a origem, tropeçais na origem ao longo de toda a escala de evolução. Tendes de ir passo a passo, passo a passo! Algumas das vossas encarnações anteriores seguiram tais caminhos que tudo isto está armazenado no Cavaleiro. Se alguém experimentar uma clarividência nesta encarnação através da minha mediação, queridos filhos, então jubilamos! Mas isso não significa que alguém tenha ido mais longe ou que alguém seja inferior a quem experimenta a clarividência. Alguém foi à frente, alguém vem sempre atrás. Tentai compreender.

Alguém perguntou uma vez se o ego interior tem consciência do não-ser. Filhos amados, digo-vos então isto: o Cavaleiro não tem consciência do ser, ou seja, desta realidade. Mas absorve experiências do ser, mas não tem consciência do não-ser, acompanham-me? Não tem consciência do não-ser, porque se tivesse consciência do não-ser não experimentaria o ser através do habitáculo. É completamente claro, não é? Não experimenta da mesma maneira que vós sentis. Quem fez a pergunta também não tinha consciência de que a fez a partir do seu eu subjetivo, do seu mundo dos sentidos, porque se tivesse consciência disso não teria feito a pergunta. Se tivesse perguntado a partir do seu eu interior, nunca teria perguntado! Estão a entender-me?

— Ser e não-ser, o mundo dos sentidos existe em Maya. Isso não consigo entender…

Porque não? Filhos amados. Maya é o ser, mas os sentidos reforçam o ser.

O Cavaleiro sabe que é Deus ou precisa do habitáculo para lhe dizer isso?

O Cavaleiro é inconsciente. Não sabe que é Deus. Sabe apenas que é. Pode dizer-se que nem sequer sabe. Ele é. Não é nem amor nem não-amor. Só quando é ativado no ser humano, então pela primeira vez o ser humano tem consciência através do Cavaleiro de que «Eu sou amor, eu sou Deus.» Então a consciência passou para o Cavaleiro. Mas se estivesse ativado, seria uma aproximação à dupla esotérica. Pode dizer-se que a dupla esotérica deu um passo mais perto do ser humano. Pode dizer-se que se realizou a si mesma. Realizou um ego interior. Despertou o amor.

O Cavaleiro permeia-vos a todos. Se conseguirdes despertar este amor de que já falámos antes, aquele que não tem pensamento formado nem reflexão posterior, então deixareis um grande fluxo para a matéria onde a dupla esotérica vos pode alcançar na sua plenitude e o Cavaleiro de repente tem uma consciência e vós tendes uma consciência da vossa origem!

Não tem sequer consciência disso no plano causal?

Quando se encontra no plano causal revê onde vai encarnar. Mas notai bem, quando falamos em termos humanos, temos de usar a palavra. O Cavaleiro não está sentado a uma mesa a folhear papéis, a olhar e a falar consigo mesmo como eu falo convosco. É apenas uma certeza, que haverá uma encarnação. Nem sequer tem consciência da encarnação, apenas que as experiências fluíram através dele. A identidade da criança humana, por exemplo ter tido um nome, uma profissão, já não existe, apenas as experiências desta parte da vida que experimentastes permanecem.

Essa experiência existe dentro de vós numa trindade a que chamámos Cavaleiro, que é a vossa verdadeira identidade, o vosso verdadeiro eu. Quando o habitáculo físico, astral e mental vos abandonar, só então experimentais o verdadeiro eu, o eu interior, a centelha divina, a divindade viva. Não tem forma de subjetividade. Aí não podeis dizer que o Cavaleiro é fulano ou sicrano. O Cavaleiro não pode dizer «Estive encarnado aqui e ali.» Mas muitos seres humanos dizem-no. Quantos seres humanos não disseram: «Estive encarnado aqui e ali em encarnações anteriores.» Nenhum esteve!

— Quantos Cavaleiros há neste planeta?

— Filhos amados, sorrio dentro de mim mesmo. Filhos amados. Quem pode compreender o pensamento de Deus? Filhos amados. Vou responder à tua pergunta. Quem pode contar as estrelas? Podeis? Não. Podeis contar as gotas do mar? Não, mas ainda assim o mar é constituído por essas gotas! Uma totalidade! Uma consciência! Do mesmo modo podemos comparar o Cavaleiro à gota, mas aí o Cavaleiro é um pensamento. Pode dizer-se que o Cavaleiro é o braço estendido de Deus Todo-Poderoso na matéria e o número não pode ser contado, porque, filhos amados, o Cavaleiro não se encontra apenas na criança humana.

Cada um de vós reunidos neste templo esteve em algum ponto da vossa evolução encarnado junto do mineral, dos reinos vegetais, dos reinos animais até à criança humana em formação. Na criança humana o Cavaleiro encarnou pela primeira vez na carne enquanto nos reinos animais e vegetais encarnou junto do grupo. O paradoxo é este: enquanto a criança humana só tem consciência do eu subjetivo, é difícil compreender que dentro de todos vós existe uma força impulsionadora que vos leva através das encarnações.

### VEDE-VOS NA PERSPETIVA CORRETA

Tentai ter consciência de que dentro de todos vós existe uma centelha de Deus e esse é o vosso eu interior. No vosso supraconsciente estais em contacto constante uns com os outros, mas estais bloqueados pelo assento do subconsciente. O que é o Cavaleiro? A centelha divina! Pode dizer-se que é o braço estendido de Deus Todo-Poderoso até à matéria. Essa centelha, esse Cavaleiro é pois a vossa verdadeira identidade, o vosso eu interior. O Cavaleiro é um produto de Deus Todo-Poderoso e vós sois todos deuses em formação, mas encerrastes esta centelha dourada. Mais cedo ou mais tarde regressareis ao vosso Deus e isso acontece também quando limpardes o vosso banco de sentidos. Quando fordes conscientes, quando fordes humanos inteiros e não «criança humana em formação», então conhecereis o vosso Cavaleiro.

Quando a criança humana toma consciência da existência do Cavaleiro, então o Cavaleiro permeia-a ou permeia-o e já não é o

«habitáculo» que acordou, mas deixastes vir à luz o vosso eu interior. Enquanto o ser humano experimentar a consciência subjetiva em relação a si mesmo e ao seu mundo circundante, nunca experimentará o deus interior. Enquanto estiver mais preso ao fenómeno, à segurança desta ancoragem subjetiva, nunca encontrará Deus.

O Cavaleiro não tem identidade. Pode dizer-se que tem maior experiência quando morreres. Quando morreres. Pode dizer-se que tu és o «alimento» do Cavaleiro, de certa forma. Ele utiliza-te, deita-te fora, mas o Cavaleiro não se envolve emocionalmente. Não tem sentimento. Não tem consciência-de-eu, de «Eu sou». Mas se o ser humano conseguir crescer para dentro, ver-se a si mesmo numa nova perspetiva, então também entram as experiências desta infinidade de tempo. Ou seja, o ser humano volta-se para dentro e finalmente vê-se a si mesmo na perspetiva correta. Então também o amor pode vir à tona. Este infinito amor divino que é experiência de tudo. Então pode crescer. Então pode também ressoar através de vós. Tornais-vos uma prova viva de que Deus existe no ser humano. Então pode dizer-se que andais por este planeta sem medo de forma alguma, sem serdes subjetivos. Sois dadivosos e sois amor! Se conhecerdes o Cavaleiro, a vossa identidade desaparece e o mundo dos sentidos já não vos traz imagens ilusórias. Então experimentais o eu interior e sois vós mesmos a totalidade.

Quando todo o padrão de encarnação estiver cumprido e o Cavaleiro puder permear a criança humana, pode dizer-se que toma consciência da sua identidade na sua lei mais extrema, que pode permear o organismo, que vós sois apenas amor e semelhantes a Cristo. Só então o Cavaleiro regressa à dupla esotérica na sua totalidade. Assim, a dupla esotérica e o Cavaleiro são a vossa verdadeira, profunda e autêntica fonte de amor e o vosso ser divino.

Em muitos escritos esotéricos, em muitas doutrinas fala-se de diferentes esferas de experiência, onde dizem: «Na meditação experimento uma consciência que está acima tanto do astral como do mental. Experimento-me em unidade com tudo.» Aí experimentais o plano causal e a sua totalidade. Quando falais, por exemplo, do hinduísmo e falais de Samadhi, quero afirmar que também existe uma

esfera de experiência além do Samadi. É quando o ser humano atinge tal desenvolvimento que pode alcançar uma união na carne e no espírito com a mãe divina, a dupla esotérica. Estão comigo? Quando a criança humana no organismo físico é homem, experimenta-a em figura feminina. Se é mulher, experimenta-a em figura masculina. Do mesmo modo que cada criança humana no seu organismo tem o contraparte oposto mais ou menos adormecido. Um homem no corpo tem a parte feminina adormecida. Do mesmo modo quem é mulher no seu corpo tem a parte masculina adormecida. Estão a entender-me?

A dupla esotérica não é inconsciente da mesma maneira que o Cavaleiro. Ela é amor. É apenas amor. É uma parte maior de vós, é uma parte do Espírito de Cristo. Pode dizer-se que na união com esta, a criança humana pode aceder a isso, e no primeiro estado em que volta a experimentar a matéria, não pode estar nem aqui nem ali. Experimenta de repente que tudo é Deus! Vê Deus manifestado em todos os padrões vivos à sua volta. Um mestre de repente nada tem a ensinar. Não pode ensinar os deuses, porque eles estão à sua volta. Tem, pois, de baixar novamente a frequência até à matéria para voltar a ter outra perspetiva sobre o mestre e os discípulos. Estão comigo? Não se tem consciência da ligação. Se, por exemplo, vos tornardes conscientes de que: «Eu sou de Deus.» Então sois Deus, não é? Mas procurais Deus. Procurais a origem.

Assim desenvolveis o vosso eu interior, encarnação após encarnação e aproximais-vos do vosso dual, após o que vos fundis com o vosso Eu espiritual superior como o Espírito de Cristo. O Cavaleiro é puro em si mesmo. É consciente. É consciente como o braço estendido de Deus Todo-Poderoso, mas não tem consciência da origem fundamental. Queridos filhos, isto é um paradoxo em si mesmo. Como pode o Cavaleiro, se é o braço estendido de Deus Todo-Poderoso, não ter consciência da sua origem? Cada célula desse habitáculo é igualmente uma manifestação de Deus Todo-Poderoso que permeia o seu ser. Pergunto-vos: tem cada célula consciência da existência do Todo-Poderoso? Não. Ainda assim existe e continuamente tenta manter uma vida e continuamente se divide. Assim um processo, um processo afirmador da vida que surge em todo o vosso universo. Mas cada parte

não tem consciência de que «Eu sou uma parte de Deus» pelo facto de estardes em Deus.

— No momento em que se toma consciência disso, nunca mais há pergunta?

Consciência de Deus, de que estais em Deus… Queridos filhos, este nome tem um som errado. Mas se vos tornardes conscientes de que à vossa volta existe, de que existis numa consciência, então sereis uma parte maior dessa consciência, quando o Cavaleiro, pela primeira vez, sentir a sua origem. Estão a entender-me?

O Cavaleiro encontra-se na criança humana e olhais à vossa volta. Vedes por exemplo crianças humanas a andar ao vosso lado, vergadas sob o jugo dos sentidos. Nenhum pensamento existe fora da sua esfera de vida. Ninguém carrega o seu fardo. Não têm ajuda na sua existência. Ainda assim há um Cavaleiro encarnado que procura a forma de experiência deste plano. Agora perguntamos se este Cavaleiro tem consciência da sua origem, porque não se faz então conhecer o habitáculo? Ora bem, ele faz-se conhecer nesse habitáculo! Permeia todo o vosso ser, mas o habitáculo não tem consciência da existência do Cavaleiro! O vosso organismo toma consciência de que dentro de vós existe um eu interior quando passais pelo processo da morte e já não tendes identidade exterior. Passais pelo processo da morte e devolveis esse habitáculo ao planeta. Passais assim para o plano do desejo, plano astral, este plano mental, plano do pensamento. Mas o eu interior, o Cavaleiro, é puro. Está livre de pensamento e desejo.

Novamente revê um novo ciclo de encarnação. Não está de forma alguma carregado de desejo ou corpos de pensamento, porque se houvesse desejo ou pensamento nenhum de vós encarnaria novamente neste plano, novamente no que talvez chameis processo de sofrimento. O Cavaleiro é puro. O Cavaleiro está livre de sentimento, segundo os vossos juízos. Mas quando permeia o vosso ser tem um efeito diferente sobre vós. Não o notareis vós mesmos, mas o vosso entorno, os vossos semelhantes virão ter convosco e perguntarão por exemplo: «Que aconteceu? Que é que faz com que tenhas tal irradiação?» Quando o

Cavaleiro passou através de vós e começais a compreender o princípio do amor, a amar o próximo como a ti mesmo, então sois deuses em formação! O que saiu de Deus procura Deus, mas não como uma parte maior dele, mas como um Deus em si mesmo!

### Impressão, os sentidos e o sistema radicular A Impressão

Vamos falar um pouco mais sobre o ser humano. Queridos filhos! Já nos primeiros anos de infância, quando vos encontrais em tenra idade, sim, já antes do nascimento, começa uma impressão. Assim sendo: tudo o que absorveis nesta matéria, já a partir do momento do nascimento chamamos impressão. O Cavaleiro encarna na carne, no lótus do coração, e aí começam os movimentos fetais. Já no ventre materno, onde o Cavaleiro ativou esse feto para um certo grau de consciência, há uma viragem de apresentação e essa viragem de apresentação fica impressa no subconsciente desse pequeno feto, constituindo a impressão de base. Depois têm o vosso nascimento e, a partir daí, começa a impressão da criança. Assim, existe uma impressão já desde a vossa mais tenra infância e antes disso, desde a viragem de apresentação.

Este é o vosso espaço de vida, aquilo a que chamais vida. Tem duas portas. A primeira porta é o vosso nascimento, pela qual entrais neste espaço de vida. A segunda porta é, pois, o processo da morte, onde devolveis o habitáculo no espaço de vida e vos deslocais para outro estado.

Continuemos. Entrais neste espaço de vida. Todos vos recebem e cuidam de vós. Ao nascer, essa criança é pura na sua essência. Assim, vê o mundo na sua totalidade. Não percebe as árvores como árvores. Não percebe a pedra como pedra, mas como seres vivos, como suportes de luz, onde Deus está manifestado na base. Curiosa, examina cada detalhe. Absorve a totalidade e, ao examinar essa totalidade, obtém também uma perspetiva mais ampla dela. Está em contacto com o seu supraconsciente, que por sua vez está em contacto com a consciência do planeta. Vive os reinos animal e vegetal muito próximos de si, pois também os reinos vegetal e animal possuem sedes de supraconsciente que estão em contacto com a consciência do planeta.

Encontrais-vos, pois, nesta "bolha de vida" e, ao nascer, os vossos sentidos não reagem a juízos de valor como fazem agora. Aos poucos, os vossos pais biológicos destroem essa totalidade ao iniciarem a impressão. Pouco a pouco, atenuam a visão natural da criança e acrescentam-lhe o artificial. Assim, neste plano de inércia começa um processo de aprendizagem por parte dos vossos pais biológicos e do vosso entorno, e assim sucessivamente.

Quando nascestes, a vossa querida mãe recebeu-vos. A vossa mãe tem um mundo sensorial. Vós tendes um mundo sensorial, mas esse mundo sensorial ainda não está impresso. A mãe tem uma esfera de desejo, tem uma esfera de pensamento. Essa esfera de desejo transborda de orgulho materno. Ela transborda mesmo de felicidade. Esse pequeno ser humano traz consigo a sua sabedoria. Não tem desejo. Não tem pensamento. A mãe toma o pequeno junto de si e influencia-o através do seu mundo sensorial, dos seus desejos, dos seus anseios. Pode dizer-se que alimenta a criança com a sua esfera emocional, com o seu desejo. Protege-a. Cuida dela. Do mesmo modo, o pai está feliz. Também ele transborda de orgulho paterno. «Esta é a minha descendência e de mais ninguém!»

Assim, essa pequena criança encontra-se entre dois fogos e pode dizer-se que fica inundada pelas emoções deles. O recém-nascido não consegue distinguir quem é o pai ou a mãe. Mas ao fim de alguns dias ou de uma semana já alterou as próprias posturas emocionais e reage a elas. Forma-se um corpo emocional. Esse sentimento foi, pois, transmitido pelos pais à criança. Pode dizer-se que a "contagiaram" com sentimento e desejo. Assim nasce também um amor materno e o pequeno reconhece-o. O mundo sensorial diz à criança que os pais lhe dão cuidados. O pequeno recebe também profundamente do consciente coletivo que o rodeia, mas não tem consciência do que ouve, do que vive.

Os vossos pais biológicos, na sua ânsia, querem, pois, influenciar o vosso desenvolvimento. Tendes de vos tornar um bom cidadão, não é verdade? Tendes de aprender o que é certo ou errado. Assim, começam a preparar os vossos sentidos. Explicaram-vos e deram-vos uma descrição do mundo e disseram: «Isto é uma árvore. Isto é uma mesa, isto é uma

cadeira. Isto é uma casa.» e assim por diante. Se nessa altura pudésseis falar, talvez protestásseis e dissésseis: «Eu vejo padrões de vida em todas as formas. Vivo junto de mim seres que vós não conseguis descrever!» Mas não conseguis transmitir-vos e não tendes esses sentidos que vos permitam avaliar o padrão de vida e os seres. Viveis-nos como uma realidade e viveis-nos plenamente sem juízos dos vossos sentidos.

Os vossos pais começam agora a dar-vos uma impressão de base, uma descrição do mundo exterior que, pouco a pouco, se torna cada vez mais uma realidade. Falavam com a melhor das intenções: «Isto, meu filhinho, é o mundo em que caíste.» Os pais dão, pois, à criança a sua impressão tal como foram impressos. Dão ao pequeno uma descrição que pouco a pouco é aceite como uma realidade, algo que é real. Mas isso só é real graças aos vossos sentidos.

Os pais dão a esse pequeno uma descrição do mundo exterior e uma descrição de como os sentidos devem reagir. Esse pequeno tem, pois, uma visão livre ao nascer. O pequeno está aberto e recetivo a faixas de frequência completamente diferentes à sua volta. Pode dizer-se dimensões, se assim o quiserdes. Áreas de frequência que a criança humana já na infância deixou para trás e agora não aceita, porque o seu mundo sensorial as exclui das esferas de experiência. Ao pequeno é-lhe imposto, pouco a pouco, um esclarecimento sobre como é o seu mundo exterior e fecha cada vez mais a sua bolha de consciência, até que o pequeno se encontre dentro do mesmo invólucro de consciência em que vós agora vos encontrais. Assim sendo, tudo o que depois vive torna-se um reflexo do seu pensamento.

Tendes os vossos cinco sentidos. Tendes, pois, a vista, o paladar, a audição, o tato e tendes o olfato. Esses cinco sentidos permitem-vos criar o vosso entorno. A vista diz-vos o que é harmonia e desarmonia no que vedes. A audição diz-vos o que é harmonia em tom e desarmonia em tom. O paladar diz-vos também o que é doce, o que é azedo. As papilas gustativas reagem, mas o pequeno não sabe o que é o doce ou o azedo. O tato diz o que é pegajoso e o que é suave e agradável. O olfato diz o que cheira bem e o que cheira mal. Esses cinco sentidos passam, pois, por um processo de aprendizagem nos primeiros anos de infância. Alguém

poderá objetar e dizer: «O paladar reage naturalmente ao doce e ao azedo e isso não é algo impresso.» Mas se não soubésseis o que é doce ou o que é azedo, não conseguiríeis distinguir um do outro.

Esses cinco sentidos fazem com que avalieis o vosso mundo exterior. Ao nascer, os vossos sentidos não estavam ativados da mesma forma. Não estavam, pois, impressos num determinado padrão. Estáveis abertos a um estado de vida completamente diferente daquele em que estais hoje. Naquele tempo tínheis consciência de que a vida existe em todo o lado! Havia frequências junto de vós que nunca viveis na idade adulta porque agora fechastes essa bolha.

Aquilo que viveis com o mundo sensorial é algo completamente diferente do que realmente é. O vosso mundo sensorial acrescenta-vos constantemente, digamos, mentiras. Quando ouvis com os vossos ouvidos, dizeis que ouvis o som. Eu transmito-me agora através do Instrumento. Ouvis esta voz porque as ondas sonoras vos são trazidas e as absorveis com a audição. Há harmónicos superiores e harmónicos inferiores que não conseguis perceber com a ajuda da audição, mas que mesmo assim existem. Assim, com a audição o vosso espetro de vida fica limitado. O mesmo se passa com a vossa vista: tendes aí um pequeno espetro que utilizais. Há diferentes graus de radiação que nunca viveis. O mesmo vale para o vosso tato, paladar e olfato.

Alguém disse: «Isto é bom e isto é mau.» Alguém disse que é pecado fazer isto ou aquilo. O vosso entorno deu-vos uma descrição da vossa realidade à volta e essa realidade fixa-se e estagna. Não vedes senão o que os vossos cinco sentidos vos transmitem. A impressão faz com que os sentidos se ativem e comecem a combinar-se uns com os outros. Prende-vos a uma imagem pensada. Essa imagem que vos impuseram torna-se a vossa realidade. Pouco a pouco cobre todo o vosso mundo sensorial. Tudo o que vivestes através dos vossos olhos, dos vossos ouvidos, com o vosso paladar, olfato e tato absorveis com formas antigas e habituais. Aceitais essa descrição como sendo o que é e o que é correto.

Pouco a pouco fechais mais e mais esta bolha até ficardes presos nesta impressão de pais, educação e meio. Quando aceitais a descrição, é

só então que os vossos pensamentos e os vossos desejos começam a refletir os vossos anseios, os vossos desejos, porque se refletem nas suas paredes. Entendeis-me aí? Tudo o que desejais, tudo o que viveis é apenas um reflexo dos vossos pensamentos! «Tal como o meu pai fez, assim farei eu.» Tornais-vos uma cópia do anterior, mas um pouco maior. Deste modo, a consciência coletiva incha e incha e incha cada vez mais. Cada vez mais. Todas as impressões sensoriais são apenas um reflexo de vós próprios. Tudo o que então vedes é apenas um reflexo de vós próprios.

Quando caminhais, pois, no vosso caminho de vida, usais os vossos sentidos e recebeis constantemente informações erradas deste espaço de vida. Encontrais-vos na concha tridimensional do caracol! De tudo o que então penetra de fora, dizeis: «Nunca vivi isso. Não quero vê-lo. Não existe! Confio apenas nos meus sentidos!» Assim, vedes agora esta mesa, viveis a mesa. Isto é uma árvore. Viveis a árvore como um reflexo do vosso pensamento, dos vossos sentidos. Conseguis compreender-me? Gostaria que pudésseis vivê-lo emocionalmente!

### Enfrentar as crianças na impressão

Imprimis os vossos filhos tal como as vossas mães e os vossos pais vos imprimiram. Dizeis-lhes com a melhor das intenções, e também com amor, que isto é uma mesa, isto é uma cadeira, uma casa, e assim por diante…

Porque é que um bebé não se consegue lembrar da sua encarnação anterior? Queridos filhos, consegue sim! Mas vós acrescentais-lhe constantemente informações sobre o vosso mundo exterior, tapando esse buraco de forma mais eficaz do que jamais imaginais quando balbuciais com o pequeno e explicais: «Isto é uma árvore. Isto é uma mesa. Isto é uma cadeira.» Embala-o numa segurança de que deve acreditar no que dizeis.

A criança pode, pois, ter experiências de Deus ou ver o paralelo dévico ao seu lado. Brinca com coisas que vós não vedes. Perguntais-lhe: «O que vês? Com o que brincas?» O pequeno talvez responda: «Estou a falar com uma pessoa que é assim e assado. Há uma pequena fada aqui

ao meu lado.» A mãe diz: «Não digas disparates, isso não existe.» O que é realidade e o que não é? Vós não o vedes, mas o pequeno vive-o. Pouco a pouco tapais esses buracos e embala-o na mesma cerca em que vós próprios vos encontrais.

- Seria melhor se as mães amassem os seus filhos e não dissessem nada?
- Como seria isso?
- Não lhes ensinariam nada…

Queridos filhos. Tens de lhes ensinar alguma coisa, mas podes ensinar-lhes equilíbrio! Se eles disserem «Eu vivo à minha volta um mundo que não está aqui. Vivo as flores como seres luminosos. Falo com elas. Recebo respostas delas. Os animais falam comigo. Aqui vem um gnomo e senta-se no meu colo», e puxam-lhe um pouco a barba, e assim por diante. Diz então: «Muito bem, querido filho, eu sei que tu vês isso e quero que continues a ver, mas infelizmente estou demasiado fechado na minha visão.» Pergunta-lhes então: «Podes ensinar-me para que eu também consiga ver?» Não os condenes de forma alguma, antes ajuda-os. Muito bem. Não é só bonito. É mais do que bonito.

Do mesmo modo, na vossa mitologia há histórias de que a criança humana conseguia falar com os animais, compreendia a linguagem das plantas, até a do planeta. Vós fechastes-vos a essa capacidade, mas o recém-nascido possui-a. Dizeis: «Não, não, estás a fazer mal. Isto é que é correto. Só nisto e em nada mais devem acreditar.» A criança vê o que vós viveis com os vossos sentidos. Queridos filhos. Vede até onde chegou a vossa técnica, por exemplo. Como podeis então acreditar nela acreditar? Não viveis grande coisa com os vossos sentidos. Mesmo assim aceitais a técnica porque é mensurável no atual estágio de desenvolvimento tecnológico. Mas todo o vosso corpo é recetivo às frequências do cosmos!

Como devemos enfrentar as crianças na criação?

Vejamos assim. O pequeno vem ter convosco e diz: «Tenho um amigo de brincadeira. É maravilhoso. Brincamos juntos o dia inteiro.

Chama-se assim e assado.» O pequeno conta isto aos pais. Os pais biológicos saem, olham e não veem nada. Repreendem-no e dizem: «Estás a imaginar coisas, para com isso! Não vemos nada, logo não existe.» Ele fecha-se a isso. Depois pode passar muito tempo até que a sua clarividência desperte novamente. Não os repreendais! Deixai que desenvolvam o seu mundo aberto. Deixai que continuem a viver como a natureza é para eles e eles para a natureza. Deixai que criem! Deixai que tenham alegria de descoberta!

Eles encontram-se nos jardins do paraíso e a criança humana fecha-lhes a porta. Não os imprimais tão fortemente; antes, mostrai-lhes que «É um lado que tu vês e nós vemos outro lado. Tu vês também um lado verdadeiro, mas nós não o conseguimos viver da mesma forma que tu. Mas continua com isso.» Entendeis-me? Não os fecheis às suas experiências! Tomai-o como uma consequência natural do seu desenvolvimento. Não imponhais a ninguém uma visão.

Pouco a pouco também tomareis consciência de uma coisa. Tal como pacientemente explicais a estas crianças pequenas, que se encontram em desenvolvimento e são impressas pelo vosso mundo sensorial, com a mesma paciência tentai compreender. As crianças humanas que agora estão naquilo a que chamais idade adulta comportam-se como as crianças que foram impressas para ser. Observai-os pacientemente como espectadores e não vos envolveis emocionalmente com eles. Porque se vos envolverdes emocionalmente, não sois vós que vos envolveis, é o mundo sensorial! Tendes de os ver como espectadores, contempladores. Alguém talvez dissesse, se ouvisse isto, que se trata de frieza emocional. Não é assim, é antes grande amor. Não podeis ir ter com eles, sacudi-los e repreendê-los; tendes de ser como espectadores deles. Os vossos filhos são apenas um irmão, uma irmã no vosso caminho. Não os possuís de forma alguma. Eles não vos possuem a vós. Os vossos filhos numa próxima encarnação podem muito bem ser vossa irmã, vosso irmão, vosso marido ou vossa esposa. Do mesmo modo, vosso pai ou vossa mãe. Tende-los como um empréstimo. No reino animal, os animais rejeitam a sua descendência, mas a criança

humana prende-a a si em posse. «É o meu filho, é o teu filho.» Talvez até que surja um conflito. Então volta a ser teu ou meu.

### SITUAÇÕES DE CONFLITO NA CRIAÇÃO

Na vossa infância, já nos primeiros anos, viveis situações de conflito através da impressão. Pouco a pouco surgem situações de conflito dentro dessa pequena criança quando, pois, recebeu uma impressão, uma impressão emocional. Logo a seguir recebe uma impressão contrária e entra em conflito. Do mesmo modo, a criança está fortemente ancorada à cadeia mental dos pais, ao desejo e à cadeia de pensamento dos corpos de desejo e de pensamento da mãe e do pai. Assim, vivem muito intensamente a influência da mãe e do pai e, pouco a pouco, vivem estados de agressão provenientes de inibições e desejos que, camada após camada, são introduzidos na sede subconsciente da criança. Naturalmente também há aqui acontecimentos alegres. Naturalmente também isso existe.

No subconsciente há, pode dizer-se, arquivadas folha após folha, camada após camada, formas de experiência desde a vossa mais tenra infância e antes disso. A criança humana diz que no subconsciente tendes as soluções para o enigma da vossa vida. Muito bem. De certa forma. Aí tendes a impressão desde a vossa mais tenra infância!

Do nascimento até aos sete anos de idade há, pois, uma impressão de base. Essa impressão de base cria impressões muito duradouras na vida da criança. Pode dizer-se que constitui a base da sua forma de vida futura. A impressão de base pode fixar-se tão fortemente em vós muitas vezes que vos torneis uma cópia daquele que vos imprime. Isso cria uma personalidade externa.

A criança humana diz que através da impressão criais uma identidade e isso é correto. Cria uma consciência externa do eu que muitas vezes é julgadora e condenatória para com os desviantes e os que pensam de forma diferente. Caminhais por toda a vossa conduta de vida com os vossos sentidos como antenas emocionais à vossa volta, onde absorveis informações do vosso mundo exterior. Quero afirmar isto: os vossos sentidos fornecem-vos constantemente informações erradas sobre

o vosso mundo exterior, porque fostes impressos para ver num determinado padrão. São os sentidos que criam as vossas emoções. Pouco a pouco, através deste processo de aprendizagem, através dos vossos sentidos, obtivestes uma forte e estável ancoragem a este plano de inércia. Não viveis nada fora dele e, se algo penetrasse de fora dos vossos cinco sentidos, veríeis isso como um fenómeno, algo que não existe no vosso mundo sensorial.

Educação, impressão e meio podem muitas vezes causar problemas deste modo: todo o vosso organismo reage porque lhe forneceis pensamentos que também se transformam em quadros de doença psicossomática. O organismo pode ser harmonizado com a natureza através da ingestão de alimentos, através das afinações magnéticas e através de tratamentos de chakras.

Cultura tradicional, valores

Sois também impressos através da religião. Sois impressos através de ações e muitos de vós sois impressos na vossa sede subconsciente e nunca vos conseguireis libertar disso. Durante toda a vossa conduta de vida no plano de vida, onde existem milhões de crianças humanas, criais juntos uma consciência coletiva. A forma como agis, tudo o que fazeis no vosso dia a dia é influenciado por condições externas, não é verdade? Assim, tudo na vossa educação, impressão e meio vos influencia constantemente em relação uns aos outros. Dizeis «Isto é beleza – isto não é beleza» e assim por diante. «Isto é harmonia – isto é desarmonia.» Isso é algo que criastes e que foi criado pela consciência coletiva. A consciência coletiva tem diferentes matizes neste planeta, dependendo de onde vos encontrais em relação às correntes. Assim, aqui tendes, por exemplo, um ideal de beleza que é totalmente oposto ao que é noutro lugar. Entendeis-me?

Uma consciência coletiva é isto: pensamentos, sentimentos que vos trabalham constantemente a partir de fora. A consciência coletiva forma uma criança humana. Se fordes expostos apenas a padrões de pensamento negativos de crianças humanas, absorveis-nos. Pode dizer-se que vos sujais com eles. Sois também coloridos por boas energias

emocionais. Então sois elevados dentro de vós. A consciência coletiva é muitas vezes tão difícil de compreender. A própria consciência também é difícil de compreender quando falo que se trata de um processo de impressão.

A vossa impressão que está tão fortemente fixada... Escutai! Aqui entra uma criança humana, vestida com os seus farrapos. Cambaleia quando anda, por exemplo. Aí vem outra criança humana que tem o que chamais uma roupa da última moda. Logo a avaliastes com base na sua roupa, não é verdade? Porque isso? É assim. Tendes de tentar, tendes de compreender que os vossos sentidos vos fornecem constantemente informações erradas sobre o vosso mundo exterior! Tentai, antes de mais, em cada situação, quando começais a avaliar uma ação, começais a avaliar uma criança humana, ir até vós próprios e perguntar: «Porque faço eu isto?» Então recebereis a resposta: «Muito bem, porque fui ensinado, impresso para ver assim e assado!»

Tendes diferentes valores, diferentes tradições. O que é uma tradição? Pois, o que o ser humano inventou, imaginou na sua consciência. A tradição diz-vos que é belo. Porque é belo? Muito bem, porque está na vossa consciência coletiva e tentais agarrar-vos a isso. Dizeis deste modo: «Os nossos antepassados faziam assim ou assado.» Muito bem, porque o faziam eles?

Naturalmente porque alguém os havia impresso para viverem dessa maneira, que por sua vez tentam influenciar-vos!

O que é então uma tradição? O que é uma cultura? Uma avaliação, uma bitola! Por exemplo, tendes um ideal de beleza. A criança humana, a contraparte feminina, por exemplo, pinta-se, não é verdade? Os lábios, os olhos, talvez as sobrancelhas. Põe um pouco de vermelho nas faces. Um bom perfume aqui, um bom perfume ali e assim por diante. A contraparte masculina talvez não se pinte, mas quase. É muito cuidadoso para cheirar bem. Como pode haver uma forma correta de cheirar? Então pergunto-me: o que é transpiração? Muito bem, funções corporais que trabalham normalmente. Se a criança humana não tivesse evaporação, não sobreviveria, como dizeis.

Então dizeis que a evaporação é anormal. Como pode sê-lo? Dizeis que cheira mal. Amados filhos, fostes impressos para sentir esse cheiro como se cheirasse mal! Alguém diz: «Entro num estábulo onde estão as vacas. Cheira horrivelmente mal.» Porque isso? Elas foram criadas deste planeta tal como vós! Talvez elas, por seu lado, digam que a criança humana cheira horrivelmente. Mas à diferença chamais cultura.

Encontrais-vos como em pequenas células isoladas, cada um na sua pequena célula isolada. Temeis o mundo à vossa volta. Quase não existe uma criança humana que não tema alguma coisa: o seu ambiente de trabalho, a sua descendência, o que chamais economia, e assim por diante. A diferença é grande, por exemplo, quando se trata do que chamais "raças humanas primitivas". Mas a diferença é muito pequena se olharmos para ela de perto. Assim sendo. Aqui pintais-vos. Lá também se pintam. Assim, traçam riscos nos rostos, talvez não em conformidade com o modo como vós o fazeis, mas mesmo assim. Pintam-se. Talvez vivam em calor intenso, um calor abrasador. Despem-se. Talvez seja o mais simples no meio em que se encontram.

Aqui, no que chamais norte, vestis-vos para manter o frio afastado das funções corporais. Assim, dizeis: «São pitorescos nos países subdesenvolvidos.» Tendes a ilusão de que, entre as tribos indígenas, se pintam, adoram os espíritos das árvores, por exemplo as pedras. Qual é então a diferença? Vós ides aos vossos templos. Adorais imagens da mesma forma, não é verdade? Muitas crianças humanas adoram imagens e esquecem o Deus vivo dentro de si. A diferença, na verdade, não existe!

Imaginai agora que sois confrontados com uma pessoa que tem uma impressão completamente diferente, um meio completamente diferente. Podemos, pois, dizer assim. Tendes algo para ingerir, um prato. Já quando alguém vos diz que ireis receber isso como alimento, o sentido, e também o vosso banco de memória da impressão, começa a dizer-vos: «Isto já ingeri antes, é uma delícia.» Assim, o paladar já vo-lo diz muito antes e, por isso, a vossa boca segrega saliva só de pensar nesse prato. O olfato já pressente os aromas e, perante a vossa visão interior, vedes o prato servido. Os sentidos criam outra vez! Ingeris com o maior prazer. Imaginai agora que estais noutro país, noutra cultura,

noutra impressão. Lá seríeis convidados a ingerir um dos seus pratos favoritos, algo que eles consideram a maior delícia, por exemplo.

Oferecem-vos isto: umas larvas gordas e rastejantes que talvez repousem em folhas verdes. Eles veem isso como a maior iguaria. Então o vosso mundo sensorial reage com repulsa. A vista diz-vos: «Como é possível?» Do mesmo modo o olfato diz: «Cheira mal» e o paladar: «Deus nos livre!» sem sequer se aproximar. Aí vedes como os vossos sentidos funcionam de forma diferente! Para essas crianças humanas que vos oferecem esse alimento é a maior delícia, porque foram impressas pelo seu mundo sensorial para as perceber assim. O exemplo é drástico, mas bem escolhido. É impressão!

Vedes o Instrumento através do qual me transmito neste momento. Dizeis que ele tem um nome, uma escolha profissional e encontra-se aqui ou ali. Eu estou no Instrumento. Domino-o agora. É o Instrumento ou é o velho Ambres que vedes? Vedes o habitáculo e, ao ver o habitáculo, identificais com o Instrumento, pelo nome. É o eu exterior através do qual absorveis informações do vosso mundo exterior. Perguntais uns aos outros, por exemplo, qual o nome, qual a profissão que por acaso tendes. Formais assim uma ideia de que aquela criança humana pertence a esta ou aquela categoria.

Assim, tendes impressão desde a mais tenra infância que vos diz que podeis colocar as crianças humanas em pequenas gavetas: aquela pertence aqui, porque tem esta ou aquela profissão. Tem esta ou aquela filosofia. Portanto deve estar ali e não aqui. Mas mesmo assim, dependendo da educação e do meio, é o sentido que vos carrega constantemente e é constantemente o meio de tração que vos arrasta por esta conduta de vida. Através dos vossos sentidos avaliais as crianças humanas umas em relação às outras. Talvez digais que uma está num nível baixo ou num nível alto. «Tem tal instrução livresca.» Assim, através dos vossos sentidos e da vossa impressão, está acima de vós no desenvolvimento. Como é isto possível? Entre os mais pequeninos que jazem na sarjeta pode estar encarnado um espírito, um mestre disfarçado, mas como as crianças humanas avaliam constantemente através dos sentidos, estão excluídas dessa esfera de experiência.

Se alguém fuma ou ingere vinho, por exemplo, talvez não o avalieis. Não é pecado. O que é pecado? Pois, o que avaliardes com o sentido e a impressão!

– Alguns são escravos do álcool…

– Muito bem, mas esse também é escravo do desejo e isto é uma luta entre desejo e sofrimento. Queridos filhos. O que dizes, que alguém pode tornar-se escravo do álcool… pode-se tornar escravo de desejos de muitas espécies. Pensai nisso. Vedes crianças humanas ao vosso lado que são escravos de muitas outras coisas. Alguém é escravo do desejo de adquirir ouro e bens, por exemplo. A diferença não é assim tão grande, mas no segundo caso há uma avaliação por trás. Queridos filhos, esse é avaliado a partir do vosso mundo sensorial como algo que é correto, que é bom, e assim por diante. Aquele que é escravo do desejo de álcool avaliais de outra forma, talvez. É alguém que precisa de ajuda, que precisa do vosso amor, do vosso cuidado e da vossa solicitude.

A criação humana é um produto das avaliações de outros seres humanos. É um produto dos pais. É um produto do meio. Tendes diferentes avaliações do mundo. É a primeira base que deveis começar a observar quando olhais à vossa volta no caminho esotérico: «Como foi possível eu ter todas estas avaliações?» Então vem o choque da constatação: «Foi dos meus pais!» Sim, é mesmo assim! Depois vem a terceira constatação: naturalmente os vossos pais também receberam a sua impressão de algum lado. De alguma forma foi construída sobre uma base muito ampla, lá muito em baixo, e pouco a pouco centrada no que chamais ego. Sois um produto de séculos de progresso na memória ou sentido da humanidade, na sua experiência sensorial! Sois vós o produto final. Sois vós a síntese deles! Assim, não sois nada único, mas uma criação do que já foi antes, do que já foi produzido. Sois um eco do passado! Por assim dizer, fostes construídos a partir do que já existiu.

Vós próprios não podeis, note-se bem, subjetivamente fazer nada que seja novo, único ou próprio, porque tendes sempre uma âncora para trás. Teve, pois, de existir algo que pudésseis desenvolver para outro acontecimento. Mas nunca podeis criar algo novo, porque estais presos

ao passado, a pais que por sua vez estão divididos, porque a figura paterna e a figura materna também tiveram pai e mãe. Chegamos a oito, a dezasseis e assim sucessivamente todo o caminho para baixo. É uma base infinitamente ampla, da qual sois a síntese das suas experiências.

O ser humano está preso aos seus sentidos. O inimigo do ser humano são na verdade os seus sentidos. Tendes cinco: a vista, o paladar, a audição, o tato e o olfato. Estes cinco sentidos dão-vos constantemente informações sobre um mundo, mas esses sentidos enganam-vos constantemente. Imaginemos crianças humanas que observam algo. Podem observar um bosque. Perguntamos-lhes: «O que vedes?» Respondem: «Muito bem, vemos floresta. Vemos um bosque. Vemos um prado à frente. Vemos abetos. Vemos bétulas.» Começamos então a perguntar um por um o que veem. Veremos que cada um observou algo que lhe é particularmente marcante.

Ou seja, as descrições diferem umas das outras. Têm, pois, cinco perceções diferentes da realidade que observam em conjunto! Têm também uma consciência coletiva. Depois têm uma consciência subjetiva individual dentro do quadro coletivo. Essas pessoas, se continuarmos a perguntar-lhes, ver-se-á que têm experiências interiores diferentes da sua infância, educação e meio. Muito bem. Se lhes perguntarmos mais, veremos que têm perceções completamente diferentes dos seus pais, mas coletivamente, todos tiveram naturalmente pais.

O ser humano vive dentro do seu quadro de associações. Associa o mundo à sua volta. Associa cada detalhe. Esse detalhe tem primeiro de lhe ser conhecido para que possa associar algo do que vê. Se eu, por exemplo, mencionar uma árvore pelo nome e disser: «Vejo um abeto», então todas as crianças humanas podem ver um abeto na sua visão interior, mas diferem umas das outras. Ou seja, cada um associa ao que acredita, ao que sente. Vedes naturalmente um abeto, mas diferem na perceção, tamanho, crescimento, e assim por diante. Quero apenas agora dar-vos uma pequena parte do facto de viverdes a vida de forma completamente diferente uns dos outros, mas mesmo assim coletivamente, num estranhamento em que avalia a vossa existência apenas a partir da vossa própria experiência subjetiva.

Essa experiência do mundo também cria um medo da vida. Tendes de acompanhar o poder mais forte, ou seja, o poder coletivo. Não podeis quebrar o padrão! Não podeis viver as coisas de forma diferente, porque logo sereis reconhecidos como desviantes no padrão de vida coletivo. O ser humano é tomado pelo medo. Tem medo de mostrar o que é. Tem medo de mostrar amor. Tem medo de provar o seu valor e recua e vive, por assim dizer, na realidade coletiva que na verdade detesta, que na verdade não quer participar, mas não tem coragem de ir contra ela e dizer: «Eu quero. Quero ver outro mundo. Sinto que o mundo é algo diferente do que vemos em conjunto.» Não ousa ir contra os que são fortes, ou seja, os que confirmam este planeta. O que deveis compreender é que os seguis como figuras de marioneta sem questionar o que é realidade e o que não é realidade.

Olhai para o vosso mundo à volta. Tendes aí os governantes. Queridos filhos, tendes também aí detentores do poder que têm tanto poder que com um gesto da mão conseguem fazer as crianças humanas lutar umas contra as outras. Como é então possível? É este o desenvolvimento? Pergunto. A criança humana diz: «Cheguei até aqui na escada do desenvolvimento.» Ao mesmo tempo pode matar o seu irmão por ordem de outra criança humana! Como é isto possível? Assim foi e sempre foi. Mas agora estamos no fim desta era e por isso a rutura também é tão forte que aqueles que estão conscientes a veem com tanta força e vivem a rutura com mais dureza. Queridos filhos. Aqueles que dão as ordens não sentem isto! Não o vivem assim; pelo contrário, e não só provavelmente: consideram ter uma missão. Naturalmente têm-na, mas estão impressos por um mundo sensorial, uma consciência coletiva. Pode dizer-se que à volta deles, na sua esfera mental, não existe um único pensamento próprio.

Pode dizer-se que os vossos sentidos são a principal arma de Maya contra a clarividência. Caminhais nos vales de Maya, onde o véu está constantemente diante dos vossos olhos. Não vedes a realidade. Quero afirmar isto: a criança humana nunca vive a verdadeira natureza da realidade; vive apenas as nuvens passageiras diante de si. Onde pensais que se encontram os vales de Maya? Pois aqui e agora! Penetrai-os, tentai

esquecer o que um dia aprendestes ou, pelo menos, tentai ver através disso!

Agora voltemos um pouco atrás. A criança nasce. Todos a recebem e dizem: «Bem-vindo! Agora vamos educar-te, meu amigo, escuta bem esta palavra: para te tornares um cidadão adaptado à sociedade.» O que pensais da palavra? Ou seja, deveis adaptar-vos uns aos outros, ou seja: tornar-vos uniformes. Crianças humanas tomam conta de vós, colocam-vos em instituições. De repente recebeis uma descrição da vida como se não soubésseis o que é a vida! É infinita! Não tem princípio. Não tem fim. Não tem largura. Não tem limite para cima nem para baixo; apenas flui à vossa volta e sois parte deste fluxo fantástico! Então o mundo encolhe até este sistema radicular, como gosto de lhe chamar. Consiste na vossa religião, na vossa cultura e nas vossas tradições. Tudo isto chamo um sistema radicular.

Vai agora tentar moldar-vos e adaptardes-vos ao mesmo sistema a que pertenceis e tornardes-vos cidadãos adaptados à sociedade. Sois empurrados como que para um túnel, um túnel de vida, e aí lutais constantemente. Dizeis: «Está a ficar muito apertado. Não consigo respirar. Tenho de sair daqui.» Mal tentais romper as paredes do túnel, o sistema radicular diz: «Unidos venceremos, divididos cairemos. Mantenhamo-nos juntos pelo amor de Deus! Não deixem sair aquele louco, porque cria o caos à nossa volta. Vai introduzir ideias que não conseguimos gerir.» Além disso, este sistema radicular está em desacordo com outros sistemas radiculares! Graças a Deus! Tendes outros elementos religiosos, outras culturas, outras tradições. Porque se mantêm unidos? É pela sua segurança, dizem eles. Em vez de os dividir completamente e ver: o que pode uma outra imagem religiosa dar-me? Quando entrais noutra imagem religiosa, vereis que fala da mesma fonte!

O núcleo é o mesmo onde quer que eu caminhe neste planeta. Deus é Um. Não está dividido como antes pensáveis: eles não tinham razão e nós tínhamos razão. Nem nós tínhamos razão nem eles tinham razão! Ambos tínhamos razão juntos! Mas se apenas olhardes para ela de diferentes ângulos, torna-se certo ou errado! Os sistemas radiculares são uma perdição mesmo dentro do ensino esotérico, porque também os

mestres criam os seus sistemas radiculares à sua volta e organizam-se e dizem: «Sois os meus discípulos. Ide e lutai no mundo. Combatei-os!» Eu digo: pelo amor de Deus, não sejais mártires, sede antes abertos, despertos, conscientes e vede em que vos metestes!

### SOIS A SÍNTESE DA VOSSA VIDA

Passam os anos. Entrais em diferentes instituições. Chamais-lhe educação. Tornais-vos crianças humanas adultas. Estais aqui, por exemplo, com quarenta anos. Tendes esposa falo agora de um homem, tendes filhos. Tendes barco, tendes carro, tendes avião, campos de ténis, grandes terrenos, tudo aquilo por que lutastes. Começais então a perguntar-vos: «Porque me sinto tão mal?» Olhais para trás na vossa vida e dizeis: «Onde vivi eu realmente? Quando tive acesso à vida? Fui pressionado até à forma que tenho agora. O que quero eu quero realmente alcançar? Quero alcançar harmonia, calma, proximidade! Gostaria de parar e cheirar uma flor. Admirar o voo do pássaro contra o céu. Deitar-me no prado e ver as nuvens apenas passar. Ou observar a formiga que a que a maior parte chama tão diligente. A formiga que caminha na relva lá em baixo.

Agora temos o quadro quando tendes quarenta anos. Envelheceis, como dizeis. Aos quarenta anos começais a soltar-vos um pouco. Aqui começais a rever.

Começastes a questionar a vossa situação de vida. Aos cinquenta, sessenta anos, começa a acontecer algo estranho. O mesmo sistema radicular que vos prendeu na forma vem agora bater-vos no ombro e dizer: «Querido amigo, está na hora de deixares este sistema, há pequenas e agradáveis instituições para gente como tu. Chamamos-lhes lares de terceira idade, onde deves descansar e passar o testemunho aos que vêm depois.» Começa então a abrir-se novamente dentro de vós. Podeis voltar a entrar e sentir. Tornais-vos mais como uma criança, mais presentes, mais brincalhões. Podeis de repente relacionar-vos com os vossos netos e bisnetos ao mesmo nível. Então essas chamadas crianças humanas impressas dizem: «Olhem para ele, está senil.» Ou: «Está senil.»

Um homem encontra-se num dos vossos chamados lares de terceira idade. Encontro tudo isso no banco de memória do Instrumento. Há aí as

coisas mais incríveis para pesquisar. Há muito que não ouso tocar quando olho para isso na minha solidão. Um homem encontra-se, pois, num desses lares. Podeis ver como ele caminha curvado e encostado a uma bengala. Os olhos já não veem bem. De repente aparece uma menina da mesma idade dele. Acontece então algo estranho. Ele endireita o corpo. As faces ficam um pouco vermelhas. Atira a bengala e de repente vemos ali um adolescente cheio de amor por aquela menina que passa. Então o sistema radicular atira-se a ele: «Pobre coitado! Velho, não penses que ainda és jovem!» Dizei-me, para onde foi a juventude? Acreditai-me, no nosso interior somos todos da mesma idade! É apenas o organismo que se altera. Não temais a vida! Quando digo vida, refiro-me a toda esta existência desde o vosso nascimento até à vossa morte. Ativai-vos em todos os estados da vida! Recebei os amados em todos os planos, em todo o lado! Vamos ver um pouco isso.

Quero afirmar que sois a síntese da vossa vida. Mesmo que tenhais noventa anos, continuais a ser criança. Continuais a ser adolescente. Sois ser humano adulto. Sois todos os anos da vossa vida! Aqui sois a ponta da lança disso. Se puxarmos mais além, diremos assim: não existe passado; tudo está presente aqui. Sois a criança. Sois o adolescente. Sois o ser humano adulto com todos os seus níveis. Apenas que surgiram diferentes escudos durante o vosso caminho. Olhemos agora para o outro aspeto. Aqui dizemos que temos as encarnações. Digo que sois uma síntese também delas! Cada encarnação está armazenada na vossa personalidade de base. Portanto não existe passado; tudo é aqui e agora!

O que queremos fazer em toda a nossa transmissão, e o que tentamos alcançar, é pouco a pouco conseguir unir a vossa consciência subjetiva atual e sobrepô-la ao antigo conhecimento, mas torná-lo tão maleável que possais também vestir a antiga massa de conhecimento que jaz em encarnações anteriores, na vossa personalidade de base. Então vereis que existis no presente e deixareis o presente alargar-se à vossa volta. Não existe passado. Também não existe futuro. Onde está o futuro? É amanhã, não é? No amanhã está o futuro? Sabeis o que vos digo: os vossos filhos vêm do vosso futuro. Estai conscientes disso. Os vossos filhos vêm do vosso futuro, mas vós forçai-los a olhar para o vosso

passado, fazendo-os perder a massa de conhecimento que têm sobre o futuro. Olhais para trás, fazem-no todos os dias. Pode parecer que vos repreendo por isso.

Antes pelo contrário, estou triste. Gostaria que vísseis o que eu vejo, que pudésseis viver o que eu vivo: onde o presente se expande e onde estais constantemente no centro dele. Aqui tendes o vosso caminho de vida. Aqui tendes todo o passado. Aqui estais vós e dizeis: «Ali à minha frente tenho o meu futuro.» O que o ser humano faz é pegar nas suas velhas experiências e colocá-las à sua frente, de modo que a sua vida consiste em pegar e colocar, pegar e colocar, pegar e colocar. A partir de acontecimentos do passado forma constantemente o seu futuro. Ou seja, repete a sua anterior situação de vida. A criança humana nunca vive o presente! Falaremos mais sobre isto.

## DE COSTAS VOLTADAS PARA O FUTURO

### A CRIANÇA HUMANA NUNCA VIVE O PRESENTE

Gostaria de falar um pouco sobre o fluxo do tempo, apenas arranhar a superfície. A criança humana diz que vive o presente. A criança humana nunca vive o presente! A criança humana encontra-se em todo o lado num fluxo temporal, mas isola-se através do seu mundo sensorial num pequeno presente imaginado, ou seja, nesta pequena bolha de consciência! Viveis constantemente o passado e estais de costas voltadas para o vosso futuro. Vê-se na criança humana que a confusão se espalha na sua aura mental quando digo que nunca viveis o presente.

O tempo não é como pensais que é! Vedes por exemplo o Instrumento aqui e agora e eu transmito-me através dele para vós. Cada palavra que digo através do Instrumento pertence ao tempo passado, porque viveis através dos vossos sentidos. Ao perceberdes com os vossos sentidos, vedes o Instrumento. Vedes os meus movimentos com o Instrumento. Ouvis o seu órgão da fala. Vibra no éter do ar. Ondas

chegam aos vossos órgãos dos sentidos que as analisam. No momento em que vos chegam, já pertencem ao tempo passado.

Quando vos falo, as ondas sonoras caminham até vós. Vedes e os vossos olhos dão-vos uma informação direta. Também essa é errada, porque é transformada antes de receberdes a informação que buscais. O mesmo vale para o tato, o olfato e o paladar. Os vossos sentidos já interpretaram as experiências! Assim que viveis através dos sentidos, entrais no tempo passado. Do que os sentidos interpretam, criais os próximos acontecimentos no vosso futuro. Como podeis então criar os próximos acontecimentos no vosso futuro? Como já disse: o tempo não é como pensais que é.

O vosso tempo baseia-se na inclinação deste planeta em relação ao seu eixo face ao sol, à mãe, e daí a alternância das estações do ano. Entendeis-me? Quando a criança humana fala que tem uma longa duração de vida e, assim, diz que viveis vinte, trinta até cem anos, dizeis que é um longo período de tempo. Amados filhos, isso não é nem uma centelha no cosmos! Não é uma centelha na evolução! Uma encarnação sob um Dia Cósmico não é mensurável. Comparei o vosso cálculo do tempo a uma régua e essa régua existe apenas no vosso mundo sensorial.

Quando contais segundo o vosso cálculo cronológico do tempo dizeis: temos segundos, minutos, horas, dias e anos, mas isso é movimento mecânico. Podeis então dizer que o tempo é um comprimento, uma distância, um trajeto. Quando vedes as crianças humanas, como contam o seu tempo, veem o tempo como uma âncora. Pode dizer-se que simbolicamente atirais o tempo como uma âncora e depois o recolheis e, quando o recolhestes, dizeis que passou, por exemplo, um minuto. Atirais de novo e recolheis de novo. Medis todo o vosso existir em vez de viver o tempo.

O que existe aí, aquilo que deixastes há um minuto? O que existe onde chegareis daqui a um minuto? Viveis apenas o cálculo cronológico do tempo. Olhais para os minutos e perguntais o que aconteceu? Nada mais do que terdes ficado um minuto mais velhos. Talvez mais um fiozinho de cabelo grisalho? Isso já aconteceu. Quando estudastes esse

minuto, todo o vosso mundo exterior já se modificou. Os vossos sentidos forneceram-vos as informações o tempo todo. Achais que isso é correto, muito bem, mas o que existe depois de terdes passado por aí? Pode existir um desenvolvimento que não viveis? Pode? Muito bem! Pode igualmente existir um desenvolvimento à vossa frente? Muito bem! Existe e, paradoxalmente, mesmo assim, vós existis no vosso passado antigo, existis no vosso futuro e o fluxo do tempo está impresso na base. Nunca viveis o presente!

Assim sendo. Aqui estão acontecimentos do passado que coordenais em sistema. Imaginai agora que um acontecimento subjetivo tem este, aquele e aqueloutro conteúdo. Sabeis que se seguirdes esta ou aquela ou aquela alternativa, provavelmente acontecerá isto ou aquilo num futuro próximo, não é verdade? Existem fatores decisivos no vosso entorno que fazem com que uma alternativa caia, talvez outra caia. O que viveis não está aqui, viveis tempo passado. Quando o vosso futuro se aproxima de vós, esta ou aquela alternativa torna-se impensável porque acontecimentos do passado os tornaram impossíveis. Tendes também uma influência externa, a consciência coletiva. Assim, já existem acontecimentos implantados no vosso futuro que vós próprios criastes. Com quê? Muito bem. Com o pensamento subjetivo e com os sentidos que, pode dizer-se, os coordenam. Entendeis-me? Assim se cria o futuro próximo de diferentes possibilidades. Pode dizer-se que criastes o vosso futuro como imagens-fantasma de vós próprios e cada imagem-fantasma é igualmente real. Cada acontecimento é real em si mesmo, existe. Coordenastes o passado para acontecimentos pensáveis num futuro próximo. Quando coordenastes esses acontecimentos, aí está o vosso futuro, mas só quando os vedes através dos vossos sentidos é que os viveis como uma realidade. Viveis-nos então como um presente. Quando, pois, esses sentidos vos dizem: «Eu vejo, eu ouço, eu sinto», sabei que o que sentis já está no passado, o que vedes também está no passado.

Assim, a criança humana cria o seu próprio futuro a partir de acontecimentos do tempo passado. A criança humana recria sempre o seu futuro. Depois viveis esse acontecimento diante de vós aqui, mas ele está mesmo assim no tempo passado! Assim, cada criança humana pode

criar um amanhã a partir de acontecimentos do presente. Podeis criar este ou aquele acontecimento e ele é uma realidade quando lá chegais. Ele existe atrás de vós quando o criais com o vosso pensamento e quando chega até vós, vivem-no diante de vós.

Vamos desenhá-lo. Aqui tendes uma criança humana. Aqui está o seu nariz e ela encontra-se num rio. Olha a favor da corrente. Ou seja, com o seu curso. Atrás de si tem o rio agitado que corre contra as suas costas. Aqui contempla o rio como a vida. Aqui há pedras e espinhos que a vida trouxe em situações de vida anteriores e neste período de vida. A partir desses constrói acontecimentos futuros pensáveis no seu futuro. Mas notai bem que ele contempla tudo à sua frente. Não o vive aqui, mas vive-o a passar. Constrói acontecimentos futuros pensáveis a partir do já manifestado. A partir de acontecimentos do passado criais o vosso futuro! Mas quando eles finalmente fluem através de vós, já estão no tempo passado.

Se virardes o ser humano para o seu futuro e disserdes: «Esquece agora o teu passado», ele diz: «O meu futuro, onde está ele? Tenho de ter o meu passado para o construir!» Eu digo então: tentai agora colocar-vos com vós próprios no centro, com a massa de conhecimento que tendes, e deixai o dia encher-vos. Não planeeis o dia previamente, deixai o dia crescer como uma flor tendo-vos a vós como um ser de conto de fadas no seu centro. Deixai-a abrir as suas pétalas e deixai o dia crescer até vós. Alargai o presente de modo a cobrir tanto o passado como o futuro! Então talvez aconteça o seguinte: sentais-vos de manhã à vossa mesa e ingeris o vosso alimento. Pela primeira vez talvez estejais presentes nesse lugar. Em fases anteriores estivestes divididos em vários lugares ao longo do dia. Ali, às catorze horas, tendes uma reunião a que tendes de comparecer. Ali, às quinze horas, outra reunião a que tendes de comparecer e não estais presentes onde estais sentados a ingerir o alimento.

Estais aqui como uma impressão, mas não estais reunidos no vosso próprio centro. Quando tentais olhar para essas impressões do vosso futuro, e essas reuniões são muito importantes, acionais um processo que decorre muito para além do vosso ser físico. Aquele que ides encontrar,

talvez seja essa a «presa» que tendes de abater e é importante que chegueis a um acordo com ela. Ele, ou ela, vai pressentir que vai encontrar-vos como um inimigo e, por sua vez, trará todo o seu exército, os seus conselheiros para enfrentar este inimigo que vós representais. Se, em vez disso, deixardes o presente crescer, vereis que nesse dia chegareis talvez pela primeira vez meia hora mais cedo ao vosso local de trabalho.

Tendes uma palavra amiga para cada um. Encontrais crianças humanas no caminho para o vosso trabalho que antes não tínheis notado. Vistes o sol, as andorinhas. Encontrais essa pessoa às treze horas, mas sem armadura. Não tendes escudos levantados. Não tendes defesa e, de repente, passastes por isso. Ou seja: quando o ser humano perde a sua construção do futuro, torna-se um ser humano que vive e não um ser humano que pensa. Na verdade, a decadência começou já quando o ser humano começou a pensar em vez de ser um ser que sente. Mas viveis constantemente o passado e estais de costas voltadas para o vosso futuro.

### O TEMPO É FLUXO

Podeis, através do vosso sentimento, aceitar que o tempo é fluxo? O tempo é gravitação. O tempo é luz. Este é o fluxo do tempo. Assim, pode dizer-se que o fluxo do tempo vos atravessa, mas também se pode dizer que o tempo atravessa o Cavaleiro, o vosso caminhante neste fluxo do tempo, porque a diferença é nula. Assim, a criança humana nunca vive o presente, mas o vosso ego interior, o Cavaleiro, vive o presente, constantemente. O Cavaleiro vive, é certo, através dos vossos sentidos, mas não depende dos vossos sentidos para a sua esfera de experiência. O Cavaleiro está, pois, consciente do tempo, enquanto a criança humana está consciente de como este planeta gira à volta do sol, da alternância das estações devido à inclinação do eixo terrestre. O Cavaleiro vive o presente! Mas vós viveis o passado. O organismo vive o passado.

O tempo é um fluxo. Estais constantemente rodeados pela eternidade, mas encontrais-vos na vossa pequena esquina de vida quadridimensional como o caracol com a sua concha às costas. Quando algo acontece de fora, de outras dimensões, de outros espaços de vida, a

criança humana encolhe a sua pequena cabeça dentro da casa e diz: «Não vi nada. Não existiu nada.» Nada pode abalar a sua pequena existência quadridimensional da realidade. Encontrais-vos numa bolha de vida e à vossa volta há oceanos de consciência que apenas esperam ser descobertos, que querem ser descobertos e querem tornar-se lembrados! Ao manifestar-me neste Instrumento, também eu rompi essa pequena concha quadridimensional que tendes. Ao manifestar-me eu, Ambres, consegui rebentar a concha que vos rodeia!

O tempo de que falo é algo completamente diferente. Quando dizeis que a velocidade da luz é trezentos mil metros por segundo, aproximadamente, é correto. Então alguém diz que mais rápido do que isso não podemos viajar, nada pode viajar. Eu digo que isso está completamente errado na base! Vale enquanto vos encontrardes neste planeta e o medirdes com o vosso tempo. Enquanto viverdes esta dimensão espaço-temporal estais presos à dimensão espaço-temporal. Assim, perguntamo-nos: pode alguém viver a velocidade da luz? Pode algo ultrapassar a velocidade da luz?

As crianças humanas dizem que está provado que a velocidade da luz é o limite que podeis atingir. Mesmo assim, existem partículas que se movem muitas vezes mais rápido do que a velocidade da luz. Amados filhos, entendeis isto? Se vos aproximardes da velocidade da luz, continuareis a viver-vos como no presente. Viveis-vos como um organismo, mas mesmo assim a vossa massa é infinita. Se viajásseis, digamos, duas horas à velocidade da luz e regressásseis a este planeta, aos vossos queridos, aos vossos familiares, eles já teriam desaparecido há várias gerações antes. Mesmo assim podeis dizer que a vossa dimensão espaço-temporal é algo em que se pode confiar!

O que é então o vosso tempo? Em relação ao cosmos, por exemplo, existe então o tempo? Desenho. Digamos que estais num pequeno corpo celeste. Não há nada próximo. Nenhum outro corpo celeste na sua proximidade. Então podemos perguntar-nos: estais então conscientes se viajais em alguma direção? Nesta direção ou naquela direção? Estais? Não. Mas se pusermos aí outro corpo celeste, logo estais conscientes disso, não é verdade? Então estais conscientes de que podeis viajar em

direção a ele ou afastar-vos dele, ou viajar para a direita ou para a esquerda. Mas ainda não tendes visão da dimensão do espaço até termos um terceiro corpo celeste. Então tendes um padrão de referência e podeis determinar a posição do vosso corpo celeste. É correto. Continuemos assim.

Assim podeis determinar a posição e podeis determinar o tempo segundo o vosso cálculo cronológico do tempo. Está provado: quando atingis a velocidade da luz, expande-se. Pode dizer-se que o espaço e a massa se tornam infinitos. Se alguém se encontrasse na superfície deste planeta e de repente partisse à velocidade da luz, alguém diria: «Naturalmente, vê-lo-íamos como um relâmpago a afastar-se.» Fá-lo-íeis. Mas ao mesmo tempo que o vísseis, vê-lo-íeis como uma coluna de fogo, um pilar de luz, desde o planeta para cima. Agora a luz desapareceria igualmente rápido na mesma direção, enquanto a massa mesmo assim é infinita na velocidade da luz. A distância que percorreis quando viajais à velocidade da luz, medis por segundo, por décimos de segundo, centésimos e milésimos de segundo. Dizemos então que percorreis uma distância, dali até ali, um milésimo de segundo note-se bem talvez cem milhas. Quem se encontrasse, digamos, numa nave espacial, continuaria a perceber-se como uma criança humana em forma normal, enquanto a massa se estenderia infinitamente, porque intervalos de tempo tão pequenos como milionésimos de segundo não viveis, não é verdade? A massa é extensível, porque a massa não é mais do que energia, estado de tensão, em forma materializada. Independentemente de a massa ter atingido a velocidade da luz, enquanto tiverdes uma consciência, vivereis o organismo mesmo assim como um organismo. Mesmo assim é infinito para quem se encontra no planeta e o observa. Entendeis-me? Mas para quem o vive, nada se altera.

Imaginai agora que aqui, por exemplo, tendes a estrela diante de vós e viajais daqui até ali. Então notareis um fenómeno. As estrelas para as quais viajais começam de repente a deslocar-se para a periferia, de modo a desaparecer do centro. Viveis de repente que as estrelas se deslocam de tal forma que viveis um buraco no centro. Se ultrapassardes a velocidade da luz, não vivereis as estrelas diante de vós, porque agora ultrapassastes

a velocidade da luz, entendeis-me? Quando vos aproximais da velocidade da luz começa uma alteração desta concentração de estrelas. Pode alguém dizer de que modo ela muda de forma?

Amados filhos. Assim dizemos que se tornou um ponto, mas esse ponto vai alterar-se. Novamente deste modo. Novamente se forma num círculo. Como é possível? Depois, quando atingis a velocidade da luz e estais acima dela, essa estrela não está aí. Está aqui. Quanto mais vos aproximardes da velocidade da luz, mais se altera a sua formação. Agrupa-se. Se vos aproximardes muito da velocidade da luz, altera-se novamente. Viveis agora as estrelas como espalhadas num círculo à vossa volta e quando ultrapassais o limite da velocidade da luz não as viveis nem à frente nem atrás, mas encontrais-vos no meio desse círculo. Assim, quando subis à velocidade da luz a vossa massa é infinita e fundiu-se no universo total, mas isso tem a ver com a gravitação e não com o que chamais tempo. Nunca o entendereis com o vosso sentido! Nunca o entendereis, mas faz cócegas na vossa fantasia.

A criança humana encontra-se no fluxo do tempo e agora vem o mais paradoxal de tudo: vós nem sequer existis aqui. Na verdade, encontrais-vos em todo o lado neste fluxo do tempo. Se vísseis agora a gravitação como tempo, vissem o tempo como luz e expandíssemos a gravitação, encontrar-vos-íeis em algo que chamais buracos negros, não é verdade? Aí a gravitação torna-se tão forte que nenhuma luz sai dali. Vivem-na como uma forte atração, onde o próprio fluxo do tempo é posto fora de função. Imaginai agora que vos encontrásseis aí, nessa forma em espiral, nesse buraco negro. Imaginai isso como um ato pensado. Então estaríeis aí em cima com a vossa cabeça, mas talvez aqui em baixo com os pés.

Assim existiríeis durante vários milhares de anos e cada ano, cada tempo, é agora e viveríeis cada tempo no presente, existindo assim todo o caminho. Entendeis-me? Não! Porque isso desafia a vossa razão, não é verdade? Porque o sentido vos diz que não é possível. Mas acreditai-me, é possível! Existe. É assim. A criança humana encontra-se em todo o lado no fluxo do tempo! Este é o paradoxo sem igual do fluxo do tempo. Alguém perguntou em certa ocasião: «Existi eu há dez anos? Existiu há

cem anos? Há dois mil anos?» Eu digo: «Com certeza, querido filho, exististe. Existes o tempo todo e todo o caminho. Encontras-te aqui e agora, ao mesmo tempo no presente como há três mil anos. Existes aqui e existes ali. Existes agora e eternamente! Queridos filhos, este é um paradoxo, um paradoxo sem igual.

Vamos olhar para outra coisa que também diz respeito ao fluxo do tempo. Muitas crianças humanas dizem ter vivido e vivem estados em que dizem que isto, exatamente isto, já vivi antes algures, mas ninguém sabe onde. Talvez fosse uma coisa banal como coçar a orelha, mesmo assim exatamente o mesmo que já fizestes antes. Agora surge uma sensação de insegurança. Alguma vez o fizestes? Tendes uma memória disso, não é verdade? Ficais parados, admirados, e talvez pergunteis: «O que está agora a acontecer?» Nada acontece mas algo, um vislumbre, atravessou, de onde? Surgiram pregas no fluxo do tempo onde passado antigo e futuro, por exemplo, deslizam um no outro. Do mesmo modo que vos encontrais aqui a subir no fluxo do tempo, veremos que aí se encontram passado antigo e futuro. Aqui dá-se uma faísca, uma faísca de segundo, onde estais ao mesmo tempo aqui e ali. Viveis-vos nesse momento em duas dimensões. Ao mesmo tempo que talvez vos vivais aqui, estais ali. Estais aqui. Estais ali, todo o caminho no fluxo do tempo. Então podemos perguntar-nos: é aquilo mais real do que isto?

Tendes o tempo todo impresso no vosso fluxo do tempo. Encontrais-vos aí, então encontrais o vosso futuro, entendeis-me? Registais isso no vosso inconsciente, que o implanta no vosso subconsciente enquanto continuando o caminho. O modo de agir, o movimento da mão, como coçais a orelha é o mesmo. Pode dizer-se que exatamente nesse instante fugidio existis em duas edições muito, muito próximas. Mas isso não entendeis. Vamos mais longe. Saístes dali para ali. Viveis agora o vosso futuro. Aqui viveis um passado antigo. Aqui viveis novamente um futuro, uma visão, talvez, um passado antigo… Entendeis-me aqui?

### SOIS VÓS PRÓPRIOS QUE CRIAIS A VOSSA EXISTÊNCIA

Dizei-me, fazer uma mudança de posição, o que significa isso? Pois, significa um deslocamento. Não significa um deslocamento físico, mas é

um deslocamento mental. O ser humano é um animal de hábitos impresso. Ou seja, segue o padrão e diz: «Aqui tenho pelo menos a minha segurança!» Senta-se num prego e diz: «Dói-me tanto o rabo!» Quando então lhe dizem: «Quem te vai tirar daí?» Pois, o próprio ser humano. Então dá um passo ao lado e diz: «Graças a Deus que escapei ao prego. Que agradável tudo ficou.» Depois sai, olha à volta e volta a sentar-se exatamente no mesmo lugar onde estava! A mudança de posição não aconteceu. Ou seja, repete novamente o velho padrão. Aqui torna-se então um problema: compreender o significado do presente.

Aqui está esta criança humana no seu pequeno espaço de vida. Cria constantemente as condições no espaço de vida. Perguntais: «O que devemos então fazer?» Em cada ação que realizais diante de vós naquilo que viveis como o presente, que é o vosso passado, criais as condições para o vosso futuro. Se agirdes de modo a viver o amor, criais as condições para uma construção constante no vosso futuro. Entendeis-me? Sois vós próprios que criais a vossa existência! Muito bem. O que deveis então fazer? Antes de mais: agir!

– Se alguém quer fazer mudanças na sua vida, está então «preso» no passado?

– Se fizerdes mudanças nas vossas vidas, fazem-no a partir do que criastes no passado. Formais assim um futuro e vivem-no diante de vós como uma realidade. Assim criais essas condições, não é verdade? A consciência coletiva também se envolve no vosso agir. Amados filhos, sois, de certa forma, os vossos próprios deuses que mudam o vosso mundo exterior através do vosso agir! Se assim moldardes uma imagem do vosso futuro… moldai-a de tal modo que de repente vivais o vosso futuro diante de vós, sem forma. Podeis entender isso? Amados filhos, é o amor que é difícil de compreender.

Quando alguém vive, digamos, felicidade, e depois, ao viver a felicidade, diz: «Isto é tão bom. Não pode durar muito tempo. É bom demais para ser verdade.» Então já tirastes a felicidade! Já criastes no futuro próximo algo que arrasta essa sensação. Aceitai-a constantemente,

constantemente, constantemente e não vos afasteis da manifestação do pensamento sobre ela!

O presente absoluto, esse vive-o o Cavaleiro! O Cavaleiro é o vosso ego interior. Podeis ter sequências de memória do presente absoluto, mas então não viveis a transformação dos sentidos, mas vivem-no nesse caso como uma manifestação intuitiva abstrata. Entendeis-me? Assim não o viveis fora de vós, mas vivem-no dentro de vós. Se então tentásseis explicar a experiência, explicá-la-íeis a partir do mental subjetivo. Assim que tentais explicar algo a partir do mental subjetivo, usais os vossos sentidos. É correto. Assim, o presente absoluto podeis vivê-lo, mas vivem-no como uma visão. A sequência de memória existe aí, mas não a podeis transmitir. Entendeis-me?

– Então quando se tenta transmitir o que se vive não é o presente que se transmite? Então não se pode transmitir o presente?

– Queridos filhos, não é possível. Já disse isto antes... Gostaria que por algum segundo, algum minuto, pudésseis passar para este lado. Não falaríamos uns com os outros. Viveríeis, mas não viveríeis com o mental subjetivo. Nenhum de vós se sentiria um indivíduo separado de outro, mas sentir-vos-íeis como um organismo em funcionamento onde cada parte tem uma consciência em comum.

Queridos filhos, este é um caminho difícil de percorrer. Desço, pois, e manifesto-me através do Instrumento. Tento transmitir-vos algo que é mentalmente abstrato e moldá-lo em palavras. Apesar de não o moldar com os sentidos do Instrumento, muitas vezes percebem-no desse modo e ficais confusos. Naturalmente ficais confusos, porque os vossos sentidos não vos levam ao mesmo nível. Tendes de tentar vivê-lo com o sentimento! Deixai o sentimento levar-vos como uma ponte de ligação. A ginástica mental é boa. Muitos precisam dela. Mas o sentimento tem maior capacidade de carga e muitas vezes leva mais rapidamente ao objetivo final.

A criança humana pode atingir este estado: estar constantemente consciente no presente. Muitos já o fizeram também. Do mesmo modo não pensaram até lá. Chega fugaz como um instante. A experiência do

tempo desaparece e não podeis dizer «Vivi isto durante tanto e tanto tempo», apenas que o vivestes. Mas essa consciência talvez dure apenas um décimo de segundo segundo a vossa contagem, mas os seus efeitos dessa clarividência mudam todo o vosso futuro próximo! Quando o tiverdes vivido, estaríeis constantemente conscientes nele. Amados filhos, então teríeis uma consciência de Cristo, porque então teríeis fundido completamente no pensamento do planeta. Entenderíeis então o princípio do cosmos. Entenderíeis também a sua estrutura coesiva, o seu padrão. Saberíeis o porquê e para onde, e assim por diante. Nada estaria então oculto.

### CADA SER HUMANO É UMA CONSCIÊNCIA

Vamos continuar a olhar para o ser humano. Gostaria de observar a consciência humana, pois isso é interessante. Cada criança humana é uma consciência! Usais muito da consciência, mas sois infinitamente pouco conscientes dela. Muito bem, vejamos isso. Podemos ilustrá-lo do seguinte modo.

vista audição tato olfato paladar

### OS SENTIDOS

Aqui em cima temos a vista, a audição, o tato, tendes o paladar e o olfato. Através destes sentidos viveis o mundo exterior. Queridos filhos! Isto é um espectro minúsculo, minúsculo da imagem total! Assim, sois alimentados por estes sentidos. O que é que vos faz estar conscientes do eu? Pode alguém dizê-lo? Algo que tendes muito perto e que é sempre usado: pois, os vossos sentidos. Sem os vossos sentidos nunca estaríeis conscientes de coisa alguma! Se escutardes dentro de vós, podeis ouvir que estão em diálogo constante. Os vossos sentidos falam uns com os outros e podeis até falar com os vossos sentidos. A vista diz-vos uma coisa, a audição completa. O olfato completa tanto a vista como a audição, e assim sucessivamente. É um diálogo constante e podeis também conversar com os vossos sentidos. Muitos já viveram isso.

Imaginai agora que vos sentais em meditação. Então ouvireis um diálogo interior, como vozes constantemente falam dentro de vós.

Alguém diz: «Os meus pensamentos vão e vêm.» Quero afirmar que são os vossos sentidos que vão e vêm. Acontece algo ali perto e perguntais: «O que foi aquilo?» A vista diz: «Não sei.» A audição diz: «Também não sei. Não consigo perceber nada.» O olfato tenta completar. Também não sabe. Mas se abrirdes os olhos, a fala diz tanto ao olfato como à audição o que foi. Assim, os ouvidos continuam a perguntar ao olfato, ao paladar e ao tato. Aí podeis ouvir uma cacofonia de vozes e podeis tanto ser o observador como entrar e modificá-las e falar-lhes, não é verdade? Isto não são pensamentos! São os vossos sentidos que falam dentro de vós! Quando tentais excluí-los, aquilo a que chamais pensamento, acontece muitas vezes que vos enganais.

231 Os vossos sentidos governam-vos constantemente, constantemente, constantemente. Absorveis os impulsos dos vossos sentidos e do vosso consciente diurno. Não podeis estrangular os impulsos para que não invadam o vosso consciente diurno! Entendeis-me? O pensamento não existe, a informação não pode ser estrangulada, mesmo que digais: «Não estou consciente.» Mesmo que vos encontreis no que chamais inconsciência, os sentidos continuam a absorver o que se passa à vossa volta. Registais isso. O inconsciente descarrega-o, analisa e cataloga exatamente como antes, porque o inconsciente consciente está impresso pelos vossos sentidos para a consciência diurna. Falaremos mais sobre isso.

Muitas vezes, quando ides repousar e o organismo se encontra em repouso, ele parece estar em repouso. Mas dentro desse organismo decorrem processos constantemente, constantemente. Nenhuma criança humana está reduzida a um nada. Apenas a vossa consciência está atenuada e o que é que está atenuado? Vemos novamente esta imagem. Muito bem, o vosso consciente diurno e os vossos sentidos estão atenuam-se, enquanto os vossos estados de sonho, o vosso inconsciente e o vosso subconsciente se encontram em altíssima atividade. Quando o consciente diurno e os vossos sentidos se atenuam, dá-se uma maior equalização entre eles. Assim, de repente, podeis ver com o organismo ou viveis, por exemplo, a audição com o organismo.

O que são os sentidos? O que é o sentido do sentimento? Está centralizado num ponto específico? Não. Existe em todo o vosso organismo? Muito bem! Aceitemos que o sentido do sentimento envolve todo o vosso organismo. Passemos agora ao olfato. O olfato está centralizado? Continuemos. O paladar? A audição? A vista? Amados filhos, agora escutai! Quero afirmar que nenhum destes sentidos está centralizado, mas envolvem todo o vosso organismo! Assim, a matéria não é tão densa e cada criança humana tem

232 sentidos em todo o seu organismo, mas não estais conscientes disso. A vista não está ligada apenas ao olho, mas a cada parte do vosso corpo. O olfato não está ligado, por exemplo, ao nariz, mas a todo o vosso organismo. Mas as sedes principais cegam-vos muitas vezes.

Às vezes, em estados de choque graves, os sentidos das crianças humanas podem sofrer uma sobrecarga, de modo que de repente, nas perceções visuais, sentis perceções gustativas. Quando tendes perceções gustativas, obtendes perceções visuais. Assim, se ingerirdes algum alimento, podeis obter divisões de cor variáveis para a vossa vista. Do mesmo modo, o olfato pode fazer-vos sentir uma dor aguda. Entendeis-me? Em certas ocasiões estes sentidos podem sofrer uma sobrecarga.

Vejamos então deste modo. Se retirarmos a vista, isolamo-la, escurecemo-la. O que compensa agora a vista? O tato, e mais? A audição e o olfato e até o paladar. Muito bem, independentemente do sentido que retiremos, os outros sentidos compensam-no, independentemente de qual retiremos deles. Se, pois, retirardes os sentidos, talvez vivais algo muito estranho: que todo o vosso organismo é um sentido no qual vista, tato, paladar, audição e olfato estão incluídos como seus componentes. Com isto quero afirmar que podeis ler com as pontas dos dedos. Podeis cheirar com a pele, por exemplo.

– É o mundo sensorial que nos faz sentir que temos um eu que se vive como contínuo no tempo o tempo todo? – Imaginai agora que perdíeis a vista, a audição, o tato, o paladar e o olfato. Estaríeis então conscientes?

– Os pensamentos não continuariam? Enquanto houver uma memória construída que tenha acumulado informação…

– Como podeis ter uma memória se o mundo sensorial não vos fornecer nada? Imaginai agora. Aqui tendes o vaso e os cinco sentidos: vista, audição, paladar, tato e olfato. Retiramos a vista e perguntamo-nos: ainda tens consciência? Continuas consciente do teu mundo exterior. Muito bem, porque tens estes outros sentidos que agora representam a tua consciência do eu. Assim, audição, paladar, tato e olfato intensificam-se para compensar a perda do sentido da vista. Imaginai depois que o paladar desaparece. Então vereis que o vosso olfato é afetado. Do mesmo modo o vosso tato e audição são afetados para agora compensar a sua perda. Se depois a audição desaparecer, tentareis compensar a audição com o tato. Retiramos o olfato. Mesmo assim viveis-vos como o eu no habitáculo. Tendes o tato. Podeis pensar o pensamento de que só tendes o tato como único sentido? Se assim retirarmos o tato, o que acontece então? Se agora tiverdes uma impressão através do vosso mundo sensorial, continuareis a viver-vos como uma consciência do eu, mas então encerrada no habitáculo. Nem sequer estais conscientes do habitáculo, não é verdade?

Estais apenas conscientes de um estar em algum lugar. Não tendes experiência de tempo. Não podeis dizer que agora é dia ou agora é noite. Imaginemos agora também que o habitáculo não reage às alternâncias. Mesmo assim reage, mas imaginemos que não o faz. Então apenas estaríeis conscientes de um ser. Se assim passasse um período de tempo de duzentos anos, não poderíeis aí distinguir se passaram dez anos ou dois anos, não é verdade? Se não tivésseis estes sentidos, como viveríeis o habitáculo? Não viveríeis nada! O que é que cria o eu exterior? O mundo sensorial, infelizmente…

Porque reage a criança humana tão fortemente à sua própria consciência do eu? Quem imprimiu o organismo? Pode então dizer-se que é o mundo sensorial que, por sua vez, os imprimiu em parte, porque tendes memória celular. Cada célula tem uma memória própria em si mesma no organismo. Assim, pode dizer-se que o organismo do vaso

tem uma consciência própria além do mundo sensorial e da consciência diurna da criança humana.

O vosso mundo sensorial é bem conhecido e aceitastes o vosso mundo sensorial como a parte de vós próprios que absorve experiências do mundo exterior. Quase nenhuma criança humana alguma vez se perguntou: «O meu mundo sensorial, mente-me ou diz-me a verdade?» Nunca vos perguntastes se o vosso semelhante vive o mesmo mundo sensorial que vós ou apenas matizes diferentes?

A consciência diurna

Vemos na imagem a sede da vossa consciência diurna, a vossa consciência diurna. Aí viveis o "aqui e agora" e viveis através dos vossos sentidos. Estais consciente disso graças ao vosso mundo sensorial. Mas o mundo sensorial prende-vos ao dar uma imagem falsa à criança humana. Não está consciente de que tem um espaço interior que é muitas vezes maior do que o consciente diurno.

A sede da consciência diurna está ancorada aos vossos cinco sentidos. Estes encontram-se em harmonia, e pode dizer-se combinação, com a vossa consciência diurna. Quando andais nas vossas tarefas diárias, realizais as coisas tal como fostes impressos para realizar, partis antes de mais do vosso mundo sensorial que vos fornece sempre informação. Tudo o que viveis com a sede da consciência diurna baseia-se nas informações que recebeis através dos vossos sentidos.

235 Aceitais os sentidos no vosso consciente diurno. Só depois de os vossos sentidos vos terem dado a informação é que a aceitais na sede da consciência diurna. Pode dizer-se que são os vossos sentidos que vos governam constantemente. São eles que vos guiam. Pode dizer-se que a criança humana é a carroça e os sentidos são, pois, os cavalos que puxam essa carroça. A sede da consciência diurna segue atrás, pendurada e oscilando, e não tem controlo sobre o seu mundo sensorial.

Falámos de que o vosso mundo sensorial vos fornece informação que é dada pela sua impressão. A criança humana entra no seu espaço de vida ao nascer e depois começa uma impressão, onde todos no vosso

entorno, incluindo os vossos pais biológicos, vos dão uma descrição da realidade tal como a veem. Assim, através dos vossos sentidos recebeis uma descrição do vosso mundo exterior. Sois impressos num determinado padrão e viveis com o mundo sensorial algo completamente diferente do que o mundo exterior é. O mundo sensorial fornece-vos mentiras! Pouco a pouco fechais-vos como numa concha e não vedes nada à vossa volta, apenas vedes as paredes da concha, porque estais encerrados nesta descrição da realidade que agora estagnou. Agora confiais apenas nestes sentidos e eles levam-vos pelo vosso caminho de vida. Dentro de vós tendes maiores profundidades das quais não estais igualmente conscientes no vosso consciente diurno.

A consciência diurna desliza constantemente sobre a sede do subconsciente e informa-o, mas no fundo do subconsciente estais constantemente fechados a uma forma de experiência maior, nomeadamente o vosso supraconsciente, que está em contacto com o banco de memória do planeta.

### O SUBCONSCIENTE

A criança humana tem, pois, uma consciência, uma consciência exterior, uma consciência do eu que se baseia no mundo sensorial e na impressão. A criança humana tem também um subconsciente, onde a impressão está armazenada desde a viragem de apresentação e o nascimento. Impressão da infância, inibições e desejos estão armazenados desde a viragem de apresentação até à data atual. Todas as experiências aí estão, camada após camada, armazenadas na vossa sede subconsciente.

Alguém diz que o subconsciente está em movimento constante. Quero afirmar que o subconsciente é estático em si mesmo. Não está em movimento. Pode comparar-se a terdes um vaso onde, camada após camada, acumulastes informações, agressões, inibições, desejos. Naturalmente não apenas isso, mas também acontecimentos encantadores. Isso está estático, camada sobre camada.

Qual é a tarefa da vossa sede subconsciente? Armazenar. Na vossa sede subconsciente armazena-se tudo desde os vossos primeiros anos de

infância, desde a vossa infância. Quero afirmar que já desde a viragem de apresentação no ventre materno a sede do subconsciente é impressa camada sobre camada. Assim, aí estão, no vosso subconsciente, armazenadas agressões, inibições, desejos e, como disse, naturalmente também alegria.

Tendes na vossa sede subconsciente, pois, experiências da infância, educação e meio. Pode também comparar-se a sede do subconsciente a um poço no qual armazena camada após camada de formas de experiência deste modo. Tende-lo constantemente dentro de vós, porque paralelamente ao subconsciente podeis ligar o que chamamos banco de memória. A vossa sede subconsciente está tão fortemente ancorada ao banco de memória que se pode dizer que o subconsciente e o banco de memória são um e o mesmo, mas com diferentes matizes. Podemos dizer que é o subconsciente que é o banco de memória e igualmente vice-versa.

A criança humana não está consciente da sua sede subconsciente. Nem do seu inconsciente, dos seus estados de sonho e também não da sua sede supraconsciente. No vosso subconsciente está, pois, impressa a viragem de apresentação no ventre materno, o nascimento e a impressão dos primeiros anos de infância.

A viragem de apresentação no ventre materno existe como base no subconsciente. Após o vosso nascimento começa, pois, este processo de aprendizagem, onde sois constantemente confrontados com o vosso mundo exterior. A impressão. Tornais-vos conscientes do que é bom e do que é mau. Tornais-vos também conscientes de que «Isto posso fazer e isto não posso fazer.» Aí recebeis duas polaridades: o bom e o mau. Tudo isso se encontra na sede do subconsciente. Às vezes surgem conflitos entre o mundo sensorial e o bom e o mau, e surgem estados de tensão dentro de vós próprios.

De repente não quereis aceitar o bom como bom, ou o mau como mau, porque vedes através dele. Então surgem situações de conflito dentro de vós. Assim, encontram-se deceções no vosso subconsciente. Alguém disse algo, uma promessa não foi cumprida, e assim

sucessivamente. Sois constantemente confrontados com contradições dentro de vós, porque às vezes o mundo sensorial é submetido a confrontações. Quando, por exemplo, os vossos pais biológicos vos dizem aos três, quatro anos: «Isto é correto. É bom, continua com isso.» Depois, aqui em cima, talvez aos dez anos, verifica-se que essa impressão é completamente errada, quando, pois, os vossos pais biológicos vos dizem: «Não deves ocupar-te disso. É errado.» Assim surgem conflitos, tensões dentro de vós. Vão cada vez mais fundo e mais fundo na infância. Quanto mais fundo fordes, mais fortes estão as tensões. Assim continuais aqui a armazenar na vossa sede subconsciente as informações que recebeis através do vosso mundo sensorial. Viveis tristezas. Viveis amor e alegria, mas avaliais a informação a partir do mundo sensorial e da impressão. Através do vosso consciente diurno acumula-se, pois, informação no vosso subconsciente. O subconsciente está constantemente consciente. É mais consciente do que vós neste instante.

Podeis ter um sentimento, viveis algo, por exemplo. Depois dizeis: «Isto é correto, sinto-o assim.» Mas mesmo assim há dentro de vós uma inquietação roedora de que algo mais existe. Algo não parece certo. Dizeis que «sentis no corpo» e também chamais a isso intuição. Sentis intuitivamente que algo está errado, mas não conseguis apontar o quê. Mas o vosso subconsciente reagiu e vibra junto à sede do vosso consciente diurno e aponta que «Não é bem assim». Talvez o afasteis, mas no sono irrompe então muitas vezes mais forte, onde sois então arrastados para o vosso subconsciente. Obtendes aí um contacto mais forte e aí irrompe então em sequências de sonho e dá talvez muitas vezes soluções para o que estáveis a matutar ou o sentimento que tínheis. Muito bem.

Aqui, na camada de fundo do subconsciente, tendes impressão da infância. Tendes aqui, camada após camada, o processo de aprendizagem. Do mesmo modo podem aqui existir tais tensões, tais estados de agressão devido ao meio de educação, etc., que podem irromper através do resto das camadas até à data atual. Assim, enchíeis este subconsciente desde a viragem de apresentação, camada após camada de acontecimentos desta vida. Na vossa sede subconsciente

colocais tudo o que haveis avaliado no vosso mundo sensorial e não haveis achado correto para a vossa parte pessoal. Entrastes em desarmonia, angústia, estados de crise, por exemplo. Tendes este subconsciente como o vosso pequeno "saco de lixo" pessoal que levais convosco pela vossa esfera de vida.

– Então recebemos o subconsciente na queda no pecado?

– Pode dizer-se que através da queda no pecado, quando simbolicamente comestes da árvore do conhecimento, se instaurou esta sede do subconsciente. Deus Todo-Poderoso implantou um pensamento para obter um desenvolvimento no plano físico e esse pensamento é o início da vossa sede subconsciente. A criança humana começaria a sua caminhada rumo à divindade e tornar-se consciente da divindade, da elevação ao todo a partir deste plano de inércia. Através desse pensamento desceram para a matéria como homem e mulher.

Aprendestes a distinguir o que era bom e o que era mau. Os sentidos não avaliavam antes disso, entendeis-me? Aprendestes o discernimento. A queda no pecado está simbolicamente descrita como quando a criança humana obteve a possibilidade de escolha. Aí foi implantado na sua sede subconsciente o conhecimento do bem e do mal. Foi um conhecimento que a própria criança humana ativou sozinha e que dividiu a força do amor em duas partes: o bem e o mal. O vosso consciente diurno está constantemente separado por isso, porque dividis a força primordial em vários aspetos diferentes.

– Pode dizer-se que o pensamento que foi colocado e a queda no pecado foram então uma forma de o Cavaleiro obter informação e depois um regresso a Deus? Que é uma descida e um regresso.

– Muito bem. Uma descida na matéria e um regresso. Tudo o que viveis à vossa volta são apenas manifestações da força vital. São apenas manifestações de um pensamento maior e viveis

240 essas manifestações no vosso consciente diurno e na sede do vosso consciente diurno. No vosso mundo sensorial acumulais isso à vossa volta. Estais separados do vosso subconsciente pelo vosso

consciente diurno e mundo sensorial e viveis apenas através do consciente diurno. Flutuais na superfície como uma rolha e pensais que essa rolha é todo o vosso eu. Este icebergue, cujo topo está acima da superfície da vida, tem uma infinitude lá em baixo, da qual não tendes a mínima ideia. Pode dizer-se que o subconsciente está como uma rolha e impede-vos de viver o supraconsciente.

Quando na vossa tarefa diária voltais atrás e buscais no vosso banco de memória acontecimentos, acontece muitas vezes que estão bloqueados. Já não vêm à superfície. Tal memória bloqueastes na vossa sede subconsciente, para nunca mais a trazer à superfície. A vossa sede subconsciente bloqueia-vos também para uma esfera de experiência superior no vosso supraconsciente.

### O INCONSCIENTE CONSCIENTE

Paralelamente ao subconsciente existe algo a que se chama o inconsciente, o inconsciente consciente. Mas o inconsciente é, em altíssimo grau, consciente! É mais consciente do que a criança humana na sua consciência diurna! Este inconsciente está em movimento constante. Quer estejais no estado de sonho quer no período de repouso, o inconsciente está sempre em movimento, ordenando para o subconsciente.

Cada parte da vossa educação, cada experiência, tudo o que fostes ensinados deixa uma impressão dentro de vós. Talvez abrais um livro qualquer dia da vossa vida. Olhais para ele, depois fechai-lo. Talvez tenhais lido uma página ou apenas o tenhais folheado rapidamente e depois guardastes-o e o vosso banco de memória já não consegue trazer à superfície que alguma vez vistes esse livro. Mas o vosso inconsciente consciente observou através dos vossos sentidos, da vossa consciência diurna, analisou-o, catalogou-o tanto no banco de memória como no vosso subconsciente. Independentemente do que tenhais vivido e que haveis esquecido na vossa consciência diurna, aí está.

Disse anteriormente que o cérebro, que muitas vezes desejais poder usar a plena capacidade, podemos compará-lo a um banco ou a um computador que alimentais com informações através do vosso mundo

sensorial e do inconsciente. O cérebro é um banco de memória. Podemos comparar o cérebro a uma sala onde há milhares de milhões e milhares de milhões de pequenas gavetinhas onde guardais todas as experiências quando algo acontece na vossa consciência diurna. Cada gavetinha contém uma sequência de imagens, uma memória, onde assim armazena imagens de experiência, agressões, inibições, estados de angústia, etc.

Assim que tendes um problema, «correi» ao vosso cérebro e pondes-vos a pensar. Então acontece isto: puxais essas gavetas e tirais acontecimentos semelhantes e combinais-nos numa resposta. Chegais perto de uma verdade possível. Muito bem, pondes-vos a pensar em tudo o que acontece no vosso dia a dia. Assim, compilais e coordenais a resposta ao acontecimento ou ao problema tal como o viveis. Assim resolveis esse problema com o que haveis vivido antes. Através de acontecimentos do vosso passado coordenais, analisais, etc. Isto não é pensamento, é apenas um sistema. Digo que é apenas uma operação maquinal que realizais.

A criança humana diz que pensa. Já falámos antes sobre o pensamento. Quero afirmar isto: nenhum de vós pensa; talvez, quando muito, uma vez por dia pondes-vos a refletir.

Sim, mas há uma diferença essencial entre pensamento e reflexão! Como é possível? Muito bem, através da educação, impressão e meio. Quando começou a criança humana a «pensar»? Alguém pode responder? Muito bem, quando conseguiu coordenar dois acontecimentos, duas coisas, num contexto. Então começou a funcionar algo de um processo de aprendizagem. Mas o pensamento é outra coisa. O pensamento de que falei não é isso; é quando a frequência base da criança humana oscila em direção ao banco de memória do planeta e aí se transforma para baixo. O supraconsciente transforma-se para baixo até à consciência da criança humana. Ela recebe então uma visão, uma clarividência. Então não é uma reflexão da criança humana; a isso chamo eu um pensamento. O pensamento é algo raro em si mesmo. Já falámos dele antes.

Imaginemos agora que os vossos sentidos absorvem um acontecimento no vosso dia a dia. Se viveis uma agressão muito forte e começais a perguntar-vos: «Porque reajo eu assim? Donde vem isto? Como é possível que de um acontecimento banal eu tenha uma experiência de agressão tão forte?» Os vossos sentidos forneceram-vos esse decurso de acontecimentos que assim desencadeia a agressão. Aqui em baixo, talvez aos três, quatro anos de idade, existe um acontecimento semelhante a esta situação e que agora é trazido à superfície. Sentis-vos ferido. Assim, isso pode ter origem nos vossos primeiros anos de infância ou o acontecimento ocorreu talvez quando tínheis treze anos. Na vossa sede subconsciente existe um acontecimento semelhante onde vivestes a agressão na sede da consciência diurna. O que é então que faz com que o tragais à tona? Muito bem, dentro de todos vós existe este inconsciente consciente que corre paralelamente à sede do subconsciente. É o vosso inconsciente que reage. Pode dizer-se que oscila na vossa consciência diurna e passa pelo vosso subconsciente e aí compara constantemente acontecimentos na sede da vossa consciência diurna e no subconsciente.

Aqui viveis o estado de agressão, mas ele está armazenado no vosso subconsciente lá em baixo e o inconsciente reage e puxa-o para a superfície. Vivei-lo agora como um estado de agressão. Através do vosso inconsciente sobe um reflexo desse estado de agressão que tínheis lá em baixo e isso afeta-vos. Pode dizer-se que o bumerangue é atirado e regressa até vós e passa pelo vosso subconsciente.

Outra coisa que podeis viver é uma alegria inexplicável. Um sentimento de amor inexplicável. Do mesmo modo pode aqui haver uma impressão, por exemplo. Tendes então ativado daí esse acontecimento num estado de alegria e também isso se propaga através do vosso inconsciente até à superfície e dá um resultado na vossa consciência diurna. O que é que provoca um reconhecimento? Muito bem, o inconsciente consciente. Este inconsciente consciente vai sempre como uma lançadeira entre a vossa consciência diurna e a sede do vosso supraconsciente, porque este inconsciente está como uma bobina entre a vossa consciência diurna e este campo inferior que desenhei, que é a sede do vosso supraconsciente. Está como bobina entre eles, mas tem

constantemente vigilância sobre o que existe na vossa sede subconsciente.

O inconsciente consciente é mais consciente do que jamais sereis na vossa tarefa diária! Absorve sempre todas as impressões da vossa consciência diurna, o que absorveis através do mundo sensorial.

O inconsciente consciente vasculha camada após camada na vossa sede subconsciente. Em cada parte da vossa tarefa diária procura no vosso subconsciente para resolver o conflito interior, etc. O inconsciente analisa, pois, acontecimentos na vossa tarefa diária e cataloga-os no vosso subconsciente.

O inconsciente transforma e transmuta as experiências como imagens de experiência para o Cavaleiro. Absorveis experiências através do vosso mundo sensorial e armazena-as, não como memórias de experiência, mas como experiências de sentimento. Quando viveis o sentimento, viveis a memória, porque a memória está no cérebro. O Cavaleiro é o observador que recolhe imagens de experiência destas esferas de experiência. O Cavaleiro absorve constantemente informações através da vossa consciência diurna e do vosso subconsciente.

O inconsciente traz acontecimentos à superfície, mas ao mesmo tempo acontece isto: o inconsciente tenta constantemente resolver os vossos conflitos interiores. Transfere essa tendência de agressão para os estados de sonho como símbolos de sonho em sequências de sonho. São transformados para que, em forma simbólica, nos sonhos, regressem até vós. Quando desceis ao vosso sono e repouso e sonhais e dizeis: «Estes sonhos banais não têm nada a ver comigo.» Acreditai-me, o vosso subconsciente trabalhou e o inconsciente tirou do subconsciente e derramou símbolos nos estados de sonho. O sonho é uma solução que vós próprios deveis resolver! Um conflito, uma agressão, talvez. Entendeis?

Quando a angústia sobe, depois desaparece?

– Não, queridos filhos. Continua armazenada na sede do subconsciente. Podeis resolvê-la na vossa consciência diurna, muito bem,

se a aceitardes em si mesma e conseguirdes ver o fundo do porquê de aí estar. Se não conseguirdes ver o fundo, regressa nos vossos símbolos de sonho.

### HIPNOSE

Quando, por exemplo, limpais o vosso subconsciente através da meditação ou se tentais descer com a ajuda da hipnose, ou tendes aí algum terapeuta que vos ajuda a afundar na vossa própria sede subconsciente, em regra perdem o controlo do decurso dos acontecimentos. Não se trata de atingir a profundidade, mas de irdes retirando cuidadosamente camada após camada à superfície na vossa sede subconsciente. Via de regra deixais-vos cair até à sua camada de fundo e aí agarrais coisas que não tendes à superfície. Puxai-las para a vossa consciência e assim feris e ativais todo o vosso subconsciente. Lembrais todo o vosso subconsciente do tempo que está armazenado lá em cima. Depois talvez vivais o que chamais grito primordial.

Assim, obtendes uma reação interior, muito forte, e dais vazão a um sentimento interior muito forte. Mas em regra acontece que, depois de terdes dado vazão, viveis um vazio muito forte, porque não sabeis do que vos libertastes! Não tendes consciência do que libertastes; antes, sois tomados por uma angústia muito mais forte do que antes por causa desse vazio, porque viveis uma falta do que vos livrastes. Via de regra, não vos livrastes de nada; apenas ativastes um sentimento que vos feriu muito mais forte do que qualquer outra coisa. Estais comigo? Gostaria de vos alertar contra esta forma de influência!

Se agora olharmos para o ser humano, gostaria de voltar a uma pergunta de há algum tempo, em que alguém perguntou sobre a hipnose. Muitos perguntam-se: «O que fui numa encarnação anterior? Posso através da hipnose voltar atrás e viver um nascimento anterior, uma existência anterior neste planeta?» Imaginemos agora que um hipnotizador se encontra aí

246 e tenta afundar esta criança humana num estado em que possa tomar conta do seu mundo sensorial e consciência diurna. Os métodos são muitos para distrair a sua consciência diurna. O que pensais que acontece durante a hipnose?

– Alguém controla a vontade da pessoa.

– Muito bem. É correto? Isto acontece durante a hipnose: alguém adormece o vosso mundo sensorial. Entendeis-me? Pode o vosso subconsciente funcionar sem que a consciência diurna forneça informação? Não; assim fica quieto. Imaginemos agora que aí está o que hipnotiza e vos coloca num estado, pode dizer-se um estado de transe. Aí a vossa vista, o vosso paladar, o vosso tato, a vossa audição e o vosso olfato ficam embotados. Pode dizer-se que ficam em repouso. Estais anestesiado. Podeis ter perceções visuais ou outras perceções de sentimento que não pertencem à experiência de realidade como normalmente teríeis.

Imaginai que uma criança humana entrega a função da consciência diurna a um hipnotizador que agora vai usar o seu organismo e os seus estados de consciência para encontrar o que está no seu interior dela. Assim, ele toma conta do seu mundo sensorial. O hipnotizador toma conta da sua consciência diurna. Quando agora lhe pergunta como se chama ou como ele se chama, ela di-lo, muito bem, onde se encontra. Sim, é conhecido do organismo com quem fala. Pode dizer-se que o hipnotizador é agora parte do organismo. Entendeis-me? Assim começa a afundar a criança humana no seu subconsciente e igualmente no seu banco de memória. Assim pode voltar dez anos e dizer: «Agora vais voltar dez anos até ao dia tal e tal. O que vês?» Assim, o inconsciente consciente é o servo obediente do hipnotizador. O inconsciente consciente é mais consciente do que a criança humana jamais será na sua consciência diurna e mundo sensorial.

Já dissemos antes que é este inconsciente consciente que cataloga e analisa tudo o que absorveis através dos vossos sentidos e consciência diurna. Mas agora o inconsciente consciente é o servo de que o hipnotizador se serve para trazer à tona o que se encontra tanto no banco

de memória da criança humana como na sua sede subconsciente à medida que desce nas idades. Entendeis-me? Assim descem até aos vinte anos, descem até aos dez anos. O inconsciente consciente retira do subconsciente e do banco de memória e o organismo diz o que vê. Mas não é o vivenciador aí; é apenas um observador das imagens. Assim afundais-vos cada vez mais na idade. Digamos que isto são cinco anos. Isto são três anos, dois anos, um ano e o estádio do nascimento lá em baixo. À medida que o inconsciente desce no banco de memória e igualmente no subconsciente, vai-se alterando na sua forma de expressão exterior de modo que de repente se senta como o pequenino e até fala com a mesma linguagem infantil do pequenino. Quando assim afundais até às camadas mais baixas, notareis também que o habitáculo muitas vezes entra em estado de convulsão. Do mesmo modo que há dificuldade respiratória, não é verdade? Muito bem: o nascimento. O nascimento é vivido mesmo que o habitáculo não emita som, mas o habitáculo entra em estado de convulsão que dura mais ou menos tempo. Depois disso viveis muitas vezes o silêncio.

Lembrai-vos agora de que a consciência diurna está desligada, não participa; é o inconsciente que trabalha e o consciente, que está desligado, recebe informações daquele que hipnotiza. Quando passais o estádio do nascimento, o inconsciente vive um vazio. Não há nada para retirar. Assim, o inconsciente consciente procura febrilmente algo.

O inconsciente pode retirar uma identidade de diferentes imagens de encarnações anteriores do Cavaleiro, mas aí dá-se a conhecer não como uma sequência de acontecimentos, mas acontecimentos isolados em curtos intervalos. Depois acontece isto: fabrica um decurso de acontecimentos tanto da sede subconsciente como do vosso banco de memória. Tudo o que viveis na vossa tarefa diurna está impresso no vosso subconsciente, por exemplo o que acabei de mencionar. Tínheis dez anos, abristes um livro, lestes uma página, fechaste-lo e guardaste-lo. Não tendes memória de alguma vez o ter visto esse livro. Mas tudo isso está no banco de memória e igualmente impresso no vosso subconsciente. O inconsciente consciente pode pegar num decurso de acontecimentos que não é próprio e pode igualmente tirar do consciente coletivo e aí fabricar

uma imagem de encarnação completamente nova, uma história de vida que não corresponde a nenhuma encarnação! O inconsciente consciente fabrica assim a partir do seu próprio banco de memória do que aí aprendeu, catalogou, acrescentou. Entendeis-me? Assim dá-lhe uma identidade própria que é correta no corpo de uma encarnação anterior, mas o próprio decurso de vida, o curso da vida pode estar totalmente errado! Entendeis-me? Portanto não vos fiéis nisso, que fostes encarnados aqui ou ali, se um hipnotizador tomou conta dos vossos centros de consciência e vos influencia. Estais comigo?

Será sempre fabricação? Não poderá tratar-se de uma descrição correta?

– Pode sê-lo, mas nunca há garantia disso. Então quero perguntar-vos: quantos estão interessados em imagens de encarnações anteriores? Para que serve encontrar uma encarnação anterior? A forma que tínheis então, na encarnação anterior, é apenas uma ilusão, uma quimera, um pensamento que regressou ao planeta para apodrecer ou ser queimado e não existe. Os desejos que tínheis aí não existem, do mesmo modo o mental inferior, o pensamento subjetivo, também não existe. Mas as experiências que absorvestes na encarnação anterior estão armazenadas no vosso Cavaleiro e no vosso super-eu. Entendeis-me?

Assim diz o ser humano: «Muito bem, podemos muito bem provar que através da hipnose alcançámos tais resultados que temos a certeza de que a hipnose prova a encarnação.» Muito bem, não contradigo, porque pode provar a encarnação, mas o decurso de vida pode estar errado. Pode dizer-se que é a própria defesa do organismo, a sua identidade, a vossa identidade do eu neste corpo, que não desce a encarnações anteriores e conta.

Quero afirmar isto: nenhum de vós jamais esteve encarnado enquanto acreditar que o organismo esteve encarnado. O vosso subconsciente, o vosso inconsciente, a vossa consciência diurna, os vossos estados de sonho: nada disso esteve alguma vez encarnado antes. Apenas o Cavaleiro, mas o Cavaleiro não tem identidade em si mesmo. Não é nem ele nem ela, mas pode dizer-se que é «o».

Assim, quando um hipnotizador tenta fazer-vos descer, entregais a vossa consciência diurna e os vossos sentidos à mão de outrem. Notai bem: quem é muito forte na sua vontade, muito forte no seu sentido e na sua consciência diurna, o hipnotizador não consegue dominar. Não consegue hipnotizar essa pessoa; quem quer entregar-se tem de estar disposto a abdicar do eu. Só então pode quem hipnotiza tomar conta das funções, igualmente do inconsciente.

Assim, quando hipnotiza, o hipnotizador dá informações ao inconsciente, não ao subconsciente mas ao inconsciente. Diz ao inconsciente, ao pequeno sentido que é o seu servo obediente, que volte atrás. Esse hipnotizador tomou assim conta de todos os sentidos. Tomou conta da vossa consciência diurna e o inconsciente consciente, que é constantemente influenciável pelo vosso mundo sensorial e consciência diurna, obedece agora aos efeitos do hipnotizador. Entendeis-me? Assim pode fornecer-vos outro estímulo diferente, estranho, que é igualmente estranho para o inconsciente. O inconsciente absorve-o mesmo assim e tenta resolver o que entra. Naturalmente podeis receber ideias, algo estranho a toda a vossa impressão interior e então o inconsciente não aceita, entendeis-me?

Por exemplo, se dentro de vós não estais impressos no princípio do amor, mas matar outra criança humana é uma consequência natural do vosso agir, da vossa impressão, se aceitastes isso como certo e correto, muito bem, então o inconsciente responde ao que tendes na sede subconsciente e executa a ação. Nomeadamente: o organismo executa a ação. Mas se estais impressos no amor, que o ser do ser humano é algo sagrado, então o inconsciente não aceita a ação. Em vez disso pode dizer-se que entrais num conflito interior. Pode dizer-se que o conflito vos pertence, dentro de vós, e na vossa consciência diurna após a influência do hipnotizador viveis um novo estado de angústia, nomeadamente haveis recebido um novo grau de efeito.

– Significa isso que outra pessoa pode introduzir no meu subconsciente o que quiser?

– Muito bem, dependendo da impressão que tens.

– Nem que seja assassínio, por exemplo?

Muito bem, se a impressão for essa. Se a impressão for oposta, não é possível. Para vós isto é estranho, mas no tempo em que estive na Ordem de Tarso era possível com meios muito simples, que chamais hipnose, colocar crianças humanas em estados em que as dominávamos. Colocavam-nas num estado de transe. Hipnotizavam alguém e colocavam-no numa multidão. Passado pouco tempo, muito curto, podiam com uma palavra-passe colocar a multidão em estado de transe. Os antigos sumos-sacerdotes podiam colocar a multidão em estado de transe. Ainda hoje é possível, mas de forma espontânea. Chamais-lhe outra coisa. Psicose. Psicose de massa. É uma forma leve de hipnose.

– E a autossugestão, é perigosa?

– Não, porque sois vós próprios que adormeceis a vossa consciência diurna e o vosso mundo sensorial. Então já informastes o vosso inconsciente para resolver o estado, não é verdade?

### O ESTADO INTERMÉDIO

O pequeno campo entre o sono e a vigília é o pequeno campo onde fechastes a vossa consciência diurna ao mínimo, mas onde ainda não entrastes no reino do sono. Chamamos-lhe o estado intermédio. Este pequeno campo entre a vossa consciência diurna e os estados de sonho é o pequeno espectro de onde podeis fazer a saída do habitáculo e partir em viagens astrais. É o pequeno espectro onde mais frequentemente deslizais para os estados de sonho. Aqui, entre a vossa consciência diurna e os estados de sonho, podeis fazer a vossa saída do habitáculo e assim encontrar-vos em viagens astrais.

Sim, é a camada onde também podeis receber informações do outro lado.

Este pequeno estrato é o estádio intermédio entre a vigília e o sono. Escutai! Podeis aprender a manter-vos num estádio entre a consciência e a vigília. Quando vos deitais para repousar acontece isto. Logo antes de adormecerdes, ou exatamente na fronteira, a taça do subconsciente inclina-se e, através do vosso inconsciente, são pressionadas até vós

impressões visuais. Muitas vezes são assustadoras. É aí, antes da entrada no primeiro estádio de sonho, que podeis libertar-vos do habitáculo e deslocar-vos deste corpo físico. A condição física repousa e podeis fazer a vossa saída com o corpo de desejo e o corpo mental. Nesse estado fazeis as vossas viagens astrais. Deixais o habitáculo antes de chegardes tão longe que entreis nos estados de sonho. Quando estais nos estados de sonho não podeis libertar-vos do habitáculo, porque então decorre um processo mental interior que torna impossível essa libertação. Mas nesta parte podeis fazer a vossa saída do habitáculo.

Na saída do vosso corpo existe, a partir do chakra do sentimento, uma ligação ao habitáculo: o fio etérico prateado, também chamado cordão de prata. Acima do corpo vê-se como uma "massa". É o habitáculo astral, sem contornos em si mesmo. Quando saístes do vosso corpo, encontrais-vos flutuando sem contornos acima dela. Quando estais conscientes da libertação do habitáculo, este transforma-se numa cópia de vós próprios. Entendeis-me?

253 Quando esse fluido é reunido pelo vosso pensamento, podeis tomar a forma ou idade que quiserdes. Entendeis-me? Muito bem. Esta é a forma astral. A forma mental está fora. Encontrais-vos no organismo, mas o invólucro astral e o mental estão em viagem. Continuais ligados pelo cordão de prata. Quando fazeis uma saída do organismo, o organismo físico continua presente. O corpo etérico continua presente quando fazeis a vossa saída do organismo. Quem é vidente pode vivê-lo: como o fluido etérico vibra. A sua cor aprofunda-se quando o invólucro astral e o mental deixam o organismo físico, ligados pelo que chamais cordão de prata.

Pode dizer-se que o cordão de prata é o elo de ligação à vossa consciência. Continuais a receber as experiências, mas em regra estão bloqueadas no vosso banco de memória ao acordardes na vossa cama. Do mesmo modo que estais ligados ao físico, ao astral e ao mental, estais ligados ao Eu espiritual superior. Entendeis-me? Podeis, pois, viver correntes do Eu espiritual superior, pode dizer-se esta "essência prateada". Pode comparar-se a um cabo que transmite sensações em ambas as direções. Podeis imaginar esse pensamento? Assim, esse Eu

espiritual superior é consciente, mas vós sois inconscientes porque apenas o Cavaleiro vive a sua existência, não vós dentro do organismo.

Quando assim vos libertais durante o período de sono, deixais o organismo, continuais a viver com os vossos sentidos. Como é então possível? Muito bem. Falámos na última vez que em cada corpo tendes uma impressão do corpo físico. Do mesmo modo que os vossos sete chakras principais têm a impressão

254 no astral, no mental e no corpo etérico, também tendes impressão dos vossos sentidos. Continuais ligados ao organismo físico quando fazeis as vossas viagens. Assim, continuais a ter o vosso banco de memória e igualmente as vossas ligações associativas ao vosso dia a dia através do organismo físico. Levais mesmo assim os sentidos convosco.

Às vezes, durante a viagem astral, podeis viver o encontro com crianças humanas vivas, as que estão próximas de vós na vossa tarefa diária. Pode desenrolar-se um diálogo entre vós e elas, por exemplo, com uma ou várias pessoas. Assim vos encontrastes no lado astral em convívio e existência comum. Do mesmo modo podeis aí encontrar crianças humanas que passaram para o outro lado há mais tempo e, ao acordardes, podeis ter esferas de experiência muito fortes disso. Mesmo assim perguntamo-nos: podemos nos sonhos ter igualmente tal experiência? Muito bem! Mas aí, nos sonhos, é diferente. Nos sonhos viveis as crianças humanas com quem de uma forma ou de outra tivestes uma relação.

Entendei-me bem: uma relação na vossa tarefa diária de um modo ou de outro, em que estivestes em algum tipo de confronto de alegria ou agressividade, em suma, um confronto. Então surgem as imagens na vossa sede subconsciente. Notai bem que são apenas imagens-sombra do próprio eu que o subconsciente molda numa cópia de vós próprios, porque quem entrou em agressão? Muito bem. Fostes vós que entrastes em agressão ou conflito com outras crianças humanas e o subconsciente molda a imagem para vós e vós recebei-la. Entendeis-me? A diferença é grande, porque num caso é a vós próprios que encontrais, mas noutra

forma. No outro caso, quando estais em viagens astrais, estais fora de vós próprios numa

255 existência completamente diferente. Entendeis-me agora? Assim podemos perguntar-nos: como podeis distinguir? Muito bem. Observai! Alguém se lembra de eu ter dito em ocasião anterior: distinguir entre o sonhador e o sonhado? Assim, quem sonha vive o seu próprio mundo. O que vós próprios criastes dentro de vós: conflitos, agressões, por exemplo. Naturalmente também alegria, mas se o observardes e fordes ao seu encontro, e o abraçarem, ele muda de caráter. Funde-se numa unidade convosco ou muda de forma e torna-se algo encantador que amais. No outro caso não podeis mudá-lo. Tem o seu próprio pensamento e assim não podeis mudá-lo. Encontrais-vos simplesmente noutro plano de vida fora do organismo físico. Entendeis-me?

Assim, a diferença entre sonho e viagem astral... como podeis distingui-los? No sonho podeis encontrar-vos a vós próprios, mas não na vossa própria forma. Há outra diferença: a saída astral podeis dirigi-la, enquanto os estados de sonho tendes de os resolver. Os estados de sonho recebem-nos e às vezes fugis deles e não podeis mudá-los até os aceitardes e receberdes como algo vosso. A diferença, a maior diferença, entre a viagem astral e os estados de sonho é precisamente esta: na viagem astral podeis mudar o vosso mundo exterior pelo vosso pensamento. Podeis mudá-lo com a vossa vontade, mas o sonho não o mudais com a vossa vontade até o terdes aceite, recebido e desatado os nós. Entendeis-me?

### O Guia

Neste campo, no estado intermédio, podeis também encontrar o vosso guia e isso não podeis nos estados de sonho.

– Cada criança humana tem um guia?

– Cada criança humana tem um guia. O guia tem, pois, a sua sede junto com o Cavaleiro.

Tem-se um guia desde o nascimento. Mesmo que depois o Cavaleiro encarne e o pequenino esteja aqui apenas alguns anos, por exemplo, o guia continua ao seu lado depois disso.

O Cavaleiro encarna na carne, na criança humana. O guia existe para orientar, para vos ajudar no vosso caminho de vida. Numa busca espiritual a criança humana tem de despertar para a busca espiritual. O guia pode influenciar, mas vós próprios haveis de despertar antes de mais. O Cavaleiro está encarnado no habitáculo, não o guia. O guia está-vos muito próximo e pode dizer-se que a vossa relação pessoal com o guia é muito, muito mais forte e muito mais íntima do que com a vossa esposa ou com o vosso marido. O guia está-vos muito mais próximo e sabe tudo, digamos, sobre o vosso interior. Seguiu-vos desde os vossos primeiros anos de infância.

O guia é passivo. É observador. Não é o ativo; já disse muitas, muitas vezes que o guia não intervém decisivamente na conduta de vida, apenas está ao vosso lado e vos conduz suavemente pelas vias que deveis seguir. Se não escutais, não se opõe. Sois vós que recebeis a imagem cármica e não ele.

– Pode acontecer que eu tenha um guia que me impulsione muito fortemente?

– Amados filhos. O guia não vos impulsiona de tal modo que vos empurra com demasiada força. O guia está ao vosso lado, um espírito servidor, figura maravilhosa. Dá-vos os seus conselhos, as suas pequenas intenções e sussurra-vos ao ouvido, mas não vos impulsiona a agir. Não vai contra vós na vossa ação.

Pode o guia estabelecer contacto no sonho?

– O guia não estabelece contacto desse modo. Quando ides para o vosso sonho, para o vosso repouso no estado de sonho, podeis muitas vezes, exatamente no momento de adormecer, perceber vozes a falar junto de vós e muitas vezes respondeis de tal forma que acordais do vosso torpor. Aí passastes, pois, este pequeno campo, o estado intermédio, onde podeis fazer a vossa saída. Os sonhos vêm da sede do

subconsciente. Dependendo do que absorvestes do vosso mundo sensorial e consciência diurna, há agressões, inibições e desejos armazenados no vosso subconsciente, que chamei o vosso próprio "saco de lixo" pessoal. O inconsciente consciente é o mais consciente na criança humana, e vós sabem-no. Cada ação, cada acontecimento na vossa tarefa diária é dividido em sonhos em símbolos de sonho através do inconsciente consciente. Esses símbolos de sonho encontrais a diferentes profundidades no vosso estado de sono ou estado de sonho. O guia não se comunica nos estados de sonho; o guia comunica-se neste pequeno campo entre a vossa consciência diurna e os estados de sonho quando haveis feito a vossa saída.

Um guia reconhece a vossa intenção. Podeis aprender a reconhecer um guia, o vosso guia pessoal e a vossa frequência pessoal que corresponde à do guia. Encontrais o guia como um amigo querido. Uma proximidade que vos atravessa. Sentis harmonia. Sentis segurança.

Escutai, assim entendeis porque vos aconselho vezes sem conta a provar os espíritos. Provai-os e fazei-os funcionar convosco. Há muitos deste lado que muitas vezes querem fazer-se passar por fulano ou sicrano. Provai os guias! Quero sublinhar isto! A criança humana acredita e deseja, espera e antecipa uma continuidade após a partida desse habitáculo físico e muitas vezes espera que os seus entes queridos desçam até ele tal como eram na vida terrena. Às vezes há passagem do outro estágio astral de quem já se libertou do desejo e transmitem-se desse plano para a matéria. Dão mensagens de que a vida existe, mas não como pensais. Transmitem que tudo o que tendes, moldais com o pensamento e que há um Deus, há um Todo-Poder que é dirigente.

Há também quem tenha passado para o outro lado e ainda esteja preso à matéria, que muitas vezes quer regressar e dar-se a conhecer. Alguém está sentado à espera do ente querido e as crianças humanas que esperam o ente querido criam, com quê? Muito bem, com o seu pensamento criam uma forma e imagem daquele que esperam. Quando a criança humana, através da sua esfera de pensamento, do seu habitáculo mental, sente a falta de alguém que é um ente querido, e aí essa criança humana criou uma cópia desse ente querido na sua esfera de

pensamento, um tal pode passar por um instrumento e fazer-se passar por fulano ou sicrano. Verifica-se que está errado. Portanto provai-os!

– Gémeos idênticos têm o mesmo guia?

Muitas vezes têm. Ouço um suspiro de alívio! Assim temos o que chamais gémeos univitelinos. Do primeiro processo de divisão celular desenvolvem-se dois portadores idênticos de memórias corporais. Cada um deles vive mesmo assim o seu mundo exterior de forma diferente. Têm a mesma impressão, têm a mesma forma exterior e alguém diz que têm uma ligação muito forte entre si.

Vamos então desenhá-lo deste modo. Esta é o vosso planeta. Vamos desenvolver um pouco. Digamos que aqui estão as correntes magnéticas terrestres. Amados filhos. Como se desloca o pássaro, o que chamais ave migratória, de lugar para lugar neste planeta? Seguem as correntes magnéticas terrestres, muito bem. Mas voltemos a estes gémeos. A conceção ocorre ao mesmo tempo, a encarnação ocorre ao mesmo tempo, o nascimento ocorre ao mesmo tempo, com diferença de alguns minutos.

Têm uma frequência base semelhante e assim vivem coisas semelhantes dependendo das correntes de base e da frequência base que têm. Têm cada um o seu sistema de chakras, mas porque esta frequência base é a mesma, vivem de forma semelhante através dos seus chakras. Notai bem que o chakra do sentimento é o mais fortemente desenvolvido a seguir ao chakra sexual na criança humana. Em regra, o chakra do sentimento dirige toda a vossa conduta de vida. O sistema de chakras deles é semelhante. A frequência base é a mesma. Então alguém diz que têm uma ligação muito forte. Se um está a centenas de quilómetros do outro, vivem a mesma coisa. Fazem as mesmas coisas. Vestem-se de igual modo, por exemplo. Muitas vezes sofrem os mesmos acidentes ao mesmo tempo.

Imaginemos então que temos o fluxo do tempo. Já falámos dele antes. No fluxo do tempo estão as crianças humanas. Digamos, pois, que aí nasce uma criança humana. Se apenas passam três minutos, veremos que ocorreu um certo deslocamento no fluxo do tempo. Então as

experiências tornam-se completamente diferentes em relação a quando o nascimento, a conceção e a encarnação ocorreram sob a mesma frequência base no fluxo do tempo. Estais comigo? São impressos para tarefas semelhantes durante a sua conduta de vida. Não é o mesmo Cavaleiro que encarnou neles, mas dois Cavaleiros com imagens cármicas semelhantes. Podem ter guia comum.

– Quem está mais próximo do Cavaleiro de uma pessoa, ela própria ou o seu guia?

Ela própria. Um guia é o vosso protetor pessoal. Sentem-no como uma segurança, um calor e podeis senti-lo como uma pessoa física. Podeis encontrá-lo no sonho, podeis encontrá-lo na vossa tarefa diária, quando alguém vos acaricia a face e viveis um bem-estar e uma alegria que normalmente não deveria ter surgido.

### ESTADOS DE SONHO

Quero continuar com os três estados de sonho. Notai que os estados de sonho não podemos delimitá-los a estes campos na figura. São fluidos. Pode dizer-se que são diferentes estádios de estado de sonho.

– Qual é a diferença que existe entre os três diferentes estados de sonho?

A diferença é nula, mas as crianças humanas querem-nos. Falamos de sonho um, sonho dois e sonho três. Pode dizer-se deste modo: nos sonhos mais profundos alcançais as camadas de fundo do subconsciente. Na segunda perspetiva alcançais a camada intermédia e na primeira, a que vos está mais próxima no tempo presente. As fronteiras não são assim tão nítidas, são fluidas. Pode ver-se como um estado mas com diferentes profundidades. Então foi mais fácil dizer que há três estados: um leve, um intermédio-profundo e um muito profundo.

O estado de sonho três está mais próximo do que o subconsciente?

261 – Muito bem. Está também mais próximo do vosso supraconsciente. Entre eles tendes, por exemplo, o vosso inconsciente consciente. Muitas vezes no vosso estado de sonho, no vosso estado de sonho profundo, podeis tocar o supraconsciente. Do mesmo modo que

na meditação podeis tocá-lo quando passais a barreira do subconsciente. Entendeis-me?

– Sim. É por isso que é tão difícil interpretá-los?

– Sim, amados filhos. Eu sei-o. Assim são os diferentes estados de sonho e assim podemos aqui dizer que os estados de sonho são influenciáveis em diferentes estádios durante a vossa vida. Nesta parte tendes a impressão da infância. Tendes educação, etc. Pode então dizer-se que o primeiro estado de sonho provém dos sete aos catorze anos, por exemplo, mas isso é muito variável. Podemos então tomar o segundo estado de sonho. Podemos dizer que é dos catorze aos trinta e cinco anos. O terceiro é o mais próximo, dos trinta e cinco anos até à idade em que agora vos encontrais. Isto é elástico dependendo da idade biológica em que vos encontrais. A frequência cerebral também se altera dependendo do estado em que estais.

Descendes aos vossos estados de sonho. Descendes ao vosso sono. Acreditai-me, cada um de vós tem sonhos, mas muitos de vós não os conseguem alcançar na consciência diurna. Quando acordais na vossa cama, podeis ver como o sonho se afasta de vós e tentais agarrá-lo. Não tendes nenhum fragmento dele. Às vezes tendes experiências de sonho muito fortes, belas e igualmente assustadoras. Tanto o belo como o assustador, as coisas mais banais, têm mensagens a dar. Há algo no vosso subconsciente que reclama uma resolução. O inconsciente trouxe-o à tona para contemplação e às vezes ficais encantados com o que vedes. Mas às vezes temeis e fugis.

Já falámos antes de como o inconsciente consciente transfere sequências de imagens da sede do vosso subconsciente para os estados de sonho a partir dos vossos estados de agressão ou de amor. Transfere-os como sequências de imagens.

Durante a vossa existência diária acontece muitas vezes que recebeis muitos estados de angústia ou de agressão. Assim, o inconsciente consciente transfere-os para os estados de sonho. Quando depois ides para a vossa cama e repouso e afundais no reino do sonho, sois confrontados com essas sequências de imagens. Viveis algo, que sois

perseguidos, por exemplo, fugis de algo, uma massa disforme que vos persegue, talvez. Tudo isso é vosso próprio. Sois vós que fugis de vós próprios! Quando ides para a cama e repouso e entrais nos estados de sonho, encontrais-vos a vós próprios. É constantemente a vós próprios que encontrais! Não é ninguém mais.

Nenhuma criança humana pode dizer: «Esta noite sonhei algo que foi apenas fantasia.» Amados filhos, isso não existe! Porque independentemente do quão banais sejam as coisas que sonhais, são mesmo assim uma parte de vós próprios que quer lembrar-se para que tenteis resolvê-la na consciência diurna e libertar algo da sede do vosso subconsciente. Os sonhos vêm da sede do subconsciente. Acontecem diariamente acontecimentos que tocam o vosso subconsciente e que o subconsciente envia para esses estados de sonho, para símbolos de sonho. No sonho podeis viver um acontecimento encantador. Achais maravilhoso. Muito bem, mas de repente pode surgir algo que viveis como repulsivo e agressivo. Algo vos persegue. Podemos chamar-lhe a Sombra. Correi

263 febrilmente e gritais no sono. É o vosso próprio interior, é o vosso próprio eu que vos persegue. Não é ninguém mais que vos persegue. Em vez de parar e observar, esperar por ele e receber como um velho amigo querido, para que possais aceitá-lo como vosso próprio, fugis dele. Se começardes a fugir do vosso próprio subconsciente, nunca estareis seguros durante toda a vossa conduta de vida. Mas se parardes e o receberdes, resolveis esse conflito que existe na sede do vosso subconsciente. Tendes de o acolher, parar e virar-vos e receber o que vos persegue. Então ele muda de caráter, porque então o aceitastes. Enquanto correrdes não o aceitastes e sereis constantemente o perseguido. De que fugis então? Das vossas próprias agressões ou da vossa própria angústia, por exemplo. Se parardes e vos virardes para quem vos persegue, ele muda de caráter e haveis então acolhido e tomado para vós e aceitado na sua totalidade. Deste modo limpastes uma forte ancoragem no vosso subconsciente.

A Sombra no vosso subconsciente é criada a partir das vossas próprias agressões e inibições. O inconsciente tenta apontar tensões

interiores e desejos interiores para que nos vossos sonhos vos torneis amigos de vós próprios e resolvais os vossos conflitos interiores. Essa sombra é, pois, um produto de vós próprios. Pode dizer-se que há algo dentro de cada criança humana: uma angústia, uma angústia de vida herdada já desde os primeiros anos de infância. Essa angústia de vida persegue-vos durante toda a vossa conduta de vida, porque nenhuma criança humana teme o nada. Não existe uma criança humana que não tema algo, sempre há uma angústia, por exemplo pelo trabalho, pela família, por doenças, etc. Essa angústia deixa uma impressão muito forte no vosso subconsciente.

264 Pertenceis ao coletivo, mas muitas vezes também símbolos de sonho que tomam o caráter de alguém que está próximo de vós na vida podem ser trazidos à superfície. Pode dizer-se que sois vós próprios que construís as figuras. Tendes algo dentro de vós que tendes de resolver. Trouxeram-no à superfície, quase o moldastes em forma física e assim também tendes de começar uma comunicação. Não apenas olhar para ele, mas iniciar uma comunicação com ele, para que aí possais obter uma solução própria para algo que está profundamente, profundamente dentro de vós na vossa própria sede subconsciente.

Não é algo que vem de fora e se manifesta junto de vós, vem de dentro de vós próprios. Pode ser a Sombra ou pode ser uma parte do vosso subconsciente que moldastes em forma. Tendes de iniciar uma comunicação para resolver o conflito que tendes profundamente dentro de vós. Tendes de vos educar para isso, fortalecer-vos ao deitar-vos, antes de descerdes aos reinos do sonho. «Agora vou fortalecer-me e virar-me para o que me persegue.» Queridos filhos, estas são sombras de vós próprios, do vosso passado que vos persegue. Virai-vos para a Sombra e acolhei-a como um velho amigo querido que perdestes em alguma ocasião anterior. Então vereis que ganhastes um aliado que vos ajuda. Enquanto fugirdes das vossas imagens de sonho, elas perseguir-vos-ão. Pode dizer-se que vos perseguis a vós próprios dentro da vossa conduta de vida.

– Quando tenho febre costumo tornar-me consciente de sonhos que parecem muito duros, intensos, como uma grande pressão sobre mim. Então deve ser algo que está fundamentado muito cedo?

Queridos filhos, é isso mesmo, porque quando estais abatidos pelo que chamais febre, o organismo reage de outra forma. Então o mundo sensorial já não está tão atento. A vossa consciência diurna está embotada. Então desceis aos estratos mais profundos do vosso subconsciente e aí os sonhos estão comprimidos. Acreditai-me!

Muitas vezes as crianças humanas vivem o sonho como uma experiência astral e às vezes viveis a experiência astral como o sonho. Quando acordais do vosso torpor, por exemplo, do estado de sono para o que chamais vigília, podemos perguntar-nos: qual realidade foi real? Durante o período de sono, quando talvez vivestes com o vosso corpo astral, o vosso corpo mental, mas mesmo assim com o ego interior na base enquanto o habitáculo físico repousa?

### Símbolos oníricos

Os símbolos de sonho são muitas vezes arquetípicos, muito antigos. De onde vêm? O que são então os símbolos do padrão arquetípico?

– Símbolos de sonho de diferentes culturas. Devem ser diferentes em culturas diferentes?

– Muito bem, diferentes culturas vivem estes símbolos de forma diferente. Associam-nos de forma diferente. Assim, estes símbolos de sonho lembram ou, pode dizer-se, associam a diferentes planos dependendo da cultura. E agora esta palavra que não gosto de usar: dependendo do desenvolvimento. Dependendo do subconsciente, porque quando o vosso subconsciente é limpo, esse padrão muda. Entendeis-me aí? Estes padrões típicos não são unívocos em si mesmos, mas é a consciência do planeta que tem esta origem. Isto está implantado na consciência do planeta e assim presumis que isso se aplicaria a todo o planeta.

O planeta está dividido, pode dizer-se que também as crianças humanas estão divididas, em diferentes padrões onde têm diferentes

áreas culturais, diferentes áreas de impressão, etc. Basta ir ao vosso mundo sensorial e olhar para ele. Por exemplo, quando ingeris o vosso alimento, muitas vezes ingeris tal alimento que, se estivésseis noutra cultura, noutro país e vos oferecessem um prato maravilhoso que eles adoram, perguntaríeis se é mesmo para ingerir tal iguaria que talvez sirva para porcos, mas não para vós pessoalmente. Entendeis-me?

O mesmo vale para a vossa audição, a vossa música. Assim, numa cultura pode ser diferente. Pode dizer-se que é impressão de encarnação, porque isso existe. Talvez estejas mais próximo dessa música do que nós outros e assim vivas essa harmonia de forma diferente da nossa. Talvez isso fosse percebido como desarmonia. O princípio do amor varia de cultura para cultura. O mesmo vale para o padrão arquetípico, porque a criança humana altera o padrão arquetípico no seu inconsciente. O inconsciente alteramo-lo conforme a cultura e a impressão que tivemos. É o inconsciente que os transforma, porque estes arquétipos aí estão, não como imagens sensoriais em si mesmos, mas o impulso aí está e o impulso é igual em todo este planeta. Entendeis-me? Mas a criança humana transforma esse impulso numa sequência de sonho.

### TRABALHAR COM SONHOS

A criança humana diz que no subconsciente tendes as soluções para o enigma da vossa vida. Muito bem, de certa forma. Aí tendes a impressão de sonho desde a vossa mais tenra infância, mas o inconsciente é, em altíssimo grau, consciente e trabalha constantemente para resolver esses bloqueios.

– O inconsciente de cada um trabalha para resolver os conflitos interiores e apresenta-os na forma simbólica que nós próprios melhor entendemos no sonho?

– Muito bem.

– É por isso que variam? Por isso ninguém me pode ajudar com os meus símbolos de sonho?

– Tens de ajudar-te a ti próprio! Podes receber alguma ajuda se passares os sonhos em revista juntamente com alguém e aí tentardes

analisar em conjunto. Mas não de modo a aceitares a análise em si mesma; deves reagir emocionalmente. Algo dentro de ti reage perante esses sonhos e sentes que agora começas a aproximar-te de algo. Pouco a pouco sentes dentro de ti. Não podes analisar-te até lá! Quando te analisares até lá, desmontas a imagem total em pedacinhos e atiras tudo fora sem proveito. Tens de tentar vivê-los na sua totalidade. Naturalmente é uma interpretação, mas não analítica na base.

Acontece diariamente e a cada instante que viveis diferentes estados de felicidade, agressão, angústia, etc. O inconsciente consciente oscila constantemente e retira da sede do vosso subconsciente e transfere-o em figuras de sonho para os vossos estados de sonho. Assim, é importante que, seja o que for que sonhardes, não digais: «Isto não me pertence. Não encontro sentido nisso, porque nunca pensei nisso. O sonho era incoerente.» Muito bem. Então pode também ter acontecido que, quando subistes à consciência diurna, acordastes do leito do sono, foi filtrado durante o processo de acordar e só tendes fragmentos do sonho na consciência diurna.

268 Tendes aí de tornar-vos conscientes de que, quando descerdes aos vossos estados de sonho ou antes de descerdes ao estado de sono, deveis fortalecer a vossa vontade de recordar. Quereis também ser conscientes do vosso sonho e tornar-vos conscientes do sonho dentro do sonho.

Se eu identificar um acontecimento na minha consciência diurna e o comparar com uma sequência de sonho, como devo trabalhar com ele? Como posso desembaraçar tudo?

– Tens de limpar a sede do teu subconsciente. Esse é o teu "como". Imaginai agora que na sede da tua consciência diurna tens um pensamento sobre algo e assim trabalhas esse pensamento intensamente. Depois desceis ao reino do sono…

Não preciso de estar consciente de que estou a trabalhar o pensamento tão intensamente?

– Não. De forma alguma. Mas mesmo assim têm-no, não é verdade? Muito bem. Mesmo assim podes descer aos estados de sonho, porque é o inconsciente que trabalha. Não és tu na tua consciência diurna que trabalhas com isso, é o inconsciente que cataloga, analisa o teu interior e assim traz à superfície o que considera valioso. Entendeis-me? Assim, o teu inconsciente traz aqui, ao lado destes estados de sonho, o que existe na sede do teu subconsciente. Já dissemos antes que a sede do subconsciente está fortemente ancorada ao vosso banco de memória.

Pode dizer-se que o subconsciente e o banco de memória são um e o mesmo, mas em diferentes matizes. Tendes um banco de memória e aí podemos inseri-lo como um campo extra, mas escolhi não o fazer, porque isso seria enganador. Ao mesmo tempo que o inconsciente trabalha a vossa sede subconsciente, pode igualmente servir-se do vosso banco de memória e retirar daí o que lá existe.

Se voltardes ao vosso banco de memória, logo vereis que os acontecimentos que vos causaram dor na consciência diurna são mais difíceis de trazer à superfície do que os que são encantadores e maravilhosos. Há memórias, mas nos casos em que a memória está ancorada, por exemplo, a algum acontecimento trágico através do mundo sensorial, não quereis aceitá-la e assim a colocais no subconsciente. Entendeis-me? Viveis que sois perseguidos, por exemplo. Sois vós que fugis de vós próprios. Tendes de parar! Tendes de virar-vos e receber como vosso próprio, porque se fugirdes dele, estais constantemente em fuga. Tendes de limpar a sede do vosso subconsciente! Como é possível se estais constantemente em fuga perante ele? Se vos virardes e o receberdes, acolherdes como um velho amigo querido, ele muda de caráter e ganhais um aliado.

– Um psicólogo disse que antes de nos tornarmos amigos da Sombra, nós próprios somos a Sombra.

Naturalmente, porque aí a vossa consciência diurna aceitou-a como uma parte do eu quando não é parte do eu. É uma parte artificial do eu. Quem aceita a Sombra como o eu é a própria Sombra.

Se, por exemplo, um acontecimento nesta consciência diurna vos deu uma sequência de sonho, não está aí por nada. O inconsciente quer que a vejais. Nesse caso devíeis olhar mais de perto, aceitá-la e dizer: «Isto sou eu. O que devo aprender com isso? O que é que agora devo participar?» Que agressões ou que inibição deveis ver, ou talvez nenhuma das duas, porque o sentimento tem muitas nuances, não é verdade? É o teu eu, mas mesmo assim o eu exterior.

270 Algo que deveis ver é que, quando olhardes para um sonho, também deveis esforçar-vos por fazer a mudança que o sonho indica que deveis fazer. Quando tiverdes feito essa mudança, também o sentimento desse medo irá, pouco a pouco, esmorecer, soltar cada vez mais. Vencereis o medo. Vencereis o problema de comunicação que talvez estivesse exatamente aí. Pouco a pouco estes pontos aliviam cada vez mais a sua ancoragem em vós. Acreditai-me, é trabalhar para dentro. Estes traumas que aí estão também deveis ver como experiências de vida. Viveis-nos subjetivamente, mas também deveis deixar essas experiências de vida e absorver a sua soma. Ou seja: a vossa vida é uma equação. Se juntardes essa equação para obterdes uma soma dela…

– E isso pode-se fazer olhando para a frente?

– Não olhando para a frente. Primeiro tendes de resolver a equação da vossa vida! Desenho uma linha. Digamos que vivestes dali até ali. Tudo vivestes aqui. Onde agora vos encontrais, sois a síntese de experiências anteriores da vossa vida. Mas não recebestes as experiências de vida. Ou seja, não trabalhastes as experiências de vida que estão aqui. São experiências traumáticas em diferentes camadas. Digamos que tendes aqui um sentimento aqui de injustiça, de abandono, de abatimento por alguém vos ter tratado mal de alguma forma que vivestes negativamente.

Tudo isso deveis ver como um padrão num grande jogo, no jogo da vossa vida, e recebeis cada reação sentimental. Recebei a soma delas. Se lá em baixo fostes maltratado, sabeis como reagistes. Portanto sabeis como reagistes e assim podeis compreender outras crianças humanas na sua reação. Desse acontecimento podeis ajudar. Tirais o melhor dele e cortais o contacto com o anterior.

Cortais os laços com tais experiências sentimentais para trás no tempo com a "tesoura esotérica" porque elas vos retêm. Não vos ajudam, apenas vos prendem. Juntar a soma dessa vida e ancorar-vos num futuro próximo. Então recebestes a soma. Libertastes o karma. Estais comigo?

Posso olhar para a frente sem ter libertado isso?

– Tendes de libertar isto antes de poderdes virar-vos para a frente. Infelizmente. Libertar e trabalhar é a mesma coisa. Por isso é preciso absorver a síntese do antigo e livrar-se de todas as avaliações da vida anterior para poder criar algo novo, duradouro e, de certa forma, libertar a equação. Obtereis uma soma do que foi antes. Caso contrário, a equação fica por resolver. Ou seja, não podeis caminhar mais sem fazer as pazes com o passado, porque estais constantemente a reter-vos. Pode sentir-se como o passado vos pendura nas costas, por assim dizer ancorado em mil ganchos e, de certa forma, cada ser humano é um autoflagelador sem saber.

O problema é que é infinitamente difícil libertar-se do passado, porque de repente torna-se a única coisa segura, por estranho que pareça. A única coisa conhecida. Então o passado, por pior que seja, torna-se uma ancoragem de segurança. Infelizmente. Recebei a experiência e não sejais mais afetados emocionalmente pelo passado. Construí novo a partir das experiências, mas aí deveis fixar cada detalhe. Não precisais pensar demais; sentis o caminho. O problema é que o ser humano pensa demais nas suas ações em vez de sentir.

Do mesmo modo é quando o ser humano diz: «Pensa na minha infância!» Nostalgicamente, naturalmente. O ser humano abre um armário. Logo que o entreabre, tem de segurar porque tudo desaba desse armário. Abre a porta e fica sobrecarregado por diferentes coisas. Depois senta-se no chão e olha. «O que era isto? Esta pedra apanhei-a no outono de 1922. Olha aqui! O carro antigo do meu filho. Pode ter quarenta anos. Olha aqui, uma raquete! Está partida, é certo, mas tenho tantas memórias dela! Não a posso deitar fora. Tenho de a guardar.» Reconheceis-vos? Podeis ver que com estes pontos vos ancorais ao passado? Claro que sim. Aí tendes memórias que ancorais. Ancorais-vos aqui em baixo, quando

éreis criança, quando éreis adolescente. Esse período foi escuro ou foi completamente luminoso. Paixão. Vida de trabalho, etc., para trás. Aqui estais agora sentados a olhar para trás, para o passado, em vez de ver o futuro.

Estes acontecimentos do passado são os que vos bloqueiam do desenvolvimento! Pode dizer-se que sois como uma aranha na sua teia, que teceu os seus fios para trás no tempo e em cada tal acontecimento para trás estivestes ancorados com um sentimento. Transformastes-no num sentimento. Retirais os acontecimentos do banco de memória para os trabalhar com o pensamento mental e o sentimento intervém e inunda-vos de tal modo que de repente vos encontrais aqui em baixo, em vez de ver que estais de costas voltadas para o vosso futuro e sonhar o passado! Tendes de deixar isso para trás e tendes de o deixar no lugar onde deve desenvolver-se. Ou seja, tendes de receber as experiências e virar as costas ao passado e caminhar para a frente.

### DIFERENTES TIPOS DE SONHOS

Viveis num mundo sensorial influenciado por condições externas. Viveis na vossa vida diária um forte revés, por exemplo viveis um sofrimento forte através do vosso mundo sensorial e perguntais-vos como conseguireis aguentar. Viveis isso com o mundo sensorial. Então o inconsciente pode trazer esse difícil para símbolos de sonho completamente diferentes, de modo que o inconsciente compensa a vossa existência diária. Obtendes sonhos encantadores. Acordais do vosso estado de sonho e achais que vivestes um paraíso. Pode dizer-se que é como uma balança entre a vossa existência diária e a existência do sonho. Então o inconsciente pode, nesse caso, compensar este dia a dia com sonhos de compensação. Elevam-vos no sono e podem fazer com que suporteis de forma diferente na vossa tarefa diária.

– Quando se sonha o mesmo sonho vezes e vezes sem conta? Muitas vezes um pesadelo que não se consegue interpretar. O que se faz então?

– Só posso repetir o que disse antes: tens de fortalecer a vontade na tua consciência diurna para que, quando esses estados de sonho

chegarem, te tornes consciente no sonho de que isto é um sonho. Porque também acontece que então esperas o que vem até ti e, como o guerreiro em combate, puxas da espada do teu espírito e esperas e recebes. Então ele muda de caráter e resolvestes algo dentro de vós próprios. Acolhestes uma parte de vós próprios com a qual estavam em tensão no vosso subconsciente.

Há sonhos a que chamais sonhos verdadeiros, não é verdade? Aí podeis verificar sonhos na vossa vida diária em confronto com o mundo exterior e verifica-se que o que sonhastes tem veracidade. Têm uma ligação à realidade, não é verdade?

– Quando se sonha a partir do supraconsciente. São sonhos visionários e como se pode distingui-los?

– Os sonhos visionários têm um caráter completamente diferente e uma forma de experiência completamente diferente. O supraconsciente coloquei-o assim aqui em baixo na figura, sob o subconsciente, sob o inconsciente e igualmente sob os estados de sonho. Assim, para o alcançar, tendes em regra de limpar o subconsciente. Temporariamente podeis tocar a sede do supraconsciente e o que daí retirais distingue-se de forma muito marcante dos vossos estados de sonho, porque a visão não tem imagem! Entendeis-me?

Não tem imagem criada por vós próprios! A imagem que vós criais é uma parte de vós próprios que o inconsciente retira do subconsciente, mas a visão tem um decurso de acontecimentos superior. Aqui não se trata da parte de vida astral ou mental, mas do supraconsciente. O supraconsciente está em contacto constante com o banco de memória do planeta, a consciência do planeta. Os sonhos visionários são, pois, construtivos na sua natureza e aí viveis com o mental abstrato, notai bem. O eu subjetivo nunca os pode interpretar. O mental abstrato pode absorvê-los, mas não os interpreta. Recebeis-nos na sua totalidade. Mas daí até interpretar a visão… então mudais a visão com a consciência mental subjetiva.

Pode-se sonhar com encarnações anteriores?

– Queridos filhos! Isso não sonhais em si mesmo! Não podeis esquecer uma coisa. Não podeis ter sonhos de encarnação. Sois vós que sonhais. Nunca estivestes encarnados enquanto vos identificardes com o habitáculo. Existis e chamais-vos por nome. Enquanto vos chamardes por nome nunca estivestes encarnados. Mas se encontrardes no vosso interior, o vosso eu interior, a vossa verdadeira identidade, o vosso Cavaleiro, então encontrastes a vossa encarnação nesta vida e pouco a pouco podeis receber como sequências de memória tal como o Cavaleiro as vê, mas não como sonhador, mas veem-nas como uma clarividência, entendeis-me? Assim vedes algo fantástico!

### RECORDAR SONHOS

Cada criança humana tem as suas sequências de sonho. Muitas crianças humanas dizem: «Nunca sonho.» Mas sonhais! Mas não estais conscientes disso na sede da vossa consciência diurna.

– Se não nos lembramos dos sonhos – o que fazer?

Fortalecei a vossa vontade! Quando saís do vosso estado de sonho, quando estais em meia-consciência, a criança humana vive que algo se fecha lentamente. Muitas crianças humanas vivem isso, que algo se fecha lentamente. Algures há um fragmento, uma imagem de memória que lentamente desaparece num nada. Reconheceis isso? Tendes de tentar aí, com a vontade, introduzir a cunha da vossa consciência para manter isso aberto, para que o sonho chegue à sede da vossa consciência diurna e não seja filtrado. Sonhais. Muito bem. Toda a criança humana o faz. É importante que tenhais de fortalecer a vossa vontade. Do mesmo modo, se acordardes de um sonho durante o período de sono em curso, que aí anoteis o sonho, porque podeis ter períodos de vigília ou períodos de acordado, como lhe chamais, durante o vosso período de sono em que não estais conscientes na consciência diurna. Cada criança humana deve encontrar a sua chave de sonho.

### O SUPRACONSCIENTE

A criança humana tem um supraconsciente. Este supraconsciente está em contacto constante com o banco de memória do planeta, o

supraconsciente do planeta. Está em contacto constante com os reinos animal, vegetal, a forma do mineral e o banco de memória do planeta. Através deste supraconsciente poderíeis compreender os sinais dos animais. Compreenderíeis, simbolicamente falando, a linguagem das flores, o sussurro das árvores, o vento e também a água que bate tão suavemente na praia. Na criança humana o supraconsciente está separado do do planeta, mas mesmo assim tocam-se. O banco de memória do planeta e o vosso supraconsciente estão em contacto constante um com o outro. Agarram-se constantemente um no outro. O supraconsciente da criança humana é uma parte do banco de memória planetário.

Cada criança humana está, pois, através do seu supraconsciente, constantemente ancorada ao planeta. Tudo o que acontece na vossa tarefa diária está desenhado no supraconsciente do planeta. Já comparei antes o supraconsciente do planeta a uma fita de filme onde tudo está gravado desde a origem até à origem e está armazenado no banco de memória do planeta. Dependendo da frequência da criança humana, ela pode entrar e receber informação do planeta. O vosso supraconsciente está constantemente alimentado com informação do banco de memória do planeta.

Uma criança que veio a este mundo com o Cavaleiro encarnado sonha? A criança pequena ainda não recebeu impressão tão forte, mas sonha. O que sonha então? Pois, está em contacto com o seu supraconsciente, que por sua vez está em contacto com a consciência do planeta. Vive então junto de si os reinos animal e vegetal, por exemplo, porque os reinos vegetal e animal também têm sedes de supraconsciente que estão igualmente em contacto com a consciência do planeta. Os pais começam a dar à criança uma impressão de base, uma descrição do mundo exterior. A criança aceita essa descrição e pouco a pouco fecha-se cada vez mais até ser capturada na impressão de pais, educação e meio e se fecha a essa capacidade.

As crianças humanas estão mesmo assim em contacto constante com a consciência do planeta, mas estão bloqueadas pelo seu sede subconsciente destas formas de experiência superiores. Já falei de que na

vossa mitologia está descrito que houve um tempo em que podíeis falar com os animais, com as plantas. Conhecíeis a sua linguagem. Isso é absolutamente correto até que a criança humana recebeu o seu subconsciente e isso não é, de forma alguma, coisa leve. Poderíeis estabelecer contacto com os reinos vegetal e animal, porque o reino animal está constantemente consciente do vosso agir.

Se agora passarmos aos reinos vegetais. Têm esses níveis de consciência? Não, e o que têm então? Têm consciência diurna? Muito bem, têm consciência diurna. Têm algo mais? Um supraconsciente? Muito bem, mas ainda uma coisa: um banco de memória de curto prazo. Muito bem. Olhemos agora para o reino animal. Os reinos animais têm consciência diurna e um supraconsciente. Têm um banco de memória e uma sede subconsciente em repouso. É apenas nos estádios superiores do reino animal que a sede do subconsciente repousa.

Como disse antes, o planeta é consciente, está sempre à vossa frente. O planeta tem um pensamento de base. Oscilais constantemente em direção ao pensamento de base do planeta com a vossa frequência e podeis tocar o pensamento de base do planeta. Então talvez vivais que recebeis uma ideia ou uma clarividência dentro de vós. Tocastes então algo no pensamento de base do planeta e depois forma-se um contacto e viveis o pensamento de base do planeta. Se agora quisermos colocar o Cavaleiro nisto, temos de separar o Cavaleiro da vossa consciência diurna, do vosso mundo sensorial, do vosso subconsciente e do vosso supraconsciente. O Cavaleiro é

278 apenas o observador e recolhe as imagens de experiência destas esferas de experiência.

A criança humana vive a angústia através do seu subconsciente. Vive a natureza e os diferentes padrões que a vida dá através do seu campo de consciência diurna e do seu mundo sensorial. Muitos trabalham, mas raramente alcançam a sede do seu supraconsciente, porque ao alcançar o supraconsciente estão em contacto com o planeta e aí têm um campo de consciência superior. A criança humana pode às vezes, através do seu inconsciente, obter um vislumbre de um futuro próximo, do

supraconsciente do planeta. Então recebeis uma visão de um acontecimento futuro próprio, mas a visão não tem imagem; viveis-na como uma clarividência com o mental abstrato.

Como disse antes, podeis em certos estados na meditação descer ao vosso subconsciente e tocar a sede do supraconsciente. Então estais perto do presente e podeis viver a consciência do planeta. É um estado que não é uma experiência, apenas ser. Então estais perto de uma experiência do vosso próprio eu interior e o Cavaleiro está-vos próximo. A experiência total do presente não se pode explicar.

– O subconsciente também tem contacto com o planeta?

Não. O subconsciente centra-se à volta de ti próprio. Em contrapartida, o subconsciente e o inconsciente podem colaborar entre si.

O Cavaleiro está livre do subconsciente, do supraconsciente e da consciência diurna. Absorve constantemente informações através da vossa consciência diurna e do vosso subconsciente, mas não do vosso supraconsciente. Mas quando finalmente atravessardes e alcançardes o contacto com o vosso supraconsciente, então o Cavaleiro absorve a experiência. Não podeis através do vosso inconsciente obter um contacto superior com a sede do vosso supraconsciente enquanto tiverdes uma impressão negativa no vosso subconsciente. Podeis obter vislumbres dele, mas não são estáticos, porque o subconsciente obscurece a esfera supraconsciente. A esfera supraconsciente está escondida atrás do vosso subconsciente e aqui, no vosso subconsciente, estão essas formas, essas sequências de vida, os vossos pensamentos, os vossos desejos, inibições, problemas da infância que escondem uma maior reserva de conhecimento que existe no vosso supraconsciente.

Para alcançar a sede do supraconsciente é necessário um trabalho constante, constante, constante com a sede do vosso subconsciente. Sois obrigados a limpar-vos de todos os produtos de refugo. Tendes de resolver as agressões, os estados de tensão na sede do vosso subconsciente. Só então podeis alcançar o vosso supraconsciente. O subconsciente é uma parte do mundo sensorial. Se conseguirdes limpar o vosso subconsciente, tornar-vos-eis conscientes de causa e efeito. Se

conseguirdes limpar o vosso interior e receber as vossas agressões e inibições e ver-vos como sois para alcançar a sede do vosso supraconsciente, então tereis possibilidades insuspeitas.

Então encontrastes o eu interior. Portanto tendes de limpar a sede do vosso subconsciente! O subconsciente deveis tratá-lo com muito cuidado. Camada após camada, retirar da superfície e não ferir profundamente. Pouco a pouco podeis descer cada vez mais fundo, mais fundo, mais fundo. Podeis fazer isto cada um na vossa solidão ou em par. Mas não desçais mais fundo do que aquilo que conseguis controlar conscientemente a situação, para que ninguém dizer: «Volta atrás, volta atrás. O que vês agora? O que fazes aí?» mas vós próprios poder ir tão longe que aceiteis a situação que encontrais.

Tendes de distinguir o subconsciente do supraconsciente e dizer que o supraconsciente pertence ao planeta e o subconsciente é um produto do próprio ser humano. O supraconsciente poderia dirigir-vos e então diríeis que agis segundo a intuição. Quando falais de intuição, dizeis: «Sinto que algo vai acontecer.» Imaginai agora que acontece o que chamais uma catástrofe natural. Alguma criança humana diz: «Tenho o pressentimento de que algo vai acontecer. Tenho a intuição de que algo vai ocorrer.» Já muito antes de terdes tanto sentimento como intuição, os reinos animais já o viveram. Estais bloqueados pelo vosso subconsciente e os vossos sentidos apelam apenas à vossa consciência diurna e à vossa impressão, que diz: «Não, isso é impossível. Não pode acontecer.»

O que a criança humana absorve através do seu mundo sensorial afeta-a. Todos vós tendes alguma forma de neurose. Tendes medo de algo. Tendes estados de angústia, por exemplo. Agressões, inibições, desejos – tudo isso acumulais no vosso "saco de lixo" subconsciente e isso bloqueia-vos eficazmente das esferas de experiência superiores. Sem essa angústia, sem essas agressões seríeis iguais aos deuses! Entendeis-me? Teríeis então contacto com o vosso próprio supraconsciente! Dissemos que o planeta tem uma esfera de consciência, tem um banco de memória.

Se conseguísseis limpar a sede do vosso subconsciente para que, através do vosso próprio supraconsciente, obtivésseis o contacto com o banco de memória do planeta, então poderíeis entrar onde quisésseis na memória do planeta e voltar atrás e ver o que aconteceu ali ou ali ou ali. Então o livro do cosmos estaria aberto! Se obtiverdes contacto com o vosso supraconsciente, não reagis como dizeis em "extensão normal". Se obtivésseis um vislumbre do vosso supraconsciente, toda a vossa existência mudaria. Encontrar-vos-íeis noutro estado.

Cada criança humana é uma consciência! É a vossa consciência interior que deveis tentar trazer à superfície. O eu exterior – esquecei-o! O vosso mundo sensorial, a vossa consciência diurna, o vosso subconsciente, os vossos estados de sonho são apenas miragens. Algo que deixais, mas que durante esta existência física vos prendeu tão fortemente à carne, ao habitáculo, às avaliações, etc.

Quando estais sentados juntos aqui e falais a partir do vosso mundo sensorial, tentai então ser conscientes de que dentro de todos vós existe uma centelha de Deus que está muito consciente da existência uns dos outros. Esta centelha é o vosso eu interior. Através do vosso supraconsciente estais em contacto constante uns com os outros, mas estais bloqueados pela vossa sede subconsciente. Independentemente de onde agora vos encontreis neste planeta, estais em contacto constante, através da sede do vosso supraconsciente, com o banco de memória do planeta. Tendes ligações de dois planos: por um lado o habitáculo é um produto do mesmo organismo, nomeadamente o planeta, por outro lado o Cavaleiro é um produto de Deus Todo-Poderoso. Sois todos deuses em formação, mas encerrastes esta centelha dourada num recipiente bem fechado. Pouco a pouco regressareis à unidade. Isso também acontece quando limpardes o vosso mundo sensorial, quando fordes conscientes, sois "ser humano" e não "criança humana em formação". Quando a criança humana no "habitáculo" se torna consciente, não é a criança humana que se torna consciente, mas quando a criança humana se torna consciente da existência do Cavaleiro, é o Cavaleiro que a ilumina ou o ilumina. Então não é o "habitáculo" que acordou, mas deixastes vir à luz do dia o vosso eu interior, o Cavaleiro.

## CHAKRA O SISTEMA DE CHAKRAS

Vamos falar um pouco sobre chakra. O vosso habitáculo tem sete chakras principais. O que é um chakra? Muito bem, é um ponto de força. Não temos apenas um ponto de força, mas sete chakras principais. Já falámos do sistema de chakras e da sua estrutura. Falámos então dos sete chakras principais: o chakra da coroa também chamado chakra do topo da cabeça, o chakra frontal, o chakra da garganta, o chakra do coração, o plexo solar, o chakra sexual e o chakra base, também chamado chakra raiz, que existe no vosso organismo. Estes sete chakras principais dividimo-los em dois campos diferentes: o superior para a parte de desenvolvimento espiritual e o inferior para a ancoragem ao planeta, a parte de reprodução.

Aqui temos uma imagem do chakra humano.

Funções dos chakras:

chakra da coroa = consciência de Deus (polo positivo do íman de barra) chakra frontal = centro da intuição chakra da garganta = centro da comunicação chakra do coração = centro do amor plexo solar = centro do sentimento chakra sexual = centro sexual chakra base = ancoragem ao planeta (polo negativo do íman de barra)

O coração, o plexo solar e o chakra da coroa, estes três chakras são pontos principais. Na encarnação o Cavaleiro encarna no lótus do coração. É a sela. Contra o chakra do sentimento do plexo solar esporeia e recolhe as rédeas dos sentidos na sua mão. Assim começa novamente uma cavalgada durante este período de vida.

O sistema de chakras é um sistema tal como o sistema nervoso. Tem uma função de grande dimensão na criança humana. Não se pode dizer que os chakras são pontos nodais no vosso sistema nervoso, mas afetam muito fortemente o sistema nervoso. Está muito fortemente ancorado ao sistema nervoso, mas não são pontos nodais como tal. Quem é vidente diz muitas vezes que todo o sistema de chakras parece folhas a rodar umas dentro das outras. O chakra do coração, que é mencionado como a flor de lótus, podeis muitas vezes ver como pétalas em que cada pétala

roda na sua própria esfera, mas como que se entrelaçando. Do mesmo modo se disse então que são radiantes.

Absorveis uma energia prânica através do vosso chakra da coroa e depois é distribuída por todo o sistema de chakras. Do chakra da coroa o fluxo de força viaja através dos vossos chakras num movimento em espiral. A força espiritual é pura e a criança humana não suporta a sua frequência. A força é transformada e transportada, proporcionada através do sistema de chakras para que o habitáculo consiga recebê-la.

Absorveis força do vosso chakra da coroa e também recebeis força do vosso chakra base. Pode dizer-se que o vosso chakra da coroa é polar positivo tal como o chakra base é polar negativo. Anteriormente dissemos que o chakra base pertence ao planeta pela pulsão de reprodução. Do mesmo modo que estes chakras superiores são o caminho de desenvolvimento espiritual, mas uma força completamente diferente da que recebeis do chakra base. O planeta fornece uma força completamente diferente. Pode dizer-se uma graduação completamente diferente da que recebeis através do vosso chakra da coroa.

Cada chakra tem a sua tonalidade de cor especial e reflexo e é muitas vezes confundido com a aura do desejo e a aura do pensamento. Cada chakra depende dos outros, mas ao mesmo tempo são independentes uns dos outros. O sistema de chakras está ligado a certos pontos de chakra, a um sistema de glândulas no vosso organismo. Quando falais de chakra, não os fixeis a nenhuma glândula. Pode ser um sistema de glândulas.

Muitos mestres e professores anteriores mantiveram oculta a verdadeira natureza do sistema de chakras. Não está ligado apenas ao organismo físico, mas também ao organismo astral e ao mental e, sobretudo, a uma terceira parte: o duplo esotérico. Voltaremos a isso.

### DESCRIÇÃO DOS CHAKRAS

Começamos aqui em cima. Começamos no topo do organismo. Aí temos o lótus da coroa, o chakra da coroa. Pode muitas vezes sentir-se que não está em repouso, mas em movimento. O lótus da coroa pode por

vezes ser ativado por forças espirituais que vos afetam de esferas superiores.

Tendes o lótus frontal, o vosso chakra frontal, que muitas vezes chamais o terceiro olho, não é verdade? Podeis ativá-lo. Alguém diz que se viverdes algo para além do mundo sensorial, então viveis as vossas capacidades clarividentes. Reagi tão fortemente quando dizeis que o chakra frontal é o mesmo que o terceiro olho. Não é o terceiro olho; o chakra frontal é outra parte. A glândula pineal é o terceiro olho, como lhe chamais. Essa podeis ativar. Viveis então as vossas capacidades clarividentes.

Tendes o chakra da garganta. Dói fisicamente quando tensões através do vosso chakra do sentimento e do chakra da garganta provocam estados de tensão em situações de angústia. Alguém diz que a garganta incha. Conheceis isso? O vosso falar é fortemente afetado pelo chakra da garganta.

Continuamos. Tendes, pois, o chakra do coração, o ponto de encarnação do Cavaleiro, onde o Cavaleiro se fixa no lótus do coração e assim recolhe as rédeas dos sentidos na sua mão. Muito bem.

Tendes um chakra muito forte, o vosso chakra do sentimento aqui no vosso diafragma, no plexo solar, que é um dos chakras mais poderosos que conheceis. Quando viveis uma angústia forte, uma agressão forte, sentis como vibra e se move no plexo solar. Em certa ocasião alguém lera que alguém era esvaziado de força. Perguntei então: «Onde vê esta criança humana que estais a ser esvaziados de força?» Ela diz: «Muito bem, no chakra do sentimento.» Amados filhos, pode ver-se como flui de vós, do vosso chakra do sentimento e muitas vezes também haveis catarros no chakra do sentimento que igualmente afetam o equilíbrio.

O chakra do sentimento muitos de vós já o sentiram muitas vezes. Num estado de forte tensão viveis como o vosso chakra do sentimento roda. Tendes assim uma sensação roedora no vosso diafragma no plexo solar que está em movimento constante quando estais em forte tensão sentimental em situações de angústia, por exemplo. Quando viveis uma

angústia forte no vosso mundo sensorial, podeis sentir que vos esvaziais de força através do vosso plexo solar, o vosso chakra do sentimento. Quando uma criança humana chora, por exemplo, na fase final do choro soluçais, não é verdade? Se então viverdes o soluço, que aí respirais a espaços, sentireis como o chakra do sentimento vibra. Experimentai e sentireis. Quando assim fazeis

286 esses soluços, pode dizer-se que então fechais os vossos chakras. Mas não apenas. O chakra do sentimento está envolvido quando viveis uma angústia forte. Para onde pode essa angústia ser transferida? Muito bem, para o chakra da garganta. Naturalmente! Chakra da garganta. Se a angústia for suficientemente forte, viveis o que chamais uma dor de cabeça muito forte. Pode então dizer-se que o chakra frontal está envolvido na mesma angústia. Independentemente de sentirdes amor ou sentirdes angústia, os vossos chakras afetam-se mutuamente em sequência.

O chakra sexual pertence ao planeta pela pulsão de reprodução e é um chakra muito forte. O chakra sexual e o plexo solar, o chakra do sentimento, têm afinidade e igualmente o chakra sexual e o vosso chakra base.

Mais fortemente ativado na criança humana é muitas vezes o chakra da coroa, o chakra do coração e o plexo solar e sobretudo: o vosso chakra sexual. O chakra sexual é, pois, o chakra mais forte que tendes abaixo do chakra do sentimento. Esta parte pertence à ancoragem ao planeta e à pulsão de reprodução e assim à construção de instrumentos cada vez novos para as encarnações do Cavaleiro.

O chakra base e o chakra sexual foram no início um e o mesmo chakra que está dividido numa dualidade. O chakra sexual e o chakra base preencheram muito antes uma função comum. Preencheram a função do planeta, a transformação cíclica do planeta. Se, por exemplo, formos ao reino animal, podemos aí ver que os reinos animais têm um período cíclico. Seguem o planeta e têm um período sexual cíclico, enquanto a criança humana está protegida dele em certas partes. Em certas culturas as crianças humanas ainda estão muito próximas desse estádio e seguem

de forma completamente diferente do que as crianças humanas no que chamais a vossa civilização seguem a transformação cíclica.

Quando as crianças humanas se separaram na sua era de desenvolvimento e receberam o que falamos como a própria compreensão ou a própria vontade ou aprenderam a distinguir o bem do mal, então também se separaram no sistema de sete chakras. Assim, o chakra base e o chakra sexual tiveram anteriormente uma função comum. Do mesmo modo que o plexo solar e o chakra do coração tiveram uma função comum. O chakra da garganta, o chakra frontal e o chakra da coroa também tiveram a sua função comum.

O chakra da coroa, o chakra do coração, o chakra do sentimento e o chakra sexual pertencem aos quatro chakras originais que quero colocar mais alto, acima dos outros. Todos os chakras estão ligados uns aos outros. Quando o chakra da coroa é ativado, também o terceiro olho é ativado, o chakra da garganta, o chakra do coração, o plexo solar e o chakra sexual. Todo o vosso habitáculo é assim ativado.

### CHAKRAS MENORES

Os chakras principais têm subordinados, pode dizer-se centros de força menores que vos ajudam a fornecer informações sobre o vosso mundo exterior. Com o vosso mundo exterior refiro-me também ao espectro de frequências que está tão próximo de vós que em estados normais, os vossos normais estados materiais, a vossa normal frequência, não os viveis.

Os olhos em si mesmos são chakras. São uma extensão do cérebro. Fornecem aos vossos sentidos informações tal como o tato. O chakra da coroa afeta tanto os olhos como os ouvidos.

Do mesmo modo tendes chakras dos ouvidos que se encontram atrás dos vossos ouvidos físicos. Quando a força espiritual é transformada, a vossa capacidade de visão é reforçada, a vossa audição é reforçada para que descubrais e vivais tanto com a vossa audição como com a vossa visão e podeis às vezes captar, por exemplo, espectros de frequência que estão ao vosso lado além do mundo sensorial. Encontrais-

vos no mundo sensorial e sentis-vos elevados. Está refinada. O que absorveis através dos vossos olhos pertence ao vosso mundo sensorial e o que absorveis através dos vossos ouvidos pertence ao vosso mundo sensorial. Vivei-lo através de vós. Aí tendes, pois, chakras subordinados ao chakra da coroa.

Tendes chakras no corpo. Tendes também os chakras dos ombros e também dos cotovelos que são sensíveis. Podeis às vezes, quando bateis de alguma forma, viver como todo o organismo crepita de uma força elétrica. Parece assim, não é verdade? Tendes igualmente chakras nas vossas mãos e pulsos. No centro da palma da mão podeis viver um frio ou um calor ou sentis como uma sensação de picada. Mesmo assim obtendes uma sensação. Essa sensação na mão é a irradiação do chakra. Cada ponta dos dedos em si mesma é um chakra, do mesmo modo nos dedos dos pés. Tendes chakras nos cotovelos. Nas rótulas tendes igualmente chakras. Debaixo da planta do vosso pé tendes um forte chakra do sentimento com ancoragem ao planeta.

### O PLANETA E OS CHAKRAS

Já falámos antes de que o planeta tem os seus chakras. Esses chakras são, pois, viajantes neste organismo. Quando digo que são viajantes, talvez possais adivinhar onde se encontram. Quantos chakras tem o planeta, tal como o ser humano? Sete. O Polo Norte — muito bem, é um chakra. Do mesmo modo, o Polo Sul é um chakra. Porquê? Têm uma tarefa importante. Se chamarmos o polo norte de plus e o polo sul de minus, veremos que estes dois chakras são chakras de equilíbrio. Entendeis-me? Tudo se repete na criança humana tal como no planeta.

Aqui tendes o equador do planeta. O que tendes aí? Plexo solar. O chakra do sentimento. É móvel, constantemente ativo e não depende de haver mar ou terra. O vosso chakra do sentimento, onde se encontra? Roda e está ancorado no plexo solar.

O chakra do planeta corresponde em grande medida ao da criança humana. Ou, melhor dizendo, o chakra da criança humana corresponde ao do planeta, porque a criança humana é um produto do planeta apesar da sua forma, e nada mais.

## O Ovo Dourado

Vejamos agora um pouco a criança humana. Tendes corpos: o organismo físico, o etérico, o astral e o mental. Pode, pois, dizer-se que estes chakras têm a sua ancoragem na imagem etérica, astral e mental. Quando dizeis que vedes os chakras como a flor de lótus, estais a ver o sistema de chakras na sua triplicidade fora do organismo físico. Do mesmo modo viveis o chakra frontal e o chakra da coroa. Se vísseis o chakra do coração, vê-lo-íeis primeiro através da névoa astral e da névoa mental. O que não vedes é o próprio chakra. Vedes a irradiação do chakra e não o chakra em si, mas ele tem ancoragem no invólucro etérico, astral e mental. Estes chakras irradiam igualmente cores. O que vedes é a cor áurica que emitem.

Existe como um campo magnético à volta da criança humana dependendo da colocação dos seus chakras. A criança humana é, em si mesma, um íman. Lembra um íman de barra onde temos as correntes magnéticas. Tendes, pois, dois campos áuricos: tendes os chakras e tendes o que é toda a criança humana. No centro, no plexo solar e abaixo desse chakra do sentimento, temos então o campo áurico inferior; acima temos o campo áurico superior. Estes campos áuricos têm a ver com os vossos chakras e o seu desenvolvimento. Podemos, pois, dividir-vos ao meio e dizer que esta é a parte inferior: do plexo solar para baixo. Esta é a parte superior: do plexo solar até ao chakra da coroa.

## Ancoragem ao planeta

Ancoragem à fonte de força espiritual coroa ou chakra da coroa chakra frontal chakra da garganta chakra do coração plexo solar ou chakra do sentimento chakra sexual chakra base ou raiz

O chakra da humanidade e os dois campos áuricos

O Cavaleiro encarna no lótus do coração, no plexo solar e no chakra frontal. Do plexo solar para cima, os chakras pertencem ao caminho da compreensão, à busca da sua origem. Quando vos elevais na escada do desenvolvimento espiritual, estes dois campos fundem-se no Ovo Dourado. A pulsão do chakra sexual passou então, não para pulsão, mas

para desenvolvimento espiritual. Quando já não tendes o desejo, ela transita automaticamente para este "Ovo Dourado". O que acontece? O chakra sexual passa para o chakra base. O chakra sexual sobe então um degrau de desenvolvimento espiritual e, através disso, o campo áurico modifica-se.

Em vez de dois campos áuricos, transforma-se, por assim dizer, no Ovo Dourado. O campo áurico cobre o habitáculo. Há harmonia no habitáculo. Isto deve vir como consequência natural do caminho de desenvolvimento espiritual, o caminho da compreensão. Quando isso acontece como consequência natural de uma busca espiritual, vereis que a criança humana já não está dividida; antes, a aura superior de desenvolvimento espiritual atravessa e funde-se com a aura inferior, cuja tarefa é a pulsão de reprodução, a ancoragem ao planeta. Então tendes este Ovo Dourado que envolve a criança humana. Então podemos ver isso, podemos ver essa irradiação dourada. Caso contrário, aqui está o mais fantástico jogo de cores dependendo dos estados de espírito. O habitáculo astral em si mesmo não tem esse jogo de cores. Do mesmo modo o mental. Mas muitos confundem a irradiação do Ovo Dourado com a irradiação astral, o habitáculo astral, e igualmente confundem-no com o habitáculo mental.

Existem dois sistemas de força no vosso organismo: um construtivo e outro destrutivo. Nenhum deles é negativo em si; ambos são necessários ao vosso desenvolvimento. Quando, pois, a força do chakra sexual passou para o chakra base, a força Kundalini abriu-se e passou para todo o vosso sistema de chakras e temos uma imagem completamente diferente, nomeadamente aquilo a que chamei o Ovo Dourado. Sois então puros, sois abertos. Tendes uma visão superior. Isto deve vir como consequência natural do caminho de desenvolvimento espiritual.

### O Ovo Dourado

### A força Kundalini

Já falámos antes da força Kundalini, não foi? A Serpente. Alguns sentem-na como ascendente, como uma coluna de fogo dentro de vós. Depois uma escala ascendente e descendente que oscila constantemente,

mas em regra repousa no chakra base. Vemos por vezes que o ser humano tenta despertar o que chamais força Kundalini na crença de que a força Kundalini seria algo milagroso para o organismo e para o seu saber no caminho esotérico.

A criança humana diz por vezes que quer dominar esta pulsão de reprodução no chakra sexual e tenta recuperar essa força que está ancorada ao planeta e reconduzi-la ao desenvolvimento espiritual. Assim acontece que, com a ajuda da vontade, procuram influenciar o seu chakra sexual. Muitas crianças humanas têm esta fixação: para desenvolver a parte de vida espiritual deveis, pois, ligar a pulsão sexual e assim tentam com o pensamento ligá-la. Alguém diz, por exemplo, que ao forçardes e subjugardes o vosso chakra sexual, a sua força sexual passa para o chakra base e ativa a força Kundalini.

O ser humano diz: «Se eu conseguir abster-me da ligação sexual e transferir a força sexual para o chakra base, posso assim dar um suplemento de força ao chakra base e fazê-lo culminar e fundir-se com o meu chakra da coroa.» A criança humana tenta com a vontade mudá-lo e renuncia a todo o contacto carnal. Mas se isso não vier por si mesmo como forma natural de um desenvolvimento espiritual, se tentarem com a vontade mudar o seu chakra sexual, ela sobe e então a imagem áurica altera-se. Tendes então desarmonia. Enquanto a ligardes com o pensamento do eu subjetivo, apenas a reforçais! Os pensamentos giram então apenas à volta da pulsão sexual e do chakra sexual. Soltai o pensamento disso! O desenvolvimento deve vir normalmente, sem ser de forma alguma forçado ou pressionado. Pode até atrasá-lo se tentardes influenciá-lo com a vossa vontade.

Reajo quando a criança humana diz que com a vontade vai influenciar a pulsão sexual. Está errado, porque a pulsão é um produto que recebestes do planeta. O chakra sexual, o chakra base e, em parte, o chakra do sentimento pertencem ao desenvolvimento do planeta, à pulsão de reprodução para nova descendência e para a encarnação do Cavaleiro. A criança humana tem uma pulsão. Se fordes, por exemplo, ao reino animal, vereis aí que o instinto de acasalamento — se assim o

podemos chamar — varia, mas segue certos padrões determinados segundo a mudança das estações e as fases da lua, por exemplo.

Mas na criança humana está, pois, dividida e aí a criança humana é, em regra, orientada pelo sentimento. É subjetiva, tem o eu subjetivo e diz, pois, que a sua pulsão sexual é certamente parte da natureza, mas que o ser humano pode dirigi-la com o seu espírito. Mas muitas vezes aconteceu que a ancoragem ao planeta é mais forte do que a ancoragem a coisas superiores, a coisas espirituais superiores. Assim, o chakra sexual — que é um dos vossos chakras mais fortes — afeta a criança humana tão fortemente, através do chakra do sentimento (plexo solar) e do chakra base, que ela não consegue resistir às suas pulsações. Entendeis-me? São afetadas pelos seus sentidos e assim, através desses sentidos, surge o que chamamos o "sensual" em que ela não consegue dominar a pulsão; antes, a pulsão domina a criança humana.

Quando o ser humano não consegue dominar estas pulsações, tenta por via artificial usar estes chakras como suplemento de força para a compreensão espiritual abstendo-se da pulsão sexual. Quando vos abstendes da pulsão sexual e tentais dirigi-la com o pensamento, surge em vós, nomeadamente, o pensamento, um elementar. Formais com o pensamento substâncias, elementares que, por sua vez, vos influenciarão constantemente e vos lembrarão dessa pulsão. Pode dizer-se que o pensamento se reforça ainda mais se tentardes com a vontade abster-vos! Mas forçar-vos a um estado em que circula constantemente uma forte concentração no chakra sexual, em que tentais evitar o sexo oposto para não serdes influenciáveis — que desenvolvimento toma isso? Muito bem: nunca saireis do espírito e desse elementar. Ficareis prisioneiros do vosso próprio pensamento!

Dizemos que a criança humana puxa o chakra sexual para o chakra base, que a sua força passa para o chakra base e abre a força Kundalini ou o Fogo da Serpente. Com a vontade é ativada. Então pode haver o risco de ela seguir o caminho errado, de subir pelo sistema vital da medula espinal e a criança humana queimar-se com a sua própria força interior, com a sua própria chama. Quero dizer que isto é um perigo muito grande. Se despertardes a força Kundalini, nomeadamente despertardes o

chakra sexual e o chakra base para função conjunta, ativais um fluxo de força completamente diferente no vosso organismo. Alguém diz que sente como esta coluna de força sobe e sobe dentro de si — é o chakra base, o chakra sexual que temporariamente vivem funções em conjunto e podeis senti-lo como uma coluna ascendente de calor dentro de vós.

Via de regra começa a diminuir ao nível dos ossos da bacia antes de alcançar ligação com este canal da medula espinal. Mas se com a vontade a ativardes ou tentardes ativar, pode alcançar este canal e subir dentro dele e alcançar assim o plexo solar, o chakra do coração, o chakra da garganta e provocar muitas vezes um caos completo dentro do sistema de chakras. Tendes aí possibilidades de força insuspeitadas, mas não as podeis dominar e muitas vezes queimai-vos por dentro. Se conscientemente e com a vontade tentardes ativá-la, quero sublinhar que isto é um perigo muito, muito grande.

Deixai que isto aconteça normalmente. No desenvolvimento normal cresceis pouco a pouco em compreensão. Ela diminui por si mesma e passa como parte natural para o chakra base. O desenvolvimento espiritual acontece naturalmente. Se soltardes esse pensamento, esta força, esta força Kundalini, passará gradualmente para a esfera de desenvolvimento espiritual e, pouco a pouco fundir-se-ão numa unidade e tereis, pois, o Ovo Dourado, que igualmente está descrito nas escrituras. Só então vivereis a totalidade do eu.

### CHAKRAS E FREQUÊNCIA BASE, MEMBRANAS

Cada ser humano tem uma frequência base. O sistema de chakras superior é afetado e afeta esta frequência. A frequência base é determinada pela conceção, pela encarnação e pelo nascimento e pela relação com as correntes magnéticas terrestres. Cada criança humana tem a sua frequência especial dependendo destes três aspetos: conceção, encarnação e nascimento, de que já falámos antes. Onde se encontra esta frequência? Nos chakras! O que faz então com que tenhais esta frequência? Muito bem. Pode dizer-se que cada chakra está encerrado numa membrana. O vosso chakra da coroa, o chakra frontal, o chakra da garganta, o chakra do coração, o plexo solar, o chakra sexual e o chakra

base estão encerrados cada um na sua membrana. São estas membranas que, pois, têm a sua frequência e cada chakra tem, por sua vez, a sua frequência.

Cada chakra tem a sua própria irradiação. Têm a sua própria frequência em tom através do duplo esotérico. Mas quando surge uma desarmonia nas funções corporais, isso afeta muito fortemente as membranas dos chakras e elas podem diminuir ou aumentar a sua faixa de frequência. Estas membranas dos chakras têm, pois, um determinado número de oscilações dependendo do chakra a que pertencem e igualmente em harmonia umas com as outras como uma escala de tons. Se surge uma desarmonia nestas membranas dos chakras, viveis uma desarmonia em todo o vosso organismo. Quando viveis uma forte angústia interior, sentis como o vosso plexo solar roda. Do mesmo modo como o chakra da garganta se expande. Sentis-vos inchados na garganta, tendes uma certa dor de cabeça. Não é verdade? Isso acontece porque estas membranas dos chakras não são fixas; antes, como digo, as membranas vibram. Do mesmo modo são condutoras.

### DESEQUILÍBRIO NO SISTEMA DE CHAKRAS

Se as membranas dos chakras e a sua frequência não forem harmónicas, se houver desarmonia, isso afeta a vossa frequência. Podeis ter-lhe fornecido uma energia de tal modo que recebeis uma atração demasiado forte. O vosso chakra da garganta recebe talvez uma influência muito forte e igualmente o vosso chakra frontal. Para equilibrar isso há muitos métodos diferentes e já mencionei em ocasião anterior a calibragem de chakras. Se obtiverdes um desequilíbrio no sistema de chakras, podeis equilibrá-lo. Com a ajuda das mãos podeis equilibrar os vossos chakras.

Pode haver uma perturbação nos vossos chakras? Muito bem. Pode haver perturbação. Alguma criança humana está em angústia, por exemplo. Então reage o vosso chakra do sentimento; dizeis que sentis movimento aí, não é verdade? O vosso chakra da garganta reage. Do mesmo modo o vosso chakra da coroa reage pela mesma razão. O que aconteceu então? Muito bem. O vosso plexo solar reage à angústia que

sentis, ativa-se mais fortemente do que os restantes chakras, o chakra da garganta ativa-se muito fortemente e o chakra da coroa recebe energia que não podeis assimilar. Pode, pois, dizer-se que estes fluxos de força não podem ser distribuídos da forma correta. Assim, estas membranas têm de ser afinadas entre si.

É através deste sistema de chakras que podeis equilibrá-lo para alcançar uma harmonia interior mais completa. Afeta de forma muito positiva toda a vossa esfera de experiência, a vossa esfera psíquica de experiência. Ao usardes o vosso sistema de chakras da forma correta, de modo a obterdes um fluxo completo decurso no vosso organismo, isso não afeta apenas o organismo físico, mas em igual grau o não físico, nomeadamente o astral e o mental. Muda tanto o desejo como o pensamento e o sistema de chakras afeta, por sua vez, o vosso sistema nervoso, tanto o central como o autónomo.

O organismo pode ser afinado em harmonia com a natureza através da ingestão de alimentos, através das afinações magnéticas e através do tratamento de chakras. O tratamento de chakras nunca pode prejudicar ninguém. Os chakras inferiores estão ancorados ao planeta e os superiores pertencem à parte espiritual. Quem, pois, equilibrou os seus chakras pode dizer-se que atravessou os seus sentidos e é ser humano inteiro. Aí a aura dos chakras passou, pois, a uma totalidade: o Ovo Dourado.

Há vários tipos de calibragem. Mencionei que com a ajuda das mãos podeis equilibrar os vossos chakras. Outro tipo é equilibrar os vossos chakras com som. Deve ser um som ressonante. Alguém diz que deve ser um gongo, nomeadamente de duas placas metálicas que se batem uma contra a outra e surge um som sonoro, cantante e de frequência muito alta. Esse som não podeis comparar de forma alguma com o violino ou qualquer instrumento de sopro; ressoa de outra maneira. Não deveis experimentar isso na vossa solidão, porque tem de haver alguém iniciado que tenha trabalhado com isso durante longo tempo e experimentado até à criança humana e possa ver aproximadamente onde se encontra a sua frequência. Depois pode, em muito pequena escala, experimentar até

encontrar a frequência base própria. Assim, recomendo essa calibragem: com a ajuda das mãos equilibrar os vossos chakras.

– Será possível estimular acusticamente a consciência do corpo com a música?

– Cada chakra tem a sua ancoragem no organismo etérico e estão, pois, afinados numa certa vibração. Já disse também que junto a cada chakra há membranas de chakra. Cada chakra vibra na sua harmonia especial. Do mesmo modo que, quando ativais os vossos chakras, por exemplo, podeis equilibrá-los também com cristais. Já falámos disso, mas também com som ou música. Para cada criança humana é diferente. Alguém ama um tom de violino, música de violino quando então sente como todo o seu organismo se expande de alegria e de dor. Falei dos chamados címbalos ou gongo. Ele emite uma certa frequência; não precisa de ser audível ao ouvido, mas pode afinar um certo chakra. Afina no organismo tanto no organismo etérico como no físico. Na origem, a criança humana era consciente da música, do poder do som sobre a matéria. Intervalos harmónicos correspondem a cada um destes chakras.

Quando o sistema de chakras está aberto, quando nada impede a essência prânica de vos atravessar, viveis-vos inteiros como criança humana. Alguém diz que a maior parte das crianças humanas deseja que o terceiro olho se abra. Querem tornar-se clarividentes. Então pergunto-me: para quê? O que julgam poder viver através do terceiro olho? Se conseguísseis ativar o chakra frontal, veríeis o invólucro etérico, astral, mental à volta de uma criança humana. Não poderíeis ver as formas-pensamento, mas poderíeis interpretar o carácter.

Nas cores áuricas poderíeis ler, afinar que tipo de criança humana tendes diante de vós. Veríeis as cores áuricas das árvores. Veríeis a aura da flor. Talvez vivêsseis os pequenos seres do paralelo dévico que estão muito próximos de vós. Assim, quando falamos deste sistema de chakras e do chakra frontal, dizemos que se uma criança humana abrir o seu chakra frontal com ou contra a sua vontade, viverá no início um caos. Não se trata apenas de abrir um chakra e com isso ser clarividente.

Um chakra tem de estar em harmonia com outro chakra, que por sua vez está em harmonia com o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo. Assim, o sistema de sete chakras tem de estar em harmonia. Não é possível abrir apenas um chakra e julgar que com isso se é clarividente e se está acima das outras crianças humanas. Pelo contrário. Aí está a armadilha. Ao abrir-se o chakra frontal e viverdes mais do que as outras crianças humanas, o orgulho também chega sorrateiro. Julgais ter esse orgulho espiritual, que estais acima das crianças humanas em vez de descerdes o nível, colocar-vos abaixo delas e ajudá-las na sua marcha. A maior parte das crianças humanas que abriram o terceiro olho ou podem viver clarividência vivem 99 % sequências de imagens dentro de si. Não as vivem vendo com os olhos, vivem-nas dentro de si como imagens visualizadas, mas que por sua vez também são realidade, porém noutro nível diferente do vosso conhecido.

### A Harpa de Sete Cordas

Já disse antes que muitos mestres e professores anteriores ocultaram a verdadeira natureza do sistema de chakras. Não está ligado apenas ao organismo físico, mas também ao organismo astral e mental. O sistema de chakras está sobretudo ligado ao duplo esotérico. Na verdade, pode dizer-se que o sistema de chakras não faz parte da criança humana em si mesma. Tem uma ancoragem superior porque também o duplo esotérico tem estes chakras. Os vossos chakras estão em ligação constante com o duplo esotérico.

Digamos agora que, quando ocorre a conceção e começa a primeira divisão celular, cria-se o ponto de fixação. O Eu, o portador das memórias corporais, cria o ponto de fixação no corpo. O Eu ancora o sistema de chakras ao duplo esotérico. Assim, o sistema de chakras é uma ancoragem do duplo esotérico e, na base, não pertence ao organismo físico!

Cada criança humana tem um duplo esotérico, um eu esotérico, uma parte superior de si mesma que se encontra acima do plano astral, do plano mental e do plano causal. Já falámos disso antes. O Eu ancora o duplo esotérico ao organismo físico no sete. Podemos então falar, por

exemplo, da Harpa de Sete Cordas. O Eu ancora o sistema de chakras: chakra base a chakra base, chakra sexual a chakra sexual, plexo solar a plexo solar, chakra do coração a chakra do coração, chakra da garganta a chakra da garganta, chakra frontal a chakra frontal e chakra da coroa a chakra da coroa. Pode dizer-se que este é o caminho que o Cavaleiro percorre no organismo para absorver experiências. Estais, pois, ligados ao duplo esotérico através do sistema de chakras.

Digamos que à matéria estais ancorados com o sistema de chakras deste modo: no duplo esotérico existem os germes rudimentares. Podemos então dizer que o chakra base é um polo e o chakra da coroa é outro polo. Podemos chamá-los plus e minus ou o que quiserdes. Quando o Eu desce e faz as ligações do duplo esotérico, o invólucro rudimentar desce para o organismo físico.

Só quando a criança humana cria o seu corpo de desejo e o seu corpo de pensamento é que começa a função do chakra sexual, igualmente do chakra base, do chakra da garganta e do chakra da coroa. Só então podemos dizer que os fluxos de força começam a circular no vosso sistema de chakras.

### QUANDO A DUALIDADE SE UNE...

Já falámos dos sete chakras principais e do duplo esotérico. O Eu espiritual superior reflete o duplo esotérico na multiplicidade. De cada duplo esotérico reflete-se um Cavaleiro. Este é o braço estendido do duplo esotérico até à matéria. O eu esotérico é um reflexo do Eu espiritual superior. O Cavaleiro encarna em trindade no mental abstrato, no Eu e no super-eu. Estes três estão encarnados e a parte encarnada mais o duplo esotérico formam o Cavaleiro. Isto é uma dualidade.

Quando a criança humana, após incontáveis caminhadas na matéria, desperta cada vez mais para a compreensão, aproxima-se da sua outra parte, do seu outro polo no seu desenvolvimento. Pouco a pouco estas duas partes fundem-se numa unidade e depois criam em conjunto, como uma unidade, uma cadeia de encarnações completamente diferente, num plano muito superior e não numa matéria como a que tendes aqui e agora. O super-eu, o Eu e o mental abstrato encarnam como um átomo-

semente trino e tomam posse do chakra frontal, do chakra do coração e do plexo solar. A sua sede principal é o coração. Falamos, pois, da dualidade. Imaginai agora que estas duas partes se fundiram numa unidade. Passastes pelas imagens de encarnação nesta matéria. Depois haveis ido de claridade em claridade.

Aproximastes-vos do dual e, pouco a pouco, fundis-vos numa unidade orgânica. Então acontece algo com o sistema de chakras. Do plexo solar para baixo pertenceis ao planeta — muito bem —, porque é a pulsão de reprodução e igualmente a ancoragem a ele. A parte superior é, pois, o caminho de desenvolvimento espiritual. Como aí vedes, o Cavaleiro encarna novamente do plexo solar para cima e não para baixo. O sistema de chakras que agora tendes passará a constituir uma trindade no organismo superior. Quando a dualidade, pois, se uniu, pode dizer-se que vive um estado de eu em dualidade e então estes chakras transitam para as suas funções uns nos outros.

O chakra sexual passa para o chakra base e mais abaixo. Plexo solar, chakra do coração e chakra da garganta formam uma totalidade. São uma parte — muito bem — e o chakra frontal e o chakra da coroa formam uma unidade. Tendes, pois, apenas um terço do sistema de chakras quando alcançardes um estado superior. Porque o mental abstrato não tem ancoragem ao planeta, apenas aos fluxos de força prânica. Assim, o Eu espiritual superior reflete-se para baixo numa trindade, mas numa forma superior.

No início, todos os sete chakras existem no duplo esotérico como uma unidade. Quando a dualidade se juntou numa unidade do eu, uma dualidade polar, o sistema de chakras funde-se. Pode então dizer-se que é a ancoragem trina a Deus Todo-Poderoso, ao Eu espiritual superior, e aí falamos do Espírito de Cristo.

### ACUPUNCTURA E TERAPIA ZONAL

– Quando falamos de chakras, penso em acupunctura e terapia zonal. Como vê Ambres isso?

– Não é nada novo. Tendes pontos no vosso organismo que, através do sistema nervoso, afetam diferentes glândulas e igualmente afetam toda a vossa secreção interna. O que distingue então a acupunctura da terapia zonal?

– As agulhas?

É só as agulhas? A terapia zonal tem um efeito diferente da acupunctura. A acupunctura tem um certo efeito curativo. Tem-no, mas em regra tem um efeito anestesiante nas vias nervosas. Amados filhos. São meios antiquíssimos! Não há nada de novo nisso! Mas assim, na acupunctura… amados filhos, não usávamos agulhas de ferro, mas de bambu. Com um leve estalar pode-se pô-las a vibrar. Foi um parêntese. Quando, pois, ides fazer uma operação, por exemplo, na vossa garganta e aí quereis temporariamente anestesiar as vias nervosas que transmitem os impulsos através da medula espinal ao vosso cérebro, tendes, pois, de anestesiar temporariamente as vias nervosas para que as sensações de dor não sejam registadas. Estais a acompanhar-me?

Assim podeis localizar as vias nervosas e aí introduzir agulhas. A agulha não precisa de chegar ao nervo, pode ir ao lado dele. Não deve de forma alguma entrar no nervo, mas aí a agulha irrita a parte circundante, de modo que o nervo absorve impulsos dessa agulha. Pode dizer-se que o enganais. Não cortastes a ligação ao local da operação, apenas desviastes temporariamente a atenção do nervo para a agulha e assim podeis realizar a operação sem perigo, porque os nervos estão ocupados a localizar: «Que diabo é isto?» E assim o local da operação não é irritado.

A terapia zonal não é a mesma coisa que a acupunctura. Aí não se trata de efeito anestesiante, mas de um efeito curativo e sanador. Nas plantas dos vossos pés, por exemplo, existem, pois, pontos que estão ligados a todo o vosso organismo. Já falei antes de que aqui tendes o vosso plexo solar, o sexual e o chakra base. Do mesmo modo disse que na planta do vosso pé tendes pontos que correspondem aos chakras. Nas vossas mãos existem igualmente os mesmos pontos que tendes nas plantas dos pés. Tudo no vosso organismo está, pois, centrado nas plantas dos pés. O vosso baço, o vosso coração, os vossos rins, etc.: tudo

no vosso organismo está centrado nas plantas dos pés. Porque o que é o pé senão a ancoragem ao planeta!

Quando alguém diz, em tempos antigos, por exemplo, quando as crianças humanas não tinham o que chamais sapatos, mas andavam descalças no chão, não havia tantas imagens de doença como hoje porque ativavam esses pontos através dos pés, que estavam sujeitos a massagem constante. Os povos naturais que ainda andam descalços ativam esses pontos debaixo das plantas dos pés, o que nesse caso é sanador para o organismo. Mas quando as crianças humanas neste ocidente, como lhe chamais, calçam sapatos com os quais perdem completamente o contacto com o planeta, pode dizer-se que se isolam dele. Assim, os pés têm de ser ativados e podeis ativá-los através da terapia zonal. Simplesmente massajam-se então os rins, se têm má função, o baço ou o coração, por exemplo.

Tocais esses pontos, pode dizer-se que os massajais. Podeis fazer isso com vantagem vós próprios. Não precisais de mapa nem de bússola; basta pegar no vosso pé, sentar-vos confortavelmente e começar a apalpar. Começai pelos dedos dos pés e depois descereis centímetro a centímetro desse modo. Aí pressionais com força e de repente descobris um ponto muito doloroso. Esse ponto refere-se a outra parte do organismo que nesse caso tem uma imagem de doença. Massajai-o e massajai-o com força. Entendeis-me? Continuais desse modo por toda a planta toda do pé, tanto o direito como o esquerdo. Notai bem. Não vou precisar exatamente onde se encontram os diferentes pontos nem a que pertencem no organismo. Em grande medida, a terapia zonal e a acupunctura são duas coisas completamente diferentes. Enquanto a acupunctura é temporariamente anestesiante, a terapia zonal é curativa.

### Meditação

Existiram diferentes métodos de meditação em que as crianças humanas tentaram purificar-se através da meditação e igualmente limpar o seu subconsciente. Limpar o subconsciente através da meditação é bom. A meditação é limpar o subconsciente, purificar-vos interiormente. Quando, pois, entrais numa meditação, viveis-vos a vós próprios. Pode

dizer-se que vos purificais interiormente. Podeis, pois, afundar-vos na meditação, no vosso próprio subconsciente, e aí podeis encontrar imagens-símbolo que vos pertencem, que de outro modo pertencem aos estados de sonho. Tudo o que encontrardes, sabei que vos pertence a vós próprios.

A meditação não é um caminho real para a verdade. A meditação é um trabalho consigo mesmo, onde também vos libertais das agressões. Durante a meditação deveis recebê-las e tornar-vos amigos delas. Exatamente do mesmo modo que nos vossos estados de sonho. Podeis libertar uma força na meditação — muito bem —, mas essa força também pode ser trazida à superfície para a vossa consciência diurna.

Tendes de vos libertar do mantra e descer e ser como o guerreiro em combate e receber o que vem até vós. Então podeis libertar-vos. Mas se fugirdes dele e subirdes da meditação, não resolvistes nada. Pelo contrário, reforçastes o conflito.

A meditação é difícil enquanto procurais a experiência. Se procurais a experiência apenas na meditação, então esquecei a meditação. Quando vos sentais para meditar, tentais acalmar os vossos sentidos. Falais dos vossos sentidos e chamais-lhes pensamentos. Dizeis: «Estou a pensar. Devia dirigir os pensamentos.» Se escutardes para dentro, ouvis um diálogo muito forte em que a vista fala à audição, a audição fala ao tato, e assim sucessivamente. Aí se fala e fala constantemente. Depois vem, do mental, algo que desliza. Agarrais isso: «O que foi?

Muito bem, foi algo que fiz tal e tal dia.» Pode então dizer-se que pensamentos deslizam até vós e o vosso diálogo interior reforça-se. O mais difícil que tendes a fazer é acalmar-vos. Alguém diz: «Tenho um mantra. Tenho uma imagem. Visualizo algo dentro de mim.» Então digo que cada um tem o seu caminho especial na meditação, mas chegais a um ponto em que tendes de largar tanto o mantra como a imagem visualizada, porque tanto a imagem como o mantra se tornam um obstáculo na vossa meditação. Então pode ser difícil largá-los, porque se tornaram algo em que confiais, que é o vosso lugar seguro durante a meditação.

Desejo, como uma meditação muito simples de principiante, que apenas vos senteis em repouso. Penseis em algo que vos estimulou. Fixai o pensamento, ou fixai o olhar, no que visualizastes dentro de vós e ficai nisso, em harmonia, um momento. Pouco a pouco vivereis como o diálogo interior diminui. Encontrais-vos aí, na experiência e não no presente. Acordais pouco a pouco disso, refrescados dentro de vós. A meditação não é algo que se aprende em minutos, segundo o vosso cálculo do tempo; a meditação é mudança de todo o vosso eu. Quase ia dizendo que é uma mudança de toda a vossa imagem de frequência a longo prazo. Experimentai isto apenas como um relaxamento.

### MANTRA

O que é um mantra? É uma palavra sagrada. Esta palavra não precisa de ter nenhuma simbologia, pode ser apenas algo que useis e que para vós é sagrado em si mesmo. Muitas crianças humanas dizem: «Tenho um mantra.» Muito bem. Pergunto-lhes: «Corresponde à tua meditação?» «Sim, creio que sim.» «Já o experimentaste?» «Muito bem.» «Sentes-te bem com ele?» «Sim, às vezes, mas às vezes não me sinto tão bem.» Então largai-o antes que se torne um fardo. O mantra não deve ser vinculativo. Podeis entrar na meditação sem mantra. Podeis entrar na meditação com mantra, mas não vos deve prender na meditação. Deveis poder largá-lo depois.

Um mantra deve estar em conformidade com a vossa própria frequência. Alguém iniciado pode dar esse mantra. Onde encontrais então o iniciador? Um tal deve poder ver a vossa aura corporal e igualmente ser sensível ao vosso espectro de frequência. Se alguém recebe um mantra que corresponde à sua frequência pessoal, lembrai-vos disto: corresponde apenas a ele e não a vós, porque a frequência base é diferente para cada criança humana. Isto deve ser tido em conta se alguém disser: «A tua frequência é esta, toma este mantra.» Encontrar a frequência base não se faz apenas olhando para uma criança humana e dizendo: «Precisas disto e disto.» Alguém precisa de ativação e alguém precisa de amortecimento. Entendeis-me?

– Com que critérios se pode descobrir um mantra para alguém?

– Amados filhos, tem de ser alguém vidente…

– Podes dar-nos um mantra?

– Amados filhos, poderia fazê-lo, não o faço.

Como é com o AUM? Todos o usam.

– Muito bem. Mas como digo, é um som suave e pode dizer-se que é uma palavra sagrada. Do mesmo modo, não prejudica de forma alguma; antes ativa-vos, ativa todos os chakras. Pondes-nos em harmonia. Pondes-nos em equilíbrio.

Se compararmos este mantra a uma âncora e vós vos afundardes lentamente na sede do vosso subconsciente através deste mantra. Talvez vivais junto de vós coisas maravilhosas, porque também esperais algo quando vos afundais através deste mantra. Pode dizer-se que ao mesmo tempo criais sentimento e vos purificais. Se não viverdes nada de assustador até agora, pode dizer-se que nunca alcançais o subconsciente, mas apenas a esfera do vosso próprio desejo na sede do vosso subconsciente. Vivenciando — muito bem —, mas não purificando e flutuais à superfície e sentis-vos "fortalecidos no espírito", se assim quiserdes chamar. Sentis-vos fortalecidos e assim vivestes uma forma de processo de purificação, mas aí o mundo sensorial voltou a enganar-vos.

Ao mesmo tempo que acalmastes o vosso mundo sensorial, apenas o transferistes para o vosso interior quando vos atenuastes para esta forma de mundo de meditação. Mas quando podeis largar o mantra, quando haveis descido ao vosso subconsciente e aí podeis com segurança largar o mantra e aí fazer a vossa descida… Aí não deveis levar o mantra convosco, porque o mantra é um meio de ajuda para vos atenuar na meditação, mas o processo de libertação nisto deveis senti-lo vós próprios. O supraconsciente não o alcançais, porque o inconsciente é apenas consciente da vossa impressão e da vossa consciência diurna e oscilais entre eles.

Muito bem. Às vezes, durante tal período de meditação, acontece que a vossa consciência diurna é, pois separada. Entendeis-me aí? Que a vossa consciência diurna é separada do vosso subconsciente e o vosso

subconsciente é separado da sede da vossa consciência diurna. Enganais o inconsciente de tal modo que o inconsciente de repente vos fornece uma forma de experiência da sede do supraconsciente e julgais ter atravessado o vosso subconsciente. Não é o caso. Fostes apenas enganados pelos vossos sentidos.

Durante a meditação não deveis ter pensamentos. Enquanto tiverdes um diálogo interior, não estais a meditar. Deixai o exterior deslizar. Deixai a audição atenuar-se. O tato igualmente. O olfato e o paladar. Encontrais-vos como que na bolha fugidia. Talvez recebais aí sequências de imagens, mas essas sequências de imagens compreendeis aqui com o vosso sentimento. Não as recebeis como um pensamento. Se ainda tiverdes pensamentos durante a meditação, não estais a meditar.

### VOLTAR O ESPÍRITO PARA DENTRO

Na meditação deveis fortalecer-vos e ser muito, muito conscientes de que os sentidos são a arma mais forte que tendes na mão, se apenas os conseguirdes dominar. Porque é através dos sentidos que podeis atravessar a natureza irreal desta existência, se apenas os souberdes manejar da forma correta e romper a vossa impressão. Entendeis-me? Fazem-no?

Cada criança humana tem de trabalhar pela sua própria libertação e há métodos para o vosso próprio autoconhecimento. Quando digo que deveis virar o vosso espírito para dentro, quero dizer literalmente isso. Então alguém pergunta logo: «Como se faz isso? Como posso virar o espírito para dentro?» Virai a vista para dentro, virai a audição para dentro... em suma, em combinação, de modo a não estardes conscientes do aspeto exterior, nomeadamente o vosso organismo, o vosso corpo, o vosso habitáculo.

314 Recomendei, por exemplo, uma forma de meditação deste modo: sentai-vos confortavelmente e acalmai-vos. Não há peso nos vossos membros. Tentai concentrar-vos na audição. Fechai a vista e a audição reforça-se para compensar a perda da vista. Então os vossos sentidos protestarão desenfreadamente contra tal procedimento, porque assim que fechais os olhos e começais a concentrar-vos, os sentidos

iniciam um diálogo dentro de vós. O menor som amplifica-se ao infinito e a vista grita desesperada: «O que foi?» O paladar diz: «Não sei.» O tato diz também: «Não faço ideia. Estou só aqui.» A audição ignora-os. Mas mesmo assim isso ecoará dentro de vós e vivereis irritação. Rasteja no vosso organismo, mas pouco a pouco vereis que os sentidos exteriores se atenuam.

Mas no caminho para baixo, no início quando, pois, a vista e o tato vos largaram, vivereis um som sussurrante borbulhante. Se vos acalmardes novamente, ouvireis um borbulhar como milhares de pequenos riachos e cascatas: a vossa circulação sanguínea, que o vosso coração, pulsando ritmicamente, empurra com a expiração. Pouco a pouco o paladar, o olfato e o tato do mundo sensorial atenuam-se de modo que não percebeis nada à vossa volta, mas apenas tendes a consciência dirigida à vossa audição.

Então vereis que ela se vira para dentro de vós próprios. De repente encontrais-vos no vosso interior! Viveis-vos por dentro, mas mesmo assim num espaço infinito. Agora sois a consciência dentro de vós próprios, encontrando-vos num ponto focado no vosso interior. O organismo exterior não tem a consciência. Arrastastes a vossa consciência para aí, para o vosso coração. Entendeis-me? Aí viveis um espaço que existe dentro de vós. É infinito. Também vivereis então o lótus do vosso coração e o Cavaleiro de repente impregnará todo o vosso organismo, porque haveis despertado os vossos sentidos através do Cavaleiro. Este Cavaleiro, o vosso eu interior, dá-se, pois, a conhecer de modo que através dos sentidos vos tornais conscientes da sua existência. Não como algo que apenas existe algures, mas ninguém sabe onde.

315 Não vivereis isso como um fenómeno, mas apenas como uma constatação e um maravilhoso bem-estar. Não viveis este bem-estar no organismo, mas vivem-no numa consciência dentro de vós. Viveis o eu interior no seu verdadeiro ambiente e viveis a vossa verdadeira identidade. Vedes que sois uma luz em vós próprios. Sois um ser de luz encerrado para o exterior, na casca. Aí vos encontrais. Não como organismo, mas como uma consciência. Quando, pois, viverdes o eu interior sentado como Cavaleiro no lótus do coração, obtereis um

sentimento interior que impregnará todo o vosso mundo sensorial e todo o vosso organismo. É amor! É felicidade.

Então sabeis e aí viveis um amor completo! Nunca mais sereis afetados pelo vosso espírito ou pelo mundo sensorial depois disso. Viveis um estado e esse estado podeis manter durante horas, talvez dias, semanas. Acordais pouco a pouco desse estado, mas estais mudados como criança humana ao regressardes ao organismo exterior. Atravessastes os sentidos, que são apenas uma parte dos instrumentos de Maya para vos prender neste plano de vida.

Este é um estado. Existe um estado superior que muitos mestres, a que as crianças humanas chamam mestres, podem alcançar. Nomeadamente, através do seu eu interior, do seu ego, alcançar a ligação ao Eu espiritual superior através do seu Cavaleiro. Num tal estado não estais conscientes do organismo de todo. Sois conscientes, mas de outra maneira. O organismo não vos pesa de todo e muitas crianças humanas podem alcançar isso. Ao alcançardes a consciência — pode dizer-se o Espírito de Cristo em vós próprios —, podeis também dirigir o vosso organismo.

Algumas crianças humanas são "soltas" na sua consistência. Assim, não estão tão presas ao organismo físico. Às vezes acontece também isto: que ainda na sua tarefa diária podem até libertar-se de tal modo que vivem duplamente. Entendeis-me? Por um lado, viveis o mundo físico na sua totalidade, mas ao mesmo tempo ao vosso lado viveis outra existência. Amados filhos, isso acontece.

– Será um estado de sonho?

Não é estado de sonho! Sois conscientes desta existência, mas sois igualmente conscientes de outra existência. Sois por um lado conscientes do vosso organismo físico e por outro sois conscientes no outro, no mental, astral. Continuais com a ancoragem ao físico.

AUM

O AUM em si mesmo é a palavra sagrada. Não vos ligueis a este AUM. Tendes vários sons vocálicos. Cada um de vós pode encontrar um

som vocálico que corresponda à vossa própria frequência. Do mesmo modo podeis encontrar o vosso próprio mantra para a vossa própria meditação, um mantra que seja calmante, que seja apaziguador, que vos leve na meditação.

As consoantes, pois, são promotoras do intelecto. Quando, pois, digo que são promotoras do intelecto, não é que vos torneis de alguma forma génios, mas talvez vos torneis mais clarividentes e mais intuitivamente recetivos. Os sons vocálicos promovem o sentimento. Quando, pois, repetis estes AUM, por exemplo, e aí os combinais com diferentes consoantes, notareis que muitas vezes recebeis perceções visuais, uma sequência de imagens que vos atinge, fugaz como um relâmpago, mas que mesmo assim se grava dentro de vós. O pensamento abstrato não podemos comparar ao pensamento subjetivo. O pensamento abstrato tem uma forma de imagem, uma forma de imagem intuitiva, enquanto o pensamento subjetivo, consciente do eu, tem, pois, uma imagem que vós próprios criastes. Quando pronunciardes AUM, podeis sentir que dentro de vós acontece algo e não fora de vós.

Falámos da palavra sagrada, este AUM. Podeis variar o vosso tom em escala ascendente e descendente até encontrardes a vossa própria coluna de som interior. Deveis sentir como ecoa dentro de vós próprios. Muito bem, falámos antes de que estes sons vocálicos e consoantes são construtores de energia. Do mesmo modo que os sons vocálicos criam uma tonalidade de sentimento. Criam uma coluna de som dentro de vós e os vossos chakras são ativados. Ativais, pois, o chakra do sentimento, o chakra do coração, o chakra da garganta sobretudo, mas igualmente o chakra frontal e o chakra da coroa. Deste modo podeis, a partir do plexo solar, ativar a parte espiritual. Esta coluna de som tem dois efeitos. Por um lado, fortalece e por outro ativa os vossos chakras.

### Respiração

Se, por exemplo, olhardes para estes mantras, ou estas palavras sagradas, sons vocálicos e consoantes, podeis compará-los, por exemplo, à ioga da respiração. Na inspiração ativais o chakra da garganta de forma diferente da expiração na palavra AUM. Absorveis o prana do ar ou o éter

do ar. Transformam-no em energia dentro de vós e o vosso plexo solar, igualmente o chakra do coração, o chakra da garganta, o chakra frontal e até o chakra da coroa são ativados. Viveis aí um calor interior através do éter do ar. Esse prana também é transformado aí numa energia de crescimento que, por sua vez, impulsiona os vossos chakras para uma maior ativação.

Quero afirmar que andais por aí a ofegar! Alguma vez pensastes na capacidade que tendes dentro de vós? Alguma vez tentastes expirar a fundo e inspirar a fundo? Porque não o fazeis sempre? Ofegais constantemente. Não inspirais. Não expirais. Isto é da maior importância para o organismo da criança humana e para o vosso próprio desenvolvimento. Mas a respiração tem um significado maior do que imaginais: desenvolver o vosso organismo para maior recetividade. Gostaria de vos aconselhar isto: tentai prestar um pouco de atenção à vossa respiração para que expireis a fundo e igualmente inspireis a fundo.

Isto não deve ser de forma alguma que inspireis e expireis até ficardes azuis na cara, mas deveis inspirar naturalmente e expirar naturalmente, mas com a vossa plena capacidade. Deste modo aproveitais de forma completamente diferente o que o planeta tem para oferecer, igualmente o que o prana do ar tem para vos oferecer. É como uma refeição. É a refeição dos pulmões, porque sem ela não existiríeis! Mas ofegais o vosso caminho e, deste modo, viveis estados de contração também dentro de vós e os vossos chakras não recebem o alimento de que precisariam.

Através da inspiração absorveis prana, a própria vibração do ar. Se esta ar que inspirais, dizeis, por exemplo:

«Muito bem, ela é conhecida.» Mas não sabeis que este ar tem uma contraparte etérica, ou, melhor dizendo, uma contraparte esotérica. Esta contraparte esotérica absorveis na inspiração através do vosso chakra da coroa — muito bem. Assim a absorveis como a coluna no vosso interior. A tarefa da inspiração é separar o prana para que seja absorvido por todo o organismo, por toda a divisão celular. Falámos de que esta palavra sagrada, AUM, tem um efeito atrativo. Ativais os vossos chakras e

absorveis prana. Quando ativais os vossos chakras, abris-vos — pode dizer-se que abris os vossos chakras. Abris igualmente o vosso chakra da coroa para uma substância esotérica superior, prana. Falei da contraparte esotérica do ar. Esta substância não é algo que se possa tocar, algo que se possa sentir; antes, pode dizer-se que é a substância esotérica que está em todo o lado, mas que tem de ser ativada, animada pela criança humana para harmonizar com a sua própria frequência.

Como quem vê através de uma água...

Quando entrais na meditação, podeis viver uma paz interior muito forte. Continuais conscientes do habitáculo, naturalmente, porque aí vos encontrais. Mas viveis o espaço interior.

Ontem, quando meditava, fiz um movimento descuidado com o corpo e senti que todo o quarto balançava. A que se deve isso?

– Dizes que «fiz um movimento descuidado». Não foste tu que fizeste o movimento, porque o fizeste inconscientemente. Pode dizer-se que o teu organismo agiu reflexivamente, ou não? Quando vos encontrais num tal estado interior e subis à superfície, pode haver uma transição brusca. Então vivereis que tudo é fluido, como dizes. Nada é sólido. Nada está completamente na sua construção; antes, vivem-no como quem vê através de uma água. Depois desceis novamente na meditação, mas ainda na meditação, continuais com a sensação da mesma água através da qual vedes.

Em tempos antigos, quando falávamos da meditação e quando falávamos do véu de Maya, também era mencionado como a vida e as águas ocultas da vida. Esta água oculta que esconde a vida era muitas vezes representada como se a criança humana estivesse atrás de uma cascata. Um véu finíssimo que está diante dos seus olhos e atrás dele vê a realidade, mas está distorcida pela água que corre.

Se, pois, viverdes um balanço, não há nada a temer de forma alguma; antes, pode dizer-se que é um estádio preliminar de uma clarividência maior. É o vosso organismo que desencadeia o reflexo, porque ao mover-se o organismo de modo a perturbar-vos na meditação,

a perturbação é na direção correta. A meditação não é isolar-se, mas obter uma consciência maior! Entendeis-me aí? Não deveis isolar-vos do mundo exterior; deveis ser conscientes do que acontece à vossa volta. Quando, pois, o vosso organismo reage, viveis que vedes para além destas águas ocultas da vida ou do véu de Maya. Podeis compreender o meu pensamento? Não vos isoleis na vossa meditação; deveis ser conscientes, observadores durante a meditação. Deveis acalmar-vos, não isolar-vos.

– Quando eu tentava escutar para dentro, descobri que ouvia muito o trânsito. Posso usar tampões para os ouvidos?

– Não deveis usar nada; a vossa consciência deve atenuar-se por si mesma. Ouvireis sons que nunca antes vivestes e de que nunca fostes conscientes. Se escutardes com suficiente atenção, vivereis que há harmónicos superiores e inferiores a que vos habituastes tanto que já não os viveis junto de vós. Naturalmente não deveis usar nenhum meio artificial para tentar excluir os sons. Os sentidos devem atenuar-se por si mesmos. Sentai-vos de bom grado e escutai esse trânsito de que falas, porque pouco a pouco ele atenuar-se-á mesmo assim. Muito bem.

O trânsito é um som artificial que foi acrescentado ao nosso ambiente…

– Mas o ouvido não é artificial de forma alguma. Recebem sons independentemente de onde estão e da forma como vêm.

### A MEDITAÇÃO É UM CAMINHO NA BUSCA

Se a meditação for um fim em si mesma e se a meditação visar apenas desenvolver as vossas capacidades e aí vos tornardes tão subjetivos no vosso agir e tão subjetivos na vossa meditação que apenas vedes as vossas próprias capacidades e não o vosso mundo exterior, então está errado! Se dissermos, pois, deste modo que através da meditação, por exemplo, podeis alcançar o vosso eu interior. Este estado que viveis pode mudar toda a vossa existência, porque o amor interior ofuscará tudo o que os vossos sentidos tentam dar-vos.

Mas existe um estado além deste e é quando podeis alcançar um contacto superior e esse é então com o Eu espiritual superior. Entendeis-me? Deixai-me desenvolver um pouco isso. Quando dizeis, por exemplo, que a meditação é um caminho na busca. Acalmais-vos na meditação, por exemplo, com um mantra ou algo mais que tenhais: um símbolo, meditação simbólica, ou afundais-vos em vós próprios em silêncio e quietude.

Uma parte do Eu espiritual superior está encarnada na criança humana e, para viver o contacto com ele, tendes de conseguir afundar-vos na meditação ou no silêncio e esquecer-vos um pouco de vós próprios. Mas então alguém talvez diga isto: que quando viveis a meditação, viveis uma felicidade indescritível. Muito bem, é correto. Talvez vivais um êxtase forte na meditação. Então quero mesmo assim afirmar isto: tanto o êxtase como a felicidade que viveis são apenas presságios do Eu espiritual superior. A experiência do Eu espiritual superior é uma fusão total. Após esta última experiência já não viveis o êxtase. Já não viveis a felicidade; viveis apenas a paz interior. A paz interior — pode dizer-se a calma interior — é indestrutível em si mesma. Continuais a funcionar nesta imagem do mundo, mas mantendes a distância do mundo sensorial, porque agora sois conscientes. Não perdeis nada do que existe à vossa volta.

O vosso mundo sensorial absorve constantemente imagens de experiência, mas sois conscientes do véu de Maya, da ilusão que viveis. As crianças humanas sentirão isso. Vós próprios podeis viver as coisas ocultas à vossa volta. O êxtase em si mesmo, ou a alta experiência interior, é apenas temporária, porque o que é um êxtase? Algo transitório. Após muitas experiências tão fortes talvez afundeis em depressões profundas, porque a experiência é apenas uma ilusão também ela, mas mesmo assim um antegosto do Eu espiritual superior. Muito bem. Foi apenas um parêntese, mas quero sublinhar vezes e vezes sem conta quão forte e quão importante é a base na busca.

– Na meditação. Vive-se o presente então?

– Não. Apenas o vosso eu interior vive o presente: o Cavaleiro. Podeis chegar a estádios em que toqueis o presente. Em certos estados durante a meditação podeis descer ao vosso fundo mais profundo, ao vosso subconsciente, e tocar a sede do supraconsciente. Então estais perto do presente. Mas ainda não é o presente. Viveis a consciência do planeta. Existe um estado em que não há experiência, apenas ser. Quando na meditação viveis, por exemplo, uma luz e, após a meditação, viveis igualmente uma irritação, que algo esteve perto de vós e o perdestes, então haveis tido uma experiência muito próxima do vosso próprio eu interior. É o Cavaleiro que vos está próximo.

A experiência total do presente não é algo estrondoso; enquanto tiverdes alguma forma de experiência, essa foi criada por uma forma subjetiva, enquanto a experiência total não se pode explicar. Não podeis dizer «Vivi isto e aquilo.» O abstrato não se pode explicar, porque assim que começamos a explicar o abstrato, transformam-no em significado subjetivo. Não há caminho real, infelizmente. Independentemente do que procurais. Mas se procurais o fenómeno — muito bem —, aí está ele.

Então alguém diz: «Experimentei, não aconteceu nada.» Quantas vezes experimentastes? Muito bem. Uma semana, duas semanas? Amados filhos, talvez tenhais de continuar durante anos! Mestres, como lhes chamais, talvez tenham meditado dez, vinte, trinta anos para alcançar este estado: encontrar o seu eu interior, onde podem deixar o seu espírito dentro de si próprios. Isso pode tornar-se uma experiência permanente. Quando se transforma na experiência permanente, então tendes a paz e obtendes a paz interior, o equilíbrio interior. Tudo o que tem a ver com experiências, êxtase, tem um princípio e um fim. São fenómenos, mas a experiência total dá-vos a paz interior e a consciência interior de que o eu é consciente.

Quando falamos de que «o eu é consciente», é o Cavaleiro, o vosso eu interior, que tornou o vosso organismo consciente da sua existência de modo que vós então, neste instante ou neste instante infinito que abrange o resto da vossa tarefa de vida, sois conscientes de: «Eu sou o eu interior e o eu é o meu organismo.» Nada muda na vossa ação exterior, mas caminhais entre as crianças humanas cheios de amor.

## O PROCESSO DA MORTE

Duas coisas não podeis evitar durante a vossa existência: o processo do nascimento e o processo da morte. O processo do nascimento é encantador, mas fala-se do processo da morte como se fosse uma catástrofe total. É tão natural como o processo do nascimento. Ambos são um nascimento para uma nova existência. A criança humana teme o processo da morte, mas posso assegurar-vos que o processo do nascimento é muitas vezes mais difícil do que o processo da morte! Pode, pois, dizer-se que no nascimento passais de uma área de alta frequência para uma de baixa frequência. No processo da morte é o contrário: caminhais de uma área de baixa frequência para uma de alta frequência.

Muito bem. Encontrais-vos no que chamamos o vosso espaço de vida. Este é o espaço de vida em que vos encontrais durante esta encarnação. Podemos dizer que esta é uma porta por onde entrais, através do nascimento, e esta é uma porta por onde saís, nomeadamente o processo da morte. Quando a criança humana se encontra dentro do espaço de vida, está com o rosto virado para a porta da morte e pergunta-se constantemente: «O que há por trás?» Mas raramente se pergunta: «O que há atrás da porta por onde entrei?» Digo-vos: a mesma coisa!

Se olharmos um pouco para o espaço de vida, vereis que aqui caminhastes o vosso caminho de vida e agora aproximais-vos da outra porta. Agora começa a acontecer-vos algo, porque vos aproximais de algo que vos é estranho. Aqui está o paradoxo, mas é um paradoxo verdadeiro. O ser humano nunca entrou no espaço de vida! Também nunca saiu do espaço de vida. Além disso, nunca esteve no espaço de vida. Também isso é verdade. Porque o ser humano foi criado dentro do espaço de vida, mas não está preso dentro do espaço de vida. O corpo está preso no espaço de vida e é através do corpo que o ser humano viveu. O Cavaleiro entrou aí, no corpo. Mas o Cavaleiro estava puro. Pode dizer-se que desceu e atravessou como uma centelha fugidia no cosmos e recolheu as experiências dessa vida. No processo da morte, o Cavaleiro simplesmente sai, sem preocupações, enquanto o corpo permanece dentro das paredes do espaço de vida.

Na vossa partida física, quando passais pelo processo da morte, fazeis a vossa saída e passais, pois, para o que chamais "o outro lado". Não compreendo a expressão, porque é aqui e agora! Deixais o habitáculo ao planeta e agradeceis o empréstimo. Um instrumento maravilhoso através do qual haveis agido, absorvendo informações deste plano de vida através da sede do vosso subconsciente. Igualmente tentastes decifrá-lo com os vossos estados de sonho, tentastes também viver a energia do planeta, a sua consciência através dos reinos vegetal e animal. As crianças humanas perguntam-se agora «Para onde foi ele?»

No processo da morte acontece isto: os sentidos exteriores atenuam-se pouco a pouco. Quando o Cavaleiro larga a ancoragem ao habitáculo, larga primeiro o plexo solar, depois faz a sua saída do habitáculo verticalmente, de modo que sobe através do lótus do coração e faz a sua saída pelo chakra da coroa. O processo da morte vem, pois, sempre de baixo.

Temos também uma descrição. Crianças humanas que estiveram fora do seu habitáculo e depois regressaram falaram muitas vezes de que caminharam pelo vale da sombra da morte. Reconheceis isso? Do mesmo modo que podeis ver-vos a caminhar sobre uma ponte, sobre a ponte do tempo. Alguns nadam num rio, passam pelo túnel da morte, etc., mas em regra todos vivem a luz que vem ao seu encontro. Saís através deste organismo e viveis um túnel com uma luz e caminhais através desse túnel.

Quando estais a morrer, os vossos sentidos ainda registam. Quando, pois, viverdes que sois deslocados do habitáculo, continuareis igualmente a viver-vos como num estado físico, mas com outro espectro de frequência diferente deste habitáculo físico. Agora viveis apenas com o habitáculo mental e o astral. O fluido etérico ainda impregna o vosso organismo e igualmente o habitáculo astral, tal como o astral impregna o mental.

A libertação pode muitas vezes ser difícil do organismo físico. O Cavaleiro faz tentativas desesperadas de partir dali, mas o organismo trá-lo de volta. Uma criança humana jaz no seu leito de morte. Então vive muitas vezes que entes queridos falecidos vêm até ela. Obtém então uma

calma interior. Pode dizer-se que temporariamente deixou o organismo físico. Não depende dele; vê a visão dupla, nomeadamente a parte astral inferior, enquanto ainda se encontra no físico. Os que se encontram na parte de vida astral vêm muitas vezes ao seu encontro e tentam ajudá-los na fase de transição do físico para o astral. Aí há uma ajuda muito forte e uma harmonia e felicidade muito fortes para quem vai passar. Tende confiança! Se estais ao lado do moribundo: falai-lhes! Dizei-lhes que recebam a orientação que lhes é dada, que quando virem a luz a sigam e não tenham medo dela. Falai-lhes após a sua partida. Ajudai-os com amor e pensamento e tentai não os prender à matéria com a dor!

### O Plano astral

Passais por este espaço de vida. O habitáculo é um produto do planeta que, quando deixais este plano físico, devolveis ao planeta. Agradeceis o empréstimo. Fica aí. Durante todo este período de vida fostes impressos. Os vossos sentidos disseram-vos o que é bom e o que é mau, o que é sofrimento e ódio, o que parece bom e o que parece mau, etc. Recebestes avaliações durante a vossa vida. Essas avaliações levais convosco para o plano astral, porque essas avaliações se fixam na aura do pensamento e na aura do desejo, no vosso corpo astral e mental.

Passais para o lado astral. Passais pela porta da morte. Então encontrais-vos aqui, na zona fronteiriça, onde estais numa ilusão ainda mais forte. Agora estais no plano astral, o plano do desejo. O plano astral pode ver-se como uma escada hierárquica. Passais e encontrais-vos nas regiões inferiores. Quando fazeis a vossa saída, talvez vos encontreis no seu estrato de fundo, talvez em estado confuso. Perguntais-vos: «O que aconteceu? Onde estou?»

Talvez estejais presos aos desejos, às coisas, ao vosso entorno, aos vossos queridos e amigos e agora viveis talvez uma existência completamente diferente. Mesmo assim tendes um habitáculo, através do corpo de desejo e do corpo de pensamento. Consiste num certo tipo de energia, mas noutro espectro de frequência diferente do corpo físico. É igualmente matéria. É outro estado de energia, outro espectro de frequência, onde com o vosso pensamento podeis moldar este habitáculo

àquele em que vos sentistes melhor durante a vossa existência física. Muitas vezes o plano astral pode romper e as crianças humanas vivem-vos como contraparte física junto delas.

329 Muito bem, no primeiro degrau do plano astral tornais-vos conscientes de que aquilo de que tínheis medo durante a vossa conduta de vida é apenas uma transição para uma nova existência e de que agora com o vosso pensamento podeis criar a matéria que quiserdes. Dizemos então que este é o plano astral. Podemos dividi-lo em seis divisões e assim dizemos que as inferiores, as que estão mais em baixo na base, estão próximas do organismo físico, do plano físico. As diferentes divisões andam de mãos dadas, mas encontram-se num espectro de frequência ligeiramente diferente. O campo de visão da criança humana não é tal que viva o que está junto dela, tal como não vive o paralelo dévico.

No plano físico criastes através da vossa impressão. Adquiristes desejos de coisas materiais ou de algo mais. Quando passais do físico para o astral através do processo da morte, encontrais-vos agora num estado semelhante àquele que deixastes. Mesmo assim estais presos ao vosso pensamento e podeis criar exatamente segundo os vossos desejos. Se, pois, dizeis que o reino dos céus neste planeta é sentar-vos à direita de Deus Pai e aí tendes uma imagem pensada de uma figura paterna, criais agora isso com o vosso pensamento. Do mesmo modo que podeis caminhar em ruas de ouro e que as mulheres seriam proibidas neste paraíso. Amados filhos. Há as coisas mais bizarras deste lado, nos planos astrais inferiores!

Alguém está tão preso pela sua impressão de vida, preso ao desejo das coisas ou do dinheiro que tem dificuldade em libertar-se desses desejos. Alguém é dado à bebida, etc. Ficam aqui em baixo, nos planos astrais inferiores, onde estão tão presos aos desejos que voltam a criá-los com o seu pensamento mental. Alguém que durante a sua caminhada terrena não teve bens nem pedras preciosas, por exemplo, mas viveu a sua vida em pobreza, tem uma surpresa muito agradável pela frente quando descobre que com o seu pensamento pode criar o que quiser!

Quando vindes para este lado, o lado astral, podeis ficar como que possuídos pelo pensamento de tudo o que perdestes durante a vossa vida: «Agora vou encher os meus armazéns. Vou encher os meus celeiros de ouro e pedras preciosas. Vou viajar. Vou construir os meus templos!» Se tínheis estado presos à matéria, acumulando bens e posses à vossa volta e não queríeis deixá-los, criais também do lado astral a contraparte do plano de vida físico.

Este degrau, o degrau inferior do primeiro degrau do plano astral, é o mais difícil de superar, porque viveis uma alegria por poder criar com o vosso pensamento. Viveis a alegria da posse, porque a posse está muito acima das vossas cabeças. Para que vos servem ouro e pedras preciosas? Para que vos serve acumular? Encontrais-vos com aqueles que agora satisfazem os seus prazeres com a ajuda do espírito e constroem com o seu pensamento. Aí estais agora.

Neste primeiro plano astral podeis ficar presos durante longos períodos. Encheis novamente os vossos celeiros de bens e posses e estes podem prender-vos durante tempo considerável até viverdes que tudo isso é uma ilusão, uma miragem. Só então vos libertais e seguis adiante nesta escala, de plano em plano, degrau a degrau, até vos libertardes de todos os desejos que vos pesam, dependendo da vossa impressão através do vosso mundo sensorial. Por isso é tão importante compreender que as coisas na existência física são meios de ajuda, mas não podeis possuir nada em si, porque vós próprios as criastes também com o pensamento!

– Quando o corpo físico morre, o duplo esotérico continua a recolher experiências no mundo astral?

– Muito bem.

Como nos sentimos então no outro lado? Temos tato, pensamentos?

– Que pensamentos? Amados filhos, sois exatamente como aqui e agora, dependendo do que imaginais! Já falámos antes de que o pensamento cria, não foi? Tudo o que viveis à vossa volta, este templo, por exemplo, criastes com o vosso pensamento e muitas vezes com o pensamento coletivo.

Amados filhos. Isto vai ser uma repetição, mas é necessária, não é verdade? Quero então sublinhar que com o organismo mental, o habitáculo mental, moldais o vosso mundo exterior. Pensem-no. Não penseis o pensamento como eu entendo por pensamento; moldais o vosso mundo exterior com o vosso próprio pensamento subjetivo. Do mesmo modo que construís uma casa, alguém pensou um pensamento sobre esta casa e, com a ajuda do desenho, registou o pensamento num papel. Alguém neste plano físico de inércia construiu esta casa com os seus membros, porque a matéria é de fluxo lento neste estado. Enquanto tiverdes o pensamento da casa, cuidais dela e tratais dela, ela permanece. Mas quando largardes o pensamento desta casa, daqui a duzentos anos, trezentos anos, ela regressou ao planeta como uma divisão celular dela, o que também é. Este pensamento desapareceu agora.

No plano astral a matéria é de fluxo leve. É outro estado de frequência e assim podeis moldar com o vosso pensamento mental o que quiserdes ver. Do mesmo modo que alguém esteve preso à religião. Alguém diz que há duas opções escolher: um reino dos céus onde me sento à direita de Deus Pai ou o ardente Geena. Mas ninguém, ou quase nenhuma criança humana, pode dizer que viveu uma vida tão pura que, quando passar esta porta da morte, se sentará à direita de Deus Pai. Não. Há uma angústia, porque no vosso subconsciente há sempre um "talvez" e também criastes uma imagem de um Geena ardente. Assim criais essa imagem, essa ilusão e aí vos encontrais nela após este processo da morte até vos tornardes conscientes de que este inferno não existe senão no vosso pensamento e mundo sensorial. Depois começa a libertação.

As crianças humanas têm diferentes imagens religiosas. Assim tendes igualmente diferentes ideias do que chamais reino dos céus. Alguém caminha em ruas de ouro, por exemplo, e outros encontram-se entre as nuvens tocando a sua harpa. Quero sublinhar que são vítimas dos seus sentidos. Escutai! Não quero de forma alguma ferir ninguém, mas olhai para a vossa religião. Diz Cristo alguma vez que deveis encontrar-vos nas nuvens tocando harpa? Oh, não.

Assim, amados filhos, pensei numa pequena parábola. Como sabeis, neste planeta há muitas, muitas religiões em que a mensagem de amor

foi invertida para o deus julgador e condenador. Quando se diz que nas moradas do Senhor há muitos quartos, isso é correto porque cada um com a sua orientação especial. Ficam onde desejam estar, por vezes presos durante tempo considerável.

Quando falo convosco, quero sublinhar que não vos ataco de forma alguma, apenas quero apenas mostrar. Entendeis-me? Por exemplo, imaginai agora que pertenceis a uma imagem religiosa. Imaginai agora que passastes para o outro lado. Estais confusos. O vestuário corporal físico já não existe e de repente alguém vem ao vosso encontro e diz: «Vem! Caminhais aí, olhando e perguntando-vos: «Onde fui parar?» Levam-vos até uma escada que se enrola para cima. Ele diz: «Vai. Tens de subir esta escada.»

Muito bem, seguis adiante. Pouco a pouco chegais a um portão adornado de pérolas com uma grande aldraba. Muito bem, agarrais essa aldraba e bateis. Ouvis como soa oco por trás. Ouvis um tilintar, uma chave gira e aí está São Pedro. Olha para vós e pergunta: «Que queres, amiguinho?» Tentais gaguejando explicar: «Quero entrar.» São Pedro consulta o seu grande livro e diz: «Muito bem, aí estás. És bem-vindo ao reino dos céus.» Depois mostra-vos um balcão. Um anjo está aí atrás e olha para vós e distribui uma auréola tamanho 42 e tenta colocar-vos um par de asas.

Estais confusos. Não sabeis como fixá-las e descobris que tropeçais constantemente nelas. Lá ao fundo vem a grande surpresa: alguém vos dá uma harpa. Amados filhos, alguém de vós já tocou harpa alguma vez? Se não, é melhor começardes a treinar já agora! Continuamos? Assim, pegais nessa harpa. Não sabeis como carregá-la, mas tropeçais adiante com as asas arrastando e começais a procurar uma nuvenzinha. Amados filhos, encontrais por fim a nuvem. Perguntais se a nuvem está livre e sentais-vos e tentais tocar um acorde. Agora começa o verdadeiro problema. Amados filhos, onde estão todos os salmos? O único que conseguis trazer à memória são peças que não se adequam aqui. Além disso, o vosso vizinho da nuvem tem uma voz tão desafinada que vos irrita. Começais, pois, a sentir tédio e perguntais-vos: «É este o reino dos céus?»

Pouco a pouco alguém passa por aí e sussurrais-lhe: «É mesmo o reino dos céus?» Ele diz: «Talvez.» Não, mas tu criaste-o tal como julgavas que seria. Criaste com o teu pensamento, não foi? Acreditai-me, para muitos é este o reino dos céus. Tal como o quereis, assim o criais. Parece agradável? Mas há sempre uma pequena nota por trás. Há seriedade nisto. Se a criança humana na sua caminhada de vida cria uma imagem, procura muitas vezes essa imagem quando sai do espaço de vida. Por isso: sede abertos!

Amados filhos, quando dizeis que no vosso planeta reina grande confusão, notai bem que nos subplanos astrais inferiores é exatamente o mesmo. A matéria é mais leve. Podeis criar com o pensamento. Nas subdivisões há igualmente uma luta entre as almas sobre quem tem o deus verdadeiro. Acreditai-me, também aí surgem muitas vezes combates, mas esses combates desenrolam-se, nesse caso, em formas-pensamento. Ninguém pode ferir ninguém, porque os habitáculos são de uma matéria tão imaterial que se atravessam uns aos outros. A densidade da matéria é tão fraca que não há nada que possam agarrar, mas com um pensamento podem materializar a mão. Notai bem que isto é nos subplanos, nas subdivisões.

Do lado astral, com as suas subdivisões, é uma cacofonia de crianças humanas, cada uma das quais diz: «Durante a minha vida e a minha conduta de vida segui o caminho verdadeiro, o único caminho.» Também aí tendes o mesmo que acontece neste planeta aqui e agora, onde as crianças humanas, os sumos-sacerdotes, lutam muitas vezes pelas vossas almas com armas na mão. É amor? Digo-vos isto: enquanto algo vos prender, onde Deus não é livre, quando o amor é julgador e condenador… Amados filhos, libertai-vos!

Quando alguém diz: «Tenho o caminho verdadeiro. Tenho o único caminho que conduz à felicidade e à verdade.» Fugí então com todas as pernas que tendes, porque aí está um charlatão. Mas se ele disser: «Tenho um caminho entre outros que conduz à mesma verdade que os outros.» Parai então e escutai, porque tem grãos de ouro para vos dar. Há muitos caminhos para a verdade e as crianças humanas são tão diferentes nos seus matizes que ela é transmitida de tantas maneiras diferentes para

alcançar o maior número possível de crianças humanas. Mas nenhum é superior ou inferior.

Do lado astral, com os seus sub e superplanos, a matéria é de fluxo leve. Dependendo da vossa impressão durante este tempo, moldais a matéria com o pensamento muito mais facilmente, muito mais rapidamente, mas ela também se desfaz muito mais rapidamente enquanto não a conseguirdes manter com o pensamento mental subjetivo.

Alguém passa para o plano astral e rejubila na sua felicidade. «Agora posso criar o que quiser!» Cria para si um rio onde os peixes se rebolam uns sobre os outros. Apanha-os com a sua caninha e vai-os pescando um a um. Mas assim que se esquece de que está a pescar, eles desaparecem! Apenas vos mostro que cada um de vós pode criar o céu que quiser. Pouco a pouco deixareis o que criastes, porque é apenas uma ilusão, uma miragem igual à da forma física. Não podeis criar algo e moldá-lo e possuí-lo, porque não é meu nem teu do lado astral, exceto nos subplanos inferiores. Aí moldais com o pensamento e tendes grande dificuldade em manter algo junto de vós, porque assim que largais o pensamento disso, desaparece. Não precisais construir nada com as mãos, basta moldá-lo com o pensamento e existe. Quando viverdes

336 isso, vivereis pouco a pouco que tudo o que criastes foi uma ilusão, uma miragem. Não se pode estar constantemente no Geena ardente e mesmo assim estar consciente! É assustador, mas quando largais o pensamento disso, desaparece. Do mesmo modo que acumulais o vosso ouro nos celeiros. Assim, quando largais o pensamento disso — pois bem —, desaparece.

Pode dizer-se que ides de claridade em claridade neste plano astral. Refinais o habitáculo, o desejo solta-se pouco a pouco e, pouco a pouco, encontrais-vos no topo do plano astral e fazeis, pois, a vossa saída dele. Entendeis-me? Queridos amados filhos! É maravilhoso? Assim, isto é completamente uma ilusão, uma criação de pensamento, e na base também esta existência física é uma cópia grosseira, ou pode dizer-se que o astral é uma cópia grosseira do físico? Porque também esta existência

física é uma ilusão, uma existência criada pelo pensamento. Julgastes esta existência física, mas tudo está impregnado de espírito e não é fixo e determinado.

Pouco a pouco vivereis como a impressão de base começa a ser lascada nas bordas. Pouco a pouco o astral desaparece cada vez mais, porque o desejo deixa de existir. Pode então dizer-se que entrais numa nova fase. Quando subis e atravessais com o pensamento e descobris que tudo o que viveis moldais com o vosso pensamento, o vosso desejo, começais a viver tédio. Descobris que algo existe maior do que isto, que há um poder, uma força que o molda, não é verdade? Assim ides degrau a degrau no plano astral e vos libertais. Pode dizer-se que refinais este invólucro. Tornais-vos cada vez mais "soltos nos contornos". Já não vos preocupais em manter o habitáculo na forma, porque o habitáculo agora vos parece não ter tanto valor quando vos encontrais nos degraus superiores do plano astral. Libertais-vos do lado astral, da frequência astral e também ela regressa ao planeta como uma divisão celular dela e passais novamente para outro estado. Nomeadamente para o plano mental.

Continuais com o chakra da coroa, o chakra do coração, o chakra da garganta, o chakra frontal, etc. São ainda matéria porque o habitáculo mental é físico de certa forma, mas noutro espectro de frequência. É ainda matéria. Quando vos libertais dele, alguns destes chakras desaparecem. Entendeis-me aí? Continuais com o chakra do coração. O desejo já não está aí; é apenas a aura mental. Continuais com o chakra da coroa.

O plano astral pode ser vinculativo durante muito, muito tempo se olharmos para o vosso cálculo cronológico do tempo. Libertai-vos, pois, neste plano físico para que, quando passardes para este lado astral, possais deslizar sobre o primeiro plano, para que vades de claridade em claridade no plano astral e vos liberteis do habitáculo do desejo. Muitas vezes os primeiros degraus são os mais difíceis de subir, porque muitos ficam presos nesta zona fronteiriça durante tempo infinito. Por isso deveis buscar enquanto vos encontrais no reino da matéria. Pouco a pouco que vos libertais dos desejos, o habitáculo transforma-se. De anteriormente

ter tomado forma com o pensamento, agora a forma deixa de ser tão importante. Tornais-vos sem contornos e pouco a pouco haveis limado os vossos desejos e passais para o plano mental.

### O Plano mental

Se, pois, dissermos que vos libertais dos desejos, acabareis pouco a pouco na esfera mental. Assim afastais-vos do plano astral e chegais pouco a pouco ao plano mental. Deixais o habitáculo astral de volta ao planeta, porque também ele é de certa matéria. O mental inferior, o mental subjetivo, também está dividido em seis campos e aí também caminhais e vos libertais do pensamento concreto subjetivo. Deixais o plano astral e encontrais-vos, pois, no plano de vida mental subjetivo que não tem os desejos, mas quer viver o ego na identidade do eu, ou quereis viver-vos como identidade do eu. A consciência do eu é tão forte em cada criança humana.

Libertastes-vos do desejo de viverdes na matéria. Toda a impressão continua aí, murcha neste habitáculo e os chakras desaparecem por si mesmos e pouco a pouco emergis em novo corpo. Este habitáculo mental não tem a forma do habitáculo físico, mas pode tomar a forma com um esforço de vontade, com o poder do pensamento. Mas não é necessário. É ainda matéria. O habitáculo é fluido, mas é mesmo assim ainda matéria. Aqui, no plano mental, descobrireis que o vosso habitáculo agora é solto na forma e talvez não lembre nada. Mas com a vossa concentração podeis moldar o habitáculo exterior. Mas a forma não tem significado exceto na vossa descida ao plano astral. Aí pode dizer-se que vos pondes uma frequência extra para vos viverdes no habitáculo. Entendeis-me?

Quero referir isto: alguém poderia transmitir-se para baixo até à matéria a partir do plano mental. É correto. Podeis, com um esforço, ainda moldar o habitáculo para que represente uma forma semelhante a humana. Quando vos transmitísseis para baixo até à matéria, teríeis de descer novamente esta escada e vestir invólucro sobre invólucro e conscientemente descer até à matéria. E pouco a pouco que descêsseis, vivereis como este habitáculo é pesado e apertado. Quando chegais ao plano astral para vos transmitir, acontece muitas vezes que a transmissão

coxeia muitas vezes. Em contrapartida, podeis aí funcionar como ajudantes até ao plano astral e muitos o fazem.

Pode dizer-se que vos pondes uma frequência inferior e podeis descer ao plano astral e ajudar as crianças humanas que aí se encontram em baixo. Assim podeis receber um desejo convosco e este é um desejo de ajudar! É o desejo de amor e é também o desejo fundamental na criança humana. É o desejo de amor que desce do sistema mental e desce aos inferiores astrais como ajudante e guia neste caminho. Muito bem.

Encontrais-vos aqui neste plano mental e aí descobrireis, talvez para vosso espanto, que o pensamento e o desejo estão fortemente ligados um ao outro. O desejo não pode existir sem o vosso pensamento mental e igualmente o vosso pensamento não pode existir sem o desejo. Ambos se apoiam e ambos foram criados por este espaço de vida físico, pela impressão e pelo mundo sensorial que vivestes dentro deste espaço de vida. Quando vos libertais do pensamento subjetivo inferior, nomeadamente o pensamento do ego, vivereis pouco a pouco que surge de certa forma uma luta entre o mental subjetivo e o mental abstrato, porque o subjetivo mental quer ainda moldar o ego, nomeadamente o eu no organismo. O pensamento subjetivo não quer largar o eu, não quer soltar. O pensamento abstrato tenta fazer o pensamento subjetivo compreender que

340 é apenas uma ilusão, uma criação criadora dos organismos anteriores e não tem justificação de existência em si mesmo. O subjetivo parte apenas do eu na forma, enquanto o abstrato é mais direto, porque o abstrato leva-o para um campo mais amplo.

O abstrato não tem identidade do eu. Tem-na? Não. Não podeis pensar ou transmitir o pensamento abstrato com o vosso organismo. Torna-se uma imitação. Mas não podeis transmiti-lo a outra criança humana senão através de uma imagem mental. Esta imagem mental tem de vir do próprio pensamento abstrato e não ser reformada subjetivamente. Porque se a reformardes, reformaste-la através do vosso mundo sensorial e este mundo sensorial é, pois, um processo de impressão para um certo padrão. Assim surge uma luta entre o mental

subjetivo e o mental abstrato, mas pouco a pouco sois tomados por um anseio de vos libertar da consciência do eu.

Surge uma atração muito forte do mental abstrato para, pode dizer-se, a parte da matéria em que o Cavaleiro se encontra. Este anseio de libertação surge e libertais-vos também do plano mental subjetivo. Crescestes para dentro. Agora o vosso Cavaleiro vem cada vez mais à luz do dia. O vosso Cavaleiro que é a vossa verdadeira identidade, o vosso verdadeiro eu. Assim vos encontrais aí no plano mental abstrato, o plano do pensamento, pois, com o habitáculo mental abstrato e com o Cavaleiro.

Notai bem. Do mesmo modo que o desejo, o astral, no vosso organismo mantém o vosso pensamento, o mental, também aqui descobrireis que quando o astral, pois o desejo, largou, o mental passará por si mesmo. O plano mental é algo que atravessais bastante rapidamente porque aí nada existe que vos possa ancorar para baixo. Pode dizer-se que é uma purificação do pensamento e depois passais para um processo puro. A identidade do eu no habitáculo desaparece cada vez mais. Perdeis assim a identidade do eu e sois. Quando largais o eu, viveis com todo o vosso interior visionário, nomeadamente a capacidade abstrata que cada criança humana tem dentro de si, mas raramente usa. Assim, daí, do mental superior, pode dizer-se que é o plano causal inferior.

Libertais-vos do mental subjetivo, do pensamento concreto, e caminhais adiante sobre esta fronteira para o mental abstrato e só então vos libertastes de toda a forma de matéria no organismo físico. Pode então dizer-se que é como uma transformação de gelo para água e de água para vapor. Pode então comparar o gelo ao organismo humano, a manifestação física, a água ao astral e o vapor ao mental. Assim, pouco a pouco, vence, pois, o mental abstrato. Alguns dizem que o superplano mental, o mental abstrato, é o plano causal, o plano do estado, enquanto queremos defender isto: o mental abstrato, o Eu e o super-eu é o plano causal.

### O Plano causal

Deixastes o habitáculo físico de volta ao planeta. Do mesmo modo devolvêsteis o habitáculo astral como empréstimo. Passastes pelo plano mental e igualmente deixastes o habitáculo mental de volta. Mas algo aconteceu. Como disse, crescestes para dentro. O Cavaleiro, o vosso verdadeiro eu, veio cada vez mais à luz do dia, resplandecente no seu brilho. Passou pelo plano mental, libertando-vos, pois, do pensamento e do desejo. Onde vos encontrais? No plano causal do estado e, pois, livres do pensamento e do desejo. Este é o plano causal. Chamais-lhe plano do estado, onde deixais a última ancoragem à matéria. Aí o Cavaleiro está puro. Então libertastes-vos do físico, do etérico, do astral e do mental subjetivo. Tudo isso regressou ao planeta porque lhe pertence, à sua massa. As três sedes do Cavaleiro são, pois: mental abstrato, o Eu e o super-eu, ou super-ego. A isso chamamos o átomo-semente trino. Quando, pois, deixastes o físico, o etérico, o mental subjetivo e o plano mental abstrato, encontrais-vos no plano causal. É livre do pensamento e do desejo e o Cavaleiro pode olhar sobre a vossa encarnação.

Queremos afirmar que tudo isto: o mental abstrato, o Eu e o super-eu é o plano causal. Entendeis-me? Se virmos, por exemplo, os sistemas de chakras, não viveis os sistemas de chakras da mesma forma quando alcançais, por exemplo, o invólucro mental. Tendes a ancoragem no organismo físico, mas quando deixais o organismo físico tendes ancoragem no astral e no mental. Estais comigo? Quando pouco a pouco vos refinastes, o chakra sexual, o chakra base, o chakra da garganta e o chakra da coroa soltam-se. Os que continuam ativos são o chakra do coração, o vosso plexo solar e o vosso chakra frontal. Mas pouco a pouco também o invólucro mental regressa e ele está livre. Sois puros e então não sois de forma alguma um corpo ou um organismo; antes, sois o mental abstrato, sois o Eu e sois o super-eu. E isto é o Cavaleiro personificado, porque agora entrastes novamente no seu sistema!

O Cavaleiro olha sobre: «Estive encarnado aqui e ali e recolhi esta e aquela imagem de experiência do que semeei e colhi em encarnações anteriores. Durante este período de encarnação semeei agora para o vindouro. Devo agora encarnar-me para baixo aqui ou ali em relação aos padrões magnéticos terrestres para obter as condições necessárias para

uma forma de experiência vindoura, onde viverei os efeitos do meu agir durante esta imagem de encarnação. E igualmente como consequência destas ações devo agora descer aqui ou ali.» Se aí houvesse alguma forma de pensamento ou desejo, nomeadamente o pensamento subjetivo ou o desejo, todos vós faríeis tudo para evitar uma encarnação que implique sofrimento, não é verdade? Naturalmente! Por isso no plano causal não tendes nem desejo nem pensamento subjetivo. Se a criança humana encarnasse na forma subjetiva, nem uma única criança humana encarnaria para baixo neste plano de inércia no que chamais sofrimento.

Mas o Cavaleiro está puro e o sofrimento, como o percebeis, é amor na base. O Cavaleiro vê o amor e o pensamento de amor como eterno e não está afetado nem pelo pensamento nem pelo desejo. O Cavaleiro encarna para baixo num novo feto e ativa os movimentos fetais. Uma nova cavalgada começa. Uma encarnação teve lugar. Queridos filhos! Também vós passastes por isso. Assim entrastes novamente nesta arena e o círculo está fechado, mas constantemente, constantemente subindo nos degraus. Uma nova cavalgada começa, onde o Cavaleiro volta a sentar-se no lótus do coração e recolhe as rédeas dos sentidos na sua mão e esporeia o plexo solar.

Uma nova cavalgada está novamente em marcha e haveis novamente passado por aquilo a que chamais um nascimento. Novos pais biológicos recebem-vos e começam uma impressão através dos sentidos e bastante depressa estais novamente presos nisso, na doutrina dos sentidos. Alguém vos dá uma descrição do mundo. Adotam-na pouco a pouco como uma realidade e fechais novamente a concha. O que queremos é isto: que abrais esta concha, que vivais esta existência plenamente. Que vejais a natureza irreal da existência e a vejais como realmente é. Que tudo são seres luminosos. Tudo é vida! Tudo está impregnado de vida, de espírito, mas a criança humana muitas vezes prende-se à sua própria forma e ao seu próprio cercado.

O plano causal é um estado difícil de descrever, mas neste estado estais livres do pensamento e livres do desejo. Agora aconteceu isto: o corpo, o habitáculo físico, haveis passado, pode dizer-se de morte em

morte, apenas mudado de frequência quando vos libertastes da impressão e do desejo.

O plano causal não o podemos colocar em lado nenhum. Não podemos dizer que aí estamos em relação ao plano mental; antes, o plano causal é um plano de estado superior que está fora. Aí não tendes habitáculo, aí estais livres do pensamento e do desejo. Neste estado o Cavaleiro olha, pois, sobre onde agora deve encarnar-se em harmonia com o desenvolvimento do planeta, neste ou naquele habitáculo e assim inserir estas e aquelas imagens de informação. Assim foi semeado algo que o Cavaleiro pode colher durante o período de encarnação vindouro. Durante o período de encarnação anterior foi semeado algo que agora tendes de colher. O Cavaleiro tem acesso ao fluxo do tempo e pode também ver como este novo feto deve agora encaixar neste período de desenvolvimento. O Cavaleiro encarna então para baixo num novo feto e agora os movimentos fetais começaram.

Já dissemos antes que o plano causal é um plano de estado e não alguma forma de corpo, por exemplo, nenhuma forma de consciência como na forma do eu; antes, aí sois o Cavaleiro personificado. Quando as crianças humanas falam de «Eu sou», isso é correto. Mas se a criança humana falar de «Eu sou» e se referir ao seu organismo, está errado. Porque a criança humana não é nada na base. Sois uma ilusão, uma miragem. Por mais paradoxal que seja, porque fostes criados para um propósito: sois portadores do Cavaleiro. E o Cavaleiro é o vosso eu, o vosso eu mais interior, o vosso ego interior. Entendeis-me? E quando o plano causal é, pois, um plano de estado, o Cavaleiro vive-se plenamente num ser.

Quando falamos, por exemplo, do mundo sensorial, falamos da vida, falamos do processo da morte, as crianças humanas confundem-se. Digo-vos: tentai esquecer o vosso eu exterior por algum segundo às vezes! Amados filhos, sei que é difícil! Há um oceano de onde tirar e apenas arranhámos um pouco, muito pouco, a superfície. Tendes algumas perguntas?

### DESLOCAMENTO ASTRAL

– Como se desloca astralmente?

– Pode dizer-se que neste plano de inércia vos encontrais aqui e deveis deslocar-vos para ali. Encontrais-vos no habitáculo físico. Antes de vos deslocardes para aqui, já criastes dentro de vós uma imagem mental do destino final, de onde ides chegar, não é verdade? Pode então dizer-se que já aqui na vossa cabeça tendes uma imagem de onde ides. Pode também dizer-se que vos deslocais com o pensamento, mas pertenceis a um espectro de frequência tal que estais presos à matéria. O habitáculo pertence a esta parte — pode dizer-se o próprio planeta — e deslocais-vos no planeta. Pode perguntar-se quem se desloca para quê. Pertenceis ao planeta e dizeis: «Desloco-me para ali», mas pode igualmente ser isto que se desloca para vós! Deslocais-vos apenas em relação ao que tendes no vosso entorno, mas já estais aí no vosso pensamento; assim o pensamento vai mais rápido do que o organismo.

Se agora, por exemplo, quisésseis deslocar-vos para algum planeta fora desta Via Láctea, por exemplo, não seria possível. Não podeis deslocar-vos com o pensamento, porque não tendes quadro de referência. Não sabeis o que vos espera aí. Pode então dizer-se que vos deslocaríeis às cegas, não é verdade? Digamos que temos agora este planeta com diferentes continentes. Encontrais-vos aqui e nunca estivestes lá, por exemplo. Mas mesmo assim haveis de deslocar-vos para lá. Como sabeis que esse lugar existe? Como sabeis que é possível? Alguém vo-lo descreveu e por isso tendes também um quadro de referência. O que se passa do lado astral? Imaginai que vos encontrais aí. Deveis ir daqui para ali, mas agora acontece isto: continuais com quadro de referência e agora fixais-vos no pensamento e, ao fixar-vos no pensamento, também o habitáculo se encontra aí e estais aí nesse instante!

### Suicídio

– Será o suicídio um crime?

– Não, de forma alguma! Podeis ter assumido uma encarnação que é dura, que é muito, muito forte, de modo que no vosso mundo sensorial e relação exterior não aguentais. Assim intervindes e abreviais o que julgais

ser sofrimento. Isso não é crime em si mesmo. O único que acontece é que no vosso mundo sensorial vós próprios julgais que isto é um crime em relação à religião que condena este ato. Então encarai-lo como um crime em relação à imagem religiosa, que quem tira a própria vida ou se mata não chega ao reino de Deus. Muitas vezes estais tão impressos pela religião que assumis a imagem do Geena ardente. Punis-vos a vós próprios pela vossa ação no mundo astral. O suicídio em si mesmo não vos é imposto como imagem cármica na encarnação vindoura. Apenas o levais para a próxima encarnação. Não há ninguém que vos julgue se tirardes a própria vida. Quem vos julga sois vós próprios, porque continuais com o princípio de base que diz que não se deve tirar a própria vida.

Alguém diz que se deveria receber um karma forte por isso. Porquê? Quem assim tira a própria vida esteve antes numa forte angústia interior e tensão. O Cavaleiro talvez tenha assumido tal karma e o organismo depois não o aguentou, assim tira a própria vida, porque o mundo exterior é demasiado duro. Não o compreendem e o mundo exterior não os compreende. Assim dizem que devem ser condenados. Quem deve ser julgador? Julgam-se a si próprios.

Assim, antigamente não podiam ser sepultados em terra sagrada, como lhe chamais, não é verdade? Amados filhos. Este planeta é sagrado em si mesmo! Qual sumo-sacerdote pode dizer: «Isto é terra sagrada, isto não é terra sagrada»? Pertenceis ao planeta independentemente de tudo!

Amados filhos. Nada acontece a alguém que assim procede, mas também não vos liberta desta imagem de encarnação. Se alguém tira a própria vida, o não resolvido regressa numa encarnação futura. Por isso se deve ficar e resolver os conflitos, mas muitas vezes o mundo sensorial é tão duro que não se consegue aguentar. Os sentidos, amados filhos, os sentidos prendem-vos tão fortemente à matéria. Os sentidos prendem-vos por amor, no amor dos sentidos. Não existe uma única criança humana que não se angustie com algo.

Angustiais-vos, por exemplo, com a forma do habitáculo, o trabalho, a vossa descendência. Amados filhos. Temeis a guerra, que o céu vos caia

na cabeça, por exemplo. Dizei-me: existe uma única criança humana que não tema nada? Existe? Nenhuma! Mas porque temem? Porque os seus sentidos os prendem tão fortemente à matéria. Se apenas conseguísseis atravessar a natureza irreal desta existência e viver que tudo isto criastes vós próprios com o vosso pensamento! Não existe mal em si mesmo; tudo haveis feito, haveis criado. Pode dizer-se deste modo: o ser existe, mas igualmente o não-ser existe.

### O CORPO APÓS A MORTE

– O que fazer com o corpo após a morte?

Fazeis a vossa entrada neste plano de vida. Tendes, pois, corpos de desejo e de pensamento e o habitáculo físico. Quando fazeis a vossa saída pela porta da morte, deixais o habitáculo físico ao planeta. Quando fazeis a vossa saída deste plano, podeis — dependendo de um estado de doença ou se a transição foi repentina — a criança humana com o seu corpo de pensamento e de desejo agarrar-se ao habitáculo vez após vez durante três dias depois disso, dependendo da forma como o processo da morte ocorreu.

Alguém perguntou em ocasião anterior sobre a cremação. Se se diz que isso seria uma escolha negativa, quero afirmar que não é o é. Na decomposição leva muito tempo até o habitáculo regressar ao planeta. Então acontece também que estas crianças humanas que passaram para o outro lado voltam a sentir atração pelo seu corpo físico. A atração pode permanecer durante mais ou menos tempo se contardes em anos cronológicos. Quem, pois, incinera este habitáculo pode dizer-se que cortou a última ancoragem ao corpo. Então é um processo de limpeza, porque não há forma de regressar a ele.

Muito bem. Gostaria de afirmar que se fordes autopsiados — entendeis que alguém vos corta e examina que imagem de doença tivestes —, isso só pode acontecer se já tiverem passado três dias. Entendeis-me? O mesmo vale para a cremação: que tenham passado três dias antes. E isto de oferecer o vosso corpo, pô-lo à disposição da ciência... Amados filhos, não o possuís; tende-lo apenas como

empréstimo! Mas ninguém deve usá-lo antes de terem passado três dias, porque a libertação do habitáculo pode tomar esta forma.

Agora é repetição! Já falámos antes do setenário do ser humano. Tendes um éter vital. Tendes o corpo astral, tendes o corpo mental. Assim, este éter vital está ligado ao habitáculo físico. O astral atravessa tanto o éter vital como o físico. Do mesmo modo que o mental penetra no astral e em parte no físico. Entendeis-me? Quando vos libertais do habitáculo, tendes também os vossos sete chakras principais. Tendes o chakra da coroa, o chakra frontal, o chakra da garganta, o chakra do coração, o plexo solar, o chakra sexual e o chakra base. Assim, o Cavaleiro está encarnado no lótus do coração, no vosso chakra do sentimento e igualmente no vosso chakra frontal. Quando vos libertais no processo da morte, libertais-vos do chakra do sentimento.

Pode dizer-se que subis através do vosso organismo via chakra da garganta, o vosso chakra frontal e fazeis a vossa saída pelo vosso chakra da coroa. Depois disso existis agora numa nova criação, um habitáculo, talvez ainda mais alegre ou mais leve, mas apenas em sentido astral e mental. Mas o habitáculo astral continua a ter uma relação muito próxima com o corpo físico e é afetado pela sua frequência. Continua a ter uma atração. Entendeis-me? O habitáculo astral tem uma atração pelo habitáculo físico. Leva certo tempo até largar, nomeadamente até que o éter vital, o próprio organismo, se tenha deitado a repousar, de modo que o éter vital tenha descido para dentro de si mesmo. Podeis ver isso numa criança humana que passou para o outro lado. O organismo continua a funcionar em parte. O crescimento do cabelo não para, não é verdade? As unhas crescem, a barba cresce, por exemplo, e isso porque o corpo ainda tem uma parte da sua energia vital dentro de si. Na cremação cortais isso.

Na cremação destruístes, pois, os tecidos celulares e esta força de atração já não tem o mesmo grau de efeito. O melhor modo de se libertar é pela cremação. Se, em contrapartida, vos puserdes num sarcófago e aí regressardes ao planeta por decomposição, pode muitas vezes haver quem esteja tão fortemente preso à matéria que não a larga. Entendeis-me? Se, pelo contrário, o organismo desapareceu, não há nada que possa

fixar o habitáculo astral à matéria. O seu anterior organismo desapareceu então.

Temos de olhar para os microrganismos; pertencem a uma esfera de vida própria. Este organismo — refiro-me então ao habitáculo — tem significado para estes microrganismos do mesmo modo que este planeta tem significado para vós. Entendeis-me aí? Encontrais-vos na sua superfície e é o planeta que vos alimenta. O vosso corpo é o "planeta" dos microrganismos e é este corpo que os alimenta, que lhes dá sustento. Pode dizer-se que esta é a sua tarefa de vida. Na decomposição, o que acontece então? Estes microrganismos continuam aí. Leva mais tempo até o organismo se decompor e o que acontece então?

Muito bem, os microrganismos vão ao encontro do mesmo destino que pela cremação. Mas pela cremação é, pois, mais humano em si mesmo. Notai bem que os microrganismos em si mesmos muitas vezes não são prejudicados pela queima. Estão, pois recetivos ao calor ou afastaram-se ou, por sua vez, passaram novamente por um novo estádio, tal como também a criança humana está num novo estado. Mas após estes três dias, quando uma criança humana é cremada, também uma grande parte dos seus microrganismos é queimada. Devem passar três dias antes da cremação.

### TRANSPLANTES DE CORAÇÃO

– Podes falar algo sobre transplantes de coração, uma vez que o Cavaleiro está encarnado no lótus do coração?

– Digo que isto é uma abominação e não deveria acontecer! Não é nada novo em si mesmo novo; já existiu em eras anteriores. Assim temos este organismo. Aí temos o coração, por exemplo, com o Cavaleiro encarnado. Tem também a sua ancoragem no vosso plexo solar e igualmente no vosso chakra frontal. Num transplante, quando removemos órgãos e inserimos um estranho, o que acontece? E o que aconteceu com quem agora passou pelo que chamais transplante? O organismo em si mesmo rejeita o novo órgão, mas às vezes pode aceitá-lo. Surgem alterações de personalidade, cisões de personalidade e muitas vezes a pessoa torna-se completamente oposta ao seu ser anterior. Talvez

de ter sido amada e amorosa para com o ser humano, torna-se agora agressiva, odienta, excitável. Isto porque o seu habitáculo já não está em conformidade de frequência com esta imagem de encarnação que a criança humana, ao brincar aos deuses dentro de si mesma, tenta implantar. Isto é uma abominação! O organismo da criança humana não deve ser manipulado deste modo. É um empréstimo.

– O transplante aplica-se a todos os órgãos internos? Pode-se salvar a vida de uma pessoa dando-lhe um rim, por exemplo.

– Muito bem, mas notai bem: o que vale num transplante de órgãos é se algum tipo de chakra está ligado a ele.

– É decisivo para saber se é abominação ou não?

– Muito bem, assim se vê a questão.

### Aborto

– O que acontece ao Cavaleiro no aborto? Para onde vai o Cavaleiro?

– Notai bem que antes dos quatro meses de idade, antes dos movimentos fetais, o feto é apenas um processo de divisão celular, nada mais. O Eu influencia este processo, mas ainda nada está encarnado. Mas depois de os movimentos fetais terem começado, tal intervenção não deve ser feita. Antes disso não tem importância. O Eu regressa.

Imaginemos agora que o Cavaleiro prepara uma encarnação. O lugar foi escolhido e, pois, é adequado. O Eu desce na primeira divisão celular e influencia o organismo. O Cavaleiro desce aproximadamente ao quarto mês e toma posse. Depois, após um período de tempo, após o processo do nascimento, acontece por vezes que a mãe perde o seu filho. Então perguntamo-nos: porque encarnou aí alguém para tão cedo ser retirado desta existência? Isso pode pertencer ao karma da mãe, para que ela aprendesse algo que lhe deveria ser acrescentado de uma imagem de encarnação anterior.

Do mesmo modo que o Eu desce e influencia o organismo, mas antes do momento da encarnação surge o que chamais um aborto. Alguém remove este feto e, pois, dizeis então que essa oportunidade

nunca mais regressa àquela família, por exemplo. Muito bem, há várias. O Cavaleiro não depende da família deste modo, apenas das experiências. O Cavaleiro não pode dividir e dizer: «Este pertence a fulano ou a sicrano.» Quando vos encontrais no plano astral reconhecereis, devido a experiências anteriores, uma existência anterior; reconhecereis imagens aparentes que vos foram próximas durante essas encarnações. Entendeis-me? Crianças humanas que passaram para o outro lado. Crianças humanas que agora talvez reconheçais de encarnações anteriores. Tendes filhos, talvez. Na próxima encarnação um filho pode ser vosso pai. Uma filha pode ser vossa mãe, por exemplo.

Em suma, quando as crianças humanas desceram, encarnaram para baixo, surge uma comunhão. Um sentimento de grupo através do mundo sensorial. Chamais-lhe famílias, por exemplo, e isto é natural: durante uma longa sucessão de encarnações seguem juntas. Pouco a pouco se separam, porque se acrescenta constantemente, constantemente nova descendência. Podemos dizer que esta é uma família de base. Aí há dois que encarnaram para baixo nesta família de base. Estes, por sua vez, obtêm um parceiro. Estes, por sua vez, obtêm novos filhos. Esta — podemos chamar-lhe célula-mãe — tem, pois, uma relação muito forte com os seus filhos. Ela passa para o outro lado e os seus filhos passam para o outro lado. Ela recebe-os, porque está aí e vive-se no organismo como físico no plano astral. Estes filhos, por sua vez, tiveram filhos que, por sua vez, tiveram filhos… entendeis-me?

A estes talvez ela não tenha a mesma relação. São estranhos para ela. Quando, pois, passam para o organismo, separa-se assim esta ligação, esta coesão. Apenas o Cavaleiro está puro e não vive, pode dizer-se, este estado como vós viveis com o sentimento. As tonalidades sentimentais uns para os outros dependem dos vossos sentidos.

### MANTER A VIDA

Vivemos mais tempo e às vezes desaparecem tanto o espírito como a memória… como podemos ajudá-los?

Escutai! Há muitos tipos diferentes de imagem cármica. Muitas vezes podemos perguntar-nos: «O que é vida?» Quando vedes este

Instrumento dizeis: «Este Instrumento vive.» Tem etiquetas, um nome, uma escolha profissional e deve ter uma consciência que chamais isto e aquilo. Imaginai agora que este Instrumento, por alguma causa cármica ou por uma causa cármica criadora, sofra o que chamais um acidente e fique deitado na cama sem consciência. Ou podemos ir ainda mais longe, até às vossas clínicas onde são chamados cerebralmente mortos, onde com preparações químicas mantendes a vida no organismo. É uma vida consciente? Imaginemos agora que este é uma criança humana com Cavaleiro encarnado.

Assim acontece o que chamais morte clínica, onde não há movimentos reflexos nem ondas reflexas no padrão magnético do vosso cérebro. Continua o Cavaleiro encarnado? Nos vossos hospitais há muitas crianças humanas em que o Cavaleiro já deixou o organismo, mas onde com todos os meios mantendes a vida no organismo. A isso chamo abominação. Na sequência normal, quando o organismo, pois, regressa aos seus componentes, nomeadamente o planeta, tendes de lembrar que estais rodeados pelo campo de força etérico, o fluido etérico, o habitáculo astral e o mental. O etérico atravessa o físico, o astral e o mental subjetivo mental. Pode dizer-se que é a cola etérica entre os corpos. Enquanto mantiverdes a vida por via artificial, nunca o astral e o mental subjetivo se libertam do organismo. Podeis, pois, impedir este organismo durante um período mais longo. Entendeis-me?

### QUANDO PASSAIS PARA O OUTRO LADO

– Quando se morre e não se está consciente de para onde se vai e não se preparou, o que acontece então?

– Amados filhos, acordais como que do vosso torpor. Encontrais-vos noutra existência onde aqueles que passaram antes, que talvez vos foram próximos, se encontram ao vosso lado. Sois recebidos. Muitas crianças humanas que estão presas à matéria, por exemplo por acidentes — chamais-lhe assim —, estão mutiladas. Estais presos à cama, por exemplo. Nesta existência adormeceis, por exemplo, sem estar consciente da transição. Então acontece também acontece que estão tão presos ao seu defeito que não conseguem largá-lo com o pensamento; antes, do lado

astral pode continuar um longo período até se terem libertado do seu pensamento sobre o seu defeito. A recuperação deste lado, do lado astral, pode ser lenta. Se tendes pensamento de que tendes um problema com o andar, por exemplo, ainda o tendes aí. Quando um dia passardes para o lado astral, não tendes problemas com o andar! Assim, amados filhos, lembrai-vos disto quando um dia passardes: estais inteiros, nada vos falta.

– Pode-se ajudar quem ficou preso do lado astral?

Notai bem que do lado astral não sois conscientes do tempo segundo os vossos padrões. Pouco a pouco, à medida que a matéria, a frequência, se eleva, cessa esta consciência de minutos, horas, dias e anos. Há crianças humanas que caminharam no plano de vida físico e, após dois, três, quatro, quinhentos anos, ainda caminham nos subplanos astrais e igualmente muitas vezes têm dificuldade em compreender que deixaram a existência física e vivem-no como o seu reino dos céus. Entendeis-me? Podeis falar-lhes. Rezai por eles, por exemplo. Explicai-lhes, sentai-vos e falai: «Foi assim que aprendi. Escuta-me um pouco.» Tende paciência. Rezai ao seu guia para que o ajude na caminhada. Os vossos pensamentos significam muito para o falecido, porque ele recebe-os de forma diferente do que imaginais.

Também disse deste modo: não prendais os falecidos junto de vós! Há uma diferença essencial. Preocupais-vos com eles por amor e quereis que se elevem. Não os prendais por amor egoísta ao vosso lado, pela falta, pelo egoísmo dos sentidos, para que digais, por exemplo: «Porque partiu ele ou ela? Tinha-a tão querida. Deveria estar ao meu lado.» A vossa dor prende-os então junto de vós. Quando tentais libertá-los por amor, é uma diferença essencial porque então não os prendeis. Quando os prendeis por falta, pela dor, pelo amor egoísta mal dirigido... isso não deve acontecer.

Mas mesmo assim acontece diariamente e a cada instante, porque as crianças humanas não compreendem que quando a lagarta se transformou em crisálida, daí sai uma borboleta! Do mesmo modo é com a criança humana. Estão no estádio de lagarta e transformam-se em crisálida e desta vida sai uma forma mais bela do que éreis na anterior!

Caminhais constantemente nesta escala. De claridade em claridade. De amor em amor. Rezai por eles com amor pela sua recém-conquistada liberdade por terem deixado este ciclo de vida!

Quando descobrimos, por exemplo, que a casa não é realmente estável no plano astral, não ficamos assustados?

– Queridos filhos. Quando passais para o plano astral, não vos viveis como um ser. Viveis-vos como sois neste plano. Continuais com os vossos sentidos e continuais com os vossos corpos de desejo e de pensamento. O que vos falta é apenas o habitáculo físico. Quando depois descobris que vos encontrais numa ilusão, ficais naturalmente assustados. Muito bem. Mas acreditai-me. Aqui há ajudantes. Aqui há guias em todos estes planos. Podemos dizer como espíritos que descem como espíritos servidores para cuidar destes desgraçados. Mas vós próprios haveis primeiro de vos tornar conscientes de que isto é uma ilusão, porque se não viverdes a ilusão não vivereis os ajudantes e estes guias.

Amados filhos, quem, pois, caminha para os planos astrais inferiores viveria aí coisas tais que vos assustariam. Mas quem tem o coração puro e passa para o outro lado e procura as coisas superiores, procura a compreensão, procura Deus Todo-Poderoso, encontra aqueles que o ajudam a encontrar-se a si mesmo. Assim é e então encontram também o seu Deus. A criança humana tem uma imagem errada do que chama busca espiritual. A busca espiritual é algo tão simples, mas as crianças humanas querem tanto misturar o misticismo na busca espiritual e mística não existe, porque tudo é apenas uma criação com o vosso pensamento!

Deixai-me continuar um pouco. Se durante este espaço de vida físico vos tornardes conscientes da falsidade dos sentidos, de que eles vos fornecem constantemente informações erradas sobre o vosso mundo exterior e assim desgastais os desejos e desgastais as projeções mentais de fora, do vosso mundo exterior, então atravessareis o mundo sensorial e, pois, este plano astral. Queridos filhos. Não ides então para os planos inferiores. Talvez apenas para a parte superior desta escada do plano do desejo.

Muitas vezes, quando passais deste plano de vida para outro, se, pois, o processo da morte for correto, notareis antes da fase final que os vossos sentidos se afastam. Pode dizer-se que a capacidade intuitiva do organismo e a visão interior se refinam. Viveis a parte astral à vossa volta. De repente vedes os queridos que passaram antes de vós e sois recebidos por eles. Talvez vejais o vosso guia. O processo da morte é diferente em todas as pessoas. Mas quando passais, notai bem, o que sentis falta? Os que ficaram! Um organismo que regressou! Os vossos sentidos sentem falta de algo que antes vos era querido.

Independentemente de como passardes, encontrais o vosso guia e aqueles que partiram antes de vós, os vossos queridos. Tentam ajudar-vos e guiar-vos para que cada um, segundo as suas necessidades, crie o que deseja e esteja onde quer estar. Na casa do Senhor há muitas moradas.

Quando vos encontrais nesta matéria física, encontrais-vos no mundo de Maya. No véu de Maya. Tendes como que escamas diante dos olhos e não vedes a realidade. Maya é maravilhosa: quando tentais obter a clarividência, ela engrossa; mas quando não vos importais com ela, então pode abrir-se. Então talvez a clarividência se abra mais quando deixardes de correr atrás dela e vos acalmardes um pouco. É uma lei cósmica que quem está muito preso à matéria pode ter grande dificuldade em libertar-se dela mesmo do lado astral. Tem de haver um processo de libertação da matéria. Pode dizer-se que vos purificais interiormente. A experiência do tempo não é a mesma que na vossa existência física. O que talvez vivais aí como dois anos pode ser vivido deste lado como dez anos.

Quem está preso à matéria, fortemente ancorado nos seus desejos, nas suas ações, não pode subir aos mundos astrais superiores, porque está demasiado preso ao seu corpo astral. Mas pouco a pouco que se purifica, purifica-se também na sua frequência e pode dizer-se que sobe de claridade em claridade. Os vossos sentidos atenuam-se cada vez mais. Talvez de repente aí em cima reconheçais crianças humanas que estiveram no vosso entorno. Continuais do lado astral. De repente reconheceis uma criança humana aí, mas reconheceis a imagem por trás,

alguém com quem estivestes numa encarnação anterior, mas não neste corpo, noutro corpo.

Muito bem. Pouco a pouco vos purificais, libertais-vos da ilusão, da miragem. É um processo de purificação e o processo de purificação continua para dentro. Pode então dizer-se que o vosso eu interior, a vossa verdadeira identidade, vem cada vez mais à luz do dia, nomeadamente o Cavaleiro.

### Encarnação e carma

### A encarnação e o Cavaleiro

Passais pela vossa vida e deslocais-vos no espaço de vida. Passais pela vossa meia-idade e aproximais-vos da porta oposta. Agora começa a acontecer-vos algo. As crianças humanas começam a evitar-vos, porque vos aproximais de algo desconhecido e inexplicável. Caminhais, nomeadamente, para o processo da morte, onde, pois, passais por algo tão natural e consequente como o nascimento. Segundo as sensações do habitáculo, o processo da morte é mais simples na transição do que o processo do nascimento. Do processo do nascimento tendes apenas uma consciência na vossa sede subconsciente, que veremos pouco a pouco. Pouco a pouco fazeis a vossa saída. Então aconteceu algo, nomeadamente que neste espaço de vida deixais o vosso habitáculo. Como é então possível que o habitáculo, o vosso corpo, o instrumento de que vos servistes para vos transmitir a este mundo exterior, fique aí?

Pergunta-se: «Para onde foi ele ou ela?» Ninguém se pergunta: «Onde esteve ele ou ela antes desta encarnação na matéria.» Alguém diz que esteve noutra linha de encarnação. Muito bem! Mas o que esteve noutra encarnação? O habitáculo, com os seus estádios de consciência? Dificilmente! Mas a essência interior esteve em encarnações anteriores. Aí temos novamente o vaso e o conteúdo, que é o mesmo, mas o vaso muda de forma. Assim, alguém talvez pergunte: «Então nunca estive encarnado?»

Quero afirmar isto, nesse caso: se identificardes o eu com o habitáculo, com o corpo, então nunca estivestes encarnados e nunca o

estareis. Mas sede conscientes de que dentro de vós tendes uma essência interior que é o eu interior, mas de que na vossa consciência não estais conscientes; então este eu interior encarnou encarnação após encarnação, absorvendo experiências e imagens de experiência, mas não em compromisso com o habitáculo, mas como um observador.

Nesta criança humana, que é um espectador da vida, existe algo que absorve experiências da vida. Algo absorve essas experiências: muito bem, este ego interior que está encarnado, que é o teu verdadeiro eu, a tua verdadeira identidade. Mas enquanto falardes do eu em forma subjetiva, não falais da vossa identidade como eu entendo, porque a vossa verdadeira identidade está encarnada e não tem nome. Entendeis-me aí? Não podeis pegá-la e dizer: «Aqui está.» Cada criança humana tem um Cavaleiro. Encontra-se aqui durante um curto período em miséria e pobreza. Passa novamente para o outro lado.

O Cavaleiro tem um caminho de desenvolvimento. Um caminho de encarnação em que caminhou desde a criação deste planeta, da forma plástica à forma gasosa, à forma orgânica. Caminhou através dos reinos vegetal e animal recolhendo experiências. Encontra-se depois encarnado no habitáculo, pela primeira vez na carne, cavalgando no lótus do coração. Assim, todos vós passastes por todos os estádios de desenvolvimento, mas quero afirmar que nenhum de vós jamais esteve encarnado enquanto falar do invólucro subjetivo, nomeadamente o vosso organismo, porque o organismo nunca pode nunca encarnar! É apenas o portador da função vital, nomeadamente o Cavaleiro que encarna.

O Cavaleiro não tem identidade. Não lhe podemos dar tamanho de forma alguma, porque é uma abstração que temos de aceitar e que não podemos tocar. Essa abstração encarna novamente num novo corpo e recebe uma nova identidade construída sobre a antiga e as anteriores. De todas as encarnações, a última é a síntese de todas as encarnações anteriores.

O Cavaleiro absorve imagens deste mundo sensorial e impressão. Recolhe experiências, mas sem sentimento, sem opinião. Quando vos encontrais no plano causal, ele vê: «Aqui semeei algo.» O Cavaleiro

esteve, pois, no habitáculo. Foi observador do mundo exterior, da impressão e do mundo sensorial. Vê aí que este e aquele ato criou uma relação. Tem de saber de que modo essa relação dá outra causa e que esfera de experiência essa causa produz. Assim, na próxima encarnação há uma esfera de experiência maior. Através do mundo sensorial, da impressão, absorve experiências. Mas agora começa a acontecer algo.

O habitáculo refina-se encarnação após encarnação e, quando subindo, notareis também que, pouco a pouco, à medida que subis em termos de desenvolvimento, surge um conflito cada vez maior. Cada vez que encarnado, o habitáculo não aceita nada fora do seu eu exterior. Pode, pois, dizer-se que se fecha e o Cavaleiro encontra-se apenas como observador. Entendeis-me? Mas continua a absorver imagens de experiência. Apenas na liberdade do plano causal pode ele superar, ter visão de conjunto e, pois, ver que isto e aquilo absorveu durante esta encarnação e isto e aquilo colheu do que foi semeado antes. «Para agora compreender os efeitos deste agir, devo agora encarnar-me aqui ou ali como observador disto.» Assim encarna novamente num novo vaso...

O Cavaleiro não tem forma de subjetividade. Não podeis aí falar de que o Cavaleiro é «fulano ou sicrano». O Cavaleiro não pode dizer «Estive encarnado aqui e ali.» Muitas crianças humanas dizem-no... Ouvi por acaso uma conversa. Um homem disse: «Sim, numa encarnação anterior encontrava-me aqui e ali. Era fulano ou sicrano.» Então ele parte do eu subjetivo e diz: «Estive encarnado aqui e ali.» Então quero afirmar que ele nunca esteve encarnado em lado nenhum e não está encarnado neste momento, porque o eu subjetivo apenas adere ao organismo.

Mas se olhardes aqui dentro, aí está o eu interior. Esse eu interior caminhou vez após vez, mas as formas de expressão exteriores através das quais se transmitiu sempre tiveram caráter diferente, mas absorveram experiências. A diferença é que o Cavaleiro, o ego interior, não tem nome, não tem consciência do eu, porque a consciência do eu existe apenas aí, no invólucro exterior. Entendeis-me? Então quero também... quero alertar contra isso, porque muitos se prendem às suas imagens de encarnação.

Quando uma criança nasce é totalmente pura. Não tem consciência. Nem sequer está consciente do tempo ou do sexo, do que é belo ou feio, certo ou errado; vive como num tapete infinito de totalidade. Não sabe o que é árvore, sol ou lua. É tudo e nada! É parte da totalidade infinita. Cada ser humano traz consigo uma personalidade de base que é a síntese de todas as experiências anteriores que o Cavaleiro recolheu em todas as encarnações anteriores. Muito bem, ao nascerdes sois o Cavaleiro encarnado. Já ao nascer estais impressos com a viragem de apresentação e o nascimento, mas sois puros. Viveis o mundo exterior na sua verdadeira natureza. Nada turva a visão.

Pode dizer-se que vedes a criação na sua totalidade, onde cada detalhe está ligado como uma consciência de Deus. Aí nada está separado do outro. Não há avaliações de forma alguma. Avaliações de tudo isso recebeis através da impressão e do vosso mundo sensorial. Infelizmente. Quando, pois, dizemos que o vosso mundo sensorial vos fornece constantemente informações erradas sobre o vosso mundo exterior, nada pode ser mais verdadeiro do que isso! Nada constrói a criança humana mais fortemente do que isso.

A criança que nasce é uma síntese de encarnações anteriores. Não tem consciência própria de encarnações anteriores, porque nunca esteve antes encarnada. A criança é apenas uma síntese que transporta experiências de encarnações anteriores, nomeadamente do deus interior, o Cavaleiro. O Cavaleiro encarnou para baixo neste corpo. Depositou o que se pode chamar um padrão para a encarnação vindoura: o que vai acontecer, que vai ocorrer durante a vida desta pequena criança humana, onde também recebe a sua parte de angústia, neuroses, coisas cármicas que lhe chegam, mas que o Cavaleiro num corpo anterior recolheu experiências. Agora o Cavaleiro numa nova encarnação tem de recolher experiências de ações anteriores.

### A LEI DO CARMA

O ser humano subjetivo nunca, jamais, encarna num corpo físico! Se vós encarnásseis — vejo a imagem diante de mim —, o que procuraríeis em primeiro lugar? Pois, pais ricos, bom clima, um corpo maravilhoso

perfeito adaptado ao meio em que ides encarnar. Ninguém encarnaria num sofrimento atroz e tentaria colher os frutos de uma sementeira anterior, ou seja, a lei do karma. Ninguém o faria! Ninguém aceitaria conscientemente um sofrimento; todos fugiriam dele.

A personalidade de base é a soma de todas as encarnações que o eu divino recolheu em encarnações anteriores. A isso chamo também o eu interior, o Cavaleiro, porque encarna para baixo e cavalga um corpo durante um período de encarnação para depois retirar-se e novamente descer corpo após corpo. É o Cavaleiro que carrega o karma. O ser humano não tem karma! Tem um karma de curto prazo, ou seja, sementeira e colheita durante a vossa vida atual, mas isso está nos invólucros exteriores. Do vosso agir atual também recebeis uma reação. No plano de longo prazo a que o karma pertence, é o Cavaleiro, o ego divino, que carrega o karma e também colhe e semeia para encarnações vindouras.

É sempre o karma que decide a próxima encarnação. Quando, pois, encarnais para baixo, é ainda o Eu que influencia o organismo desde o primeiro processo de divisão celular.

– Dizemos que há células sexuais X e Y…

Independentemente de se dizer que a criança humana tem a forma masculina, tem a forma feminina em repouso dentro de si. A mulher na forma tem a parte masculina em repouso, porque o homem tem hormonas femininas, do mesmo modo que a mulher tem hormonas masculinas. Assim, não é o Eu espiritual superior que influencia individualmente, mas uma combinação do Eu e do Cavaleiro trino. O vosso agir durante esta encarnação prepara a próxima e isso é decisivo também para a divisão sexual.

– Porque escolhe o Cavaleiro uma encarnação difícil como ser carrasco ou fazer coisas terríveis?

– Amados filhos, isto é algo que o ser humano nunca supera. Quando digo que o Cavaleiro escolhe — muito bem —, escolhe uma encarnação difícil, mas quem vive essa encarnação difícil é apenas o ser

humano na sua consciência. O Cavaleiro não a vive como difícil, porque apenas absorve experiências através de vós. Entendeis-me aí? Se se disser: «Porque têm as crianças humanas de sofrer? O que faz com que sofrais?» Muito bem. As crianças humanas dividem o tronco do amor com os sentidos. Olhemos para isto.

Alguém perguntou em certa ocasião: «Quem criou esta bomba atómica deve receber um karma muito forte?» Amados filhos, porquê? Porque deveria ter um karma forte? Todas as crianças humanas são cúmplices na sua criação, não é verdade? Pode alguém ficar de fora? Quando falamos de sofrimento e alguém pergunta: «Porque há tanto sofrimento neste planeta?» Pergunto: quem sofre? Pois, o ser humano sofre. Sois vós que sofreis através dos vossos sentidos, mas o Cavaleiro, o vosso ego interior, não sofre como a criança humana. Perguntamo-nos também: se o sofrimento existe — muito bem —, porque não se faz nada contra ele? Desenho aqui o vosso planeta. Este é um país, podemos chamar-lhe país desenvolvido. Aqui está algo que podeis chamar país subdesenvolvido. As crianças humanas encontram-se aí na sua miséria. Quase não têm nada com que cobrir o corpo e nada para comer. Então alguém diz: «É pena deles, façamos algo.» Muito bem. Ajudais um pouco. Imaginai que tendes grandes propriedades.

As vossas mesas transbordam de iguarias e estas crianças humanas vêm agora reclamar partilhar o que o planeta oferece ao vosso corpo. Então a maior parte das crianças humanas pegaria em armas e diria, pois: «Isto é meu e eu defendo-o!» Quem cria então o sofrimento senão o próprio ser humano? Recebi várias imagens. Por exemplo, o que vi, o que chamais nazismo e depois culpais uma criança humana por isso. Este homem não recebe karma mais forte pelo seu agir do que qualquer outra criança humana recebe! Isto pode ser difícil de compreender. Notai bem que é sempre o organismo e os vossos sentidos que avaliam o vosso agir, enquanto o ego interior apenas absorve experiências, porque o Cavaleiro, pois, semeou numa encarnação anterior e absorve a colheita nesta encarnação.

Veem uma injustiça e dizem: «Ele não o faz por amor.» Esta injustiça pode ter a sua raiz numa encarnação anterior. Tal como semeais, colhereis

e, pois, esta injustiça é um ato de amor a longo prazo. Falais de sofrimento e amor. O ódio e o sofrimento são algo que criais do mundo sensorial. Se não víssemos o amor mas apenas o seu oposto, não viveríamos o amor como amor. Se existisse apenas o sofrimento sem o oposto amor, não viveríeis o sofrimento como sofrimento. Quando surgem duas relações opostas no vosso mundo sensorial, avaliai-las no vosso mundo sensorial como o bem e o mal.

A antiga lei do karma traz sempre consigo a verdade: Tal como semeardes, assim colhereis. Quem, pois, durante a sua conduta de vida semeou sofrimento, colhe sofrimento. Quem semeia amor, colhe amor. Há muitas crianças humanas que se desviam do que chamais comportamento "normal"; talvez as razões estejam numa encarnação anterior. Depois dizeis também que alguém pode nascer com um defeito; aí também há karma da encarnação anterior. O que semeastes, haveis de colher independentemente de terdes nascido com dois dedos.

Imaginemos agora que temos uma encarnação anterior. Durante essa encarnação haveis, pois, também aí carregado um fardo adicional da vossa encarnação anterior: Tal como semeardes, assim colhereis. Causa e efeito. Dizemos que esta é a vossa viagem de vida. Este é o vosso nascimento. Aqui está o vaso do nascimento. Da encarnação anterior tendes, pois, um fardo. Realizastes ações, atos contra as crianças humanas à vossa volta.

Para saber as causas das vossas ações, os efeitos das vossas ações, vivereis os efeitos durante este período de encarnação. Tendes, por exemplo, durante a encarnação anterior estado num pedestal. Tivestes criados, governastes as massas ou os subordinados e com os vossos sentidos os atormentastes e lhes causastes sofrimento. Então a lei da causa e efeito, a lei do karma, diz que vivereis coisas semelhantes numa encarnação futura ou próxima para viver as experiências da causa e efeito que criastes.

Vemo-lo agora simbolicamente deste modo: numa encarnação estivestes cheios do desejo de dominar. Feristes as crianças humanas consciente e inconscientemente. Nesta encarnação recebeis uma

encarnação muito difícil. Vivei-la difícil com os vossos sentidos, enquanto o Cavaleiro apenas absorve experiências do vosso agir, do agir do organismo. Pode então perguntar-se: «Porque tem o Cavaleiro de viver sofrimento?» O Cavaleiro não vive sofrimento! A criança humana pôs um limite ao que é amor, ao que é sofrimento do mesmo modo que viveis amor e ódio.

Podeis, por exemplo, viver o amor muito fortemente, o amor físico. Este amor tem dois lados. Pode passar tão rapidamente para ódio, como lhe chamais, e isso mostra que este amor é tanto branco como preto. Tem as duas cores. Mas o Cavaleiro absorve experiências delas. Nada mais! O organismo é apenas um produto do planeta que, no seu serviço, cria as experiências para o desenvolvimento do Cavaleiro neste plano de vida!

### Imagens Cármicas

– Está decidido desde o início quão grande será o espaço de vida?

– Está em grandes linhas decidido. Está, mas tendes também um espaço de vida coletivo. Pode acontecer algo que abrevie a vossa vida. Para o Cavaleiro, em si, não tem importância, porque é colocado noutra encarnação. Quantos de vós não viveram isto: que recebestes um filho. Ligastes-vos a esse filho, mas ele morreu em tenra idade. Passou algum tempo e de repente estais novamente grávida. Nasce uma criança e parece que se podem seguir os traços da primeira na segunda criança. Quando uma criança passa para o outro lado, não está tão fortemente impressa.

Não fica presa nestes sulcos: astral, mental; o Cavaleiro passa bastante rapidamente novamente, muitas vezes no mesmo meio. Toma uma nova encarnação aí e novamente pode quem morreu regressar na segunda criança. O Cavaleiro pode regressar à mesma família novamente. Mas se a criança morreu, pode também acontecer que houve algo cármico nos pais. Algo que tinham de aprender desse acontecimento, algo que tinham de uma encarnação anterior.

– Porque há pessoas que nunca podem ter filhos?

– Muitas vezes pelo próprio ser humano. Amados filhos. Encontrais-vos num mundo, num planeta que está doente. Está doente por causa do ser humano. Perturbastes o equilíbrio ecológico do planeta. Muitas vezes o ser humano fornece ao seu organismo meios que criam o que chamais esterilidade. Mas não deveis tomar isto de forma tão unívoca que é apenas o próprio ser humano que o cria. Temos a lei do karma: tal como semeardes, assim colhereis. Se alguém durante um período de encarnação anterior viveu uma impressão muito forte, isso pode seguir como fardo nesta encarnação. Se tomarmos como exemplo o nascimento de um menino.

Os seus pais biológicos amam o pequenino, mas após um período de vida muito curto ele deixa-os em dor e saudade. Alguém pergunta-se: «Como pode Deus ser tão cruel que leva o pequenino?» Quem é cruel? Pode ser a imagem cármica dos pais biológicos que está como causa disto. Uma esterilidade pode também estar como causa, mas igualmente pode haver uma causa nas condições exteriores no vosso entorno, como infeções, etc.

– Ao mesmo tempo temos agora novas radiações e doenças psicossomáticas que nunca tivemos antes.

– Muito bem, e isso vai acelerar cada vez mais.

Mas se nos purificarmos com meditações, despertamos a consciência. Então é mais fácil resistir a isso…

– Muito bem, assim é também. Imaginai agora que temos dois pais biológicos que esperam o seu primogénito, talvez. Alegram-se com isso e esperam-no. Aí encarna o pequenino e encontra-se neste plano de vida apenas uma hora, depois passa novamente para o outro lado. Na sede subconsciente desta pequena criança não há impressão, apenas do nascimento e da viragem de apresentação. Mas na imagem cármica dos pais biológicos havia algo que requeria este ato. «Tal como semeias, assim colherás.»

Aí colheram os efeitos de uma sementeira anterior noutra encarnação. Entendeis-me? Não vedes a criança como a imagem cármica,

mas vedes a criança como a causa da sua imagem cármica. Esta criança pode novamente encarnar, porque nada há no seu subconsciente. Não tem corpo de desejo nem de pensamento que a prenda neste espaço de vida. Pode novamente encarnar, porque passa facilmente tanto pelo plano do desejo como do pensamento e encontra-se novamente no plano do estado e pode novamente encarnar num curto espaço de tempo. Onde agora quiser encarnar dependendo do que semeou antes e deve colher.

Não vejais a encarnação e o karma como algo negativo! O karma nunca é negativo. Por mais infinitamente tristes que estejais por algo acontecer na vossa vida, sabei que é amor na sua potência mais alta! Porque foi dada sabedoria de vida infinita por estes acontecimentos. É karma amorosa. O karma não é nem mau nem bom, na verdade. Apenas é. É incompreensível para o ser humano. O ser humano avalia o karma com os seus sentimentos. Alguém diz: «Recebi um karma tão mau nesta vida.» Muito bem. Raramente alguém diz: «Recebi um karma infinitamente bom!» Não. Tendes de o ver como algo que é.

Não podeis fazer nada quanto ao karma de vidas anteriores, mas podeis, por assim dizer, "resgatar" a soma agora, a qualquer momento. Podeis, por assim dizer, virar-vos e construir adiante sobre a vossa própria liberdade e iluminação juntamente com o ego interior! Se olhardes para trás nas vossas encarnações, podeis vê-las como uma galeria de quadros onde, muito atrás no tempo, o artista foi grosseiro no seu desenho. Não tinha a mão segura. Mas pouco a pouco, encarnação após encarnação, os quadros na galeria refinam-se.

Se comparardes o último quadro com o primeiro, aí vereis como se desenvolveram encarnação após encarnação. O que tendes atrás de vós é apenas como imagens numa galeria. Sois vós próprios, nomeadamente o vosso Cavaleiro, o artista que, pois, pinta estes quadros. A cada encarnação os quadros tornam-se melhores e melhores até à perfeição e então haveis-vos libertado deste invólucro exterior e caminhais adiante para novos caminhos e novos objetivos.

As vossas encarnações não estão alinhadas como pérolas num colar nem estão atrás de vós. O erro é que, quando se fala de encarnações, tenho de usar palavras. As palavras tornam-se, por assim dizer, presas e a vossa fantasia também fica presa, porque as palavras são sempre lógicas. Quando digo as vossas encarnações não quero dizer que na vossa consciência atual vos encarnastes em encarnações anteriores.

Apenas exististes aqui e agora neste espaço de vida que a vossa vida constitui. Mas o ser humano divino, esse não está preso ao espaço-tempo como o ser humano físico está. Ele carrega todas as encarnações aqui, no presente. Não há nada que esteja passado para trás num qualquer espaço-tempo. Quando mestres e professores falam de «Caminho de volta a encarnações anteriores...» Isto é disparate! Ninguém foi a lado nenhum; cada mestre e cada professor pesquisou atrás dos seus invólucros exteriores e aí encontrou uma fonte de conhecimento incompreensível que está nos princípios de encarnações anteriores.

Podemos desenhar uma linha e colocar uma fila de vasos nela e dizer que cada vaso é uma encarnação anterior. Aqui podemos colocar um número, dez mil anos. Aqui estão cinco mil anos e dizemos «Que tempo inimaginavelmente longo!» Não é tempo nenhum, porque o tempo não é como o vedes! Viveis de certa forma numa experiência mecânica do tempo e não há duas crianças humanas que vivam o tempo ao mesmo tempo da mesma forma. Depende completamente do estado sentimental em que vos encontrais no momento. O tempo corre devagar ou rápido dependendo do sentimento que tendes exatamente nesse instante. Mas.

As encarnações não existem como pérolas num colar, como disse antes. Nem estão em camadas como uma cebola cósmica à volta do ser humano; antes, colocamo-las no centro do ser humano. No centro do ser humano está a vossa personalidade de base. Então o ser humano também quer saber onde exatamente ela está. Está aqui? Está no meu coração? Está no meu pâncreas? Está nas ancoragens dos chakras ou onde está? Digo que está na vossa consciência, mas atrás dos escudos. Está na vossa memória celular.

## TRAUMA

Falámos anteriormente sobre o facto de o eu descer durante o processo de concepção, ou seja, durante o processo da primeira divisão celular. O eu influencia e manipula o código genético. Ele ancora o sistema de chakras naquilo que se vai tornar o novo corpo. Ancora também memórias corporais de encarnações anteriores. Chamamos a essas memórias memórias celulares.

Temos dois tipos de memórias. Temos o que se chama memória corporal e o que se chama memória celular. A memória corporal transporta tudo o que viveste nesta vida, o bom e o mau, a dor, a alegria, tudo. A memória celular é a memória que pertence a encarnações anteriores. A memória celular é a herança das encarnações. A memória celular transporta diferentes tipos de acontecimentos, como traumas. Não tem de ser necessariamente isso, pois a memória celular também ativa a vossa personalidade base, que por sua vez pode significar que trazeis talentos e características que pertencem a encarnações anteriores.

O Cavaleiro também encheu a memória celular com experiências traumáticas precisamente de encarnações anteriores. Podem ser processos de morte muito fortes ou traumas emocionais intensos que existiram em encarnações precedentes. São neuroses de angústia que a pessoa traz de encarnações anteriores. É o Cavaleiro que as traz consigo. Assim, o ser humano pode trazer diferentes traumas de uma encarnação anterior completamente inconsciente deles nos seus papéis! Podem de repente manifestar-se em fobias fortes, em que, por exemplo, tendes medo de ficar fechados num espaço. Ficais com medo de água. Com medo de animais selvagens e assim por diante, e isso pode surgir muito repentinamente.

Estas memórias celulares podem ter diferentes naturezas. Por exemplo, se quatro encarnações atrás tivestes uma experiência muito forte de afogamento e vivestes o afogamento como a última parte da

vossa vida. Lutastes. Tivestes medo da água. Sentistes que eras arrastados para o fundo. Tentastes respirar e entrou água nos pulmões e tossistes. Aos poucos perdestes a vida. Noutra encarnação fostes devorados por algum animal selvagem, uma serpente, um leão, por exemplo, numa encarnação noutro país. Noutra encarnação fostes apunhalados, torturados e assim por diante. Estas experiências ficam guardadas como diferentes traumas em vós, traumas ocultos, não traumas abertos.

Nesta vida, nesta encarnação em que vos encontrais, podeis de repente, sem saberdes onde ancorar isso, ter um medo incrível de água. Não ousais nadar. Não ousais sair de barco. Tendes medo de facas. Guardam-nas em gavetas, embrulhais tudo e tendes um medo terrível de ir a sítios onde haja tigres, leões em jaulas porque tendes medo deles. Medo de ser devorados, de que eles se soltem. Tudo isto pode estar em encarnações anteriores e afeta o vosso corpo agora. É um medo real. Não conseguis situá-lo em lado nenhum. Ele existe como memória celular no vosso corpo, mas não como memória da encarnação. Temos de distinguir entre memória da encarnação e memória celular. As memórias celulares podem ser libertadas com diferentes métodos e não é nenhum fenómeno nem magia. É muito, muito simples. Podeis libertar o trauma, libertar aquilo que trazeis na memória celular. Ele está na vossa memória celular porque o trouxestes de outra encarnação. Não é vosso! Pertence àquele indivíduo. Quando finalmente compreendeis onde está ancorado, muitas vezes ele solta-se e ficais livres.

### VOLTAI-VOS PARA DENTRO

Vamos agora trazer todas as encarnações para o vosso centro. Diz-se que a criança as transporta. A criança tem um conhecimento colossal e, se olhardes nos olhos da criança, é como se víssemos Deus falar a cada um que olha. Mas à criança falta algo que vós tendes. Falta-lhe a linguagem e a linguagem pertence aos escudos, aos papéis. Enquanto lhe faltarem papéis, ela é incapaz de transmitir o seu conhecimento para fora. Surgem então outros problemas. Quando a criança começa a ser moldada, a sua identidade fica presa nos papéis e o conhecimento fica encerrado.

O ser humano reflete-se constantemente no seu mundo exterior e confirma-se a si mesmo através do seu próprio mundo-espelho. Confirma a sua própria existência por poder refletir-se noutros seres humanos. Quando o ego aparece, o conhecimento desaparece para dentro. Ou seja, fica encapsula-se. Então o ser humano diz: «Quero alcançar o conhecimento interior.» Onde começa ele a procurar? Fora de si mesmo! Vai ter com professores. Vai ter com diferentes supostos gurus que, por sua vez, oferecem às pessoas o caminho para o conhecimento e dizem: «Tendes de vos acalmar. Tendes de conseguir voltar ao nível da criança. Tendes de conseguir encontrar-vos no labirinto entre estes escudos e voltar à vossa personalidade base, à fonte primordial, onde tudo está manifestado exatamente como o deixastes em encarnações anteriores.»

Mas então o ser humano quer procurar o conhecimento na sua própria consciência, o que é impossível. Começa-se também a classificar. Ninguém quer ter sido alguém de baixa condição numa encarnação anterior; a maior parte dos seres humanos quer um papel fortemente elevado, um antigo sumo sacerdote da época de Atlântida, um faraó fica bem, não é? Se alguém andasse por aí como mulher-a-dias no palácio do Faraó, não seria nada agradável. Ou como condutor de burros ou alguém que tomava conta de um rebanho de camelos. Tudo isto se revela loucura. Não há nenhum papel numa encarnação anterior que seja desperdiçado! Cada papel que tivestes, ou que o Cavaleiro carregou, é ouro neste momento!

Para lá chegar temos de remover uma quantidade infinita de mistério e magia, que de alguma forma é como um terreno pantanoso movediço onde a pessoa se afunda. Aí não deveis mexer; tendes de manter tudo o mais limpo possível. Tendes de entrar com olhos frescos, ouvidos frescos e não ouvir para fora, mas fazer uma escuta para dentro: «O que é que eu trago comigo? O que há nos meus sonhos? O que há nas minhas visões? Que talentos e qualidades tenho que escondi de mim mesmo e que os meus pais, o mundo coletivo à minha volta, o sistema radicular, esconderam de mim?»

O vosso planeta está atravessado por um número infinito de correntes magnéticas, a circulação sanguínea do planeta. Quando o eu

desce e a conceção ocorre, num determinado ponto deste planeta existe também uma determinada frequência, um determinado tom, digamos assim. Depois vem a encarnação, que acontece quando começam os movimentos fetais. Nessa altura o corpo da mãe pode ter-se deslocado e estar talvez aqui em vez dali. Isso também cria uma certa frequência. A terceira talvez seja ali e é o nascimento. Estes três acontecimentos criam uma trindade que cria uma frequência base no organismo.

Essa frequência base, e igualmente as memórias celulares, fazem também com que tenhais, por assim dizer, predisposições em certas áreas. Ou seja, um tom fundamental, predisposições para poder desenvolver certas coisas. Se em vidas anteriores fostes, por exemplo, músico e tocáveis trompete, por exemplo, agora há fortes predisposições porque isso está na vossa frequência base e no vosso alcance tonal para poder desenvolver exatamente essa parte. Podeis também sentir uma certa atração por um determinado instrumento, mas não estais conscientes de que tendes uma encarnação anterior em que houve um corpo onde o ego interior se encarnou e que tocava um instrumento e que agora o ego desenvolve num novo corpo. Ou seja, podeis transferir memórias de uma encarnação anterior e trazê-las para aqui. Tendes qualidades que estão ancoradas, escondidas, em vós e que podeis muito facilmente desenvolver de repente. Pode dizer-se que é a única coisa que podeis trazer convosco!

Aprender a «ver» não é algo que o ser humano deva aprender. Ele já o tem como herança! Trata-se apenas de o redescobrir como quando éreis crianças. Mas nunca vos dais tempo para vos acalmar, para vos aquietar e procurar e reencontrar essa visão que tínheis quando crianças. Podeis ver para além das fronteiras. Podeis ver-me a mim. Podeis ver os vossos entes queridos. Podeis ver os seres da natureza que existem por todo o lado, mas agora há uma membrana no meio. Ou seja, os vossos papéis estão no meio. Tendes de voltar a vestir a criança para alcançar a visão. Voltar às encarnações anteriores não é percorrer uma longa distância, mas simplesmente virar-vos para dentro, para o vosso próprio núcleo interior, para a vossa personalidade base.

### É AQUI E AGORA QUE AGIS

A vida é infinita, nisso a maior parte dos seres humanos que começaram a caminhar pelo caminho da busca está de acordo. O que muitas vezes se torna uma pedra de tropeço é que os seres humanos se fixam no princípio da encarnação e começam a identificar-se com processos de encarnações anteriores e perdem a vida atual. Fogem da sua situação de vida presente para uma outra existência envolta em névoa e escuridão.

Aquilo que anteriormente se desenrolou, agora colheis os frutos. O que semeais haveis de colher. Não deveis tentar escapar disso, mas resolvê-lo, resolver esses conflitos aqui e agora. Assim fizestes algo por uma futura imagem de encarnação e, desse modo, caminhastes plenamente nesta! O que fostes numa encarnação anterior não tem qualquer importância. É aqui e agora que agis! É aqui e agora que deveis ativar-vos para a matéria, para os seres humanos, para o amor e esquecer a imagem de encarnação anterior que nada tem a ver convosco. É apenas uma sombra que vos segue por trás.

O ser humano vê as suas encarnações com tanta leveza. «Estive ali e ali, encarnado. Lembro-me.» Então, também quero perguntar do seguinte modo: Donde vêm todas as grandes encarnações? Onde estão as pequenas? Porque não há ninguém que tenha sido encarnado como mendigo, por exemplo? Ali a pedir a sua ração diária de pão, escondendo a sua miséria. Quase ninguém! Os seres humanos não querem aceitar que o eu interior não pertence ao habitáculo, mas experimentais tão fortemente o eu exterior na forma. Esquecei isso! Esquecei o vosso mundo dos sentidos! Se algum de vós foi encarnado como o imperador Nero ou Napoleão, muito bem, e depois?

Não tem importância! É aqui e agora que moldais a vossa futura encarnação! É aqui e agora que mudais a vossa imagem cármica! É aqui e agora que deveis acordar e ver a matéria na proporção certa. Ela está aqui e vós estais nela, mas algo impele este organismo numa busca pela verdade e pela clareza na matéria! Não o entendais como uma repreensão, pois amo-vos tanto! Amor também é repreender. Talvez seja maior do que quando se acaricia a cabeça de alguém e se diz: «Amo-te.» Mas as encarnações prendem muitos seres humanos. Procuram as suas

imagens de encarnações anteriores e esquecem a sua tarefa aqui e agora na matéria.

— As memórias também podem ser atribuídas a outras vidas, a encarnações anteriores?

— O que está no vosso assento subconsciente provém apenas desta encarnação, como disse antes, da viragem no ventre materno e do ponto em que vos encontrais agora nesta existência.

— Alguns dizem que ao conhecer as encarnações anteriores se pode ter maior compreensão das suas estranhezas atuais...

— Pois bem, aceitam-nas como uma evidência. Mas quantos seres humanos conseguem lidar com elas? Mesmo na sua própria condução de vida aqui e agora, eles são influenciados pela suposta imagem da sua encarnação anterior de tal modo que caminham parte nesta vida e parte numa anterior. O equilíbrio é difícil e por isso digo: não as procureis, porque isso pode impedir-vos e também pode despertar em vós um orgulho.

Rudimentarmente, em todos vós existem experiências de encarnações anteriores que de tempos a tempos podem emergir na consciência. Podem gotejar sequências de memória, sequências de imagens de encarnações anteriores. Entendeis-me? Mas deixai-me dizer que não é algo que o ser humano deva procurar, pois é agora que viveis nesta matéria. Aqui e agora deveis receber as imagens de experiência. A encarnação anterior, amados filhos, aquele cântaro já não existe! Não estais nesse plano de vida. É apenas uma ilusão que desapareceu atrás de vós. Aquele cântaro foi portador do Cavaleiro, do vosso ego interior, que é a vossa verdadeira identidade e o vosso verdadeiro ego.

À vossa volta tendes a consciência coletiva. Tendes igualmente a superconsciência do planeta. Pode dizer-se que estais rodeados por uma atmosfera plástica onde todas as formas-pensamento existem à vossa volta como numa névoa. Às vezes podeis experimentar formas-pensamento desta. Recebeis uma imagem que existe na consciência coletiva e baixam-na através do vosso próprio campo áurico mental para

junto de vós. Vê-la dentro de vós e credes estar a viver uma encarnação anterior. As armadilhas são tantas e os seres humanos querem tanto identificar-se com as suas encarnações passadas!

Alguém falou de pessoas que encarnam vezes sem conta dentro de um mesmo grupo...

— Essas encarnações podem seguir um certo padrão. Desenho aqui um Cavaleiro. Aqui estão outros sete Cavaleiros e esses Cavaleiros estão encarnados uns ao lado dos outros. Entendeis-me? Aqui surge uma forte ancoragem entre eles através de uma forte influência no padrão moldado, de modo que aqui se cria uma relação de dependência. Assim, dão uns aos outros formas de desenvolvimento tais que criam uma dependência mútua em encarnações futuras. Entendeis-me?

Numa encarnação futura esta pessoa semeou algo para aquela pessoa que esta terá de colher em encarnações vindouras. Criam uma reação em cadeia uns através dos outros. Assim encarnam novamente perto uns dos outros. Desse modo, talvez agora se encontrem em novas relações de oposição, de forma que esta pessoa tenha de colher e se encontre numa relação oposta a uma imagem de encarnação anterior. Agora talvez já tenha decorrido uma dezena de encarnações e estamos aqui e agora e aqui vemos novamente um ser humano. Este é novamente o cântaro e ali o Cavaleiro encarna no lótus do coração.

No processo da morte os sentidos externos vão-se apagando gradualmente. Quando o Cavaleiro larga a ancoragem ao habitáculo, larga primeiro o plexo solar, depois faz a sua saída do habitáculo verticalmente, de modo que sobe pelo lótus do coração e sai pelo chakra coronal. No processo da morte essa abertura alarga-se de modo a incluir onde o Cavaleiro se encontra e a sua impressão de encarnações anteriores. Ele também sabe que voltará a encarnar, mas não o diz a partir do habitáculo, mas fala a partir do seu Cavaleiro. Pode dizer-se que o Cavaleiro fala através do habitáculo e anuncia que «Vou encarnar-me novamente e ireis reconhecer-me.» Entendeis-me? Não é o habitáculo que encarna de forma alguma, mas o Cavaleiro.

— Pode acontecer encarnar alternadamente como mulher e como homem?

Durante um certo período de desenvolvimento encarnais como homem. Absorveis experiências da esfera masculina. Encarnais encarnação após encarnação até a quota estar preenchida com essas experiências. Depois encarnais na forma oposta e também aí encarnação após encarnação. A forma oposta do Cavaleiro encarna na forma feminina até a sua quota estar preenchida e mudar a forma de expressão para homem. Mas as duas acabam por se fundir numa unidade. Porém, nestes tempos, nesta era de que agora estais a sair, podeis encarnar alternadamente, sim, dependendo da imagem cármica que tenhais de existências anteriores. Do mesmo modo, podeis ter passado longos períodos como homem no organismo se o eu tiver um traço muito forte de homem. Quando então forma um organismo de mulher, ela pode ter traços marcadamente masculinos, apesar de ser mulher no organismo, e vice-versa.

### TODAS AS ENCARNAÇÕES SÃO IGUAIS EM VALOR

Na imagem de encarnação anterior talvez estivesses noutro país. Ali tinhas, por exemplo, um filho. Esse Cavaleiro por sua vez revelou-se numa encarnação anterior talvez ter sido talvez a vossa mãe na carne. Na encarnação seguinte, quando novamente descestes à matéria e tomastes o vosso lugar na carne, talvez a vossa descendência de repente fosse o vosso pai. O vosso companheiro de vida pode ter sido a vossa mãe e vós a descendência. Por isso não podeis dizer «Sou pai ou mãe de algum ser humano». Sois apenas quem esteve disponível para o processo de divisão celular, graças ao aspeto inferior da carne. Ninguém pode dizer que é o vosso pai ou a vossa mãe! Sois iguais! Podemos ir mais longe e dizer que ainda na terceira encarnação a partir desta talvez de repente voltes a desempenhar o papel de pai, mas aí o teu companheiro de vida é a tua descendência que tinhas na primeira encarnação. Entendeis-me? E a tua descendência ali é o teu companheiro de vida. Assim pode acontecer. Então perguntamos: Qual deles é o pai e a mãe? Assim, nunca podeis falar de «Eu sou fulano ou beltrano.» Se falais de «Eu sou», tendes de esquecer o invólucro exterior e apoiar-vos apenas na essência interior,

porque é a essência interior que é o eu. Quanto mais consciência tiverdes da essência interior, mais podeis alcançar uma experiência total de amor.

O que é da carne voltará para o planeta. O que é do espírito desenvolver-se-á em estádios cada vez mais altos até alcançar uma consciência total. É neste caminho que caminhastes e ainda estais a caminhar.

É muito tentador acreditar que se sente que «eu» encarnei numa encarnação anterior. «Eu fui Napoleão», por exemplo. Se agora olharmos para os seres humanos que ficaram presos numa busca esotérica, quantos Napoleões podemos encontrar? Quantos Carlos XII encontrámos? Não é para rebaixar, mas é o ser humano que classifica. Quantos camponeses encontrámos? Quase nenhum. A grande maioria das pessoas na busca esotérica procura indícios de uma encarnação muito grande, como a veem. Todas as encarnações têm o mesmo valor! A soma, as experiências de cada encarnação são iguais em valor. Por isso, tentai esquecer o que havia atrás no tempo! Podemos desenvolver um pouco mais, porque do mesmo modo o ser humano vê a sua vida. Ancora-se no passado e tem muita dificuldade em olhar para a frente de alguma forma.

Se virmos que aqui temos o fluxo de encarnações, a corrente de encarnações, aqui em baixo há várias encarnações diferentes e aqui está a última que por acaso é o vosso ego exterior neste momento. Em vez de olhar para a frente numa evolução atual na sua vida, muitos ancoram-se em encarnações anteriores e ficam ali a dizer: «Lembro-me de quando estava neste planeta há cinco mil anos. Era na época de Atlântida.» Se então eras sumo sacerdote na época de Atlântida e agora por acaso és camponês… se pensarmos que o desenvolvimento vai para a frente, perguntamos: então andou para trás? Olhai para as encarnações como algo que passou! Vede que tirastes experiências delas e que sois o último. Virai-vos cento e oitenta graus para a frente e dizei: «O que faço eu com essa experiência neste momento?» Não vos deveis ancorar para trás, mas caminhar para a frente e desenvolver o que tendes agora. Sois a síntese de todas as vossas encarnações anteriores.

### As dimensões

No princípio estava vazio e deserto. O Todo-Poderoso repousava consciente e inconsciente. Paramos aqui. Guardai isto na memória e vamos olhar para as dimensões. O ser humano experimenta no seu dia a dia as dimensões, que são o comprimento, a superfície, o espaço e o movimento. Pois bem. Estas são as quatro dimensões.

Desenho. O que é isto? Pelo que vejo é uma distância, um comprimento. De aqui até ali. Esta é a vossa primeira dimensão, não é? Se agora alongarmos o comprimento assim, obtivestes uma superfície. Esta superfície está dividida em um número infinito de comprimentos. São duas dimensões. Assim temos a primeira, o comprimento. Temos a segunda dimensão, que é a superfície. Se agora puxarmos estas para cima assim, vereis o que acontece? O espaço. Este é, pois, o espaço. Este espaço está dividido em um número infinito de superfícies e um número ainda maior de comprimentos. A terceira dimensão é o espaço. Falta algo neste espaço vital. O que é? O tempo. O que é o tempo? Gravitação. Movimento. A quarta dimensão é, pois, o movimento. Tempo, gravitação e movimento são a mesma coisa.

Assim o movimento é igual à gravitação, igual ao tempo. Pois bem. Aí tendes as vossas quatro dimensões. A vossa existência quadridimensional. O que é? O nosso cubo no fluxo do tempo. Aqui experimentais o comprimento, a superfície, o espaço e o movimento. Em qualquer destas em que vos encontreis, experimentais constantemente, pode dizer-se, secções. Entendeis-me? Continuais a construir sobre o que anteriormente criastes com o vosso pensamento, não é? Todo o tempo moldais o vosso futuro a partir do vosso passado. Parece-vos convincente? Não moldais o futuro não a partir do futuro, mas sempre a partir do passado. Chamais-lhe experiências. O fluxo do tempo está fortemente marcado. Enquanto experimentais, arrastais constantemente este cubo quadridimensional convosco através do que falámos antes.

Estais marcados por um certo padrão. Os vossos pais dão-vos uma impressão base, uma descrição do mundo exterior que pouco a pouco se torna cada vez mais uma realidade. Aceitais essa descrição. São os sentidos que criam os vossos sentimentos. Pouco a pouco, através deste processo de aprendizagem, através dos vossos sentidos, obtivestes uma

forte e estável ancoragem a este plano de inércia. Já falámos disto antes. No vosso mundo dos cinco sentidos experimentais a superfície, o comprimento, o espaço e o movimento. No vosso mundo dos cinco sentidos experimentais que isto é algo importante e isso prende-vos graças à visão, paladar, audição, tato e assim por diante.

Façamos novamente assim. Desenho. Este é o espaço. Digamos que estas são as quatro primeiras dimensões que o ser humano criou. Experimentais o comprimento de aqui até ali. Continuamos a alongar o comprimento, porque o comprimento não pode ter apenas um começo e um fim. Tem de haver algo antes do começo e algo depois do fim, pelo facto de experimentarmos com o mundo dos sentidos. Se agora alongarmos o comprimento assim, continua a ser um comprimento, não é? Tem um começo. Tem um fim, mas se os juntarmos, o comprimento torna-se infinito. O que obtemos então? Um zero, o infinito em si mesmo.

Se fizermos o mesmo com a superfície, alongamo-la, vemos que também a superfície se torna infinita. Se agora fizermos assim, veremos que a superfície ganha duas dimensões. Um lado de cima e um lado de baixo. Cada dimensão tem um reflexo em si mesma. Não é? De repente o lado de baixo torna-se o lado de cima e o lado de cima torna-se o lado de baixo.

Se agora deixarmos este pequeno cubo andar pela superfície, descobrimos que a superfície não tem duas dimensões, mas o exterior e o interior são a mesma coisa. Pois bem. Agora tentemos implantar o espaço nisto. Queridos filhos, como há de ser, pois agora o espaço é expansivo e infinito. O movimento também é expansivo e infinito e consome tanto a superfície como o comprimento. Aqui só restam duas dimensões: movimento e espaço. Assim, de repente só tendes duas dimensões que experimentais nesta existência e estas são apenas o comprimento e a superfície! Mas no mundo dos sentidos formastes as restantes imagens dimensionais. O espaço tem uma superfície. O espaço tem um volume. Mas quando esta superfície de repente se torna o seu lado de baixo, e esta superfície se torna o lado de cima, existe a imagem espelhada da vossa existência.

Amados filhos, olhemos para ela. Se o ser humano não estivesse no espaço e o experimentasse com os seus sentidos, o espaço existiria? Poderíeis prová-lo? Experimentais a superfície com os sentidos, não é? Experimentais o comprimento com os sentidos, experimentais o espaço com os sentidos e isso limita-vos na imagem tridimensional. Então adicionais o movimento e a que podemos comparar o movimento? Pois bem, ao tempo. Estas quatro dimensões o ser humano experimenta-as. Estas quatro dimensões prendem o ser humano no seu desenvolvimento. Com estas quatro dimensões sois constantemente enganados pelos vossos sentidos, porque eles vos fornecem constantemente informações erradas sobre o mundo à vossa volta.

O ser humano lembra o caracol com a sua casa às costas. Digamos, pois, que este é um ser humano, que agora desenho. Aqui está a sua pequena e segura ancoragem: o mundo quadridimensional, nomeadamente o comprimento, a superfície, o espaço e o movimento, onde escolheu experimentar. Mas assim que algo vem de fora e surgem forças desconhecidas para o ser humano, ele recolhe-se na sua pequena casa exatamente como o caracol e diz: «Não, não, não vi nada. Não experimentei nada.» Não pode existir nada que vá além do vosso mundo dos sentidos.

Agora quero perguntar-vos. Suponhamos que vós não existísseis ali. Essas quatro dimensões também existiriam? Existiriam então, ou é que vós, como observadores, tornais visíveis essas quatro dimensões? Se não estivésseis ali, elas não existiriam. Não é verdade? Sem sentidos que o experimentem, o espaço não existe. Alguém tem de o observar para que exista. Colocamos um observador e o observador é o ser humano. Colocamos o observador ali, vede-lo. Ele está ali e olha espantado para o espaço vital que criou. Exatamente isso: ele criou. O comprimento, a superfície, o espaço, o movimento: ninguém poderia experimentá-lo se alguém não o observasse, não é? Então perguntamos: «Existia antes de um observador o experimentar?» Existia, mas o espaço vital não existia. O comprimento, a superfície e o espaço não existem. São criados pelos vossos sentidos e aquilo em que credes cria limitação no vosso mundo. Amados filhos!

Não há limitação alguma! Está aberto se apenas quiserdes largar a amarração!

Como observadores tornais visível este drama, esta hierarquia quadridimensional. Se não estivésseis ali como observadores, então não existiria, mas sois vós que criais esta hierarquia quadridimensional. O observador torna tudo isto visível! Paradoxalmente, o observador é na verdade as quatro dimensões! Se não houvesse observador, ninguém experimentaria o movimento, pois não? Ninguém experimentaria o espaço, a superfície, o comprimento, mas é o observador que torna isto visível, paradoxalmente. Pensai nisso, porque é exatamente o observador que cria!

Assim, o observador é a quinta dimensão. Se formos ao fundo da questão, o observador seria na verdade a primeira dimensão, porque é o observador que cria estas quatro com o seu pensamento. Pois bem... Quem observa? O observador. E o observador, a que podemos chamar espectador, cria portanto o movimento. Ao criar o movimento, torna visível o comprimento, a superfície e o espaço. O movimento faz com que isto se torne visível. Reparo na confusão quando digo isto...

O que vedes à vossa volta... Falámos antes, numa ocasião, sobre a cor da flor. Quero afirmar que quando vedes a flor azul, a rosa vermelha, não vedes a cor da rosa, mas vedes apenas a cor que ela rejeita. A cor da rosa contém todas as cores exceto o vermelho. Do mesmo modo uma flor azul contém todas as cores exceto o azul. Olhais para as folhas verdes das árvores. Vedes o verde. Aceitam-no e falais da primavera e do verde tenro, de como tudo brota. Mas se pudésseis ver o que está por trás e não o que ela rejeita, veríeis a sua verdadeira natureza. Saís para a natureza e sentis-vos bem. Cada passo que dais recolheis experiências com os vossos sentidos, mas não estais conscientes de que sois o criador, de que estais constantemente a criar e a criar e a criar, porque não viste a natureza! Chegais a um lugar, uma maravilhosa alegria. Vedes vales lá em baixo. Vedes o tom azul do céu e as nuvens que flutuam pela sua superfície. Vedes o sol a pôr-se. Podeis descrevê-lo com cores vivas. Uma sinfonia de cores! Uma esfera de experiência sem igual!

Ficai conscientes por vós, ali na vossa solidão, criardes tudo isto! Se não estivésseis ali, isso não existiria, não é? Então não estaríeis conscientes disto: cada passo que dais, criais e recriais constantemente a partir do vosso mundo dos sentidos. O pensamento coletivo sustenta o espaço, mas para quem não o observa, para quem não está ali, não existe. Só quando o experimentais com os vossos sentidos: visão, paladar, audição, tato e olfato, é que o espaço existe! Podeis fazer uma imagem dele, mas essa imagem existe apenas na vossa mente. A imagem que criais na vossa mente é tão real como aquilo a que chamais o físico.

Vamos olhar um pouco para isto antes de prosseguirmos. Quando criais, criais constantemente com o vosso pensamento. Criais este espaço vital com o vosso pensamento. Construís uma casa e dizeis: esta casa é constituída por matéria física. Pois bem. Enquanto alguém a sustentar com o seu pensamento, ela existe. Mas se ninguém tivesse o pensamento nela, em breve desabaria e voltaria ao planeta nos seus componentes. Em pouco tempo nada restaria do pensamento que um dia pensou esta casa, porque o pensamento transformastes naquilo a que chamais desenho. Depois os artesãos transformaram esse desenho com os seus membros, pois moldaram a matéria física numa casa. Estais a acompanhar-me? Isto criastes com o vosso pensamento, mas aqui a matéria é lenta neste plano de inércia.

Quando saís para a vossa natureza, tornais visível. Criais tudo o que experimentais. Tornais visível tudo isto. Assim experimentais as folhas, a natureza, os animais e assim por diante. Tornais visível precisamente este espaço.

— Mas o ser vivo dentro de tudo isto que «vestimos», esse existe, não é?

— Pois bem. Existe.

— Então a realidade existe?

— A realidade existe, mas não como credes. Pois bem, queridos filhos, agora quero perguntar-vos: o que é que existe? Existe o ser humano na forma? Existe a mesa? Existe a cadeira? Existe esta casa, por

exemplo? Existe este templo onde vos encontrais? O que é que sustenta esta forma-pensamento? O que é o ser humano na sua essência mais profunda senão energia! Mas estais presos pelo vosso pensamento, não é? Já tentámos transmitir-vos isso antes...

Há algo que esqueceis: tendes uma consciência coletiva. Pois bem. Como é ela coletiva? Esta é o vosso planeta, não é? É uma consciência. É um Espírito Crístico que manifesta tudo tal como vedes. O ser humano, o habitáculo, o reino animal, o reino vegetal, o mineral, por exemplo. O planeta é consciente em si mesmo. Quando depois dizeis que tendes uma consciência coletiva — o padrão social, a herança cultural e assim por diante —, separastes a consciência do planeta. Essa é a consciência do ser humano, que não pertence ao planeta, mas apenas ao vosso mundo dos sentidos.

Transferis, contamina-se uns aos outros com essa consciência e dizeis que é coletiva. Como pode então ser coletiva? Voltemos a este planeta. Aqui está um ser humano que transborda de orgulho, que julga experimentar através da sua consciência e criar. Cá em baixo está alguém que vive em harmonia com a natureza. Têm a mesma consciência coletiva? São os padrões sociais, a herança cultural? Não, mas têm algo em comum através do planeta: o habitáculo é um produto do planeta. O que mais tendes do planeta? Pois bem, tendes o pensamento base.

— As nossas formas de consciência, o mundo dos sentidos... tudo menos o Cavaleiro pertence ao planeta?

— Pois bem! Estais presos à vossa herança cultural. Não quero dizer que devem pegar nela e pô-la de lado, mas que devem vê-la com clareza! Olhai para este pobrezinho, que talvez acheis que é, que anda vestido quando muito com uma tanga. Vive em harmonia com a natureza. Tem uma consciência maior do que a vossa? Este, como experimenta o fluxo do tempo? Como experimenta, por exemplo, o tempo cronológico? De maneira diferente, pois bem. Segue o ritmo do planeta, próximo do estádio animal, podemos dizer, com encarnações curtas, recolhendo imagens de experiência. Graças à vossa herança cultural, à vossa

consciência social, não aceitais o Cavaleiro como o eu interior! Entendeis-me aqui?

Assim, ao mesmo tempo que subis na evolução, isolais-vos do planeta, da origem, enquanto este ainda caminha dentro da sua esfera. Também este homem tem visão, paladar, audição, tato e olfato. Assim experimenta o comprimento, a superfície, o espaço e o movimento, não é? Mas a diferença é esta: ele não tem a experiência do tempo. Por isso esta existência superdimensionada não é igual de ser humano para ser humano! Alguns experimentam o fluxo do tempo. Pode dizer-se que nesse caso pode ser assim: ele experimenta de forma mais plena no fluxo do tempo e alguns experimentam apenas sequências curtas e intensas. Estou a confundir-vos?

Voltemos ao observador. Por que razão ele está ali? Alguém tem de experimentar algo através do observador! Podemos chamar-lhe o experimentador. Podemos chamar este experimentador de Cavaleiro, o vosso eu interior, o vosso ego. Assim, o observador é apenas o portador do eu interior. Pode dizer-se que é um cavalo que o Cavaleiro monta durante esta encarnação, constantemente vigilante, recolhendo experiências através do vosso organismo. Assim, o Cavaleiro é quem recebe a experiência através do observador. O Cavaleiro é então a sexta dimensão.

Imaginai que tendes uns binóculos. Quando olhais para muito longe, experimentais através da lente. Pode dizer-se que o Cavaleiro vos utiliza como o seu braço prolongado para a forma de experiência. A sexta dimensão é o Cavaleiro, pois alguém experimenta através de vós. Mas agora começa o interessante, porque o Cavaleiro é um produto do Eu Espiritual Superior, do super-eu. Quem projetou estes Cavaleiros para recolher informações? O Eu Espiritual Superior projetou-os. Assim sendo. Quem criou estes Eus Espirituais Superiores? Deus Todo-Poderoso. Quando falamos do Eu Espiritual Superior, falamos do reflexo de Deus, da imagem espelhada do Todo-Poderoso. O Eu Espiritual Superior reflete-se assim na matéria. Queridos filhos, agora começa a aquecer! Deus Todo-Poderoso é a origem do Eu Espiritual Superior, que por sua vez cria estes Cavaleiros.

Do mesmo modo, o Cavaleiro experimenta, através do observador, aquilo que o observador cria através do seu mundo dos sentidos: este espaço quadridimensional. Assim, colocamos o Eu Espiritual Superior como a sétima dimensão. O Eu Espiritual Superior é um pensamento de Deus Todo-Poderoso. Pois bem. Assim tendes Deus Todo-Poderoso como a oitava dimensão. Não penseis que estou a blasfemar de forma alguma, pois Deus tem para nós talvez um significado diferente do que para os seres humanos. Deus Todo-Poderoso é o omnipresente que penetra a génese de todas as coisas e o Deus amoroso.

Pois bem. Vamos prosseguir e ver. Podemos avançar nestas imagens dimensionais. Agora tiramos tudo isto. Tiramos o cosmos conhecido. Assim retiramos as vossas estrelas, o vosso cosmos, tudo o que é conhecido. Podemos tirar o comprimento, a superfície, o espaço, o movimento, o observador. Tiramos o Cavaleiro, o Eu Espiritual Superior. Por fim tiramos Deus Todo-Poderoso. Então perguntamos: «Resta algo?» Algo absolutamente essencial resta. O que resta agora? O espaço continua a existir. O espaço onde tudo isto está manifestado continua a existir! Assim, de repente voltamos ao espaço.

— O espaço foi criado?

— Queridos filhos, o espaço está impresso. Este espaço está criado, tudo está manifestado nele, até o pensamento. Assim, o espaço é a nona dimensão. Pois bem, queridos filhos.

— Falaste de dois espaços. São dois espaços diferentes?

— É um espaço completamente diferente. O espaço é finito e infinito. É a paradoxo. Ao mesmo tempo que é finito, é infinito e tal como esta espiral de desenvolvimento é finita é também infinita.

— Então o segundo espaço não é o mesmo que o primeiro espaço?

— Não. Estas quatro primeiras dimensões criaste-las por serdes observadores, pois sois vós que o tornais vivo e sem a vossa participação nunca existiria! Sois vós os criadores do espaço, das primeiras quatro dimensões e este espaço não é o mesmo que o outro espaço.

É apenas o ser humano na sua vaidade que experimenta com os seus sentidos visão, paladar, audição, tato e olfato — que cria este espaço quadridimensional e se encontra neste pequeno espectro estreito da existência da sua consciência. Estais a acompanhar-me? Do mesmo modo falámos disto como o fluxo do tempo. Também dissemos que o fluxo do tempo é gravitação, é luz. O ser humano encontra-se na sua pequena sequência especial deste fluxo do tempo. Perguntei numa ocasião anterior: onde está aquilo que deixastes há um segundo? Há um minuto? Onde está e o que está onde chegareis daqui a um segundo? Daqui a um minuto? Pois bem...

Já dissemos antes que o fluxo do tempo se entrelaça assim. Estais a acompanhar-me? Que passado e futuro se encontram muitas vezes. Entendeis-me? Quando caminhais e o fluxo do tempo passa através de vós, muitas vezes entrais em contacto com o vosso futuro e do mesmo modo avançais e aí entrais em contacto com o passado. Mas mesmo assim existe tanto aqui como ali. Conseguis compreender-me? Há um fluxo à vossa volta que constantemente interfere no vosso fluxo do tempo. Também deste lado há algo semelhante, o fluxo do tempo interfere constantemente um no outro. Também dissemos que pode haver dobras no fluxo do tempo. Às vezes surge uma dobra, de modo que passado e futuro de repente se aproximam e se fundem.

Conseguis perceber o tempo como um fluxo? Quando contais o vosso tempo olhais para os vossos relógios e dizeis: um segundo, um minuto, uma hora, um dia e um ano. Em relação ao tempo, podemos dizer que o vosso tempo tem a mesma relação que o vosso comprimento, pois estais sempre a medir-vos. O tempo é a âncora que atirais, por exemplo, uma hora para a frente. Atirais uma âncora para a frente e depois puxais-vos por uma corda imaginária de segundos, minutos até a hora passar. Conseguis compreender-me? Mas o fluxo do tempo é algo diferente. O fluxo sempre correu assim: a vossa contagem cronológica do tempo é apenas uma bolha no fluxo do tempo. Pode dizer-se que é esta parte, este pequeno cubo quadridimensional onde tendes o comprimento, a superfície, o espaço e quando falamos do movimento, pois bem, o movimento do vosso tempo cronológico. É este cubo

quadridimensional que o ser humano carrega aos ombros como a pequena casa do caracol.

Mas vamos prosseguir com as dimensões e falar um pouco mais sobre o espaço impresso. O espaço torna-se consciente quando o Todo-Poderoso desperta. O Todo-Poderoso penetra a génese de todas as coisas e está manifestado no mais pequeno ser. Já disse antes: o Todo-Poderoso não cria o espaço. Quando o Todo-Poderoso se ativa, preenche o espaço. Do mesmo modo que o Cavaleiro preenche o habitáculo físico com a sua irradiação, assim o Todo-Poderoso preenche o espaço com a sua vibração e manifesta-se na génese de todas as coisas. Pode dizer-se que preenche o espaço. O espaço já está impresso, mas é necessária uma consciência para o cumprir. Assim tendes aí dois paralelos.

O Todo-Poderoso está em repouso, consciente e inconsciente e o Cavaleiro está em repouso neste estádio. Mas no momento do nascimento o habitáculo é ativado, do mesmo modo que o espaço é ativado quando os Mestres se encarnam no espaço. Surge movimento, não é? O mesmo acontece no nascimento e no movimento, não é? Algo é ativado. O habitáculo é ativado, tal como o espaço é ativado quando Deus Todo-Poderoso se torna consciente. Voltemos ao espaço. Assim, o Todo-Poderoso não pode ter criado o espaço! Surge então espontaneamente a pergunta: quem criou o espaço onde tudo isto está manifestado? Aí colocamos um ponto de interrogação, pois isso é tratado por uma inteligência que nem vós nem nós conseguimos compreender. Nem vós nem nós podemos responder seja o que for a esta pergunta. O axioma último novamente. Entendeis-me? Nem vós nem nós conseguimos fazer uma ideia disto.

— O Ambres diz que o pensamento vem antes do espaço. É preciso criar o espaço com o pensamento. Penso no primeiro livro de Moisés. O que o Ambres aqui referiu, como o espaço foi criado pelo pensamento, é na verdade o mesmo tema do livro de Moisés?

— Pois bem, naturalmente.

— Mas depois o Ambres tirou-me aqui as ilusões no fim e diz que quando tiramos tudo e chegamos a Deus ainda resta o espaço. Como é possível? Como é possível logicamente?

— Amados filhos, a lógica não tem lugar! Compreendo a tua confusão e é muito conhecida. Também eu já tive esta confusão à minha volta. Nunca conseguireis analisar-vos até uma imagem total!

— Podes falar algo sobre o conceito de Deus?

— Pois bem, o conceito de Deus. Amados filhos, acho que não falamos de outra coisa senão do conceito de Deus! Podemos voltar a perguntar: o que é Deus? Temos cada um o nosso Deus pessoal? Então temos de dizer, sim, de certa forma, pois todos carregais uma centelha de Deus encarnada no vosso interior. Existe um Todo-Poderoso? Sim, também existe, pois Deus manifesta-se na génese de todas as coisas. O que é Deus? É uma inteligência? Sim, é uma inteligência. É um ser que tudo vê? Sim, também é. É o todo e estais penetrados pelo seu espírito. É assim. Mas o conceito de Deus... Amados filhos, quando o ser humano começa a analisar, analisa até dissecar, e assim fragmentou a verdade em detalhes tão pequenos que já não consegue juntá-los e vê-los na sua totalidade. Pois bem, Deus... Voltamos novamente às imagens dimensionais. Podemos olhar para elas um pouco, pois há nelas outra simbologia muito, muito interessante.

Lembrai-vos de que na vossa Sagrada Escritura há verdades maiores do que jamais podeis imaginar! Além disso, já vos aconselhei em ocasiões anteriores a reler a narrativa da criação, no primeiro livro de Moisés. Leiam o livro de Moisés até ao vigésimo capítulo, mas lede-o com imaginação criadora e não vos fixeis na palavra em si, pois há nele uma simbologia muito mais profunda do que jamais podeis imaginar!

Voltemos à sétima dimensão, que nesse caso seria o Eu Espiritual Superior ou, por outras palavras, o super-eu. A oitava dimensão seria então Deus Todo-Poderoso. Agora suponhamos assim, esquecemos tudo isto. Dizemos que não existe comprimento, superfície, espaço, movimento, observador nem nada disto. Perguntamo-nos novamente: o que resta agora? O que resta? O espaço continua a existir, onde tudo isto

está manifestado. O espaço é a nona dimensão. O espaço onde tudo isto está manifestado continua a existir e surge novamente a pergunta que fizemos há pouco: quem criou o espaço? Aí temos de colocar um ponto de interrogação.

Talvez devêssemos ver e sentir que Deus é o Todo-Poderoso no espaço vital que experimentamos. Deus Todo-Poderoso penetra a génese de todas as coisas. Mas alguém ou algo criou este espaço vital onde Deus Todo-Poderoso está manifestado. Entendeis-me? Notai bem, na maior parte das filosofias, na maior parte das mensagens, também está escrito: no princípio foi criado o homem. E também está escrito que Deus estava no plural. Entendeis-me? Quando o Senhor diz: «Façamos o homem à nossa imagem.» Assim não é Deus Todo-Poderoso que fala, mas algo diferente. Ou haverá vários deuses? Pode ser?

— Temos os sete seres e os filhos de Deus, esses podem ser vistos como deuses a partir de nós.

— Do vosso ponto de vista, podeis vê-los como deuses, pois possuem uma inteligência que ultrapassa a capacidade de compreensão do ser humano. Falámos antes que Deus Todo-Poderoso e o Senhor, os sete deuses, são duas criações distintas. Mas a criação do espaço é a décima dimensão. Aqui temos um ponto de interrogação, pois aí pressentimos algo que nenhuma palavra consegue descrever, nem sequer como ideia abstrata. Falei antes do axioma último. Já disse antes que deveis estar conscientes de que acima de todos vós está uma inteligência superior à que jamais podeis imaginar. No espaço vital em que vos encontrais, aqui existe um poder e chamais-lhe Deus Todo-Poderoso. Tem muitos nomes.

É conhecido e ainda mais desconhecido. Está manifestado na génese de todas as coisas e negado por muitos. Mas por muitos mais é adorado como o Deus que é. Mas. Se olharmos para este espaço vital: o espaço vital foi criado, o Todo-Poderoso foi criado, aquele a quem chamais Deus foi criado. Só falámos deste plano de vida, desta galáxia em que vos encontrais, desta esfera de desenvolvimento em que vos encontrais. Aí Deus existe de facto no plural. Entendeis-me? Mas algo criou, mas o

pensamento humano não consegue compreender e às vezes vertigem, pois por trás de todo o ser criador existe um poder tal que este universo é um nada, mas é mesmo assim uma maravilhosa legalidade e um maravilhoso amor!

Assim existe uma fonte de força que é totalmente ilimitada pelo espaço-tempo. Chamo a esta fonte de força o Guia do Caminho.

O Guia do Caminho é absolutamente universal, de onde tudo surgiu. Cada era e cada parte surgiu do corpo vivo do Guia do Caminho. O que chamamos o Nada e o seu reflexo também fazem parte do corpo vivo do Guia do Caminho. Portanto, existe uma fonte de força que está além do que chamais divindade! É total e abrangente. É uma força coesiva no universo. Poder-se-ia chamar-lhe a consciência de Deus Mãe/Pai.

— São coisas difíceis estas...

— Queridos filhos, e são! Muito mais difíceis do que jamais podeis imaginar! Já disse antes que o ser humano está com uma mão desesperadamente agarrado à matéria. Com a outra tenta alcançar as estrelas e não compreende que para alcançar as estrelas tem de largar a outra mão. Tendes de largar um dia e caminhar no amor! Esta pergunta não podemos fazer: «Para que serve? Para que há de servir?» mas apenas aceitar que aqui e agora existimos como uma ilusão, mas façamos o melhor que pudermos desta ilusão!

### O EQUILÍBRIO ECOLÓGICO E OS LIMITES DO PLANETA

Quando vedes este planeta, quando vedes este maravilhoso ser vivo diante de vós, quero perguntar-vos: amai-lo? Amais! Mas vedes os seres humanos no seu egoísmo, apenas na sua sede de poder, na sua impressão, tentam sufocar os centros nervosos do planeta, por assim dizer. No seu desconhecimento, lentamente sufocam este organismo vivo. Sufocam a origem da sua própria existência, a mãe que criou o vosso habitáculo! É o planeta que vos dá o alimento para o vosso sustento. Protege-vos, por exemplo, quando sentis o frio. É agradavelmente fresco quando está calor.

### O ALIMENTO

O planeta é, como já disse muitas vezes, um organismo vivo. É o planeta que vos dá o alimento. Continuemos e olhemos um pouco para o ser humano. Porque ingeris o vosso alimento? É porque é bom comer ou é para fornecer energia ao organismo? Com que objetivo ingeris o vosso alimento? Pensai um pouco. Para fornecer energia? Notai bem, deve ser um alimento que tenha uma frequência elevada e não baixa. Já disse antes que deveis procurar o vosso alimento o mais abaixo possível na vossa escala evolutiva, ou seja, no reino vegetal.

Falámos numa ocasião anterior sobre o consumo de carne. Tem uma frequência muito baixa. Assim forneceis ao vosso próprio organismo um suplemento de frequência mais baixa. Digo que a carne tem um centro de gravidade baixo, enquanto o peixe, a ave têm outro centro de gravidade e o reino vegetal tem o centro de gravidade mais baixo. Entendeis-me?

Quando digo que o alimento deve ser tomado o mais abaixo possível na escala evolutiva, não quero dizer apenas isto: que forneceis ao vosso organismo a angústia do animal quando é abatido como presa. Não forneceis apenas ao organismo o ácido úrico do animal, um suplemento de ligações cristalinas, mas também forneceis ao organismo um centro de gravidade muito baixo ao planeta. Podemos comparar isto ao mesmo que acontece quando o vosso habitáculo volta ao planeta. Se volta num estado de angústia, por exemplo, então fornece ao planeta, este organismo, uma experiência dessa angústia.

No princípio os seres humanos nunca foram destinados a ingerir alimento animal. Se ingerirdes alimento do reino vegetal, obtendes um centro de gravidade muito mais elevado. Pode dizer-se que vos tornais mais leves. O organismo experimenta de outra forma e dizeis: «A minha consciência torna-se diferente.» Diz-se que a vossa divisão celular nesse caso obteve uma frequência muito mais leve, uma frequência muito mais ampla, enquanto a carne, quando a ingeris, sufoca a frequência. O organismo trabalha mais pesadamente. O alimento deve ser tomado do reino vegetal.

— É melhor usar o alimento que existe nas regiões onde vivemos? Ou é vantajoso usar alimento mais global, internacionalizar a nossa consciência?

— Amados filhos. Cada ser humano é um diapasão. Tendes uma frequência base dentro de vós que depende de três aspetos: a conceção, a encarnação e o local de nascimento em relação às correntes magnéticas terrestres. Estes três aspetos criam uma frequência base no ser humano. Encontrais-vos neste lugar e dentro desta esfera o planeta tem uma certa frequência. Outro lugar pertence a outra forma de frequência. Dentro de cada área de frequência o ser humano tem uma certa forma. É geralmente sabido que os seres humanos que, por exemplo, vivem isolados uns dos outros apresentam fases biológicas diferentes.

Isto pertence em parte à herança genética, mas o alimento também tem uma parte muito forte nisso. Entendeis-me? Encontrais-vos neste lugar. Quando ingeris então um alimento que pertence ao planeta exatamente ali, esse está em relação próxima de frequência à vossa. É correto. Deveis então tomar o alimento o mais próximo possível à vossa volta. Mas o ser humano é um ser fugaz, um andarilho. Talvez não consigais obter os vossos alimentos do local de nascimento, mas na medida do possível deveríeis tentar consegui-lo. Conseguis pensar nisso? Mas nada acontece se ingerirdes alimento de um lugar diferente do vosso local de nascimento.

Quando os seres humanos se orgulham de «Sou vegetariano» e assim olham com desprezo quem ainda ingere alimento animal… amados filhos. Isso é uma avaliação. Ajudai-o! Ajudai-a! Lembrai-vos disto: são os vossos sentidos que vos fornecem a sensação da carne, as papilas gustativas vo-las fornecem. Quando ingeris o vosso alimento, qual dos vossos sentidos reage então? O paladar, a visão, o olfato. Olhemos para isto. Quando, por exemplo, dizeis que esta foi uma boa refeição, vede como os vossos sentidos vos prendem através da educação, da impressão e do meio. A visão diz-vos que esta carne que preparais e ingeris parece apetitosa aos olhos. O olfato diz-vos que cheira bem. O paladar diz-vos que sabe maravilhosamente.

A impressão é tão diferente em cada ser humano. Viremos o exemplo. Já usei este exemplo antes. Estais noutro país onde vos oferecem o prato que mais amam e trazem-vos umas folhas verdes. Aceitais e começais a comer. Então vedes que rastejam ali uns gordos e deliciosos vermes. Toda a vosso mundo dos sentidos reage e diz: «Isto não é comida!» Porque não? Amados filhos, vós comeis os vossos irmãos que estão ao vosso lado na escala evolutiva! Isto é apenas uma avaliação diferente do mundo dos sentidos. Se fechásseis os olhos, não os víeis, desligásseis o sentido da visão e não soubésseis o que ingeríeis, talvez dissésseis que tinha um sabor maravilhosamente bom! Mas os sentidos fornecem-vos a informação.

### JEJUM

Para o vosso corpo o jejum tem grande significado, pois purificais dele os produtos de sedimentação e as substâncias residuais. Também para a alma, se assim o quiserdes chamar. Quando o habitáculo, o organismo, se encontra em equilíbrio tem maior recetividade para impulsos superiores. Isto aplica-se a todos. Não façais um jejum, como dizeis, de um dia, dois dias. Para que ocorra uma depuração, deve ultrapassar um período de três dias. Se agora pudermos falar de tempo ideal, eu diria nove dias. Não o recomendo, pois pode ser muito exigente para a vossa mente. Antes do terceiro dia ireis sentir uma irritação. Uma forte irritação, quando o organismo se liberta das substâncias residuais, antes de ter ultrapassado o primeiro limiar. Depois sentis um bem-estar e o jejum já não vos causa problemas. Entendeis-me? Isto aplica-se a todos. Misturai de preferência alguma forma suave de ervas e, se possível, algum óleo vegetal. Mas começai também o jejum limpando o vosso sistema intestinal.

Quer ingerais alimentos vegetais quer animais, deve haver equilíbrio. Um equilíbrio entre o vosso bem-estar e o vosso eu interior. O que deveis ingerir como alimento e o facto de seguirdes um certo ritmo do planeta e do organismo é uma ciência muito antiga.

### ERVAS CURATIVAS

Falais também que o ser humano experimenta estados de doença. Já dissemos que todas as vossas ervas curativas existem na natureza. Têm ação a longo prazo, enquanto os vossos preparados químicos, os vossos meios químicos, são de ação rápida mas de curta duração. Quando forneceis ao organismo tais meios, ele reage e tendes de lhe fornecer novamente novos preparados químicos para atenuar os efeitos secundários e colaterais dos primeiros. Começais com a primeira medicação e curais a primeira imagem de doença. Dessa medicação surgiu novamente uma doença secundária e ingeris novamente preparados químicos para atenuar os efeitos secundários da primeira. Depois tendes todo este círculo vicioso em que estais constantemente a ingerir algo que danifica o organismo. Nunca esqueçais que o vosso organismo pertence ao planeta e é construído celularmente por ele e as ervas curativas existem no planeta!

### O EQUILÍBRIO ECOLÓGICO DO PLANETA

O que faz o ser humano ao planeta? Devasta-o, fere-o. Com todos os meios tenta, no seu desconhecimento, destruí-lo a ele e a si mesmo! Quando o planeta se defende, o ser humano reage e amaldiçoa Deus Todo-Poderoso. Diz: «Como pode Deus ser tão cruel! Como pode o Todo-Poderoso ser tão cruel ao enviar-nos estas epidemias! Estas catástrofes naturais em que os seres humanos morrem às dezenas de milhar!» Não estais conscientes de que é o próprio ser humano que criou a base de tudo isto. Se enfrentardes a natureza, se enfrentardes o planeta de forma agressiva, ele também vos enfrentará de forma agressiva. Amados filhos, deveríeis viver em harmonia com ele! Tentai reduzir a parte do lucro económico. Vede também que não podem existir fronteiras neste organismo vivo.

Tendes este planeta que no seu amor vos alimenta. Se nos vossos sentidos experimentais contrariedades, avaliais. Pode tornar-se guerra.

Com o pensamento mental coletivo podeis então danificar o planeta, não é? Isto já aconteceu antes, vezes sem conta. Quando o planeta experimenta uma superfície ferida e, na sua defesa, na sua cura pessoal, reage, vós experimentais catástrofes, inundações, secas que seguem no rasto da guerra. Entendeis-me aqui? Do mesmo modo que quando vos feris, tendes no organismo glóbulos brancos que defendendo-vos. Do mesmo modo o planeta defende o seu organismo.

O que chamais «equilíbrio ecológico» é uma seleção natural. O ser humano vê-o, coloca-se lá fora e julga-o, mas ele próprio sai e mata indiscriminadamente os seus semelhantes. Nas vossas guerras, assim as chamais, criastes seres elementais, formas-pensamento que muitas vezes até afetam o planeta. O planeta cura-se a si mesmo. Experimentais mudanças climáticas, por exemplo, em que dizeis que já não há verões. Os invernos são terríveis. O planeta cura-se a si mesmo. Pode dizer-se que não tem culpa do ser humano na forma, mas apenas é consciente da sua existência, entendeis-me? Assim se cura a si mesmo.

Quando o ser humano interfere no equilíbrio ecológico, são os próprios seres humanos que criam a sua imagem cármica coletiva! O ser humano com o seu desenvolvimento técnico atingiu tais caminhos que chegou a um cruzamento. Se o desenvolvimento técnico não for invocado em relação à natureza, ao vosso próprio equilíbrio ecológico, será a longo prazo uma perdição. Assim já dissemos que o equilíbrio ecológico é destruído na vossa natureza. Vós próprios sois parte dessa natureza e mesmo assim não a protegeis! Também dissemos isto.

O que chamais energia nuclear não é o mais importante em si mesma, mas há pequenas coisas que são destrutivas. Por exemplo, se olhardes para a vossa camada de ozono. Entendeis-me aqui? Que com os vossos veículos destruís a camada de ozono que é útil ao ser humano para a sua sobrevivência neste planeta. Com os veículos que usais para a vossa atividade, o oxigénio acabará por desaparecer cada vez mais. Ao mesmo tempo que destruís a camada de ozono, destruís o equilíbrio ecológico, o crescimento e a oxigenação.

É necessário um trabalho. É necessária uma comunhão humana e uma visão humana aberta no vosso mundo circundante, para que trabalheis com a natureza e os seus padrões de vida e não contra ela. Isto deveríeis poder ver em cada coisa, em cada acontecimento durante a vossa condução de vida! Entendeis-me? Não é minha intenção repreender-vos de forma alguma! Não é de modo algum minha intenção fazer-vos um sermão do dia do juízo, mas amo-vos tanto e por isso temos de começar algures.

### FRONTEIRAS

Falámos antes que este planeta é um organismo vivo. É um ser vivo. Nunca o esqueçais! É o planeta que vos dá o alimento. É o planeta que vos dá o organismo que trazeis e o habitáculo físico dos seres humanos é um produto do planeta. Nada mais! A consciência do eu que trazeis convosco depende da vossa impressão. Os vossos sentidos foram constantemente moldados desde a mais tenra infância. Tu és fulano. Tens este e aquele nome e mais tarde crias pouco a pouco uma identidade.

Este é o planeta. Este maravilhoso organismo! Os seres humanos objetam e dizem: «Este planeta é o nosso planeta.» Amados filhos, vós não o possuís. É este planeta que vos possui! Estais constantemente dependentes dele de todas as formas. Mas o ser humano na sua consciência do eu, na consciência coletiva do eu, estabelece fronteiras e diz: «Este é o meu país. Este é o teu.» Tende-lo apenas como empréstimo durante o vosso período de vida. Quando tiverdes partido deste plano de vida nada tendes. Assim dizeis que dividistes o planeta em diferentes países, diferentes nações, por exemplo, e aí o dividistes e dizeis: «Este é o meu país e este é o teu país. Esta é a minha cultura e esta é a tua cultura.» Como pode alguma vez algo ser teu e meu quando sois apenas como pequenos micróbios na superfície do planeta?

Quando vos falo de amor, os seres humanos respondem: «Amo o meu próximo.» Pois bem, amais? Tendes um país. Aqui está outro país. Nesse país tendes uma certa cultura. Neste país tendes outra cultura. Aqui tendes uma imagem religiosa e ali outra imagem religiosa. Tendes outras tradições em relação uns aos outros e ambos gritam: «Defendamos o

país, as suas tradições, a sua cultura e religião!» Estabeleceis fronteiras na sua superfície. Porquê? Não podeis ver fronteiras. O amor não tem fronteiras no fundo! O que é então que impele o ser humano durante toda a sua vida? Quando digo que temeis uns aos outros, temeis por vós mesmos. Não há um único ser humano que não tema algo: o vosso trabalho, os vossos filhos, o vosso companheiro, que o céu caia sobre as vossas cabeças ou algo parecido. É este medo que é subjetivo e que constantemente vos dirige no vosso relacionamento uns com os outros. É subjetivo no fundo.

Queridos filhos! Estais encarnados neste país. Adotastes a sua cultura, a sua tradição e a sua imagem religiosa. Depois talvez digais também: «Deus guarde o rei e a pátria!» Assim amais o país e defendeis os vossos direitos. Passais por este período de vida, passais pela segunda porta, passais pelo plano do desejo, pelo plano mental e regressais a uma nova encarnação num novo habitáculo. Na encarnação seguinte talvez vos encontreis noutro país, com uma tradição completamente diferente, uma cultura completamente diferente, uma imagem religiosa completamente diferente. Talvez encarneis num habitáculo que se encontra noutro país onde cresceis. Adotais a sua cultura, as suas tradições, talvez outra imagem religiosa e também aí talvez griteis: «Deus guarde o rei e a pátria!» Defendeis o seu território. Surge um conflito.

O ser humano, influenciado pelo mundo dos sentidos, pela impressão, pega em armas para defender os respetivos países. Talvez algum sumo sacerdote em cada país abençoe essas armas e diga: «Ide e lutai. Esta é uma guerra santa.» Como é então possível? Isto acontece constantemente. A toda a hora, todos os dias, a toda a hora, em todo o lado deste planeta, o ser humano desce mais baixo do que o animal ao torturar o seu semelhante. Por exemplo, através das vossas guerras. Alguém diz: «Isso acontece lá. Eu estou aqui.» Nenhum ser humano pode colocar-se de fora! Este é um organismo global em si mesmo.

Alguém diz que é uma pena aqueles que estão numa situação em que não têm o seu alimento, o seu sustento. Pois bem. Este é novamente o vosso planeta. Este é o vosso país. Este é outro país. Aqui e agora, quando estais encarnados e dizeis, por exemplo: «Este é um país rico. Este

é um país pobre.» Dizeis: «É uma pena para eles. Deveríamos fazer algo. Deveríamos partilhar com eles, para que possam ter algo com que se cobrir e alguns grãos para o seu sustento.» Mas suponhamos agora que eles vêm para cá. Suponhamos também que tendes ouro e bens. Tendes grandes propriedades, por exemplo. As vossas mesas vergam sob diferentes pratos. Vedes estas hordas em fome e miséria.

Vêm assim e pedem a sua herança terrestre, que este planeta seja dividido igualmente entre ricos e pobres. Suponhamos agora que tudo vai piorar. Do mesmo modo que eles estão nas vossas propriedades e reclamam o vosso alimento. Então os seres humanos recorrem a armas porque estais presos no mundo dos sentidos e na vossa posse. Então o amor já não existe, mas à distância o amor existe! Quando se aproximam, defendeis-vos, a vossa casa. Aqueles que assim têm este poder, entrincheiraram-se e apropriaram-se no seu excesso. Quando os pobres se encontram a uma certa distância podem ter pena deles, mas quando se aproximam, o ser humano recorre ao poder das armas para se defender do que considera seu. Diriam: «Este é o meu país e não é para mais ninguém. Eu possuo isto e existe apenas para mim.» É isso amor? O que vedes como sofrimento deveis tratar com amor. Podeis aliviar o seu sofrimento através do amor. Onde está a compreensão pelo vosso próximo? A forma do eu surge na sua plena clareza. «Porquê?» diz então o ser humano e amaldiçoa Deus. Como pode Deus criar pobreza e fome? Como pode Deus criar as guerras?» É o ser humano que as cria através dos seus sentidos e das suas avaliações na matéria. Amados filhos. O que tem Deus a ver com isto? Se depois o ser humano sofre dentro deste país e grita na sua desesperança orações a um poder superior. Pois bem. Deus ouve a oração, mas como colheis, assim semeastes. Deus não criou. O que o ser humano criou terá de cumprir e depois também terá de colher o que semeou numa encarnação futura. Entendeis-me? Não sobrecarregueis Deus Todo-Poderoso com o que o ser humano realiza no seu mundo dos sentidos!

Amados filhos. Agradecei a este espírito a cada minuto, a cada segundo que respirais por terdes esta oportunidade de estar na matéria no vosso organismo! Pois durante este fugaz tempo terrestre podeis

libertar-vos dos laços à matéria para encontrar a clareza, pois é na terra mais grosseira e na escuridão mais escura que o grão deve germinar e a flor crescer. Pode comparar-se esta matéria, este plano de vida físico, ao adubo onde o ser humano está plantado, onde pode encontrar o seu próprio eu interior e a sua verdadeira identidade.

O que é então a mais forte parede divisória do ser humano? A comunicação, o sistema linguístico. Falai uns com os outros! Se pudésseis falar através de imagens mentais, nunca haveria problemas, mas compreender-vos-íeis diretamente, sem falar. Mas no estado atual não o podeis fazer, pois há demasiado desejo dentro de vós e nenhum ser humano consegue abrir-se desse modo, que vos deixe completamente abertos à inspeção. Estai completamente abertos uns aos outros! Não tendes nada a esconder de forma alguma! Se agora dissermos que todos os seres humanos no fundo provêm deste planeta, como podeis então estabelecer estas fronteiras?

Porque receais uns aos outros? Amados filhos, amais-vos uns aos outros, amais. Pois bem. Há diferentes fronteiras. Há visíveis e há invisíveis. Quando estabeleceis estas fronteiras invisíveis, o que acontece então? Fica melhor? Vamos aos sentidos, pois sois moldados de forma diferente. Quando as diferenças vêm ao de cima e as trazeis à superfície, os sentidos reagem. É a fronteira invisível que é muito mais importante ultrapassar do que a fronteira visível. Como podeis ultrapassar esta fronteira invisível?

Queridos filhos, encontrais-vos no fim desta era com uma transição para vos tornardes humanos inteiros e para descobrirdes o amor. Está perto de vós. Mesmo assim podeis estar tão presos no mundo dos sentidos e na impressão que cegamente obedeceis e pegais em armas para defender algo que é o vosso habitáculo base comum. O planeta. Porque não há fronteiras! Vedes seres vivos, respiração pulsante. A frequência cardíaca do ser humano corresponde à do planeta.

A frequência cerebral do ser humano também corresponde à frequência do planeta. Este planeta tem um pensamento base. Tem uma consciência, um banco de memórias e o ser humano é apenas um

produto do planeta! Tentai ver este planeta como um organismo vivo, onde apenas vos encontrais na sua superfície. Onde ele, como servidor, vos dá do seu excesso. Mas o ser humano maltrata-o de todas as maneiras. Amai-o! Protegei-o! Não perturbeis o equilíbrio ecológico do planeta. O planeta não vos perturba, mas o ser humano danifica-o de muitas maneiras. Amai-o!

### UM CONSTANTE CICLO, UMA CONSTANTE CRIAÇÃO

É um constante ciclo no cosmos, uma constante criação. Já falei disto vezes sem conta.

— Tenho uma pergunta. Para que serve esta evolução? Porque não pôde ficar num estado base, num estado primordial?

Nunca existiu um estado base! Tende um pouco de paciência... Queridos filhos. Agora vai haver repetição! Vamos voltar ao anterior e dizemos que aqui temos novamente a evolução. No princípio formou-se Deus Todo-Poderoso ao ativar-se. Assim criou-se o Eu Espiritual Superior em multiplicidade. Estes dividiram-se no duplo esotérico que por sua vez encarnou dois Cavaleiros por cada Eu Espiritual Superior na matéria. Pois bem. Estes dois Cavaleiros juntamente com o Eu Espiritual Superior são assim são um Espírito Crístico. Uma cadeia evolutiva assim atingiu o seu culminar. Para este espaço vêm o Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas em multiplicidade encarnando-se para cima, trazendo este éter, este Éter Primordial, do qual formam o seu habitáculo. Pois bem, os Cavaleiros são lançados com este Éter Primordial que se transformou nesta força. Assim esta forma também contém inteligências. Entendeis-me? Aqui encarnaram-se para cima em multiplicidade o Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas. Do seu habitáculo servem com os meios de expressão para a encarnação dos Cavaleiros. É o mesmo éter de que vós sois constituídos. Com o pensamento criaram o seu habitáculo para a forma plástica, para a forma gasosa e aqui na linha equatorial da espiral, para a forma mineral.

Após tempos infinitos surgem os reinos vegetal e animal. Os Cavaleiros encarnam para mas não em. Entendeis? Não em algo, mas recebendo imagens de experiência. O Cavaleiro encarna finalmente na

carne, no ser humano em formação. Os Cavaleiros encontram-se em desenvolvimento durante todo este processo, recolhendo imagens de experiência de todo o fluxo do tempo.

Vamos olhar novamente para esta espiral de desenvolvimento, este fluxo do tempo. Agora contamos. Do topo até à sua base: uma era e cada volta neste círculo, de meridiano a meridiano, é um ciclo cósmico. Assim um, dois, três, quatro, cinco, seis e sete. Aí marcamos assim a linha equatorial da espiral e o meio meridiano, polo norte e polo sul. Da linha equatorial até voltar a entrar, no seu polo norte, também aí são sete períodos cíclicos. Na linha equatorial a espiral atingiu um culminar. Expandiu-se para agora se contrair. Esta é uma expiração e depois uma inspiração. «O dia e a noite de Brama» fala-se nas escrituras esotéricas, a expiração e inspiração do universo.

Este fluxo do tempo é gravitação e tempo e luz, que são a mesma coisa. Voltemos agora à base. Aqui, no seu princípio, é acelerador. Assim a gravitação é extremamente forte. Da linha equatorial da espiral começa novamente aceleração para uma fase final.

Uma era de desenvolvimento consiste assim em catorze períodos cíclicos. Atualmente deixámos um ciclo cósmico para entrar num novo, e o ser humano encontra-se na transição para uma nova era. Estamos no ponto de rutura desta era! O fluxo do tempo é mutável No fim desta era, o fluxo do tempo acelera. Torna-se cada vez mais forte. Não podeis contar o fluxo do tempo em anos, pois os anos são apenas uma parte mecânica da vossa existência.

O fluxo do tempo é gravitação e luz. Se virmos na linha equatorial na espiral de desenvolvimento, o fluxo do tempo é lento. A gravitação é fraca, mas quanto mais vos aproximais do seu topo, mais acelera. Torna-se cada vez mais forte, mas continuais a sentir que os vossos minutos, dias e anos têm a mesma duração. O movimento mecânico acelera do mesmo modo que o fluxo do tempo no seu todo. A vossa distância continua a ser a mesma, pois todo o vosso sistema de medidas, todo o vosso mundo mecânico muda tal como o fluxo do tempo. Quando a gravitação acelera não o notais no vosso tempo cronológico mas com o

vosso interior, o vosso organismo, experimentam-no muito fortemente. Notam-no no vosso organismo. Notam-no no vosso sentimento. Quando a gravitação acelera, a transição de um ciclo cósmico para a outra torna-se um período de rutura muito forte. Do mesmo modo a vossa técnica acelera novamente muito rapidamente. Muitos seres humanos experimentam clivagem durante este tempo.

O ser humano ainda se desenvolve. O ser humano desenvolver-se-á ainda mais à medida que avançais no fluxo do tempo e quando agora entrais na nova era.

— Não é verdade que o ser humano ainda está na energia animal, no reino dos animais, que temos ainda muito caminho pela frente?

— Naturalmente. Chamo-lhes «seres humanos em formação». No futuro assim nascerão para este planeta seres humanos cujos tipos sanguíneos e composição genética não coincidem com nenhum dos progenitores. Isto pertence a esta nova era que está a chegar. Entendeis-me? Um pai dirá: «Não é o meu filho» e a mãe tem o mesmo direito de dizer: «Dificilmente pode ser o meu filho, pois não coincide.» Continuamente isto acontecerá, pois um novo ser humano verá a luz do dia.

É a entrada numa nova era em que o ser humano assim mudará na sua estrutura molecular. O ser humano tornar-se-á consciente do seu Cavaleiro e tornar-se-á humano, inteiro! O ser humano mudará na forma, de ser «humano em formação» para se tornar «humano inteiro». Tornar-se-á consciente da sua existência, do seu eu interior. Chegastes mais perto do vosso Cavaleiro durante o vosso período de desenvolvimento do polo sul ao polo norte. O que acontece então? Elevais-vos em frequência. Também o planeta se eleva na sua frequência. Tudo se eleva na sua frequência!

Falámos antes do mar do Ser e da primeira onda. A primeira causa, aquela que «largou a pedra», deu origem à primeira onda e podemos chamar à primeira onda uma era que atinge a sua plenitude. Ou seja, este movimento de onda procura o conhecimento até onde a sua força alcançar e depois entra como parte na próxima onda. Pouco a pouco

percorre toda a superfície do lago até atingir as margens mais externas. Depois regressa à sua origem e surge novamente o repouso. Então dizemos que cada tal movimento de onda entrará como parte do seguinte. Se déssemos à primeira onda um número de desenvolvimento, digamos um número imaginário de dez.

Quando entra na onda seguinte, tem de ir com ela e levar o seu conhecimento, mas o conhecimento será duplicado, porque a onda seguinte obtém ainda mais conhecimento do que a anterior. Duplicamo-lo para vinte, para quarenta e assim sucessivamente até atingir as margens imaginárias do lago. Quando a primeira onda, que podemos chamar uma era, atingiu a sua plenitude, encarna para cima para um novo espaço vital e inicia o princípio da segunda era, o seu movimento. Terá de a seguir até certo nível. Depois terá de entrar nela, como parte dela. A primeira era atinge um certo conhecimento. Podemos ouvir quando encarna para cima para a era seguinte. Então serve com o seu conhecimento do primeiro movimento. Tudo se eleva assim em frequência!

Dissemos que o ser humano se encontra na transição para uma nova era. O pequeno tempo fugaz que experimentais no vosso organismo é um piscar de olhos. Viveis, amais, odiais, gerais descendência, tendes uma escolha profissional, um nome e assim por diante, que é perecível na consciência exterior. O eu interior não é perecível. É uma pérola dourada de experiências que recebeis, a pérola dourada que levareis convosco na vinda peregrinação na próxima era. Esta é a nova era em que os seres humanos subirão e se tornarão humanos, inteiros.

O planeta em si mesmo é um ser vivo. Um maravilhoso organismo que serve com os meios de expressão para planta, animal e ser humano. Do mesmo modo a paralelo deva. Já disse que o planeta já está a mudar a sua frequência. Está nas suas dores de parto e os seres humanos como produto do planeta experimentam-no com o seu organismo. Experimentais sintomas de stress. Certamente dizeis que a vossa contagem cronológica do tempo continua a ser a mesma, mas no vosso habitáculo notais uma mudança que não conseguis precisar onde pertence. Isto faz com que entreis em inquietação e divisão interior. Este é

o início da transição. Tendes de vos acalmar e procurar para dentro, dentro de vós próprios.

Na entrada desta era a transição é difícil. O ser humano ver-se-á confrontado com tentações, pois os seres humanos querem chegar o mais longe e o mais rápido possível e fogem do seu ego interior para satisfazer o seu eu exterior. Tendes de ver com clareza e perscrutar! Esta existência é mais do que apenas o vosso próprio eu, o vosso eu exterior. É colaboração e amor ao próximo. É esta velha tese: «Assim como quereis que os seres humanos vos façam, fazei-lho vós também.» Este princípio deve ser vivido, apesar de o mandamento ser tão antigo, segundo a vossa contagem cronológica do tempo.

Estais fortemente ancorados na matéria. A matéria prende-vos. Procurais o desenvolvimento espiritual mas estais pendurados na matéria e oscilais entre ambos. Tendes de largar a ancoragem à matéria e libertar-vos no espírito! Libertar-vos das ideias preconcebidas e da impressão e do mundo dos sentidos! Não julgueis uns aos outros mas tomai as cargas uns dos outros! Aquele que se liberta do mundo dos sentidos e vê o princípio do amor no fundo, atinge esta fonte de conhecimento. Procura-o ou procura-a. Procura sempre uma saída. No tempo que há de vir, o amor entre os seres humanos e o princípio do amor tornar-se-ão uma realidade. Mas o planeta em si mesmo, este ser vivo, está em dores de parto. Assim sendo, o que aconteceu durante este período de desenvolvimento? O que vos aconteceu durante o vosso período de desenvolvimento do polo sul ao polo norte, se virmos a espiral de desenvolvimento? Chegastes mais perto do vosso Cavaleiro! O que acontece então? Elevais-vos em frequência, pois bem. Não é lógico pensar que também o planeta se eleva na sua frequência? Tudo se eleva na sua frequência.

Este planeta é um ser vivo, não é? Animado por um Espírito Crístico. Quando esta era caminha para o seu fim, e assim a gravidez está completa e o parto começa, para onde vai então este Espírito Crístico?

— Nascem novos planetas… Talvez os humanos comecem num novo planeta ou novo sistema solar ou para dimensões umas nas outras? Uma nova Mãe Terra novamente? O Espírito Crístico talvez esteja nela?

— Já disse antes que este planeta está em dores de parto. É a entrada numa nova era. Entramos num campo gravítico completamente novo. Uma escala de tempo completamente nova e do mesmo modo, como está escrito nas escrituras: «Um novo céu e uma nova terra nascerão.» O Espírito Crístico regressa então a quê? Queridos, queridos filhos! Regressa à sua origem mas antes disso duplicou-se, elevou a sua frequência. A matéria regressa ao seu estado original onde assim o Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas novamente moldam o seu habitáculo, largam o seu pensamento e o habitáculo novamente se torna esta energia onde vós então como mestres sois lançados para fora num novo universo como pedras de construção novamente. Mas resta neste espaço vital uma célula viva. De Deus a Deus, criais do vosso modo.

— É como se estivesse no corpo de Deus?

— Pois bem. Queridos filhos. A gravidez assim fez com que este planeta se elevasse na sua frequência! Não é visível aos vossos olhos, mas é mesmo assim uma duplicação, um nascimento. Aqui devolve uma célula viva. Quando o Espírito Crístico regressa ao Eu Espiritual Superior, este elevou-se na sua frequência. Toda esta célula elevou-se na sua frequência e novamente… Pois bem?

— Encarnam o Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas?

— Pois bem, e de quê?

De outra cadeia de encarnação?

A cadeia evolutiva atingiu o seu culminar. Aqui vêm encarnando para cima o Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas. Os Cavaleiros são novamente lançados com este ur-éter que novamente se transformou nesta força. Depois vós, notai bem, eu digo vós, sois lançados para fora num novo universo mas então como o duplo inteiro. O Eu Espiritual Superior é novamente lançado para fora num novo universo.

O vosso planeta é um ser vivo e há uma criação constante. O vosso planeta vai mudar a sua estrutura. Vai elevar-se em frequência e igualmente este planeta vai nascer — para um novo planeta. Este é o vosso sol, o vosso sol físico. Todo este sol físico tem um invólucro imaterial. De um ciclo cósmico anterior está assim a caminho de uma nova fase. Deixa uma influência. O planeta está a caminho de sair deste cosmos para entrar num novo cosmos, não é? O que o afeta então? Pois bem, o sol, a frequência do sol. Transforma o seu ser. Recolhe a energia necessária para se deslocar na transição.

Humano em formação — 6.º dia Reino animal — 5.º dia Reino vegetal — 4.º dia Reino mineral — 3.º dia Linha equatorial Forma gasosa — 2.º dia Forma plástica — 1.º dia

Quando assim desenhamos esta espiral de desenvolvimento, vemos que ela regressa a si mesma. Entendeis-me? Quanto mais alto e mais longe chegais na escala evolutiva, mais forte se torna a gravitação e pouco a pouco ela implodirá em si mesma e novamente a matéria se formará a partir do átomo físico, para quê? Antimatéria. Passa para antimatéria e novamente desce. O Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas encarnam agora para um novo espaço, como pedras de construção de um novo universo. Esta é uma célula viva. Queridos filhos, sei que isto é críptico e um problema, mas mesmo assim…

Depois caminha novamente numa evolução maior e regressa novamente a si mesma e assim continua a caminhada cada vez maior e maior. Entendeis-me agora? Como disse, pode então ver-se assim: o invólucro exterior é uma gravidez. O interior é um parto. Uma gravidez e no fundo um novo parto. A diferença entre estes são diferentes graus de consciência. Pouco a pouco a consciência do eu passa a uma consciência maior ao poder dizer-se que um grupo de «eu» tem uma consciência-nós. Estais a acompanhar-me?

O Cavaleiro fez a sua peregrinação de estado em estado. Da forma plástica à forma gasosa, à forma mineral, vegetal, animal e ao humano em formação. Amados filhos, é um constante, constante ciclo! A prana expande-se! O ser humano nunca poderá compreender o pensamento

que está por trás desta construção! O ser humano não consegue compreender o amor que está por trás da sua existência. Assim o humano em formação passou por todos os estádios de desenvolvimento como Cavaleiro. Da forma plástica caminhou todo o caminho, através de toda esta era. Assim começa novamente na sua base, chegamos a um novo espaço vital, onde um novo Todo-Poderoso repousa consciente e inconsciente...

Já falei antes do Eu Espiritual Superior que através do duplo esotérico se reflete para baixo no reino da matéria. Um átomo-semente trinitário que se encarna em trindade no mental abstrato, o eu e o super-eu. Estes manifestam-se na carne. Pode então dizer-se que estes três estão encarnados e a parte encarnada mais o duplo esotérico é o Cavaleiro. O Cavaleiro é uma dualidade, um duplo, um um dividido. O Cavaleiro entra juntamente com o Eu Espiritual Superior numa Espírito Crístico. Os Cavaleiros encarnam agora como mulher em infinitos períodos de encarnação até a quota estar preenchida. Depois muda e encarna como homem até a quota de formas de experiência estar preenchida. Depois disto os Eus Espirituais Superiores juntam-se numa unidade. Um duplo. Estes dois Cavaleiros juntos fundem-se numa unidade. Entendeis-me? É então novamente um duplo, uma fusão num eu. Simbolicamente podemos dizer que o homem e a mulher novamente se fundem em Mãe.

Estes dois Cavaleiros assim procurarão juntar-se e subirão como uma unidade e aí encarnarão mais num plano superior. Não precisa de ser este planeta. Encarnam noutra forma, não como o humano se experiencia. Entendeis-me? Podeis igualmente ser bissexuados. Assim quando o humano após incontáveis peregrinações na matéria acorda cada vez mais para a compreensão, aproximar-se-á da sua outra parte, do seu outro polo na sua evolução. Pouco a pouco estes dois fundir-se-ão numa unidade e depois criarão juntos como uma unidade uma cadeia de encarnação completamente diferente. Exatamente a mesma de antes, mas agora noutra frequência. Entendeis-me aí? Continuam a encarnar, mas então não neste plano de inércia, mas como seres bissexuados, para seres bissexuados, mas são Cavaleiro mais Cavaleiro encarnados.

A forma do habitáculo é variável mas este é um estado superior. Após novamente uma quantidade de encarnações, ficam cada vez mais perto do seu Eu Espiritual Superior, para depois com forma de experiência da forma plástica, gasosa com a forma mineral e igualmente reino vegetal, reino animal e depois infinitos períodos de encarnação como o seu duplo, igualmente regressar ao Eu Espiritual Superior. Depois encarnando para cima para um novo cosmos como pedras de construção de um novo universo para com o seu pensamento criarem o seu habitáculo como o espírito servidor e servir com formas de expressão para os vindouros Cavaleiros que por sua vez se desenvolvem nesta evolução… Queridos filhos, como explicar isto?

Quando tiverdes passado pelas fases de desenvolvimento do «humano em formação» para «humano inteiro», assim para um Espírito Crístico, descereis novamente ao seu centro e novamente encarnareis para baixo num novo espaço vital trazendo consciência. Entendeis-me? O mesmo caminho voltareis a percorrer. O Eu Espiritual Superior está consciente do vosso duplo e também o vosso Cavaleiro está consciente do vosso duplo.

— São duas pessoas diferentes que se vão fundir numa só pessoa?

— Fundir-se numa unidade. Não o vejais como pessoas! Aí pensas subjetivamente! Aí partes do teu pensamento e vês apenas o habitáculo.

— Pode-se encontrar o seu duplo nesta vida terrena?

— Isto não podeis fazer. Um dos Cavaleiros está constantemente encarnado na carne, mas o outro não está encarnado neste plano de vida. Pode estar encarnado noutros planos de vida, mas não ao mesmo tempo. Isto pode acontecer, mas é mesmo assim uma raridade e duvido que alguém o tenha experimentado. Segue uma legalidade. Os Cavaleiros encarnam alternadamente, mas pouco a pouco aproximam-se um do outro e fundem-se numa dualidade. Depois encarnam como uma unidade para formas de vida superiores.

— Vamos da unidade para a dualidade só para voltar novamente à unidade?

— Sim, mas o que aconteceu nesse meio tempo? Passastes da unidade para a dualidade e de volta à unidade. Enriqueceu, não é? Assim voltam a encarnar para cima o Mestre do Sol e os Mestres dos Planetas em multiplicidade, criando o seu habitáculo com o seu pensamento. Temos assim novamente este espaço impresso, onde Deus Todo-Poderoso repousa consciente e inconsciente. Aqui algures um espaço, onde a cadeia evolutiva atingiu o seu culminar, vêm encarnando para cima o Mestre do Sol, os Mestres dos Planetas em multiplicidade. O Eu Espiritual Superior está agora completo. A cópia do Todo-Poderoso prepara-se para a sua peregrinação e encarna novamente num novo cosmos como pedras de construção de um novo universo, recolhendo com o seu pensamento o seu habitáculo. Encarnais num novo cosmos com uma consciência muito superior à que atualmente tendes, como pedras fundamentais para a construção de um novo universo.

Pouco a pouco experimentareis, quando descerdes e fordes lançados para fora num novo universo como pedras de construção, que sois Deuses em formação. Pouco a pouco experimentais um estado em que vós, digo vós, vos tornais andarilhos no cosmos. Tornais-vos Deuses em formação. Tendes então vós mesmos atingido aquele estádio de que falámos antes, a oitava dimensão. Assim estais à espera, pois a criação continua constantemente. Cada criação não tem fim nem princípio. É um pensamento paradoxal, mas é mesmo assim. Assim é um constante ciclo, uma constante criação onde vós, amados filhos, pouco a pouco, sois deuses em formação. Sois deuses em vós mesmos. Pouco a pouco cria-se aqui neste organismo uma célula consciente. Entendeis-me?

— Não há uma certa diferença de nuance entre o que os deuses representam e nós? Porque o que nós fazemos, apesar de imperfeito, acontece em liberdade. Nós fazemo-lo a partir de nós mesmos. Podemos dizer não. Podem os deuses dizer não?

Os deuses não podem dizer não. Mas o humano pode dizer não. Mas notai bem, quando o humano diz não, é apenas com o organismo que falais. O vosso eu interior não pode dizer não. O vosso deus interior também não pode dizer não. Entendeis-me? Aceitemos uma coisa: dentro

de vós tendes uma parte encarnada que é o eu. Este eu não pode dizer não, pois procura experiência.

— Então não há liberdade nessa esfera?

A liberdade não a compreende o humano, pois a liberdade do humano não é a mesma que a liberdade dos deuses. Amados filhos, amo-vos!

Pois bem, temos novamente esta espiral de desenvolvimento. Desceis e saís por ela. Novamente o fluxo do tempo, uma espiral de desenvolvimento sobre a outra. Tendes novamente uma passagem, um fluxo para fora e novamente uma espiral de desenvolvimento. Entendeis-me agora? Uma passagem, mas cada uma não está consciente da exterior. Ao vosso lado encontra-se novamente, pode dizer-se, um fluxo que talvez dissésseis ser imaterial, mas que dá passagem a este campo material, à vossa existência física. Cada um tem o seu desenvolvimento especial. Se agora dissermos que a vossa espiral de desenvolvimento, que dizeis ser o vosso cosmos, é finita, sim, é mesmo assim infinita!

Falámos da expiração e inspiração do universo, onde tudo regressa à sua origem e ao seu repouso. Isto também é uma ilusão! É de certa forma uma ilusão que desaparecerá. Os jogos de força também cessarão, pois completaram a sua primeira expiração. Regressará à sua origem, ao infinito. Isto também está escrito na vossa Sagrada Escritura. Nos livros de Moisés podeis segui-los vez após vez, as vossas eras, passo a passo. Pode dizer-se que nesta escritura está escondido tão habilmente.

Numa nova era de desenvolvimento tendes novamente um novo reflexo e novos seres. Se virmos o humano passar de era em era, alguém diz por exemplo: «Encontro-me na transição para uma nova era e o Ambres diz que alguns conseguirão e elevar-se-ão sobre a onda da maré e passarão a transição para esta nova era.» Então também digo que alguns ficam, sim, pois não conseguiram elevar-se na sua frequência, nomeadamente deixar os valores da matéria para trás, mas a matéria prendeu-os. Têm de voltar a fazer encarnação após encarnação para experimentar na lei do Karma. Assim alguém diz que isto é cruel, mas experimentais este sofrimento a partir dos vossos sentidos. Amados

filhos! Falámos do amor tantas vezes. O que considerais amor experimentamo-lo nós como falta de amor. O que experimentamos como amor, experimentais vós como sofrimento. Paradoxos constantes uns com os outros! O amor do humano é o amor dos sentidos, mas o amor de que falamos é o amor direto sem pensamento nem reflexão, apenas em ação.

No fim de cada era o humano tem tendência para se autodestruir. Isto é através do mundo dos sentidos. Infelizmente repete-se no fim de cada era. Quando vem uma nova era, acontece novamente isto.

O humano tornou-se cada vez mais preso na matéria ao separar-se do reino animal e assim desenvolver-se através da linguagem. Preso na matéria e nas avaliações da matéria. Entrou uma tecnologia que depois reforçou o jugo material. Esta tecnologia tomou tais expressões que o humano se autodestruiu! Tinham levado o planeta demasiado longe. Os humanos não estavam mudados para conseguir a transição e assim autodestruíram-se. Após esta transição ainda restavam restos. Pode chamá-los os iniciados que conseguiram esta mudança de frequência e se encontravam neste estádio. Suponhamos um período de tempo de três mil anos por exemplo desta era. Durante este período de tempo também havia mitos, havia lendas sobre o que antes existia neste planeta.

Os mitos contavam que se podia dominar o elemento do ar, a arte de voar e assim por diante, mas os que sobreviveram desta era não dominavam esta técnica. Não estavam presos na matéria, mas deixaram estas lendas passar para os descendentes. Pouco a pouco durante estes períodos de tempo e a transformação do planeta desapareceu também a tecnologia que aqui tinha estado em formação e caiu no esquecimento. O humano degenerou-se na forma. Pode dizer-se que a forma mudou e novamente começaram a árdua escalada nesta órbita, onde a evolução novamente tem tendência para se repetir.

Quando perguntais por exemplo: «Donde vêm todos os Cavaleiros que encarnam para a forma plástica, da forma plástica para um novo sistema para a forma gasosa, e assim por diante para um novo sistema para o mineral e aí novamente para algum reino vegetal algures, novamente para… e assim por diante?» Não estais limitados apenas a este

sistema. Sois andarilhos no cosmos e tudo é renovado. Sois andarilhos, procurando a vossa origem e assim recebendo experiências para sabedoria. A sabedoria e o conhecimento intelectual são duas coisas distintas, não é? Pode dizer-se que o Cavaleiro que está encarnado tem origem no Todo-Poderoso, mas o Todo-Poderoso não está concentrado apenas neste planeta, neste sistema. Entendeis-me aí? Está concentrado no espaço vital. Neste espaço vital há cadeias evolutivas na forma plástica e igualmente cadeias evolutivas que chegaram à forma gasosa. Assim continua a criação vez após vez! Vós, amados filhos, possuireis um conhecimento que ultrapassa o dos deuses e igualmente encarnareis para cima como espíritos servidores. Como um Mestre do Sol, um Logos do Sol, mas talvez noutro plano. Mas por agora, neste plano nunca o compreendereis, pois quando falais que encarnareis, partis do habitáculo, do organismo e olhais para ele: «Não pode ser possível.»

Não é possível, pois o organismo nunca encarnou nem nunca encarnará alguma vez. É apenas portador do eu interior e como portador do eu deveis tratá-lo como um templo. Quando o humano assim na sua consciência do eu se interroga: «Encarno noutros lugares neste cosmos?» Sim, fazem-no. Sois andarilhos no cosmos. O organismo muda de lugar para lugar. Se assim encarnásseis num habitáculo com dez pernas e duas cabeças, abanásseis a cauda, mesmo assim diríeis que «Sou a mais nobre criação de Deus Todo-Poderoso.» É assim, apenas mudam as formas de expressão. As condições de vida mudam. Apenas o andarilho aumenta em consciência: o Cavaleiro é a vossa verdadeira identidade.

A fonte de conhecimento esotérico é infinita. Não é o período final para o humano na criação. Não é o período final que vos encontreis no plano causal, mas o desenvolvimento é constante, constantemente constante. Tudo isto pertence ao ensinamento esotérico. O que fala é apenas um ensinamento que pertence a esta matéria e ao vosso desenvolvimento aqui e agora.

Os buracos negros que agora podemos perceber são estrelas que estão a descer na espiral?

— Sim. É assim. Algo que talvez nunca tenha vindo à tona é que ao vosso lado, pode dizer-se, existem outros universos, paralelos ao vosso. Encontram-se também aí em estádios que estão em passagem. Entendeis-me aí? À vossa volta existem seres que se encontram em diferentes estádios de desenvolvimento e que experimentam a sua frequência tão real como vós experimentais a vossa frequência. Há milhares de milhões e milhares de milhões de sistemas diferentes que são portadores do que chamais vida, mas com uma vida que talvez seja completamente diferente da vossa construção física, que igualmente não veria que vós existísseis. Talvez dissessem que éreis mineral, pois tínheis a frequência mais lenta.

— Existe uma cadeia infinita de espirais de desenvolvimento?

— Sim, podemos vê-lo como uma expiração e inspiração, o Universo é simultaneamente finito e igualmente infinito. Tendes algo a perguntar?

### MUDANÇAS VIRÃO

— Este planeta vai perecer?

— Não, mas vai mudar a sua frequência.

— O que significa «frequência» para o Ambres?

Estado de tensão! Não tem nada a ver com comprimento de onda. Não é um comprimento de onda. Pode dizer-se que é estado de tensão em diferentes graus.

Do mesmo modo no fundo dos oceanos há muitos vestígios que vez por outra podem vir dos abismos.

O planeta assim transformar-se-á na sua estrutura e os humanos dirão: «Porque experimentamos catástrofes? Deus Todo-Poderoso é cruel.» Deus não é cruel, mas vedes a vida de outra forma do que talvez o Todo-Poderoso veja. Vedes a vida subjetiva. Não vedes a vida interior. A vida interior deveis despertar e tomar consciência dela, para que a possais combinar com a exterior. Já disse que esta libertação é dolorosa, pois de tudo o que haveis tido querido, o que haveis considerado uma realidade

no vosso mundo dos sentidos, pouco a pouco torna-se algo que é fugaz e que careceu de fundamento.

Em cada transição de era assim experimentareis um caos. Na entrada do ciclo cósmico anterior dizeis que a água envolveu este planeta. Isto é referido na vossa Sagrada Escritura. O Todo-Poderoso colocou o seu selo como aliança ao humano: o arco-íris. Vemos também que isto nunca mais voltará a acontecer, mas na frase seguinte diz-se também que o planeta será destruído pelo fogo. Será purificado, o joio será separado do trigo. Digo então que este planeta passará por uma mudança e igualmente sereis purificados, mas não com o fogo que pensais, o abrasador, consumidor mas pelo fogo da vida, mas podeis igualmente mudá-lo para «fogo da vida» para «água da vida». Podeis ler as vossas sagradas escrituras de duas formas. Diz-se que se deve ler com o espírito ou com a carne. Leis a palavra. Vedes que está escrito e tentais interpretá-lo com o vosso intelecto, não é? Se o lerdes com o espírito, interpretais as palavras com a vossa intuição, com o vosso sentimento.

Quando essa era chegar até vós, os humanos assim mudarão na função corporal. Entramos num campo gravítico completamente novo, numa escala de tempo completamente nova e igualmente como está escrito nas escrituras: «Um novo céu e uma nova terra nascerão.» Nas dores de parto igualmente nascerá o novo humano, como antes em eras anteriores. Muitos humanos elevar-se-ão em frequência, mas muitos humanos não conseguirão e assim ficam e têm de continuar a repetir as encarnações. Entendeis-me aí? Em princípio e na essência é correto. Quando assim passardes para a nova era dizemos que então haverá catástrofes, sim. Mas os humanos que não conseguirem a transição, aqueles que não conseguiram, repetirão a mesma era mais uma vez, aperfeiçoando-se em sabedoria e conhecimento. Entendeis-me? São como adormecidos.

Mas o super-eu e o eu e o mental abstrato, esta semente de consciência, não está adormecida, mas está num estado de repouso. Novamente encarnarão, mas agora talvez noutro planeta que tenha atingido o mesmo grau de desenvolvimento que este planeta tinha no início no estádio introdutório desta era em que agora estamos na fase

final. Depois caminham novamente esta ronda e então, quando chegarem a este levantamento de frequência, talvez então estejam maduros para flutuar por cima. Entendeis-me? Pode então dizer-se que é um ciclo cíclico. Pode também dizer-se que se pode resumir no que se chama o relógio cósmico. Amados filhos, credes que determinais toda a vossa existência, mas ela está inserida num ciclo muito maior. Este planeta em que vos encontrais é apenas um grão de pó neste universo, se tanto! Mas mesmo assim estais incluídos num plano maior. Assim os humanos desenvolver-se-ão em harmonia com o sistema cósmico.

Já disse antes que o que se aplica à espiral de desenvolvimento pouco a pouco porei uma cruz sobre ela, pois estais mais perto do que jamais podeis imaginar! Até que tenhais visto com clareza a realidade, ela é necessária. Pouco a pouco riscamos uma linha sobre isto e falamos do amor. Descobris que o princípio do amor é o dominante e tudo isto não precisais de saber, mas é interessante e o humano anseia por tal conhecimento.

Para realmente compreender isto temos de ir além do que chamamos pensamento?

— Sim. Queridos filhos. Nenhum humano compreende a totalidade com o pensamento, pois o pensamento constrói, não é? Para compreender a totalidade tendes de senti-la. Tendes de senti-la com o coração, pois com o pensamento, ou com capacidade lógica de dedução, nunca compreendereis conscientemente. Nunca podereis analisar-vos até uma imagem total de todo. Emocionalmente podeis experimentá-la e depois não a podeis descrevê-la. Para atingir a imagem total o Cavaleiro tem de estar ativado.

Queridos filhos, sois tão belos humanos! Amo-vos a todos! Mas transmitir algo assim através de um Instrumento... às vezes pergunto-me que tarefa assumimos! Entendeis-me agora quando digo quão infinitamente difícil é tornar visível algo assim?

### TEMOS A ETERNIDADE À NOSSA DISPOSIÇÃO MAS É URGENTE

Este planeta é vivo. Tendes uma responsabilidade por este planeta! Sois partes dele! Nunca o esqueçais! Existis na energia vital deste planeta, mas mesmo assim estais a destruí-lo através dos vossos processos de poluição!

— O que podemos fazer para reconstruir, salvar este planeta?

— É disso que falamos: Amor além-fronteiras! Deveis elevar a vossa consciência tanto como grupo como indivíduo. A busca das compreensões é ativardes-vos para fora em todas as coisas. Então podeis salvar o equilíbrio ecológico deste planeta! Despertai o amor nos humanos, não o amor do eu mas tentai ver o amor total! Igualmente ter a relação correta com a matéria. Já disse antes que tudo conta. O planeta, o humano, o reino animal, o reino vegetal e o paralelo deva. É uma interação. O humano começa a trabalhar consigo mesmo. Sim. Então a interação espalhar-se-á para fora para que depois aprenda a harmonizar com o reino animal, harmonizar com o reino vegetal, com o paralelo deva e sobretudo harmonizar com o sistema ecológico deste planeta. Pois o humano faz parte deste sistema ecológico, desta interação! Amados filhos, ao mesmo tempo que temos a eternidade à nossa disposição, é urgente! Infelizmente. É assim.

— Então temos de levar o planeta na nossa própria evolução! É um dilema desenvolver-se a si mesmo e ao mesmo tempo satisfazer exigências...

Sim. Naturalmente. Podes mencionar algo que vejas como exigência?

— Tenho a sensação de que a natureza precisa que me envolva.

— Queridos filhos. Falas da mesma coisa que tento transmitir. Queridos filhos, se soubésseis quão feliz estou com isto, que tens esta sensação! Naturalmente entras em conflitos contigo mesmo e com o teu entorno. Naturalmente. Não é fácil. É mais difícil do que jamais podeis crer! Mas quando superais os conflitos, ficais aí como um observador deste jogo. Mas não participais como algum fatalista, ficando de lado apenas a olhar, mas participais como observador e tentais mudar algo.

O que credes que o planeta experimenta? Pois bem, um estado de doença! Por via sintética produzis adubos, químicos. Isto tiro do banco de memória do Instrumento. Falais de lucro, não é? Assim afastam o paralelo deva, o reino animal, o reino vegetal. Alguém tem propriedades onde por lucro destrói esta natureza, este maravilhoso ser! Aqui fica uma crosta nua e vulnerável neste planeta. Talvez precise de centenas de anos, segundo a vossa contagem cronológica do tempo, na sua cura pessoal depois de terdes causado um tumor canceroso na sua superfície!

Posso perguntar-vos, Deus Todo-Poderoso, quando «ele» vai com a sua ceifeira-debulhadora, como faz então? Lavra a sua terra e semeia a sua semente? Trabalha-a, lavra-a ou deixa cair os seus grãos como a natureza dita? Os grãos mais fortes crescem e aí há uma seleção natural, não é? As aves do céu recebem daí o seu alimento e igualmente os reinos animais inferiores. É um equilíbrio ecológico. Assim o chamais, porque é isso? O que significa esta palavra?

— A interação entre diferentes plantas…

Aqui está a tradução completa para português europeu, conforme o Acordo Ortográfico de 1990 em vigor, fiel ao original sueco, sem omissões e em texto corrido:

Era uma palavra melhor: interação. Isto é interação entre o reino animal e o reino vegetal. Deus Todo-Poderoso tomou isto em consideração, não é verdade? Então chega o filho do homem. O que faz ele? Ora bem, ele ara esta terra. Solta-a. Muito bem, o que acontece com esta superfície? Ferem-na e o que acontece depois? Infetam-na com produtos químicos, mas não só isso. Ao tocarem em camadas superficiais que estavam intactas e completas, acrescentam azoto e oxigénio. Refiro-me a ar puro, não a algo poluído, mas ar puro. Quando assim soltam esta camada superficial e acrescentam oxigénio, o que acontece então a essa camada? O que acontece aos microrganismos que trabalham e atuam ao vosso serviço? Ora bem, a camada superficial enfraquece e seca porque destruíram os capilares que se encontram por baixo. Cortaram-lhe as veias. Por baixo correm assim as veias subterrâneas de sangue da terra que, por sua vez, através dos capilares, puxam a água para as camadas

superficiais. Percebem-me? Como grandes bombas de água, estão lá e regam constantemente este solo de baixo para cima. Eis que cortaram tudo isto. Cortaram o abastecimento e confiam apenas nas precipitações! Isto é falta de compreensão.

Devas, vocês encontram-se no reino delas. Falem com as devas, como já dissemos antes: «Ajudai-me a compreender-vos, que também eu tentarei servir este planeta. Ajudai-me a compreender-vos, que eu tentarei ir ao vosso encontro e poderemos encontrar-nos a meio caminho.» Que seja um serviço mútuo, um dar e receber. Devas, vocês encontram-se no reino delas.

A humanidade compreenderá quão grave é para o nosso planeta a energia nuclear para as gerações futuras?

Queridos e amados filhos! Este planeta é um organismo vivo. Ele atuará sem a intervenção dos filhos do homem. Os filhos do homem não se podem colocar fora desta atuação. Porque ficarem só a olhar? Como o tratam? O planeta em si mesmo conterá isto. Do mesmo modo, criam com os vossos pensamentos tais seres elementais que afetam o planeta, e o planeta, no seu processo de autocura, cria o que chamais catástrofes. Vivem verões que já não são verões. Vivem invernos que já não são invernos, onde o planeta, na sua cura pessoal da alma, não tem consideração pelos filhos do homem. Vê apenas o filho do homem como uma forma de expressão que ele próprio criou, ou seja, como uma parte de si mesmo. O planeta reagirá, haja ou não filhos do homem!

Colaborai com a natureza e não a combatais! Não a enveneneis! Ela é um ser vivo. A vossa tecnologia será a vossa perdição! Filhos do homem, lembrai-vos de que dentro de vós tendes uma centelha de Deus. Quando estais perto da natureza e trabalhais com os vossos membros, sabei ao mesmo tempo que este corpo é apenas feito de terra e à terra voltará.

Ativai-vos! Não penseis que alguém é demasiado pequeno para fazer algo! Juntos podeis trabalhar. Juntos podeis moldar e juntos sereis fortalecidos. Mas algo é necessário, e isso é a confiança absoluta uns nos outros. Tentai voltar a sentir esse sentimento de amor. Abraçai-vos uns

aos outros, mas não no plano físico; quando vos abraçardes, senti que um amor interior jorra sem fundo em vossa direção. Ele eclipsa tudo o resto e é o alfa e o ómega do vosso desenvolvimento. Porque se pensardes subjetivamente «vou desenvolver-me até isto e aquilo», andareis em círculos e caminhareis constantemente nos vossos próprios rastos. Deixai que o pensamento se torne coletivo. Deixai que o sentimento se torne coletivo e trabalhai para elevar uns aos outros.

Quando falo do planeta, do equilíbrio ecológico, do amor à natureza, dizeis apenas: «O que podemos fazer? Somos tão pequenos.» Depois não falais disso em conjunto. O que podeis fazer? Sois vós que estais na matéria, não é? É aí que tendes de mudar! É aqui que tendes de agir e aqui que tendes de falar uns com os outros! Nem todo o buscar consiste em sentar-vos de pernas cruzadas, mexer os dedos dos pés e esperar que o céu se abra! É trabalho! É muito mais difícil do que alguma vez imaginais! Aquilo de que falo não é apenas a busca dentro de vós, mas também a busca fora de vós. Se alguém vos disser que este caminho é clareza sem esforço, então dizei-lhe que venha ouvir um pouco o velho Ambres. Não há clareza que possais obter sem esforço da vossa consciência subjetiva!

Começai ao nível da base. Onde haveis de começar senão na base? É uma expressão muito boa em si mesma. Onde haveis de começar senão lá em baixo e assim despertar a atenção até ao topo? Cada filho do homem é participante. Ninguém pode dizer «sou inocente», pois todos sois participantes nesta violação do planeta, quer digais sim ou não. Ficar apenas passivamente a assistir é uma abominação! Trabalhai cada um segundo a sua capacidade! Ativai-vos em amor sem pensar em vós próprios, pois a comunhão e a experiência comum de amor é a parte mais importante que constrói a vossa consciência cada vez mais alto.

Há um pensador que disse que, se quisermos mudar o mundo, devemos começar no seu centro, ou seja, em nós mesmos, e isso é correto. Notai bem que a busca da compreensão começa deste lado, no regaço da matéria, onde vos encontrais. Não vos tornais iluminados do nosso lado! Aqui não há fricção da mesma maneira. É convosco, é no meio da matéria, é no meio da vida que existe a fricção que cria

conhecimento e compreensões sobre o estado relativo das diferentes coisas. Essa fricção cria por sua vez uma fonte de iluminação.

Tendes de poder experimentar harmonia dentro de vós e no vosso entorno. A parte astral é uma sombra tão grande quanto a física. O lado mental também é uma imagem-sombra do físico, do desejo e do pensamento. Estais muito lá em baixo na matéria, na carne. Não deixeis que o eu exterior se torne tão dominante que não possais ver o vosso próximo como uma parte de vós mesmos. Pensai nisso! Há uma transformação constante neste planeta. Cada filho do homem regressa ao planeta, transforma-se, volta em novas formas de expressão, mas a essência mais interior, que é o vosso verdadeiro eu, segue caminho. É essa essência que tendes de despertar. Não a encontrais encontrando o eu exterior, pois dele já estais conscientes; tendes de começar no centro deste universo, ou seja, em vós mesmos, na transformação para os planos superiores.

Existe algo concreto que se possa fazer para encontrar a si mesmo?

Estai atentos ao vosso mundo circundante! Acalmai-vos e vereis o que encontrais. Não há um caminho real onde possais, como uma lança, perfurar até à clareza. Há um caminho, mas é individual de filho do homem para filho do homem. Podeis alcançar clareza onde quer que estejais, mas isso nada tem a ver com análise em busca da verdade; isso viveis emocionalmente dentro de vós. Pode dizer-se que então o Cavaleiro brilha através de vós e nunca mais se fechará. Mas se analisardes em busca da verdade, estareis constantemente a analisar e a procurar no mundo dos fenómenos, nas centelhas renovadas que atravessam do plano que está ao vosso lado. Essas centelhas estareis sempre a apalpar e a descobrir que vos escapam das mãos. Mas se vos acalmardes, vereis que a chama arde dentro de vós próprios.

É mais fácil «ver o argueiro no olho do próximo do que a trave no próprio». Aí tendes o julgamento. Quando falais do vosso próximo, quando o avaliais e dizeis: «Como pode fulano fazer isto ou aquilo? Como pode comportar-se assim ou assado?», olhai então um pouco para vós mesmos, como reagiis, como agis em muitos aspetos. Então vereis que o

que o vizinho faz já não é assim tão grave. Mas o que vós próprios fizestes, o vosso julgamento, ora aí está a trave. Tirai-a e olhai para ela!

Primeiro tem de despertar-se uma consciência de que a realidade não parece ser o que é. Alguém talvez pergunte: «Como é então essa realidade que o velho Ambres quer que eu experimente? Existe? É uma ilusão, uma sombra?» Na sua aparência mais extrema, é uma sombra criada coletivamente e com a vossa consciência! Mas ainda assim experimentai-la como realidade. Acontece apenas que cada coisa tem o seu lugar determinado na existência, que deveis ajustar as proporções corretas em relação a elas. Nada é estranho; pelo contrário, tudo é conhecido e, acima de tudo, a parte essencial, a visão de amor, muda e o eu subjetivo, a consciência do eu, pouco a pouco muda para uma consciência do nós.

Penetrai a programação. Já disse antes que, na busca do eu interior, tendes de abandonar o eu exterior. Como podeis então esquecer o vosso eu exterior? Penetrando a programação e penetrando a natureza irreal da existência. Como se faz então para penetrar a existência, para penetrar a natureza irreal da realidade? Perguntais: «O que hei de fazer?» Já disse antes que tendes de começar convosco mesmos. Conhecer-se a si mesmo é passar por si mesmo e mudar a visão do eu. Falaremos um pouco disso.

Não é possível, em alguns minutos, ou num ano ou dois, inverter o que foi programado desde a infância, crescimento e ambiente. Tendes uma programação. Os pais deram-vos uma descrição do mundo exterior e aceitastes essa descrição. Fostes capturados nessa programação dos pais, do crescimento e do ambiente. Reconheceis isso? Isso cria uma imagem do vosso mundo circundante que adotastes como realidade. Isolastes-vos da experiência natural quando os vossos sentidos começaram a aceitar a descrição deles do mundo exterior. Essa descrição tendes de lutar para conseguir largar. Acreditai-me, é mais difícil do que alguma vez podeis imaginar! Tendes de olhar para a programação! Trabalhai-a! Trabalhai-a individualmente e em conjunto! Falai uns com os outros e não uns aos outros! A compreensão cresce. A comunhão cresce. O essencial é que a visão de amor mude e que a consciência subjetiva do eu pouco a pouco se transforme numa consciência do nós.

Quando o filho do homem começa a procurar-se a si mesmo, de repente entram em conflito: «Quem sou eu?» Quando começais a procurar o eu interior, pode acontecer que vos agarreis cada vez mais forte ao eu exterior. Na busca do eu interior, tendes de abandonar o eu exterior. Como podeis então esquecer o vosso eu exterior? Penetrando a programação, penetrando o mundo dos sentidos e percebendo que ele vos fornece constantemente informação errada. Digo: colocai-vos como observadores ao lado e vede. Observai-vos a vós mesmos. Isto é tão difícil! É muito mais difícil do que alguma vez podeis imaginar entrar no vosso interior, penetrar e deixar-vos encher de força espiritual. Alguém depois diz: «Alcancei este e aquele estágio na escada do desenvolvimento espiritual.» Quem diz isso não alcançou nada no desenvolvimento espiritual, pois no desenvolvimento espiritual não há vaidade! Não nos colocamos acima do filho do homem, pois somos o mais baixo de todos. Somos servidores. Por isso, se alguém disser: «Isto é a verdade e a vida», fugi, porque é um charlatão.

Tentai penetrar a natureza irreal da realidade! Experimentai que o eu exterior é um produto do vosso ambiente, de uma programação desde a infância, de uma consciência coletiva, de uma imagem religiosa e assim por diante. Se voltardes atrás, vereis também como fostes programados através de diferentes vidas de programação em padrões no vosso entorno. Pensai: o que é que se dá a si mesmo? O filho do homem não caminha apenas de um nascimento para uma morte, mas algo recolhe experiências através das vossas ações. Semeastes numa encarnação anterior e, nesta caminhada de vida, colheis essa colheita. Ao mesmo tempo semeais para uma futura. Tentai descobrir que dentro de vós existe algo difuso que antes não suspeitáveis.

Penetrai os sentidos. Muitas pessoas dizem: «Os filhos do homem não têm fé.» Dizem que deveis ter fé, por exemplo, no Todo-Poderoso. Mas primeiro tendes de ter fé em vós mesmos. Tendes de descobrir que o eu interior é Deus e perceber: «Sou uma parte de Deus.» Isto tendes de penetrar precisamente com os sentidos para que, com os vossos sentidos, experimenteis como este mundo é construído e como vós próprios o construístes. Porque é com os vossos sentidos que deveis penetrar a

irrealidade da realidade. Sei que é um paradoxo, mas ainda assim é verdade.

Para poderdes experimentar algo, tendes de esquecer os sentidos! Não podeis experimentar nada com os sentidos que já não vos seja conhecido. Percebeis-me? Tudo o que experimentais com os sentidos foi vós próprios que construístes. Em contrapartida, se falardes de intuição, se esquecerdes os sentidos, tentardes pô-los de lado e deixardes a intuição atuar, então há uma grande diferença. Perguntamo-nos também: como haveis de fazer a vossa intuição atuar? Ora bem. Então tendes de sacrificar os sentidos! Mas não de maneira a andardes cegos e surdos pela vossa vida. Quando digo que deveis penetrar a natureza irreal dos sentidos, olhais uns para os outros espantados e dizeis: «Como será isso possível?» Vede então como o sentido constrói. Vede como o sentido cria. Amados filhos, o que há por trás deles? Tendes uma memória. Não é verdade? A memória é uma construção daquilo que criastes, digamos, há dois dias, com os vossos sentidos. Ainda lá estão? Sim, em parte, porque talvez tenhais moldado a matéria. Mas ainda assim, o que criastes foi apenas uma ideia, um pensamento que os vossos sentidos criaram.

Os sentidos fornecem-vos constantemente informações erradas sobre o vosso mundo circundante. Dizei que nunca experimentais o agora; através dos vossos sentidos criais condições para o vosso futuro. Isso é correto e também podemos analisar isso, pois através daquilo que experimentais aqui e agora na vossa atividade diária com os vossos sentidos, criais o futuro vindouro. Mas a intuição abafastes. A experiência interior abstrata não vem à superfície porque os sentidos a bloqueiam! Já assinalei o mundo dos sentidos vezes e vezes sem conta. Não deve haver juízos nem avaliações. Tendes de penetrar o mundo dos sentidos! Se ele reage assim, perguntai-vos: «Porque reage assim? Porque reajo eu assim? O que está a acontecer que faz com que eu reaja desta maneira?» Enganais-vos a vós mesmos. Quando o mundo dos sentidos faz um juízo, vós aceitais-o e tendes uma experiência emocional. Essa experiência emocional, esses estados de agressão em que caís, pertencem ao mundo dos sentidos. Mas ao mesmo tempo, quando estais conscientes disso, eles enganam-vos. São fantásticos em si mesmos. Dentro de vós surge

um defesa que talvez diga assim: «Ora bem, reajo assim e assim por causa disto e daquilo.» Claro! Tendes algo no vosso subconsciente que reage. Mas também isso tendes de trabalhar! O mundo dos sentidos realiza constantemente um trabalho tal que o eu interior nunca vem à luz do dia. Do mesmo modo, quando vos encontrais nesta concha, só vedes as suas paredes. Se o Cavaleiro consegue fazer uma fenda nela, o mundo dos sentidos está lá e tapa-a. Mas talvez tenhais sido alcançados pela luz que entrou?

Do que é que os sentidos nos enganam?

De tudo!

Se alguém pensa que chegou à compreensão, como podem então os sentidos enganar?

Amados filhos. Os sentidos dir-vos-ão sempre: «Não precisas de procurar mais, chegaste à compreensão.» Encontrais-vos no vale de Maya. Essa Maya criastes vós próprios em parte. Podemos dizer que a reforçais com os vossos sentidos. Quando depois percebeis que começais a experimentar um estado diferente dentro de vós, sentis uma libertação da matéria, sentis um parentesco, uma ligação com todos os seres vivos do planeta, ainda assim os sentidos assinalar-vos-ão que não é assim: «Lembra-te de que tens de possuir isto. Lembrem-se de que andam neste planeta e é matéria sólida.» E assim por diante. A visão diz-vos que isto é beleza, isto não é beleza. A audição dir-vos-á que isto é harmonia, isto é desarmonia. Se podeis ver os vossos sentidos e mudar as suas impressões em vós, de modo que, por exemplo, transformeis o mau em algo que vos é dado pelo amor, de modo que desse mau obtenhais uma experiência de compreensão, então é amor, apesar de os vossos sentidos o experimentarem como algo mau.

Quando vos libertais desta matéria e os sentidos vos querem prender de novo, tendes de os penetrar aproximadamente deste modo. Na vossa atividade diária experimentais filhos do homem à vossa volta. Falais com eles e notareis que os sentidos recebem as respostas. Aceitam o corpo. Mas dentro de vós deveis sentir outra ligação. Esse filho do homem nunca viste antes. Nunca experimentaste a sua proximidade, mas

ainda assim deveis sentir uma alma entre vós. Os sentidos lutarão até à última gota pelo domínio, pois são eles que sustentam essa Maya. A transição far-se-á gradualmente, mas o ser de amor dentro de vós revoltar-se-á. O Cavaleiro virá cada vez mais à luz do dia e impregnará o vosso ser. Quando vos tiverdes transformado, também os sentidos se transformarão.

Com a vossa visão recebereis até aquilo que experimentais como feio. Com os ouvidos experimentareis o mugir da vaca como harmonia, como a música das esferas, uma manifestação de vida que vos é trazida que antes experimentáveis como desarmonia. Os sentidos lutarão ainda pelo domínio. Peço-vos que estejais vigilantes e observeis as vossas reações ao mundo circundante quando experimentais forte ira, por exemplo. Quando vos sentis irritados porque algum filho do homem vos feriu, perguntai-vos então: «O que feriu ele ou ela?» Notareis que pisou o vosso ego exterior, que os vossos sentidos dominam. Percebeis-me? Reparai nas vossas reações!

Ter compreensão dos vossos sentidos é o mais importante para toda a vossa caminhada, para toda a vossa obra de vida. Por isso proclamo constantemente isto: penetrai a natureza irreal da realidade! Pois a busca da compreensão é tão simples, mas está tão perto que não a vedes! Podeis chamar-lhe o véu de Maya e dizer que atrás dele está a verdade. Os sentidos são o véu de Maya! Percebeis-me? Não é algo que está à vossa frente, lá longe, mas aqui dentro! Podeis aceitar isso?

Penetrai a ilusão. Encontrais-vos numa bolha de vida. Desenho aqui uma linha e pode dizer-se que aqui está o vosso tempo de nascimento e aqui ao longe está, portanto, o vosso processo de morte. O curto tempo que experimentais na carne durante uma encarnação é apenas uma pequena bolha na vossa existência. Caminhais na mesma linha, que apenas se alargou um pouco. Chamamos-lhe um período de vida. Perguntamo-nos então: «O que é esta bolha de vida? Quem criou esta bolha de vida?» Ora bem, vejamos que viveis numa existência tridimensional. Tendes profundidade, tendes espaço, por exemplo. Se olharmos um pouco para isto, podemos perguntar: «Quem criou isso senão o próprio filho do homem?» Vemos a primeira dimensão, que é,

pois, a extensão. A segunda é a superfície. A terceira é o espaço e a quarta é o movimento. O movimento é também o mesmo que tempo ou gravitação. São a mesma coisa. Mas para que algo experimente isso, temos de acrescentar exatamente o que dissemos antes: um espectador ou observador. Colocamos o observador. Ele olha um pouco espantado para o espaço de vida que acabou de criar. Ninguém poderia experimentá-lo se alguém não o observasse, não é verdade? O espaço de vida existia antes de um observador o experimentar? O espaço de vida não existia! A extensão, a superfície e o espaço não existem. São criados pelos vossos sentidos. Criam limitação no vosso mundo. Não há limitação! Tudo está aberto se tão somente pudésseis largar o véu.

Amados filhos. Isto é uma ilusão, não é verdade? Pertenceis a esta ilusão e ela pertence-vos. Percebeis-me? Para a dissolver... ora bem, sei que a busca é trabalhosa, é sempre assim, mas tendes de penetrar. Digo que vos encontrais nos vales de Maya, nas paredes dos sentidos, e é verdade. Fazeis isso. Quando o velho Ambres vem e diz: «Quebrai o mundo dos sentidos!», não é possível quebrá-lo porque não estais conscientes de outra coisa. Não é de admirar que surjam conflitos dentro de vós! Queridos filhos, tendes a minha mais profunda compaixão!

Não acrediteis em nada, que seja verdade ou verdade. Não aceiteis nada, que exista, que seja realidade. Até este templo é uma ilusão. Foi criado e a consciência coletiva sustenta-o, para que cada um de vós experimente encontrar-se aqui e agora. Encontrais-vos no espaço de vida. Aí estais e tudo o que pensais, tudo o que experimentais é apenas um reflexo de vós mesmos. Vedes isso. Vedes claramente, não é verdade? Podemos voltar à imagem do caracol que rasteja e que nas costas tem a sua pequena casa, o pequeno espaço tridimensional. Se algo acontece fora deste espaço, se alguém bate na concha, o filho do homem faz como o caracol: recolhe-se na sua pequena concha tridimensional e diz: «Não, não. Não ouvi nada. Não vi nada.» Porque nada pode existir fora da capacidade de experiência do vosso mundo dos sentidos. Infelizmente. É isto que tendes de quebrar.

Ide para a natureza! A natureza está lá e vós aqui sem experiência que seja uma parte integrada dela? Sentis os fluxos de força a correr

através de vós? Deitai-vos no musgo. Chutai-o. Arrastai-vos nele. Inalai o seu perfume. Senti como o planeta vos ama em todos os planos! Amados filhos, sabeis o que estais a fazer? Caminhastes tais caminhos que estais prestes a perder, quase ia dizendo, o vosso direito de nascimento. Porque ides contra o planeta! Atuais contra ele em vez de com ele. Amai-o e ele amar-vos-á! Agressividade gera agressividade. O planeta, do seu modo, está em defesa. Tendes catástrofes naturais na sua superfície ferida quando o devastais. Ele alimenta-vos. Sois um produto do planeta. Tendes os mesmos componentes que o planeta tem. Sois portadores de uma função e a função é o eu interior que encarnou neste organismo que chamais «eu». Cristo diz: «O reino de que falo não está fora de vós, mas dentro.» É verdade. É correto.

### Obstáculos e resistência

Qual é o obstáculo para trabalhar connosco mesmos? Porque é que resiste?

É a consciência do eu que resiste. O eu não quer aceitar que não é o eu. O eu exterior não aceita isso e assim surge um conflito interior em ti quando queres saber. És ao mesmo tempo o eu interior e o teu próprio exterior. Percebes-me? Mas quando o teu anseio de conhecimento for tão grande como o anseio de ar do afogado, então poderás reprimir o eu exterior e assim procurar.

Esta resistência que tens no teu organismo é o teu eu subjetivo! Percebes? Ou seja, o filho do homem tem medo de perder a sua identidade. É o medo de perderdes a vossa identidade, o vosso eu subjetivo e por isso experimentais a resistência. Experimentais a luta entre o sentido e o vosso eu interior, a vossa verdadeira identidade.

Aqui dentro está um filho do homem. Está a libertar-se do seu eu, da sua consciência exterior do eu. Então afirmo deste modo que o que vos prende é isto: os vossos cinco sentidos, a vossa consciência diurna que juntos criam o eu subjetivo vivo, aquele com quem viveis constantemente e falais, com quem tendes diálogos interiores. Do mesmo modo, tendes dentro de vós o mundo dos sentidos. Tendes o vosso consciente diurno.

Tendes o vosso subconsciente. Tendes o inconsciente. Tendes os vossos estados de sonho.

Além disso, tendes o vosso superconsciente que está em ligação direta com o Eu espiritual Superior. Percebeis-me aí? Quando digo que, se conseguirdes limpar o vosso interior de modo a alcançar o vosso lugar superconsciente, então tendes possibilidades inimagináveis à vossa frente. Então encontrastes o eu interior. Mas nem por isso é certo que compreendais a natureza do eu, pois ainda avaliais a partir dos vossos sentidos, da vossa experiência, do lugar do vosso superconsciente. Mas experimentais isso de forma abstrata. Percebeis-me? Tentais explicar subjetivamente, concretamente. Esta tensão é apenas uma libertação do vosso consciente diurno. Diminui gradualmente, mas também pode reforçar-se.

Porque ficamos tão paralisados na ação? É algum complexo que faz isso?

Sim, é, porque vedes esses governantes tão altos, tão inatingíveis. Dispõem de poder. Que poder têm eles então? Ora bem, com um aceno podem criar aniquilação ou guiar-vos. Ora bem, qual é então o sacrifício? É a vossa vida. Ora bem. Não peço que sacrifiqueis as vossas vidas, pois elas são necessárias de todas as maneiras, mas podeis trabalhar de muitas maneiras diferentes. Trabalhai juntos como uma grande unidade! Despertai a atenção! Apontai as coisas que existem à vossa volta que contradizem o equilíbrio ecológico, criai harmonia com a natureza em geral.

Olhai para os filhos do homem. Já agora, no processo de nascimento, já existem sintomas de envenenamento na criança. Não há ninguém que seja puro em si mesmo. O Eu encarna na primeira divisão celular e afeta-a. Assim sujais o vosso alimento, inalais o vosso ar e assim afetais o desenvolvimento do feto já desde a primeira divisão celular. Através do vosso metabolismo, também lhe forneceis os venenos que ingeris. É correto? Não! Purificai o planeta! Aquilo de que falo é tanto a busca dentro de vós como fora de vós. Tendes de penetrar a natureza irreal desta existência e ver a realidade sem o véu de Maya. Muitas vezes

puxais o véu cada vez mais cerrado à vossa frente, porque não quereis ver como realmente é por trás dele. Ativai-vos! Trabalhai juntos!

– Ficou muito isso tudo, Ambres! – Ora bem, mas é necessário! Amados filhos, não é difícil de modo algum. Sois vós que o tornais difícil. Falo-vos aqui e agora, cada um de vós sabe que isto é importante. Cada um de vós sabe que é correto que tendes de preservar o equilíbrio ecológico. Não podeis esconder-vos como o pássaro que enfia a cabeça debaixo da asa e continua a dormir. Tendes de o ver, não é verdade? Tendes de fazer algo, pois a nova era vai varrer-vos e, quanto mais manipulardes o equilíbrio do planeta, mais difícil será suportar! Por isso tendes de vos elevar! Quando digo «tendes», é cada um segundo a sua capacidade. Não há coação. Não quero parecer um profeta do fim do mundo, pois não há fim do mundo por parte de nenhum poder superior; é o próprio homem que se julga, que presta contas a si mesmo. Assim é.

Já dissemos antes que, se por apenas um segundo pudésseis experimentar o amor puro dentro de vós, juntos poderíeis mudar este planeta, mas o caminho até à compreensão é longo. Tendes de descascar camada após camada de programação e já começastes a fazê-lo. Amados filhos! Sei que isto é duro e difícil. Sei também que, na busca espiritual, se procura muitas vezes fenómenos. Quando está mais duro, mais lento, cansamo-nos. Para obter clareza é preciso lutar. Para obter clareza dentro de vós tendes de limpar camada após camada de padrões no intelecto.

O sentimento ensina-vos mais longe na escada do desenvolvimento espiritual. A razão e o intelecto podem ser vinculantes, pois aí ficais presos às formas e ainda vedes o corpo como o eu. Se, por exemplo, através da oração, da meditação, trabalhando o vosso corpo de desejos, o astral, conseguirdes libertar o subconsciente e limpá-lo, acolher as vossas agressões e inibições e ver-vos como sois em vós mesmos, então estareis a treinar isso e o vosso inconsciente. Então obtereis contacto com o vosso superconsciente.

A penetração de Ambres Já falei antes que, quando penetrei esta matéria, corri aterrorizado de um lado para o outro. Era evasivo e fugidio. Isto é banal, mas pode acontecer a qualquer um de vós a qualquer

momento. Algo tinha acontecido. Já contei isto antes. Encontrava-me em caminhada. Tinha um espinho no pé e parei debaixo de uma oliveira. O alívio de tirar esse espinho fez com que me encostasse à árvore e olhasse para cima através da sua folhagem. Acima de mim estendia-se a abóbada celeste. Olhei através da copa da árvore e perguntei-me: Quem sou eu? Assim, contemplei essa abóbada celeste e lentamente tornei-me consciente de que o que vejo é apenas um reflexo.

Quem é o velho Ambres? Aquele que está ali sentado a perguntar-se ou aquele que está ali sentado a perguntar-se. Sou eu que vejo a abóbada celeste arqueada sobre a minha cabeça, ou sou a abóbada celeste que vê o velho Ambres através das folhas da oliveira, sentado junto ao seu tronco? De repente experimentei que ali estava o velho Ambres criando o reflexo de mim mesmo. A imagem no espelho. Que isto são realidades do meu agir. Ali está o velho Ambres, ali está o velho Ambres refletido e vice-versa. Não compreendeis isto, mas podeis experimentá-lo emocionalmente.

O meu mestre Andore já tinha dito antes: «O que vês não é o que é, mas apenas o que acreditas que seja. Os teus sentidos dão-te uma informação errada. Mas com a ajuda dos sentidos podemos penetrar a realidade. E com a ajuda dos sentidos também os manteremos presos neste plano de vida.» Quando vi esse reflexo e me experimentei um com tudo, cresceu o meu sentimento de terror, pois não havia nada a que os meus sentidos se pudessem agarrar. Os meus sentidos arrancaram-me dessa experiência até que aprendi a dominá-la, de modo que voltei a reunir cada parte no seu lugar. Então os meus sentidos tornaram-se meus servos obedientes.

– Demorou muito tempo? – Queridos filhos, ainda estou nisso, pois também eu ainda procuro! Tentai penetrar o mundo dos sentidos. Tive um bom mestre. Ele conseguiu também fazer-me ver a ilusão que me rodeava. A mesma ilusão que vos rodeia, pois não vedes a vida. Mas quando me tornei consciente disso, corri de um lado para o outro, pois encontrava-me num terreno movediço onde tudo era nada. Tudo o que era familiar e querido, que eu sabia estar perto de mim, era agora de repente sombras fugidias numa transformação no cosmos. Era vida em

constante transformação. Não havia nada que fosse estático em si mesmo. Mas, quando se vê isso e se penetrou e se experimenta na sua existência correta, recolhe-se tudo de novo e depois continua-se, mas agora com uma diferença essencial: está-se consciente da ilusão, mas mantém-se coesa com o pensamento.

Queridos filhos, dei-vos uma verdade maior do que imaginais!

Podemos penetrar? Aquilo que tentamos transmitir é a resposta do filho do homem à antiquíssima pergunta milenar: «Quem sou eu?» Falei disto vezes e vezes sem conta! Quando encontrardes o eu interior, também ficareis maravilhados. Estivestes tão perto o tempo todo, mas ainda assim não o vistes. Estivestes presos aos vossos sentidos, ao véu dos vossos sentidos. Pode dizer-se que eles estavam como palas nos vossos olhos. Não experimentastes o vosso eu interior. Estivestes constantemente conscientes do eu exterior como uma realidade. Tendes uma identidade no corpo.

Essa identidade é criada pelo vosso entorno e dizeis que esse é o eu. Pode dizer-se, portanto, que este corpo é o vosso instrumento. Esse instrumento tomou o controlo. Assim reage de certa maneira dependendo da vossa programação, crescimento e ambiente e do vosso mundo dos sentidos. O que acontece dentro de vós é um processo mecânico, dependendo da programação atual do «instrumento», não é? Ele tomou o controlo, mas é isso que podeis mudar. Sois vós que o haveis de reparar de dentro. Ninguém mais o pode fazer! Tendes de o fazer vós mesmos. Amados filhos! Não vos censuro de modo algum. Se não vos amasse, não falaria disto. É importante e está na base, também compreender a programação. Assim é.

– Falaste que os teus sentidos se tornam teus servos obedientes. Podes descrever isso mais de perto? Quando os sentidos se tornam vossos servos obedientes… Quando de repente não experimentais a vossa natureza separada de vós. Apenas um pequeno exemplo disso: estais a caminhar, por exemplo, numa floresta. Vedes o pinheiro. Vedes o abeto. Vedes a bétula, por exemplo. Vedes as flores no chão e fitais. Antes, quando passáveis por ali, não as víeis como seres vivos. Veem-nas nas

suas cores, que o abeto irradia a cor verde. As flores no chão o vermelho, o amarelo, o azul. Mas experimentais a flor como a cor que ela irradia. Não estais conscientes de que a flor não é vermelha, apesar de a verdes vermelha. Ela tem todas as outras cores exceto o vermelho, que irradia. Do mesmo modo o abeto tem todas as outras cores exceto o verde, que irradia para vós. Só isto é um pequeno exemplo de como a vossa visão vos engana.

Quando penetrardes, quando os vossos olhos estiverem abertos, vereis como cada parte da vossa natureza vibra de vida! Que ali existe uma nuvem de vida que antes nunca experimentastes. Aí o paralelo das devas aproxima-se de vós. A parte astral da vossa vida vem para o vosso lado. Comunica-se além-fronteiras, onde vos relacionais com a natureza. Não como uma parte separada de vós, mas sois uma parte dela. Sois uma parte deste planeta e podeis expressar-vos, podeis sentir o seu estado emocional. E o planeta pode expressar-se através de vós. Podeis influenciar os espíritos do ar, os espíritos da água, pois sois uma parte deles. Agora compreendeis-vos!

A realidade que experimentais não é o que parece ser, mas é construída. Quem tem visão pode experimentá-la de outro modo. Vê os jogos de força na natureza. Vê o organismo físico. Do mesmo modo vê também o etérico, o astral e o organismo mental inferior. Se os filhos do homem tivessem visão, nada teriam a esconder. Seriam então como livros abertos que cada um de vós poderia ler.

Quando falais uns com os outros em conjunto, quero dizer que deveis falar de coração para coração. Mas os filhos do homem, infelizmente, falam uns aos outros. Deveis tentar elevar-vos juntos para falardes uns com os outros e não uns aos outros, pois ninguém tem nada a esconder de ninguém. O que muitas vezes vos fecha na busca espiritual são as relações com os vossos semelhantes. Quando digo os vossos semelhantes, refiro-me aos mais próximos que tendes junto de vós. Dizeis que tendes uma família. Tendes a vossa descendência, por exemplo.

Ora bem. Mas muitas vezes essa descendência, a vossa família, pode ser um peso na vossa busca, pois estais tão programados e não reagis

racionalmente, com entendimento. Agis irracionalmente perante o que está perto de vós. Durante este período, enquanto me manifestei através do Instrumento, repeti vezes e vezes sem conta: vede o vosso semelhante apenas como o vosso semelhante! Do mesmo modo os vossos filhos são apenas um irmão, uma irmã na vossa caminhada. Não os possuís de modo algum. Eles não vos possuem. Os vossos filhos numa encarnação futura podem muito bem ser a vossa irmã ou o vosso irmão. Podem ser o vosso esposo ou esposa, o vosso pai ou a vossa mãe. Tendem-nos como um empréstimo. Não os prendais a vós em posse.

No pior dos casos, pode acontecer que o homem dedique tanto tempo à busca que se esqueça dos seus semelhantes? – Ora bem, então é uma busca subjetiva. Tens de ter um propósito com a tua busca.

– É difícil. Talvez não se esteja preso ao material, mas está-se preso ao emocional. É pior libertar-se disso. – Ora bem, mas ainda assim são os sentidos… Mas não vos peço que experimenteis isto. Apenas que tenteis evocar o amor dentro de vós pelo vosso semelhante! O primeiro degrau na escala do desenvolvimento espiritual é difícil, pois o homem, por regra, não quer abrir mão do que tem à sua volta. Quer tanto estar num estado superior, mas para isso é preciso trabalho.

– Pode-se, a partir da vida que agora vivemos na matéria, desenvolver-se de modo a tornar-se inteiro como ser humano? Não se pode numa única encarnação? – Ora bem. Podeis! Quando digo que podeis, todos esperam isso! Mas ninguém conta com o trabalho, talvez a renúncia, que é preciso para chegardes a algum lugar no caminho da busca. Amados filhos, a meditação, procurar dentro de si a sua verdadeira identidade: podeis mudar-vos na forma! Podeis libertar-vos dos laços das encarnações. Se encontrardes o vosso eu interior, o vosso Cavaleiro, por exemplo através da meditação de que falei, onde virais os sentidos para dentro e depois prosseguis e experimentais o contacto com o Eu espiritual Superior, então o vosso organismo passará por uma mudança notável. Pode dizer-se que no vosso organismo fluirá então um maravilhoso éter de vida, uma substância que podemos chamar substância de Cristo. Continuais conscientes: sois tanto o Cavaleiro, sois o eu interior, como sois o organismo físico.

– Não podemos chegar a esse estado… – Ora bem! Podeis chegar a esse estado! É disso que falo! Não desisto até que pelo menos alguém ou alguns tenham alcançado o estado! O filho do homem tem tanta pressa, tanta pressa e quer experimentar. Então é fácil cair no mundo dos fenómenos. A busca profunda da compreensão não segue o caminho dos fenómenos, mas o caminho do silêncio. Caminhais em solidão e não falais do que experimentais. Ainda assim tendes uma comunhão uns com os outros. Podeis falar, podeis discutir e, acima de tudo: comunicar.

Tendes de penetrar o mundo dos sentidos! Não o deixeis prender-vos. Não deixeis que um semelhante com a sua irradiação vos prenda, pois um semelhante ao vosso lado muitas vezes vos puxa de volta ao mundo dos sentidos, pois o corpo ainda está no mundo dos sentidos, enquanto vós, com a vossa consciência, já saístes dele. Então surgem conflitos. Chorais pela humanidade e o corpo reage à sua maneira e surgem constantemente conflitos dentro de vós. Queridos filhos. Este é o tempo mais difícil no vosso desenvolvimento! É então que fugis perdidos de um lado para o outro. Queridos filhos, reconheço isso tão profundamente! Como andei num terreno movediço, onde tudo era fugaz, evasivo, onde o mundo dos sentidos e o corpo ainda reagiam. Ainda assim eu estava consciente. Esta é uma luta dentro da própria consciência, em combinação com o Cavaleiro e o mundo dos sentidos e o corpo.

– O mundo habitual torna-se cada vez mais irreal… – Ora bem. Naturalmente. Torna-se irreal, pois fostes vós que o criastes! Não é real! É um «delírio mental» no mais alto grau e é esse que deveis recriar no seu estado original. Se digo «recriar»… É necessária uma mudança tão pequena, mas essa mudança é a maior que o filho do homem alguma vez faz: agir sem avaliação em amor.

Os vossos sentidos enganam-vos. Tentai descobrir como os vossos cinco sentidos vos enredam constantemente na sua armadilha. Estai vigilantes e notareis como vos avaliais uns aos outros. Só existe amor! O amor é a base de toda a ação. Se sentirdes um tremor dentro de vós: «Gostaria de trabalhar. Gostaria de trabalhar comigo mesmo para poder

experimentar a harmonia interior.» Então caminhemos, mas que haja alegria e amor.

Cada vez que pensais: «Encontro-me no meu coração.» Sentis então um movimento interior indefinido? Algo desperta para a vida. Começa a pulsar. Vedes que todos sois um produto do planeta e sois uma parte de uma condição Todo-Poderosa, nomeadamente o Cavaleiro que é a base da vossa ancoragem no cosmos. Ninguém se pode separar do outro e, acima de tudo: na busca da compreensão, não olheis uns para os outros como se alguém tivesse avançado mais no caminho da busca do que o outro. Todos caminhais na mesma vereda para um objetivo. Onde eu me encontro, todos vós estareis. Alguém foi à frente e alguns vêm atrás. Assim é e sempre foi.

Então abri os vossos sentidos! Olhai uns para os outros com novos olhos! Sois filhos do homem, mas muitos estão presos na forma, na consciência do eu. Tentai superar esse sentimento de consciência do eu e tentai encontrar um novo sentimento por baixo, para que o eu desapareça e se instale uma consciência do nós. Temos na origem duas direções. A primeira é que o corpo pertence ao planeta. É um produto celular do planeta e a ele regressa quando deixais este espaço de vida. A segunda é que o vosso eu interior, o vosso ego, que chamamos o Cavaleiro, é o braço estendido de Deus Todo-Poderoso à matéria. Esse ego está encerrado como numa concha de mexilhão e esse mexilhão é, portanto, o vosso mundo dos sentidos, a vossa programação. Tentai deixar que o vosso eu interior impregne o corpo, que ilumine o seu ser. Deixai que o vosso Deus interior venha a ser, impregne-vos a vós e ao vosso irmão.

A essência última do amor Amados filhos, gostaria de vos dizer algumas palavras. Os filhos do homem reuniram-se, falaram uns com os outros. Agora começais a vislumbrar o que durante este tempo vos quis transmitir, nomeadamente amor! Amados filhos. O amor não é como pensais! Quero sublinhar o que já disse antes, que o amor é a base da criação e do devir de todas as coisas! O amor é a base de tudo!

Neste universo existe uma maravilhosa legalidade e um maravilhoso amor! É uma corrente, uma corrente em todo o cosmos. O princípio do amor é a força dominante no cosmos. A força do amor é uma força, um fluxo que vos impregna constantemente. Costumo comparar a força do amor à lâmpada que brilha. Sabeis que é a eletricidade que a faz brilhar. Não podeis ver a eletricidade, mas podeis ver os efeitos da luz da lâmpada. O mesmo acontece com o princípio do amor. Não é palpável, mas os seus efeitos são muito palpáveis.

O amor total não é subjetivo para nenhum indivíduo ou pessoa em particular. Mas é. É amor à origem, ao vosso organismo. É o amor ao vosso eu interior, que é uma parte do Deus Todo-Poderoso, e a este planeta. O amor total não tem avaliações de espécie alguma. É apenas uma ação! Ação sem pensamento ou reflexão no amor pelos vossos semelhantes, por todos os seres vivos e por este planeta. É, portanto, um amor que está fora do sujeito. Tentais moldá-lo com o pensamento subjetivo e então torna-se uma imagem mental subjetiva do amor.

O amor total é abstrato na sua natureza. Tentais moldá-lo com os vossos sentidos. Se começardes a avaliá-lo, torna-se subjetivo.

Tendes dentro de vós a programação do que é belo e do que é feio. Então é o amor do sentido. Não é o amor de que falo. Falo da força motriz interior. Onde quer que estejais neste planeta, partis do vosso próprio pequeno ponto egocêntrico e olhais o vosso mundo circundante. Se estivésseis na lua, ainda assim partiríeis desse pequeno ponto egocêntrico e avaliaríeis o vosso mundo circundante, não é verdade? Assim tendes o eu, o eu exterior, convosco onde quer que estejais. Avaliais constantemente a partir dos vossos sentidos. São os sentidos que criam os vossos sentimentos.

Regateio Ide àquilo a que chamais a vossa loja. Dizeis: «Pese-me tanto e tanto daquela mercadoria.» Recebeis essa mercadoria e depois dais em troca moedas sonantes. Fizestes um regateio, não é verdade? Alguém se aproxima de vós que está em dificuldades. Veem-no ou veem-na e pensais assim: «Gostaria de ajudá-lo, mas ele é ingrato. Não recebo nada em troca. Nem sequer um obrigado.» Enquanto agirdes a partir

desse pensamento de amor, estais ao lado a regatear o amor. Deve ser uma ação sem pensamento por trás. Notai bem que, se regateardes o amor, esgotais-vos a vós mesmos.

Imaginai agora que seguis o vosso caminho. Estais a caminho de uma reunião e tendes de lá estar dentro de um certo período de tempo. Alguém jaz ali à beira da estrada, ensanguentado e espancado. Veem-no ou veem-na na vossa caminhada. Não quereis vê-lo e virais o rosto, mas naturalmente aproximais-vos dele. Mas dentro de vós pensais: «Porque não terá vindo alguém antes de mim e tratado deste pobre coitado. Tenho uma reunião importante a que tenho de chegar. Agora vou atrasar-me. Além disso talvez me suje.» Mas ainda assim. Talvez pegueis nesse pobre coitado nos vossos braços e o leveis para o albergue. Mas então o mundo dos sentidos começa a reagir. A vossa visão diz-vos: «Ele não parece bonito. Não, está ensanguentado e espancado.»

A vossa audição também vos diz: «Não soa agradável nos seus delírios.» O vosso tato, do mesmo modo, sujais-vos. Ficais com sangue nos dedos. O olfato diz-vos: «Cheira mal. E se por acaso o provásseis, o que Deus não permita, certamente o largaríeis e sairíeis a correr dali aos gritos, influenciado pelo vosso mundo dos sentidos e programação.» É isto amor? É isto amor, apenas pergunto. Quando, como algo natural, vos aproximais e nesse pobre coitado vedes um companheiro de caminho, um irmão na estrada, e o levais para o albergue e o cuidais e dais as vossas últimas moedas sonantes para o seu sustento – então é amor. Se não esperardes nada em troca! Mas se esperardes algo em troca, então não é amor. Então é um regateio.

Entre o menor dos vossos irmãos, que se encontra aos vossos pés, pode haver um mestre em encarnação que apenas espera que o vejais, pois, o mestre espera pelo seu discípulo. Não é ele que procura o discípulo, mas o discípulo deve abrir os olhos e ver o mestre face a face. Ora bem. Não vos repreendo. Falo-vos por amor. Quero que vos torneis videntes, num mundo de ilusão.

### AMOR E SOFRIMENTO

Só existe uma força e é o amor. Quando o mundo dos sentidos do homem entra em cena, ele divide-a. O filho do homem divide o tronco do amor no mau e no bom. Quando dividis o tronco do amor, dividem-no com os vossos sentidos que avaliam constantemente a vossa existência e dizem que «isto é bom e isto é mau. Isto é amor, isto não é amor.» Tanto o bom como o mau são a mesma força na base, mas experimentam-na com os vossos sentidos como sendo tão incrivelmente diferentes um do outro. O tronco do amor é o mesmo, mas o filho do homem divide-o em sofrimento e amor. De um forte sofrimento encontrais também um amor, uma lição, e tudo o que aceitais como lição na vossa conduta de vida é amor, independentemente de o aceitardes como sofrimento ou de o experimentardes com os vossos sentidos.

Assim dividistes agora este tronco do amor e avaliaram-no. De um sofrimento obtendes também experiência de vida, mas muitos ficam igualmente presos na amargura e no ódio. Então colocaram-se fora da vida e isolaram-se dentro de si mesmos, na sua própria pequena concha, e experimentam o seu ego exterior tão fechado que não conseguem avaliar a partir de nada mais. Isso acontece à maioria dos filhos do homem que experimentam sofrimento. São assim tomados pela amargura e pela ira contra a vida. O Cavaleiro aceita tudo para a sua experiência de vida e disso cria-se também uma imagem cármica. Podeis compreender esse pensamento?

Não é Deus que vos castiga de modo algum. Sois vós mesmos que buscais as experiências através de cada imagem de encarnação. A maneira como agistes durante esta encarnação prepara a vindoura. Experimentareis coisas numa encarnação futura ou na seguinte para obter as experiências da causa e efeito que criastes.

A lei do karma é verdadeira: Assim como semeardes, colhereis. Quem durante a sua conduta de vida semeou sofrimento, colherá sofrimento. Quem semeia amor, colhe amor. Já falámos disto antes.

O karma não é nem negativo nem positivo, é e é uma forma muito elevada de amor. Isto é difícil de compreender! Tendes dificuldade em compreender o pensamento e o amor por trás da encarnação. É uma

forma de amor e talvez até a mais alta forma de amor. O karma não é subjetivo, mas é doador, tanto quando o experimentais como mais negativo ou positivo. Mas falais do sofrimento e do amor. Do ódio e do amor, o ódio e o sofrimento são algo que criais a partir do mundo dos sentidos. Quando dois opostos surgem no vosso mundo dos sentidos, avaliamos no vosso mundo dos sentidos no bom e no mau. O sofrimento em si mesmo não existe e isto é difícil para o filho do homem compreender, pois olhais para o vosso mundo e vedes sofrimento, mas veem-no a partir do vosso próprio pequeno ponto egocêntrico.

O Cavaleiro não experimenta sofrimento. O Cavaleiro nem sequer experimenta o amor que pensais que ele experimenta; o Cavaleiro é puro. O vosso ego interior é constantemente puro. É o Cavaleiro que carrega o karma.

O Cavaleiro procura os reinos da forma para recolher experiências, boas ou más como as vedes, em sofrimento e em amor. Assim dividistes o tronco do amor em duas partes. No vosso mundo dos sentidos, portanto, dividis esse tronco do amor. A visão, o paladar, o tato, a audição e o olfato dizem que isto é sofrimento e aquilo é amor. É, portanto, o vosso mundo dos sentidos que divide o tronco do amor!

É o ser humano, o organismo, que sofre. Através dos vossos sentidos sofreis. A posse, a posse subjetiva de um semelhante e do vosso mundo circundante, cria esse sofrimento. Os filhos do homem podem penetrar o sofrimento como amor, pois se conseguísseis penetrar o sofrimento até ao amor, as vossas guerras ou a vossa miséria deixariam de existir. Não os veríeis como sofrimento, mas como imagens de experiência que recebeis desse sofrimento. Aqueles que se encontram na miséria, por exemplo, aqueles que nada têm do material, são muitas vezes os que têm o coração mais cheio de amor e mais próximos da mão que ajuda, enquanto aqueles que têm os celeiros cheios de ouro e pedras preciosas têm o coração endurecido em relação ao seu semelhante. Correm também o risco de perder as coisas, pois não as podem levar consigo quando passam para este lado. Notai bem: não quero que nenhum de vós dê as vossas posses, mas podeis aceitar que não podeis possuir, que apenas tendes tudo como um empréstimo para não vos prenderdes a

isso. Quando avançardes no vosso desenvolvimento espiritual, as coisas virão até vós por si mesmas. Não as prendeis. Tendes uma relação com elas e elas convosco.

### AMOR SUBJETIVO E POSSE

Os filhos do homem têm, por regra, associações acerca do amor. O organismo recebe constantemente amor através de estados emocionais, correntes mentais que vos atingem, pensamentos na parte áurica mental, e estão como que possuídos pelos desejos. O amor que experimentais é, por regra, subjetivo na sua forma.

Dois filhos do homem encontram-se e dizeis que surge amor entre esses dois. Avaliam-se mutuamente através dos seus mundos dos sentidos. Muito em breve encontram-se dentro da mesma esfera de sensualidade. Mas passado um tempo, talvez alguns anos, começam a surgir as avaliações. Aos poucos os seus sentidos começam a mudar. Talvez não sejam tão constantes. Esse brilho cor-de-rosa do amor começa a perder-se nas bordas. Assim, na sua consciência, já não existe amor pelo parceiro, pois os sentidos estão constantemente a mudar. Mudam-se constantemente conforme a pressão exterior, pois estais programados por uma consciência coletiva exterior.

Quando dizemos que tendes uma consciência coletiva, tendes, pode dizer-se, uma limitação à volta deste planeta: a consciência coletiva dos filhos do homem. Criais juntos uma esfera de consciência. Essa esfera de consciência baseia-se, de modo estranho, no vosso medo uns dos outros. Porque vos temeis uns aos outros? Tendes a mesma origem e caminhais para o mesmo objetivo! A comunicação não existe, exceto até certo nível; depois temeis falar uns com os outros e falais constantemente uns aos outros.

Avaliais o amor, não é verdade? Dizeis assim que este é o meu parceiro. É, pois, um homem e uma mulher, surge o que chamais atração e flutuam numa pequena nuvem cor-de-rosa. Depois surge o que chamais posse, que é mútua. Dizeis que este é o meu marido e esta é a minha esposa. Ora bem. Como pode algo ser teu ou meu neste caso? Como pode alguém possuir outro alguém? Como podeis possuir uma

miragem? Através da vossa orientação errada do princípio do amor, quando o princípio do amor passa a egoísmo, a posse, prendeis essa parte a vós e assim nunca vos libertais.

– Ciúme. E se não houver ninguém mais, se for apenas fantasia de ciúme? – Queridos filhos. Por mais que vireis e revirais, voltais sempre ao mundo dos sentidos! Ao mundo dos sentidos e à vossa programação, que está constantemente a atravancar-vos o caminho. – É a programação que faz com que haja dramas de ciúme sem motivo? – O que chamais ciúme é apenas um produto da vossa programação e da posse. Do mundo dos sentidos.

Casamento e sexualidade O que é o casamento? Escutai! O próprio Cristo perguntou: «Quem é o teu pai e quem é a tua mãe?» Nesta imagem de encarnação tendes os vossos pais biológicos e dizeis que estais ligados uns aos outros por laços de sangue. O amor que experimentais é subjetivo. Mas escutai! Aquilo a que chamais casamento… Dizeis que foi instituído por Deus… ora bem…

No início desta era, quando os filhos do homem caminhavam neste planeta no começo do seu desenvolvimento, estavam próximos do estádio animal e misturavam-se uns com os outros. Mas o homem, como dizeis, recebeu regras para seguir. Formaram famílias, sociedades. Em certas raças animais, os animais vivem também de forma monogámica durante toda a vida. Assim surgiu a formação de famílias entre os filhos do homem. Surge então muito facilmente um desejo de posse: ela, do seu lado, possui-o a ele e ele, do seu lado, possui-a a ela – acreditam, na sua consciência! O casamento em si mesmo e também a sexualidade nada têm a ver com a parte do desenvolvimento espiritual em si mesma, ou podemos dizer com o ensinamento esotérico em si mesmo.

– Duas pessoas que se amam estão mais próximas em frequência base? – Não. Não precisam de estar. Às vezes alguém diz que esse amor dura uma vida inteira. Ora bem. Pode durar, mas então talvez tenhais, numa imagem de encarnação anterior por razões cármicas, uma ligação soldada, uma ligação um ao outro.

Se formos à sexualidade, ela está ligada ao chakra sexual, ao chakra da base e ao chakra emocional. Alguém pergunta: «O chakra do coração tem de estar envolvido?» Disparate! O chakra do coração não precisa de estar envolvido na sexualidade, pois não? Assim, o chakra sexual, o chakra da base e o chakra emocional pertencem ao planeta para o impulso de reprodução. O filho do homem, com a ajuda do sentido e do seu pensamento mental e do seu desejo, criou uma natureza sensual e não segue os ritmos do equilíbrio do planeta. Separou-se e diz: «Eu sou eu. Desenvolvo-me como quero.» Fala assim do eu exterior, da consciência do corpo, dos seus sentidos. Coloca-se como num vácuo entre a parte espiritual e o planeta que é a vossa origem e não reconhece nenhum dos dois. Diz apenas: «Eu sou eu.» Encontra-se nesse vácuo entre os dois. Os reinos animais seguem um certo ritmo no seu impulso, mas o filho do homem não segue o seu ritmo no seu impulso. A parte sensual, a sua consciência exterior, perturbou a sua comunicação com o planeta de modo que não a experimenta.

O amor é uma frequência O amor é uma frequência. Quando falamos de um espectro de frequências, falamos de vibração. O que é uma frequência? Ora bem. É luz, gravitação, tudo é frequência. Espírito é uma frequência. Cada filho do homem que se encontra neste templo aqui e agora tem uma frequência. Cada parte do vosso organismo tem frequências diferentes em relação umas às outras. É verdade e correto.

A frequência base recebe-la de três aspetos: a conceção, a encarnação e o nascimento. Para experimentar um estado zero tendes de vos acalmar. Tendes de reduzir a velocidade e acalmar a frequência exterior. Só quando experimentais o estado zero é que experimentais o agora. Se falarmos, por exemplo, que tendes de elevar a vossa frequência, não é a vossa frequência corporal exterior, mas a vossa frequência interior que deve ser elevada. Pode então dizer-se a frequência do amor. Quando acalmais o arco exterior, ou seja, o vosso mundo circundante, a vossa frequência interior cresce na mesma medida. Podeis compreender isso? Tendes de vos tornar conscientes algum dia de que o amor é algo fisicamente palpável. Não que vos abraceis uns aos outros, vos beijeis na face, mas que é uma frequência palpável.

O amor é, pois, uma frequência. O amor existe em todo o lado, mas o filho do homem não o recebe graças ao facto de a frequência exterior, a consciência do eu, ser tão forte. Podemos dizer que a frequência exterior é a consciência do eu no vosso mundo circundante. Quanto mais acelera, mais experimentais situações de stress, por exemplo. Dizeis que o tempo vos foge, que não o conseguis alcançar. Se vos acalmardes em meditação, por exemplo, acalmardes o arco exterior, vereis como os anéis interiores crescem cada vez mais e o ponto zero se aproxima cada vez mais. Obtereis uma frequência mais alta para dentro, dentro de vós, e a frequência do amor cresce na mesma medida em que reduzis a frequência exterior.

– Se alguém dá amor, mas se sente rejeitado, como pode continuar a dar amor? Porque começais a avaliar o amor? Amados filhos, então é o vosso eu subjetivo. Deixai que o fluxo se torne vivo! Deixai que o vosso amor flua. Não podem deixar de o sentir. Podeis receber uma reação negativa deles, mas continuai a amá-los. Do mesmo modo que quando me encontro num templo e falo aos filhos do homem. Podeis estar cheios de dúvidas e está certo, deveis estar cheios de dúvidas. Deveis poder examinar o vosso fundamento. Eu amo-vos de qualquer modo! Inundo-vos com o meu amor e de repente sufoquei as vossas dúvidas!

– É mais fácil amar certas pessoas. Com algumas experimentamos irritação. Como podemos remover essas barreiras e crescer? – Tende compreensão pelas suas diferenças! Se alguém age contra vós de modo a ferir-vos, vede-o ou vede-a como uma criança que, sem aprendizado, atravessa a vida, como age por ignorância contra o melhor conhecimento. Percebeis-me? É difícil penetrar, mas se tentardes, experimentareis uma felicidade: tendes amor suficiente para compreender, para poder dar perdão por uma injustiça. Percebeis-me? Crescer em amor…

A manifestação última do amor é ação sem pensamento nem reflexão!

O caminho que vos peço que sigais é árduo, pois os filhos do homem não compreendem a essência última do amor. O amor avaliador é apenas o amor do sentido. Mas quando deixais o sentido, quando

tendes a confiança absoluta uns nos outros, surge outra ancoragem. Obtereis outro quadro de referência. Já não vos conheceis pelo nome, pela escolha profissional, mas tendes confiança, confiança total e amor. É esse amor que procuro. É nesse amor que esperamos que cresçais. É a base. É portadora. É ela que vos eleva. Alegria e riso favorecem o organismo. Uma busca da compreensão não é sentar-vos em meditação e entrar em vós mesmos. É uma parte disso, mas a busca da compreensão é ativar-se, participar na vida com tudo o que ela inclui, juntos com os vossos semelhantes e em humanidade.

Isto não é uma técnica que vos transmito. É um caminho trabalhoso a percorrer, mas admiti que é recompensador! É recompensador em muitos planos e, acima de tudo, que esqueçais o eu subjetivo, individual, se ainda quiserdes desenvolver-vos a vós mesmos. Um filho do homem que procura o caminho da compreensão e apenas olha para o seu próprio eu subjetivo continua a caminhar em círculos. Mas se esse desenvolvimento incluir o desenvolvimento coletivo, então não tendes o eu subjetivo à vossa frente, mas incluís a humanidade no vosso mundo circundante, no vosso pensamento; então é amor. A manifestação última do amor é ação sem pensamento nem reflexão!

Escutai! Digo-vos assim que é urgente. Tendes de agir. Então tendes de começar no ponto central e esse é convosco mesmos. Como se cria a imagem do amor dentro de si? Ora bem. Primeiro e acima de tudo começai convosco mesmos e vede o que faz com que experimenteis a vossa conduta de vida como um sofrimento. É muito mais fácil experimentar o sofrimento e a tristeza do que a alegria e o riso, pois tudo o que vos afeta aceitais tão fortemente através dos vossos sentidos, da vossa programação. Se algum filho do homem vos ataca, experimentais isso muitas vezes com uma forte agressão. Ficais tristes, experimentais uma dor. Todo o vosso organismo desce na sua frequência, enquanto a alegria e o riso a elevam. E como já disse antes: na busca deve haver alegria! Deve haver riso e humor. Não é para vos sentardes e, com tal seriedade que passe a sofrimento corporal e espiritual, procurar a verdade.

Filhos do homem! Amados filhos do homem, tendes de acordar! Tendes de vos ver uns aos outros como formas de expressão! Cada um de vós regressará a este planeta. O invólucro físico, o astral e o mental são apenas imagens-sombra com que caminhais nos vales de Maya, ou no véu dos sentidos. A vossa verdadeira identidade é comum. Mas ainda assim não a vedes e é essa que tendes de tentar encontrar.

Já falámos antes de como o filho do homem, através da sua programação pela sua religião, cria o seu reino dos céus, de como o homem cria através da sua fé. O Geena ardente não existe! O reino dos céus não existe lá, mas aqui entre vós! Caminhais no paraíso e não o experimentais, pois não podeis penetrar o véu que prende os vossos sentidos a vós. É esse véu que tendes de rasgar e ver que cada um de vós pode criar o paraíso com um sentido coletivo comum! Mas então toda a vossa experiência sensorial tem de ser reavaliada e recriada na base, para que não vos avalieis uns aos outros. Sois iguais! Ninguém é maior nem menor do que outro. Cada um trabalha segundo a sua capacidade e todos atuam no seu lugar no lugar certo e na hora certa. Como haveis de fazer? Haveis de trabalhar, não é? Tentai trabalhar por amor! Começai em algum lado!

O que transmitimos não deve ficar num pequeno grupo, onde os filhos do homem, na sua excelência, caminham para o templo e saem dele tão sozinhos como quando para lá caminharam! Quando sairdes deste templo, desejo que experimenteis comunhão, uma base comum, que vos abrais uns aos outros sem temer ninguém. Falamos de coisas tão elementares que deveriam ser a primeira coisa que cada filho do homem experimenta: o amor e não apenas o subjetivo que experimentais. Percebeis-me? Se alguém for tomado pela melancolia e vós também fordes tomados pela tristeza, isso paralisa a vossa capacidade de ação e não deve paralisá-la. Aí tendes de começar a agir, pois então despertais o amor dentro de vós.

O que quer que façais durante esta imagem de encarnação tem o maior significado para a vossa encarnação futura. Não podeis mudá-la apenas agindo de acordo com o que ensinamos porque pensais que assim tereis uma encarnação melhor. Isso não se aplica; tendes de agir do

coração! Não deveis avaliar sistematicamente que assim e assim hei de fazer, pois então estareis a regatear. O amor é ação sem reflexão nem pensamento. «Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles.» Esta mensagem perdeu-se para os filhos do homem e só se preocupam consigo mesmos. Dizem assim: «Alcancei isto e aquilo na escada do bem-estar material e isso dá-me a felicidade.» Dentro deles existe um medo maior da vida, pois todo o seu medo da vida se centra num único ponto e esse é o morrer e separar-se das suas posses.

Tendes luzes diferentes à vossa volta. Tendes irradiações diferentes. Digo-vos assim: aproximai-vos uns dos outros! Aceitai-vos uns aos outros! Tende compreensão e amor uns pelos outros! Então protegei-vos uns dos outros, pois então o vosso mundo dos sentidos entra em cena e pensais: «Não, não posso entregar-me, pois então exponho-me. Desnudo-me.» Aí tendes a programação, que é como uma corrente no vosso pé, que vos acorrenta uns aos outros.

Começai convosco mesmos «Ama o teu próximo como a ti mesmo!», como diz Cristo. Também eu digo: em cada situação, agi como desejaríeis que o vosso irmão agisse, assim talvez ajais corretamente e por amor, sem pensamento nem reflexão, apenas com o sentimento! Ama o teu próximo como a ti mesmo. Se todos seguissem o mandamento do amor, este planeta seria um paraíso! É o mais difícil de fazer, mas é o auge do desenvolvimento espiritual. Então não tendes avaliações. Penetrastes o vosso mundo dos sentidos. Então é o Cavaleiro que age através do corpo.

Como podemos amar-nos a nós mesmos para poder amar o nosso próximo? – Desenho o filho do homem como um vaso vazio. Aqui estão novamente os vossos sentidos. Quando passais por vós mesmos e olhais para vós, cada um segundo a sua frequência, tenho a certeza de que cada um encontrará, quando estiverdes prontos, se o mundo dos sentidos não se intrometer, tanto uma coisa como outra que gostaríeis de mudar. Coisas de que vos envergonhais de falar, talvez. Coisas que, segundo o vosso mundo dos sentidos, talvez não sejam muito «apresentáveis», se me permitis a expressão, para trazer à superfície. Isso existe aqui como imagens-sombra no vosso interior. Conviveis constantemente com elas, talvez, mas não as trazeis à superfície fora de vós. Também entrais em

conflito com elas. Sentis desconforto convosco mesmos: «Como pude agir assim? Não o quero, mas faço-o.»

Queridos filhos, tendes primeiro e acima de tudo de começar convosco mesmos, acolher o que está dentro de vós. Aceitai-o e tentai mudá-lo para que encontreis um amor por vós mesmos. Tendes de mudar a vossa visão do eu. O eu exterior é um produto do vosso ambiente, da vossa programação desde a infância e da consciência coletiva. Já assinalei que deveis penetrar a programação e penetrar a natureza irreal dos sentidos. Limpai o vosso interior para que possais encontrar o eu interior, o vosso Cavaleiro. Conhecei-vos a vós mesmos. Passai por vós mesmos. Amai-vos a vós mesmos como um produto do planeta. É aceitar o eu! Que vos aceiteis a vós mesmos como sois. Talvez tenhais de vos mudar, o vosso padrão de comportamento, o vosso entorno. Ser honestos convosco mesmos. Não é assim tão fácil.

Mas como podemos aprender a amar-nos a nós mesmos? – Ora bem. Para assim amar o seu semelhante, tendes de vos compreender a vós mesmos. Quando dizeis, por exemplo, que dentro de vós é o caos. «Como posso amar algo que é fugidio?» Perguntais-vos: «Quem sou eu?» Tendes um nome, uma escolha profissional e assim por diante. Não esqueçais então que sois uma parte da natureza, deste planeta. Este maravilhoso organismo vivo! Tudo o que se encontra neste planeta é um produto dele. Amados filhos, ele dá-vos à luz, ama-vos como seus filhos! Sois formados do pó dele. Em cada passo, em cada experiência, experimentais o amor! Saís para a natureza e amais-a. Tende a certeza de que ela vos ama com a mesma alegria, o mesmo amor! Vedes as árvores, vedes as flores no chão, vedes os lagos. Alegrais-vos com eles; podeis imaginar este pensamento de que recebeis o mesmo amor de volta? Quando alguém se conhece a si mesmo, sente uma totalidade, uma unidade com este organismo, com todo este planeta.

O amor não é renúncia. Não é renúncia, pelo contrário, é um tomar. É um tomar de amor, pois no mesmo instante em que dais, ele reflete-se de volta para vós. Não é para o eu subjetivo amar-se a si mesmo. Não é do organismo como tal que falo. Independentemente dos programas que agora passeis, ou se agora ingeris alimentos vegetais, se isso passar a

fanatismo estais a adorar o vosso organismo, colocais o vosso organismo fora da natureza e dizeis: «Eu sou eu.» Amados filhos, esquecei isso! Não é o organismo que é o eu! Deveis ter harmonia dentro dele.

Aceitai-vos a vós mesmos como sois, como as flores no jardim, cada uma brilhando com a sua cor e irradiação especial. Um jardim com apenas flores lilases, amarelas, verdes é monótono. Mas quando brilha com todas as cores é maravilhoso de contemplar. Não é uma renúncia do eu, mas é aceitação. Isto sou eu. E quando aceitardes isso: parai de o avaliar. Pois lembrai-vos também disto, que quando o Cavaleiro encarnou, este organismo é o vosso alto assento, o vosso templo. Um instrumento maravilhoso que usais durante este período de encarnação, recolhendo experiências para o próximo. O amor não é renúncia, é doador. No mesmo instante em que dais, recebeis. A visão do amor muda e a consciência do eu muda pouco a pouco para uma consciência do nós.

Para a libertação do filho do homem, isto está na base: o vosso mundo dos sentidos e a vossa programação são o que mais vos prende à terra da matéria. Mas quando começardes a agir em amor... Ora bem, tendes primeiro de penetrar o mundo dos sentidos e o vosso agir para que esta ação comece espontaneamente a reagir em situações de crise, onde é preciso tomar decisões rápidas. Um filho do homem encontra-se algures. Vedes que está em perigo. Vades a caminhar pela estrada. Vedes a sua situação e agis. Mas se os vossos sentidos tivessem tempo de entrar em função, avaliariam imediatamente.

O sentido da visão diria: «Não, não chego a tempo.» O tato diria: «Talvez o corpo se danifique com isso.» Assim hesitaríeis na vontade de o fazer, pois os sentidos vos reteriam. O mundo dos sentidos diz-vos que não podeis ajudar essa pessoa e experimentais um medo sem igual. Mas ainda assim executais a ação. Ora bem. Vindes a caminhar e vedes o que acontece e então agis. Aí tendes a ação rapidíssima sem pensamento nem reflexão. Apenas sois e aí tendes o amor na base. Se alguém depois vos perguntasse: «Como pudeste, com perigo para a tua própria vida, expor-te a isso?» Não poderíeis responder. Ficaríeis igualmente espantados e diríeis: «Não sei, simplesmente aconteceu.» Isto é amor. Então foi o vosso eu interior que executou a ação, apesar de todos esses protestos do

vosso mundo dos sentidos. O mundo dos sentidos representa o eu, o eu exterior, mas quem agiu foi o vosso eu interior, que assim influenciou esta ação de amor.

– Quando acontece uma coisa dessas, não estamos conscientes do nosso próprio eu. Esquecemo-nos de nós mesmos. Não temos sensação de que existimos. Quando estamos completamente vazios, é que funciona? – Queridos filhos, então tens o Cavaleiro à superfície. Ser homem livre é estar livre de avaliações. Se fazeis uma obra de amor e pensais que «Porque não recebi nada em troca? Nem sequer um obrigado como resposta!», então não é amor. Então é apenas um regateio em amor. O amor é estar livre da influência do sentido neste plano. Quando agis por amor, o amor é uma ação sem pensamento nem reflexão. Simplesmente é.

### O AMOR É HUMANIDADE

Alguém mencionou a palavra humanidade e é talvez isso que nos pode faltar. O amor é humanidade e cuidado. É algo que sentimos de dentro. Estais conscientes do vosso parente quando andais pela estrada, que sentis espontaneamente que aqui está um irmão em caminhada no cosmos. A nossa origem é a mesma e para onde vamos também juntos caminharemos, talvez ao longo de futuras encarnações. Tentai superar o medo, pois este ainda permanece. Penetrai o vosso mundo dos sentidos, pois isto é importante.

– Humanidade. Pode-se então passar na programação para a palavra «nós» pouco a pouco? – Esperamo-lo.

– Pode-se começar com a compaixão através dos sentidos ou tem de vir de fora dos sentidos? – Amados filhos, enquanto tiverdes compaixão pelo vosso mundo circundante, compaixão pelos reinos animais, pelos reinos vegetais, pelos filhos do homem na vossa proximidade, ora bem, então dizemos: isso é amor. Mas se dizeis que é o sentimento e não o amor, então quero dizer que esse sentimento é avaliado pelos sentidos. Amados filhos, os sentidos enganam-vos sempre, sempre, sempre!

Encontra-se aqui na matéria. O velho Ambres falou-vos. Depois caminhais e dizeis: «Ora bem, foi interessante, mas como hei de combinar isto na minha caminhada de vida?» Tantas vezes como já o repeti, e continuarei a repetir até à exaustão... O filho do homem diz: «Ele repete-se, o velho.» Continuarei a repetir, pois o amor é tão simples se tão somente o quiserdes ver. É ação! Tentai deixar de lado o amor dos sentidos, porque esse foi criado. Foi criado pelos filhos do homem. Cada um de vós tem a mesma beleza. Não há diferença, nenhuma diferença de hierarquia de qualquer espécie. A diferença está nas vossas avaliações e nos vossos sentidos. O amor está além dos sentidos. É ação!

É ação sem pensamento nem reflexão! É apenas um ser, independentemente do lugar onde vos encontreis.

Tentai vós mesmos pensar assim: na minha proximidade mais próxima, existe alguém a quem possa ajudar? Ora bem, certamente encontrareis alguém, ou algum ser humano completamente estranho diante de vós, a quem podeis ajudar com algo. Fazei-o! Agi! Sentireis satisfação de amor. Soube bem. Passemos ao próximo. Sabe ainda melhor e em breve estareis a transbordar de amor. Aquele a quem ajudastes olhar-vos-á sem compreender e pensará: «Por ali passou um anjo» e será afetado pela mesma ação. Agi sem pensar: «Receberei algo em troca?» Se pensais: «Se o ajudar, talvez não receba nada, nem um obrigado, nem um pouco», então é apenas um regateio desse amor de que falais. Agi e nada exijais em troca. Como poderá o filho do homem acordar se tiver um eu subjetivo e medo uns dos outros? É esse medo que tendes de largar para que encontreis a essência interior em cada um de vós.

Amados filhos, falamos-vos de amor! Se experimentásseis o amor do mesmo modo pelo planeta, se experimentásseis a ternura, a experiência interior total de amor, nunca ficarieis tristes! Agiríeis! Não poderíeis ficar à distância a ver, por exemplo, como os filhos do homem, na sua ignorância, destroem o equilíbrio ecológico. Tendes de agir e na ação tendes amor pelo planeta.

Este é o vosso país. Aqui está outro país. O vosso país é uma nação rica e este é o que chamais nação pobre. No vosso país, os filhos do

homem vivem na abundância. Ora bem. No outro país vivem na miséria, mal têm um trapo para se cobrir, nada para ingerir como alimento. Mas o planeta deu-lhes os mesmos direitos, nomeadamente dá-lhes do seu amor para o seu sustento. Alguém diz: «Este é o meu país. Tenho a sua tradição. Amo-o.» Tendes também a sua imagem religiosa.

Numa encarnação anterior, o que aconteceu? Talvez vivêsseis noutro país, numa tradição completamente diferente, numa religião completamente diferente, num sistema completamente diferente. De repente surge entre eles o que chamais uma crise. Os vossos sentidos criaram, o vosso medo criou pensamento diferente. Ideologias criaram o que chamais uma situação de crise. Logo surge o que chamais guerra. Num país está um sumo sacerdote e grita: «Ide lutar em nome de Deus, é uma guerra santa!» Também no outro país está um sumo sacerdote e grita do mesmo modo: «Ide em nome de Deus. É uma guerra santa!» Existem então dois deuses? Não! Mas a ignorância do filho do homem criou-os. Do mesmo modo a nação rica diz assim: «É uma pena para eles. Ora bem. É muita pena para eles, vamos dar-lhes uma esmola.» Assim dais uma esmola ao país pobre, mas se as pessoas se aproximarem do país rico e talvez exijam partilhar as suas posses, defender-vos-íeis com força armada se necessário.

Os filhos do homem têm de se mudar em toda a sua estrutura sensorial. Em todo o seu ser, em toda a sua experiência do mundo circundante. É por aí que tendes de começar. Já disse que o Unificador vem do Norte. São os filhos do homem que são o Unificador, que têm de se unir. Há muitos caminhos para essa união e tendes de começar a caminhar convosco mesmos. Amados filhos! O Unificador vem do Norte. Ninguém o pode ver antes que tenha passado. Só então o filho do homem dirá: «Ali estava um espírito de Cristo, mas não o percebemos.» Mas notareis as réplicas. Assim. Imaginai agora que o Unificador estivesse aqui e agora. Quanto tempo pensais que duraria? Quem o seguiria? «Um louco que falava de amor!» Os filhos do homem fechá-lo-iam então no que chamais hospital psiquiátrico. O Unificador não vem do modo que os filhos do homem pensam. Mas vem do Norte. Não se manifesta na carne

do mesmo modo. Não acontece simplesmente que venha. Queridos filhos. Os filhos do homem notarão as réplicas.

Agora entramos automaticamente em conflito com a maioria das doutrinas esotéricas que falam do desenvolvimento do homem. Não falo do desenvolvimento do homem! Falo da absorção do homem! Há uma grande diferença. No «desenvolvimento do homem», desenvolveis-vos fora deste processo, o processo interior. Mas se vos desenvolverdes até à absorção com o vosso aspeto divino interior, então sois o aspeto divino e então sois uma parte do Unificador. Então sois o Deus errante disfarçado neste planeta!

Sois como flores no jardim do nosso Senhor. Cada uma brilhando com a sua irradiação especial e o seu sentimento especial. Sois diferentes como filhos do homem e essa diferença está na base, em parte na vossa programação, em parte nos caminhos que trilhastes no caminho da busca. Quando caminhais, tentai então experimentar que cada flor, cada árvore por que passais, é um ser vivo. Abraçai a árvore. Senti o calor e a irradiação dela. Ela irradia amor sem exigência. Dai-lhe o mesmo amor! Criai um diálogo com ela: «Amo-te porque me dás a tua beleza e partilho contigo a minha existência.»

A vida tem um sentido? Antes pusemo-nos a pergunta: «A vida tem um sentido?» Respondi então que naturalmente a vida tem um sentido! Um sentido muito maior do que alguma vez podeis imaginar. Lutais na matéria. Um filho do homem diz assim: «Ingero o meu alimento. Repouso na minha cama. Tenho o meu trabalho na minha atividade diária. Ingero novamente o meu alimento, repouso na minha cama, trabalho na minha atividade diária. É um círculo.» Assim perguntais-vos também por vezes: «Qual é o sentido da vida? Caminho sozinho. Os anos passam-me por diante. O que hei de fazer com a minha vida?»

Amados filhos! Há um grande sentido na vossa vida. O filho do homem é um produto do planeta. Sois um instrumento para o vosso eu interior, o vosso ego interior. Dizemos assim que deveis limpar os vossos sentidos, penetrar os vossos sentidos, pois é aqui e agora que podeis libertar-vos do véu da consciência do eu, do véu subjetivo e

experimentar-vos numa totalidade com a natureza e o planeta, com Deus Todo-Poderoso se assim o quiserdes chamar! Mas enquanto vos experimentardes apenas com a vossa consciência do eu, a vossa subjetividade, estareis constantemente a perguntar-vos: «Qual é o sentido da vida?»

Dizemos assim que saís para a natureza. Colocais então a natureza ali e o eu aqui. Se disserdes que: «Eu sou a natureza», então integrastes uma parte da natureza. Cada árvore, cada flor, cada pedra é um ser vivo, um organismo perfeitamente funcional, mas o filho do homem coloca-se sempre fora e diz: «Estou aqui e a natureza está ali» porque estais tão presos ao mundo dos sentidos. O que tentamos fazer é soltar-vos para que sintais: «Sou uma parte desta divindade. Trago a igreja dentro de mim e ela é o meu templo. Sou um evangelho vivo.» Sois um evangelho vivo, se conseguirdes ultrapassar essas divisões que são os vossos papéis e escudos!

Já falámos, por exemplo, do equilíbrio ecológico, de como os filhos do homem devastam este planeta vivo, este maravilhoso organismo que vos traz nas suas mãos. O filho do homem fere a sua superfície na sua ignorância e para seu próprio ganho material e cria tais meios químicos que destroem a sua estrutura superficial. Fazeis isso por amor? Ou fazeis isso por amor próprio a vós mesmos? Pensai nisso! É este planeta que vos dá à luz. Sois vós que dependem do planeta e não o planeta de vós. Cuidai dele! Comunicai, falai uns com os outros em amor.

Ativai-vos na base, pois a pressa é cada vez maior! O filho do homem chega a uma situação de crise. Uma nova era espiritual está a chegar e o filho do homem mudará na sua estrutura. O fluxo do tempo muda, a frequência eleva-se cada vez mais.

Repetimos e repetimos. E isto, amados filhos, revelar-se-á como a melhor base em que alguma vez vos apoiastes, pois quando mais vos irritardes com as repetições, mais se revelará que nada delas compreendestes! É essa base que repetimos, que tendes para construir.

Já falámos que sois caminhantes no cosmos. O Cavaleiro, que está encarnado, tem origem no Todo-Poderoso. O Todo-Poderoso está

concentrado no espaço de vida. Neste espaço de vida há cadeias de desenvolvimento na forma plástica e também cadeias de desenvolvimento que chegaram à forma gasosa e assim por diante. Há milhares de milhões e milhares de milhões de sistemas diferentes que são portadores de vida e existe uma cadeia infinita de espirais de desenvolvimento. Podemos vê-lo como uma expiração e inspiração e o universo é finito, mas também infinito. Assim a criação continua vezes e vezes sem conta!

Já falámos que este planeta tem uma consciência, que o planeta é um organismo vivo, animado por um espírito de Cristo. O banco de memória do planeta está em contacto constante com o vosso superconsciente e com a vossa frequência oscilais constantemente em direção ao pensamento base do planeta. Já falámos antes que descendereis para um novo cosmos com uma consciência muito mais elevada do que a que tendes atualmente. Então encarnareis como espíritos servidores para um novo cosmos como pedras de construção para um novo universo, para com o pensamento criar o corpo como espírito servidor e estar ao dispor com formas de expressão para futuros Cavaleiros que, por sua vez, se desenvolvem nesta espiral de desenvolvimento. Sois assim expectantes, pois a criação está constantemente em curso. Mas cada criação não tem fim nem começo. É um pensamento paradoxal, mas ainda assim é assim.

O que havemos de fazer? Todos querem saber: «Como faço? Quero alcançar um estado. Quero alcançar o Nirvana.» Mas nenhum filho do homem alcança o Nirvana ou o estado somático superior sem deixar toda a bagagem que tem dentro de si de programação, crescimento e ambiente, para que sejais puros como crianças, sem ideias preconcebidas sobre nada. Percebeis-me? Só então podeis começar a caminhar no caminho da compreensão.

Ora bem. Deveis elevar a vossa consciência e penetrar a natureza irreal da existência e ver a realidade sem o véu de Maya. A existência é uma sombra, uma ilusão, que é criada coletivamente e com a vossa consciência através da programação e dos sentidos. A penetração e a

experiência comum de amor é a parte mais importante que constrói a vossa consciência cada vez mais alto, para que o Cavaleiro possa romper.

O vosso corpo está intimamente ancorado ao planeta. Reage às intenções que o planeta dá, enquanto o filho do homem se colocou fora da origem do corpo físico, nomeadamente o planeta, e fora da origem do Cavaleiro: Deus Todo-Poderoso.

Chegastes mais perto do vosso Cavaleiro. Elevais-vos em frequência e também o planeta se eleva na sua frequência. Tudo se eleva na sua frequência!

– Pode-se mudar a própria frequência? Ora bem. Pode dizer-se que quando vos elevais no vosso desenvolvimento, a vossa frequência muda quanto mais perto do vosso Cavaleiro chegais. Quando o Cavaleiro se identifica com o corpo, tornais-vos um ser luminoso. Os filhos do homem serão atraídos para vós e perguntarão: «O que aconteceu? O que se passou?» Notam a vossa mudança e a vossa frequência mudou.

Tendes uma responsabilidade por este planeta! Realizai-vos a vós mesmos! Realizai o planeta! Vivei em harmonia com ele e com o vosso Deus interior. Tendes tanto para dar uns aos outros! Tentai esquecer esse medo que experimentais uns perante os outros. Se alguém não reagir ao vosso amor, não vos canseis. Ide novamente ao seu encontro. Amados filhos, a melhor armadura é: nenhuma defesa. Quem ataca o indefeso? Mas se tiverdes uma armadura quando sairdes, sereis sempre atacados. Sempre alguém quererá provar a sua força e do mesmo modo se atacardes o planeta, sereis atacados de volta. Pois o planeta cura-se a si mesmo.

A busca é humildade! A busca é amor por tudo o que é vivo, tudo o que é criado! Tudo com que entrais em contacto vibra de vida e de irradiação de vida. Tentai mudar os sentidos durante este tempo. Não vejais apenas a bétula. Não vejais apenas a flor. Tentai na consciência tornar-vos conscientes de que têm uma irradiação. Quantos de vós tocaram na bétula, no abeto ou no pinheiro e sentiram se ali há vida? Por regra dizeis: «A casca é rugosa.» ou «A casca é lisa», mas não sentis a vida nela e é essa vida, amados filhos, que tendes de tentar ver, também como

uma parte integrada de toda a vida. Dependemos dela e ela depende de vós à sua maneira.

Olhai para o vosso caminho de vida! Caminhai com olhos que veem, mas estai constantemente conscientes de que esses olhos, e os vossos sentidos, vos fornecem constantemente informações erradas sobre o vosso mundo circundante. Tendes o que chamais uma primavera, um verão, onde a natureza acorda e por vezes caminhais no meio dela e falais às flores no chão. Sentis o tronco branco da bétula contra a vossa mão. Tocais nela e então deveis sentir como treme. Vibra de vida. Cada flor que encontrais brilha com o seu amor pela criação.

Os pássaros cantam para vosso prazer. Mas ali vai o filho do homem, olha para o chão, dá pontapés distraidamente no musgo e não vê as flores. Não vê as árvores. Não ouve o pássaro ou o vento que passa pelos ramos. O filho do homem vai ali e avalia e pensa assim: «É um dia quente. O organismo não se sente bem. É um dia frio. O organismo tem frio. Fico com lama nos pés e a chuva cai.» Amados filhos, isso não pertence à natureza? Amai-o! Amai a chuva! Amai o vento! Amai tudo o que foi criado!

Um pensamento completamente novo Amados filhos. É um pensamento completamente novo! É uma vida completamente nova! É um mundo novo a que vos aproximais. Para o encontrar, tendes também de renunciar a algo, renunciar ao eu subjetivo e ao que o mundo dos sentidos vos fornece. Não precisais renunciar a isso, apenas mudá-lo em certa parte. Se seguirdes e tentardes ver isso, de repente, sem que vós mesmos vos tenhais esforçado ou pareça que vos esforçastes, sentireis dentro de vós: «Ah, é assim!» Experimentais-vos mais completos e mais completos. Vedes o mundo circundante com novos olhos.

Mas creiam no que lhes digo: não estais sozinhos de modo algum! Se alguém disser: «Tenho medo disso. Se apenas eu experimentasse a plenitude sozinho, ficaria sozinho neste planeta.» Amados filhos. Pelo contrário! Ficareis mais enriquecidos do que alguma vez fostes antes! Mas também, para alcançar uma experiência mais elevada, o organismo tem de estar em equilíbrio. Tem de estar em equilíbrio.

Na busca da compreensão, uma busca na escada do desenvolvimento espiritual, o filho do homem tem de esquecer duas coisas. A primeira é o seu próprio eu subjetivo e, em ligação com o próprio eu subjetivo: o orgulho espiritual. A segunda é que em cada situação os vossos sentidos avaliam durante toda a vossa conduta de vida. Enquanto os filhos do homem se avaliarem uns aos outros pela ação, por exemplo avaliações na escada de desenvolvimento, deveis saber isto, que todos vós estivestes no plano mais baixo. Mas pouco a pouco caminhastes encarnação após encarnação e independentemente de onde vos encontreis, sabei isto: todos vós estivestes no degrau mais baixo, pode dizer-se o degrau mais baixo na escada de desenvolvimento.

Peço-vos: aproximai-vos uns dos outros! Comunicai uns com os outros! Não andeis como estranhos uns para os outros. O eu subjetivo está tão fortemente enraizado em cada filho do homem. Se esquecerdes um pouco o próprio eu, podeis, por exemplo, rir-vos das injustiças que experimentais com o eu subjetivo. Vedes então como ignorância, como crianças que brincam no vosso entorno. Ora bem. Não vos repreendo, amo-vos! Pois se não vos amasse, não vos falaria assim.

Desenvolvei a parte do amor O que tendes de desenvolver é a parte interior, a parte do amor. Desenvolvei a parte do amor. O que deveis aspirar é poder amar o vosso próximo sem distinções! Isto é mais importante do que o desenvolvimento pessoal próprio! Se tiverdes ganho próprio nisso, ou procurardes ganho próprio num desenvolvimento, então estagnareis pouco a pouco num beco sem saída, pois a vida é servir e constantemente servir e receber. Aceitai as diferenças uns dos outros! Aceitai que tendes programações diferentes no caminho que leva à compreensão. Alguns têm pressa, alguns correm, alguns são lentos. Deitam-se na relva e olham para as nuvens que passam. Ainda assim ele ou ela encontra também a sua tarefa.

Já falámos em ocasiões anteriores disto: tentai realizar algo do amor. Mudai o amor, para que comeceis a comunicar, a falar uns com os outros e não uns aos outros! Pois enquanto falardes uns aos outros, não chegais a lado nenhum. Enquanto falardes uns aos outros, cada um de vós coloca-se no seu próprio pequeno pedestal e talvez avalie segundo o que

os vossos sentidos vos dizem ser: algo mais alto ou algo mais baixo. Não há ninguém mais alto ou mais baixo na escala do buscador espiritual! Aquele que assim se encontra no degrau mais alto está ainda na mesma escada. Independentemente de alguém se encontrar mais baixo, ele ou ela estará no mesmo plano pouco a pouco. Aquele que também sente, ou pensa, que «Cheguei tão e tão longe no meu desenvolvimento», amados filhos, ajudai então aqueles que vêm depois! Dai-lhes a vossa mão, sem por isso vos colocardes acima, mas colocai-vos abaixo e ajudai-os.

Quando falámos de desenvolvimento, também mencionámos que é disto que falamos: pouco a pouco terá mais significado prático através da vossa ação. Falámos uma linguagem intelectual de certo modo, mas tentámos combinar com o sentimento, pois o sentimento é importante. O amor é importante em toda a busca, mas pouco a pouco revelar-se-á que tudo o que aceitais haveis de transformar em ações práticas, em ação prática, sem por isso vos envergonhardes de como o homem reage na vossa proximidade. Talvez digam: «Estás louco!» É com as vossas obras que primeiro podeis provar o que sois.

Se disserdes: «Deus ajuda-me!» Como podeis saber que Deus o faz sem tentar deixar que Ele vos ajude? Escutai. Como podeis provar, por exemplo, que o que aceitais através da minha mediação é correto, se não tentardes prová-lo com toda a vossa alma? Se tentardes, vereis com espanto que algo acontece. Não podeis apontar o que é que acontece, mas algo acontece. Recebeis um impulso para a frente de modo que mal precisais fazer algo, mas por amor vos é dado sem que vós mesmos tenhais tido desejo disso.

Uma lei no cosmos talvez faça com que aquele que anseia por coisas tenha de lutar por elas? Aquele que não se importa com isso: vem até ele, pois sente um parentesco. As coisas não vos possuem, vós não as podeis possuir, mas se as perseguirdes então também tereis de lutar por elas, não é?

Deve haver algo que nos guia, que tem interesse em nós… – Muitos filhos do homem estão atentos a isso. Mas muitos filhos do homem não conseguem depositar a confiança nisso. Infelizmente também acontece

que o filho do homem cai em desgraça. Então não têm a confiança, mas afastam-se da confiança. Trabalham mais forte do que nunca para alcançar o seu objetivo, em vez de relaxar e ter a confiança total, a confiança emocional, de que «Isto resolver-se-á. Eu sei-o.»

Já falámos da consciência coletiva, das pressões que os filhos do homem exercem constantemente uns sobre os outros. Dizemos, aqui vos encontrais. Deveis executar uma obra de algum tipo e pedis ajuda a uma pessoa e esta diz: «Vou ajudar-te!» Ela pede a outra pessoa, que pede a outra e pouco a pouco o teu pensamento, que criaste, cumpriu uma função para quinze filhos do homem. Assim esse filho do homem está prestes a executar essa obra. Pelo facto de lhe teres pedido, influencias um curso de eventos lá longe, de modo que essa obra não foi feita, mas de repente tomou uma direção completamente diferente da que talvez teria tido antes. Se olharmos para isto, vereis que todas as obras que executais têm uma influência à vossa volta. Caminhais nas águas da vida e à vossa volta movem-se constantemente as ondas do vosso agir em direção a outros filhos do homem que caminham na vossa proximidade.

### QUEBRAR O FUNDO DO VASO

Já falámos que o homem pode ser simbolizado por um vaso, moldado do pó da terra! Caminhais através das encarnações. Em cada encarnação atraís nova consciência através de experiências. Encheis assim o vaso gota a gota até que esteja cheio. Então tendes uma consciência.

Vou contar-vos uma parábola. Um discípulo veio ao Mestre e perguntou: «Podeis mostrar-me o que é a verdade? Como hei de experimentar a verdade? Como hei de poder dar a verdade ao homem?» O Mestre levou-o consigo a um poço, levando um vaso. Depois começou a tirar água do poço e a encher o vaso. Parecia conter quantidades infinitas. O discípulo olhou pouco a pouco para o vaso e descobriu que não tinha fundo. Não conseguiu conter a sua impaciência e apontou-o ao seu Mestre: «Mestre, não há fundo no vaso!» O Mestre diz: «Não me interessa nada se há fundo ou não. Quero vê-lo cheio.»

O paradoxal é ainda assim isto, que quando o homem primeiro pode dar de si mesmo, do seu eu interior, da sua sabedoria, então o fundo tem

primeiro de sair do vaso. Pois enquanto apenas o encheis até à borda, enchem-no com experiências subjetivas. Notai bem que agora não falo como antes, não falo das imagens de encarnação e da recolha de experiências, mas estas são as experiências subjetivas durante a vossa caminhada de vida. Quando apenas recolheis experiências subjetivas de vida, apenas reforçais o eu subjetivo. Mas se quebrardes o fundo do vaso, deixais que a informação que recebeis flua através. Recebem-na, mas não a avaliais através dos sentidos. Dais, dais, dais-vos a vós mesmos em amor!

– Assim quando o vaso fica cheio o fundo sai… – Ora bem, e depois é só despejar e então alcançou a forma última. Pois assim deve ser o saber, constantemente em busca. Retomar o eu é isto: ter quebrado o vaso para que o Cavaleiro possa romper. Este Cavaleiro é a base comum da vossa ancoragem no cosmos.

### CAMINHOS PARA A VERDADE

Há muitos caminhos para a mesma verdade. Alguém diz: «Ambres, és demasiado técnico, trabalhas no mental.» Ora bem. Trabalho no mental, para tirar o mental, pois na base experimentareis com o sentimento. A compreensão está no sentimento. Apenas no sentimento! Então surge espontaneamente a pergunta: «Quer Ambres dizer o mesmo sentimento que nós?» Não. Não quero dizer o mesmo sentimento que experimentais, pois quando experimentais com o sentimento, experimentais subjetivamente. Então dizeis que: «Sinto assim e assim.» Mas se estivésseis do meu lado, o eu desapareceria e apenas saberíeis: é assim. Mas não teríeis nenhuma consciência do eu na experiência, pois então seríeis a experiência e a experiência seríeis vós.

Os seres humanos procuraram durante milénios a mística. Ela é longínqua e manteve as verdades afastadas do homem. O filho do homem está maduro, se tão somente quisésseis abrir os olhos e ver, sem medo uns dos outros. Vede que de modo algum existe qualquer forma de mística ou algo que preciseis esconder uns dos outros.

Muitas vezes, quando vos falo, perguntais-vos: «Porque há de ele falar disto? É tão insignificante. É algo de que não precisamos de todo.»

Há tantas nuances diferentes neste caminho para a compreensão que afirmam que tem de haver uma forma, em que o filho do homem possa ver, não apenas com o sentimento, ou que tem de haver um movimento mecânico ao qual o homem se possa encaminhar.

Acontece muitas vezes que os filhos do homem dizem: «Ambres transmite, mas nós vemos e ouvimos e escutamos. Da primeira vez que ouvimos, nada compreendemos. Da segunda vez que escutamos, compreendemos algo. Da terceira vez que escutamos, compreendemos um pouco mais. E da quarta vez obtemos uma visão clara: Ah, era isso que ele queria dizer!» Nunca me compreendereis enquanto tentardes alcançar-me com o intelecto. Tendes de acompanhar com o vosso sentimento, envolver-vos emocionalmente. Tendes de trabalhar convosco mesmos.

Realizai-vos, a vossa existência, para amar o próximo como a vós próprios. Primeiro quereis saber e depois tendes de transformar o conhecimento com o sentimento em ação prática. Alguns filhos do homem dizem: «Eu sei tudo! Sei do que o velho Ambres fala. É comida requentada que ele já passou antes.» Mas então porque não partilhastes com os que passam fome à vossa volta em vez de vos sentardes na vossa própria excelência e fechardes os olhos ao desenvolvimento dos filhos do homem?

Há diferentes estágios no caminho do desenvolvimento. O primeiro estágio é, por regra, este, quando o filho do homem chega à compreensão: «Agora sei tudo!» Amados filhos, quando dizem: «Agora sei tudo, já não preciso de procurar mais.» Então mal começaram! Mas quando chegam ao estágio em que dizem: «Tudo é caos. Nada sei.» Então chegaram a algum lado. Então obtivestes ainda assim um axioma no vosso desenvolvimento espiritual: em algum lugar é preciso começar.

A busca no caminho da compreensão espiritual é simples, mas são os filhos do homem que a tornam difícil, pois os vossos sentidos vos prendem tão fortemente à matéria que se pode dizer assim: sois vós mesmos que criais as condições para a busca espiritual. Se a busca é consciente do eu, se é subjetiva, amados filhos, o que procurais então? A

compreensão, mas não procurais o caminho da compreensão espiritual, procurais então o caminho dos fenómenos e isolais-vos apenas à volta da própria personalidade. Para encontrar algo, tendes de largar outra coisa e, em primeiro lugar, largar um pouco o eu subjetivo. Se interpretardes um desenvolvimento espiritual como, por exemplo, desenvolver os vossos chakras, desenvolver a capacidade de visão, que chamais clarividência, ou a capacidade de cura, isto não é em si mesmo desenvolvimento espiritual, pois nisso desenvolveis-vos a vós mesmos no vosso corpo.

Se desenvolverdes os vossos chakras apenas para vosso próprio benefício, sem pensar na humanidade, isso é egoísmo e nada tem a ver com desenvolvimento espiritual. Muitos dizem: «Para alcançar um desenvolvimento espiritual, temos de aprender a desenvolver capacidades. Temos de desenvolver a capacidade clarividente, desenvolver a capacidade de cura.» Digo: disparate! A capacidade clarividente nada tem a ver com desenvolvimento espiritual! Desenvolver a capacidade de cura nada tem a ver com o desenvolvimento esotérico! Queridos filhos! Cada filho do homem tem a capacidade de curar. Sois como um transformador para a força que é dada de esferas superiores. Usai-a com humildade e tratai-a em conformidade. Todos tendes uma capacidade adormecida de cura. Alguém está deprimido e triste. Tocais nele ou nela. Acariciais e acalmais. Isso também é uma forma de cura! Não precisais avaliar a cura para a direita ou para a esquerda.

Alguns têm uma frequência, têm um número de oscilação que atravessa as frequências que são curativas. Podeis treiná-las através de meditação contínua ou através da oração. Não vos canseis se o resultado não se notar, continuai. Com a prática obtém-se habilidade. De repente podeis sentir um frio nas vossas mãos. Alguém pode percebê-lo como um calor ou vós percebem-no como uma radiação que se arrefece quando limpardes os vossos canais para esta cura.

Na época em que eu estava na matéria, havia ordens. Havia sociedades fechadas como nesta época. Existiam. Lá os filhos do homem procuravam-nas para alcançar um desenvolvimento espiritual. Pode-se comparar essas sociedades a sociedades de admiração mútua. Por egoísmo próprio procuravam-nas para reforçar os seus chakras e poder

influenciar a matéria. Um mago branco pode enganar até ao milagre. Um mago negro pode realizar o mesmo milagre em si mesmo. É apenas uma técnica, nada mais! Eu estive lá e passei por esses degraus hierárquicos de que tanto se falava, também então através de iniciação após iniciação. Agora, em retrospetiva, quando me transmito, quero avisar contra isso. Na iniciação o filho do homem estagna, pois a iniciação em si mesma é apenas algo que experimentais com o mundo dos sentidos. Quando vos orgulhais dela, estais destruídos.

A maioria dos filhos do homem diz assim: «Vou desenvolver-me assim e assim no caminho espiritual.» Ora bem, quando apenas vos dedicais ao vosso próprio desenvolvimento, então é no mais alto grau subjetivo e egoísta. Incluí os filhos do homem: «Vamos desenvolver-nos, vamos desenvolver-nos no caminho espiritual» e deixai o amor fluir através de todo o vosso organismo. Enquanto existir algo de desejo por ganho próprio, este sistema tornar-se-á destruidor para a consciência subjetiva do eu do filho do homem.

O desenvolvimento não passa, portanto, pelos fenómenos. Se aprenderdes a equilibrar chakras, se aprenderdes a ver auras, se aprenderdes a estancar sangue ou o que for, isso não dá desenvolvimento se não puderdes ter o sentimento por trás e realmente sentir o amor por um semelhante! Que não estejais fora, mas perto.

– Ainda não sei se é preciso seguir o caminho do conhecimento para chegar à luz… Amados filhos. Há diferentes caminhos para «chegar à luz», como dizeis. O que vos transmito é um caminho, mas há milhares de caminhos diferentes a percorrer. Podeis seguir o caminho do conhecimento até à luz, mas se houver apenas conhecimento sem sentimento, nunca chegareis à luz! Mas se tiverdes o sentimento pelo vosso semelhante, o sentimento pelo vosso irmão, por este planeta vivo, então tendes todas as possibilidades de alcançar a luz do amor. São dois caminhos que correm paralelos um ao outro. Ainda assim quero dizer que o sentimento é o caminho mais seguro a seguir, pois muitas vezes o caminho do conhecimento tem armadilhas tais que muitos ficam apenas no conhecimento e não olham para trás para o seu irmão.

– O que falas é tão elevado que muitos aqui provavelmente não compreendem. – Amados filhos. Compreendem segundo o seu entendimento! Alguns encontram-se aqui, pode dizer-se que a grande maioria está aqui para experimentar a frequência que emana deste templo. Experimentam uma comunhão, um amor uns pelos outros. Talvez experimentem o meu amor por eles, pois eu amo-os! Não amo com o amor dos sentidos, mas este é outra forma de amor. Desejo assim poder abençoá-los a cada um segundo o seu modo pessoal, cada um por si. O que falo é uma parte e um caminho para a verdade. Há muitos caminhos para a mesma verdade. Quem quiser escutar, escuta. Quem não quiser escutar, escuta noutro lado.

Amo-os por isso! E que Deus lhes dê que encontrem o seu caminho noutro lado! Têm a minha bênção. Desejo-o, pois este caminho não é o único. Há muitos. Se depois disserdes que o que falo está lá em cima e os filhos do homem aqui em baixo… mas algo encontram. Encontram algo dentro de si que treme. E já disse antes, se sentirdes algo no vosso interior, um tremor de amor, então regressai e regressai vezes e vezes sem conta. Caminhemos! Temos a eternidade de caminhada. Há oceanos de conhecimento de que tirar, mas o filho do homem tem uma paciência que quase não existe! Ancorais-vos tão voluntariamente à matéria com uma mão e procurais conhecimento com a outra e não compreendeis que, para obter um, tendes de largar o outro.

### A POSSE

Amados filhos, já disse antes que caminhais nos vales de Maya, possuídos pelo véu dos sentidos diante de vós. Tendes de trabalhar, pois nada podeis alcançar sem largar algo! Já fiz esta comparação antes, que o filho do homem apalpa as estrelas, mas com uma mão agarra-se à relva e não a quer largar. É correto que disse que algo tendes de sacrificar. Mas não precisais sacrificar as coisas materiais à vossa volta, apenas obter a relação correta com elas. Não vos prendais à matéria, pois quem ama a matéria nada possui, mas a matéria possui o homem.

Vedes esta comparação na vossa Sagrada Escritura, onde o homem rico vem a Cristo e pergunta: «Mestre, o que hei de fazer para

experimentar o Reino dos Céus de que falas?» Cristo olha para esse homem e diz: «Vai para casa e dá o que tens aos teus servos. Depois veste a tua camisa de cilício e segue-me.» Esse homem foi embora triste, pois descobriu algo: a matéria possuía-o. O filho do homem que assim fica preso à matéria de tal modo que experimenta posse, é prisioneiro da matéria. Não se pode libertar dela.

Vede a posse como um empréstimo. A posse pode prender-vos mais perto de uma frequência mais baixa do que imaginais. Não é minha intenção dizer que deveis dar o que tendes aos vossos servos. Isto é simbolicamente, que não vos prendais à matéria de modo a não vos poderdes libertar dela. Pois se estiverdes fortemente presos à matéria neste plano terreno, a transição para os subplanos astrais pode ser bastante difícil e forte. Amai ainda assim esta existência, pois é aqui e agora que tendes a maior possibilidade de vos libertardes de vós mesmos! É a escola mais dura que podeis imaginar!

Já falámos antes de posse. Imaginai agora que este é um país. Aqui vive um homem rico. Tem muitas posses. A sua mesa abarrotada de delícias. É um país rico. Também aqui está um país, que chamais subdesenvolvido, onde os filhos do homem passam fome. Não têm nada com que cobrir o corpo. Ali está o homem rico com as suas posses. Vê-os. O seu coração comove-se. Diz que deveríamos fazer algo por eles, por esses pobres coitados. Quando estão lá longe, o seu coração comove-se. Mas imaginai agora que esses pobres coitados caminham e se aproximam das suas posses. Então defenderia com força armada e diria: «Este é o meu país e não é para ninguém mais. Eu possuo isto e é apenas para mim que existe.» É isso amor? Imaginai agora que ele assim entregasse do seu excesso… Que igualasse o seu bem-estar…

Ora bem. Amados filhos, agi! Agi na matéria sem medo, sem medo uns dos outros, sem medo do mundo circundante. Reuni-vos e senti uma comunhão, um amor além-fronteiras para que juntos possais agir sem medo. Despertai consciência. Na busca da compreensão, quando se torna enfatizada no eu, torna-se subjetiva e remete para o próprio eu. Então o homem estagna em vez de se elevar. Percebeis-me? Agi juntos para o exterior, para o vosso mundo circundante, por amor! Nada vos vem,

tendes de trabalhar por isso e participar ativamente na vossa própria busca, pois a própria busca depende de cada filho do homem à vossa volta. É graças a eles que deslizareis nos cumes da doutrina esotérica superior. Mas se procurardes a partir do próprio eu subjetivo, tentardes trabalhar para alcançar uma clareza, por exemplo desenvolver a clarividência, amados filhos, então trata-se apenas de uma técnica e nada tem a ver com o sentimento, ou com o princípio do amor.

### A VERDADE É LIVRE

Procuro humanidade e com esta humanidade quero dizer que não vedes diferença entre pessoa e pessoa. Quando me falais, quando falais uns com os outros, o que experimentais então? Experimentais alegria! Amados filhos, olhai uns para os outros! Virai-vos e olhai uns para os outros. O que encontrais? Um filho do homem! Qual é a diferença entre vós? É a vossa programação. Tendes bases diferentes para vos apoiar. É a única diferença. Superai-a e ajudai-vos mutuamente a compreender!

Podeis compreender o jogo de amor que está por trás de tudo o que foi criado? Podeis compreender o jogo de amor entre os filhos do homem e as suas criações? Podeis ver como os sentidos vos excluíram das experiências plenas que existem por trás? Não, não o experimentastes. Eu mesmo respondi à pergunta, mas começastes a suspeitar do que existe por trás. Fomos tão devagar, caminhámos tão devagar para que pudésseis acompanhar, para que conseguísseis abrir algo do interior, pois é com o sentimento que vereis.

Amados filhos, há filhos do homem que têm um pensamento muito forte: «Quero mudar o mundo.» Assim começa ele ou ela a reunir filhos do homem à sua volta. Mas em cada pessoa assim existe um fator muito forte, nomeadamente a consciência do eu. Quando o eu subjetivo se torna tão forte que a pessoa diz: «Eu fiz isto!» e se esquece então de que fizestes isto em conjunto. Assim tudo o que fizestes se desfaz e o que chamais organizações cai sobre si mesmo. Lembra um universo em contração, onde a explosão é forte mas depois rebenta.

Não exijo de modo algum que vos envolveis além da vossa capacidade. Não deve tornar-se uma organização, mas cada um deve

poder ativar-se em relação ao seu semelhante. É pedir muito? Amais-vos uns aos outros, não é?

Tentai cada um segundo a vossa capacidade! Procuro isto: reuni-vos e discutí. Reuni-vos e falai uns com os outros no templo. Passai em revista: o que podemos fazer? Não escuteis apenas um pouco o velho Ambres, mas reuni-vos em alegria, em compreensão de que juntos temos de fazer algo! Deste mais interior, do vosso núcleo, algo começa a brotar. Construí sobre isso, pois todos têm alguma forma de ideia. Estais comigo? Não deste modo que deveis mudar o mundo, não deste modo que deveis matar alguém. Deveis amá-los! Amados filhos. Isto não é uma associação. Não é um «Movimento» em si mesmo, mas é ainda assim um movimento que se deve espalhar cada vez mais!

Alguns acordam do seu torpor. Cada um de vós acorda e vê que o eu é apenas um produto. O eu exterior, nomeadamente a vossa própria consciência, é apenas um produto do planeta. Tendes um nome, uma escolha profissional que é um produto de programação, crescimento e ambiente. O amor que tendes dentro de vós criou como círculos na água, que se espalham e atingem os filhos do homem que estão à vossa volta. Percebeis-me? Elevais-vos na vossa própria frequência para dentro, sem que o noteis. Os filhos do homem perguntar-vos-ão: «O que aconteceu?» Direis: «Não sei. Amo o mundo. Amo as pessoas. Amo este planeta.»

Assim cada um de vós funciona como uma fonte de força que por sua vez «contagia» os filhos do homem à vossa volta, não com iões negativos, mas com iões positivos. Deste modo é como se lançásseis uma pedra na água e os círculos se espalham cada vez mais. Cada vez mais. Do mesmo modo sois cada um pedras que lançais nas águas da vida. Tornais-vos cada vez mais frutíferos quando espalhais estes círculos e dais a mais e mais filhos do homem da vossa transmissão.

Ora bem, a vossa transmissão será difícil. Encontrareis resistência mas tendes uma alegria comum e é nela que deveis construir. Deixai que se espalhe cada vez mais para fora. É esta comunhão que deveis tentar fazer espalhar-se cada vez mais para fora. A conclusão da busca é comunhão, pois é juntos que deveis caminhar. Não penseis que é simples!

Os filhos do homem reunirão outros filhos do homem, que por sua vez criarão centros, onde o homem por sua vez na sua necessidade de alma se reúne sem qualquer coação, percebeis-me aí? Isto é muito importante, que ninguém seja forçado a qualquer padrão, mas que cada um, independentemente da orientação de fé, independentemente do ambiente de onde vem, tenha um refúgio onde possa respirar. Isto será criado. Por isso digo: nunca formeis um culto ou associação em torno desta transmissão, pois a verdade é livre! Deve ser independente. Os caminhos para a compreensão são muitos e este é um deles!

A nossa transmissão não deve tornar-se uma associação, uma sociedade, um culto de qualquer tipo, ou uma formação religiosa. A verdade é livre, independentemente de onde a tirais. Não deve haver qualquer coação de qualquer modo. Mas infelizmente, muitas vezes acontece que se forma uma forma em torno de transmissões ou organizações que prende o filho do homem a um clã. Quem não está dentro da organização é então um apóstata, alguém que não é desejado. Formam-se ordens secretas que excluem a verdade dos filhos do homem. É isso amor? Não. De modo algum! O que falamos deve ser livre para todos. Quem quiser escutar, escuta. Quem não quiser escutar, vai para outro lado e encontra o que procura.

Amados filhos, quão maravilhosamente simples não seria reunir-vos todos sob o que chamais uma organização. Tomaríeis um nome, porque não chamar-vos «Ambrisianos»? Mas se entrásseis nesse quadro, ora bem, então a busca acabava. Então começavam as comparações. Pois tudo se tornaria estagnado na forma se entrásseis no quadro da organização. A liberdade então não existe! Organizações em si mesmas não são boas em relação ao filho do homem, pois congelam o homem fora da comunhão. Tem a comunhão dentro do quadro da organização mas não são participantes e impulsivos em si mesmos e não podem agir no seu dia a dia. Percebeis-me? Aí existe então uma hierarquia que decide, que diz «Isto e isto faremos. Isto e isto não faremos.»

Quando digo que há pepitas de ouro para colher em todo o lado, então cada um deve poder colhê-las onde quiser. Quem quiser seguir-me pode seguir-me. Quem não quiser seguir, tem a sua livre vontade de

escutar, mas depois também de procurar noutras áreas que o interessem a ele ou a ela. A busca da compreensão varia em cada filho do homem. Alguém segue o caminho mental, o caminho do pensamento. Alguém prefere um caminho técnico, mas o caminho que eu invoco é difícil de compreender. Exige um trabalho muito rigoroso convosco mesmos, mas este trabalho dá resultados. Do mesmo modo que todos os outros caminhos dão resultados, mas pode dizer-se que este caminho é trabalhoso, pois é com os vossos sentidos e com a vossa própria consciência do eu que lutais.

Cada um de vós é um transmissor! Cada um transmite de modo diferente para o seu mundo circundante. Ninguém é maior do que o outro, pois tendes meios diferentes para alcançar. Deveis sentir o mesmo valor em vós mesmos, pois não há diferença dentro de vós. Sois o mesmo e uma unidade. Sei que é difícil falar e aos filhos do homem, pois há tantas vozes que gritam, muitos que bebem sedentos de uma taça de conhecimento. Se um em mil escuta e acorda um pouco, há regozijo. Quando sairdes com a nossa transmissão aos filhos do homem: despertai curiosidade! Não lhes imponhais nada, mas despertai curiosidade com toda a vossa ação, todo o vosso ser.

Assim também falei que tendes de falar uns com os outros e não uns aos outros. Aceitai o pensamento diferente uns dos outros e vede que é um produto da vossa programação, crescimento e ambiente. Desejo também que pudésseis formar pequenos grupos que juntos falem uns com os outros. Que não caminheis deste templo cada um por si tão sozinho como quando para cá caminhastes, mas que encontreis um denominador comum independentemente de onde vos encontreis.

Podeis falar uns com os outros e tentar penetrar a natureza irreal da existência, não em isolamento mas num grupo maior. Percebeis-me? Obtereis assim um denominador comum mais forte, nomeadamente a busca da compreensão. A busca da compreensão não é algo isolado do vosso mundo circundante, mas é através do vosso mundo circundante que a encontrareis. Não vos isoleis dele. Não vos isoleis na vossa solidão interior, pois então a vossa busca torna-se no mais alto grau subjetiva e enfatizada no eu: «Eu hei de alcançar assim e assim.» Porque não mudar

isso e dizer: «Nós juntos chegaremos assim e assim.» Apontai para as estrelas, talvez chegueis às copas das árvores!

Pode alguém definir a palavra «religioso»? Crente? Crente cego? Tornar-se crente cego, mas não tornar-se vidente… então é um aceitar sem examinar. Estai despertos para todo o vosso mundo circundante! Já vos disse: examinai o fundamento para que seja suficientemente forte para vos apoiar. O que queremos evitar é precisamente o fanatismo, que sigais fanaticamente crentes nos meus passos. Amados filhos, um mestre tem discípulos à sua volta. Mas o mestre tenta despertá-los, cada um segundo a sua personalidade, pois são cores diferentes, estas flores.

Não devem tornar-se uma cópia do mestre, mas devem tentar compreender o seu pensamento, as suas imagens abstratas, mentais. Provai o que transmitimos! Também eu sou um espírito, como o vedes, e digo: provai-o na base, examinai para que aguente antes de acreditardes! Quando digo examinai-o, não quero dizer analisai-o. Pois se analisardes o que digo, o vosso mundo dos sentidos entra em cena e desfazem-no em pedacinhos e dizeis: «Soa bem, soa bonito, mas como se faz?» Falai uns com os outros. Não passeis uns aos outros e não temais. Senti como sois irmãos e mais do que isso. Como sois uma e a mesma célula. Como sois uma única consciência que trabalha.

O Príncipe da Paz e o Unificador Aquilo de que Cristo fala é a doutrina esotérica na base. Tornou-se tão deturpada. Totalmente deturpada! Quando diz ao homem: «Filhos, podeis tornar-vos como eu sou. Podeis tornar-vos maiores do que eu sou!» Ele é o princípio do amor! Mas diz também: «Durante a minha parte não haverá um Príncipe da Paz, mas filhos lutarão contra pais e país contra país, nação contra nação.» Assim aconteceu. Acontece ainda.

Não se pode fazer nenhuma mudança sem mudar interiormente. Tendes de mudar a posição que tendes. Ou seja: procurar atrás do labirinto que é formado pelos vossos escudos. Aí talvez chegueis ao mundo da magia, ou ao mundo dos fenómenos. Quando vos falo, só posso raspar um pouco a superfície aqui e ali. Pois é um complexo incompreensivelmente grande de que tiramos, um mar infinito de que

tentamos tirar. Quando falamos de um labirinto interior, é literalmente um labirinto com becos sem saída. E aí procurais o vosso caminho até um centro primordial, um núcleo primordial que trazeis.

Muitos alcançaram este núcleo primordial e caíram num grande dilema, porque o que experimentam não pode ser transformado em palavras. Pois o indescritível não pode ser tornado descritível! Só pode ser experimentado! Não farão discursos sobre essa experiência. Não se colocarão em nenhum pedestal. Mas vereis os rastos deles e é também o nascimento deles que quero ver. Chamo-lhe o Unificador, o Príncipe da Paz que um dia há de vir e vem do Norte. Não é uma pessoa, mas são muitos filhos do homem que encontraram este núcleo interior. Podemos perguntar-nos: Como parece? Que forma tem?

Quando passais de um lado limitado para um lado divino ilimitado, o que acontece então convosco? Amados filhos, o meu mestre, cujo nome era Andore e ainda é Andore, era um grande palhaço. Um louco, segundo o vosso modo de ver o homem. Não seguia leis subjetivas. O seu conhecimento era imensamente vasto e digo que cobria de horizonte a horizonte. E o sol empalidece diante dele. Eu recebera o meu nome de aprendiz, exatamente como suspeitais: Ambres. Na minha ânsia como seu adepto, perguntei assim: «Andore, o que acontece quando finalmente romper esta membrana dura e alcançar o meu aspeto divino? O céu vai rasgar-se? A luz virá até mim? Os cabelos do meu corpo arrepiar-se-ão? Ou o que acontece? Os meus olhos brilharão?» Então Andore olhou para mim com um pequeno sorriso malicioso onde estava sentado. E agora vem… e muitos costumam horrorizar-se por um velho espírito maldito falar de tal coisa. Levantou uma nádega e soltou-se! Disse: «É mais ou menos assim que se sente!»

Mas sabeis que mais? Tinha razão! Vem quando menos esperais. Em qualquer lugar, e quando é experimentado, não o podeis descrever! Não se pode descrever. Apenas estais lá e sois preenchidos por toda a criação. Sois uma parte dela. Podeis sentir como cada encarnação está presente no agora. Não há tempo. Tudo é um agora. Não há futuro, pois tudo está aqui! O amanhã construi-lo-eis a partir das possibilidades do agora. Mas as possibilidades do agora mudam o agora do amanhã para um estado

completamente diferente do que alguma vez ousastes acreditar que seria. O vosso caminho é ladeado de sol, de rosas e vós mesmos sentis um desejo ardente de dar, de tentar fazer outros filhos do homem verem.

Descubro, para meu desespero, que não vos posso dar uma descrição exata do caminho; há muitos caminhos que levam a este objetivo, que, aliás, é apenas uma etapa no caminho.

– Quando chegar a minha hora na terra, quando tudo estiver cumprido na terra… – Queridos filhos! Essa hora chegará. Tenho de vos desiludir. Não nesta era, mas ela está a chegar. Então o princípio do amor tornar-se-á uma realidade, quando os filhos do homem começarem a acordar e a ver que o amor é universal. Esse amor não julga. O que agora vedes como amor é um tatear sem pensamento nem reflexão. Vereis o vosso semelhante como o vosso irmão, um companheiro de caminho. Cristo também diz que nesta era pais lutarão contra filhos. Nações contra nações. País contra país. Fala igualmente do Príncipe da Paz. Cristo diz: «Eu não sou o Príncipe da Paz, mas na próxima era virá o Príncipe da Paz, o Unificador e o Reunidor.» Há muitos profetas assim, não apenas na vossa Sagrada Escritura. Numa era vindoura «quando o Portador do Jarro de Água deslizar sobre a abóbada celeste, então virá o Unificador. Então virá o Príncipe da Paz.» Os filhos do homem não o veem, mas notarão os seus rastos. Não o veem, mas é o Unificador que toca os corações dos filhos do homem e desperta a sua consciência.

A nova era está a chegar. Estais aí, no ponto de viragem, e a onda da maré está a entrar. Somos mediadores dela e tentamos formar os filhos do homem, fazê-los ver que na forma exterior não existis, sois apenas uma miragem que regressará ao planeta. É um empréstimo que tendes dele. Mas dentro do vosso eu está o vosso verdadeiro eu e este deve impregnar o vosso ser. Criai um paraíso para este planeta, onde os filhos do homem se expandam até à consciência. Então as fronteiras rebentam. Então a frequência eleva-se. As leis astrais, que existem e estão à vossa volta, aproximam-se. Experimentais isso. Do mesmo modo a deva-paralela inferior, os seres da natureza que estão ao vosso lado. Na vossa Sagrada Escritura e também nos vossos mitos está escrito que houve um tempo em que os filhos do homem falavam a língua dos animais.

Esse tempo regressa, quando o filho do homem se torna divino e procura conscientemente a sua origem. Então o Cavaleiro age através de vós por amor, em amor. Tornais-vos seres luminosos em vós mesmos. Cada ser humano é uma flor no jardim do nosso Senhor. Cada um brilhando com o seu tom. O filho do homem é uma flor que deve crescer. A semente é plantada na terra escura. Cresce na luz do amor, mas vós não a vedes. Aí está a diferença entre a flor e o filho do homem. A flor é amor por tudo o que vive. Sabeis que falei do mundo dos sentidos, da programação que tolda o sol sobre os vossos rostos. A força que vos guia a todos é comum. Cada ser vivo tem algo para vos dar, independentemente da cor ou forma que tenha. Cada filho do homem tem algo para dar ao outro, mas muitos escondem-no! Se víeis este planeta, este ser vivo, como nós o vemos, veríeis que os filhos do homem caminham ali inconscientes da sua grandeza interior.

Mas aqui e ali começam a brilhar. Uma chama acende-se e isso contagia e em breve é uma fogueira, um incêndio mundial em curso. Não sou eu o único responsável por isso, também eu sou apenas uma pequena engrenagem nesta maquinaria. Somos muitos a transmitir-nos a este planeta, mas temos ângulos diferentes para alcançar o maior número possível de filhos do homem. Alguns são instrumentos que foram tomados e afundaram-se no seu próprio mundo dos sentidos e usaram-no para ganho próprio. Assim a mensagem torna-se distorcida e isolada em si mesma. Não deve tornar-se qualquer forma de associação. Não deve tornar-se qualquer atividade de sociedade, mas a verdade deve ser livre na base! O amor é livre e o amor deve ser fácil de compreender.

Agi juntos em todos os planos para espalhar o amor, também para que em harmonia com o planeta o experimenteis. Isto deveria ser uma evidência para cada um de vós. Amados filhos, há tanto para fazer, mas então tendes de largar um pouco o eu subjetivo e ver o vosso semelhante numa outra perspetiva. Independentemente de estardes presos por laços de família, por laços de sangue como falais, tendes uma base comum muito mais forte do que o laço de sangue, nomeadamente este ego interior de que falámos tantas vezes.

Esse Cavaleiro é a base comum da vossa ancoragem no cosmos. Peço-vos que comeceis a agir, cada um segundo a sua capacidade. Peço-vos que vos envolveis segundo a vossa capacidade para criar um planeta vivo, onde o homem esteja em harmonia com tudo o que foi criado. Esta era está na fase final e uma nova há de vir, onde nada de perseguição, diferenças entre as pessoas poderá existir! É a era do amor. É a era da compreensão, quando o Aquário deslizar sobre a abóbada celeste. Amados filhos, recebei-a! Se sentirdes um tremor dentro de vós: caminhemos!